



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**ESPECIALIZAÇÃO: EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

**DIVA RAQUEL RODRIGUES FERNANDES**

**O Serviço da Paz e do Bem Comum**  
**Um contributo para a literacia religiosa e diálogo inter-**  
**religioso a partir da unidade letiva 4 do 7º ano «A Paz**  
**Universal»**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**  
**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**  
**Doutor Alex Villas Boas**

**Lisboa**  
**2022**

## **Agradecimentos**

A conclusão desta etapa, culminar de um percurso repleto de aprendizagens, mas simultaneamente, de desafios, pressupõe o reconhecimento de algumas pessoas que foram fundamentais na caminhada. Aqui fica um profundo agradecimento a todos quantos tornaram possível a sua concretização.

Em primeiro lugar, agradecer aos professores da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, particularmente aos professores Juan Ambrosio e Alex Villas Boas, pela orientação e disponibilidade. Ao professor cooperante, David Sousa, um agradecimento pelo acolhimento na Escola Básica dos 2º e 3º ciclos da Torre, onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES), pelo tempo despendido, pelas sugestões, motivação e valorização do meu trabalho. Ao meu colega de estágio, Padre Pedro Nóbrega, pelo apoio e incentivo. À professora Lisete Garrido, presidente da escola onde exerci funções durante este ano letivo, que foi compreensiva e tolerante face a todos os meus pedidos, o que me permitiu estar o mais disponível possível para o estágio.

Manifesto ainda o meu profundo agradecimento ao Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), cujo apoio permitiu a realização deste mestrado e à equipa do «Departamento do Ensino da Igreja nas Escolas», da Diocese do Funchal, que em fases fundamentais, mediou os contactos com o SNEC.

Às organizações que não receram expor-se, mas que aceitaram participar e contribuir para práticas pedagógicas que as auxiliem a divulgar as suas missões de uma forma ativa, junto das escolas, o meu agradecimento.

Aos colegas de curso com quem partilhei as vitórias, mas que não me desampararam nos momentos de menor motivação, quando surgiram obstáculos.

À família, naturalmente, a minha gratidão por todo o apoio, a começar pelos meus pais que compreenderam as minhas ausências dos últimos anos e que me formaram, enquanto cristã.

Finalmente, mas não menos importante, aos meus alunos, que foram facilitadores das minhas aprendizagens e que me permitiram refletir sobre as minhas práticas pedagógicas e humanísticas. Levo a todos no meu coração e espero ter deixado algumas sementes de paz nos seus corações, desejando que os frutos dessas sementes brotem por toda a nossa vida, por onde quer que passemos.

## Índice

<b>Resumo</b> .....	7
<b>Abstract</b> .....	8
<b>Abreviaturas e siglas</b> .....	9
<b>Introdução</b> .....	11
<b>Capítulo 1 - A paz e a promoção do bem comum</b> .....	15
1. A paz no pensamento Social Cristão .....	16
1.1. Paz, desenvolvimento e justiça .....	19
1.2. Promover o bem-comum pela construção ativa da paz.....	21
2. Tradições religiosas ao serviço da Paz? .....	24
3. Instituições ao serviço da paz e do bem comum .....	30
3.1. Os ODS da agenda 2030 .....	32
3.2. O Objetivo 16º: Paz, Justiça e Instituições Eficazes .....	35
<b>Capítulo 2 – O que pensam os jovens sobre as Religiões</b> .....	38
1. A condição juvenil .....	39
1.1. Crenças e valores.....	40
1.2. Os jovens e a Religião.....	42
1.3. (Re)ligar por via <i>do conforto espiritual e a paz de consciência</i> .....	46
2. A importância da Literacia Religiosa Juvenil .....	47
2.1. Crenças (dis)funcionais sobre as Religiões .....	50
2.2. A paz e o diálogo inter-religioso para a desmistificação de crenças disfuncionais.....	51
<b>Capítulo 3 – A prática de Ensino Supervisionada</b> .....	55
1. Pertinência da Unidade Letiva 4 para a literacia religiosa .....	56

1.1. O potencial do Ensino Religioso Escolar: contributo para a paz e o bem comum.....	59
1.2. Hipóteses de investigação .....	63
2. A amostra .....	64
2.1. Caraterização da Escola .....	64
2.2. Caraterização da Turma .....	70
2.3. As Organizações.....	73
3. Metodologia da investigação.....	74
3.1. Diferentes momentos didáticos .....	75
3.2. Princípios da planificação da UL4 «A paz universal» .....	76
3.3. Planificações de nível I e II.....	79
3.4. Procedimentos gerais de avaliação da Unidade .....	82
3.5. Planificações de nível IV e relatórios de lecionação.....	83
4. Resultados .....	129
4.1. Tratamento de dados .....	129
4.2. Interpretação e discussão dos resultados .....	136
5. Propostas didático-pedagógicas .....	139
<b>Conclusão .....</b>	<b>141</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>147</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>154</b>

## Índice de figuras

Figura 1 - Concelho de Câmara de Lobos (RAM) .....	65
Figura 2 - Freguesias de Câmara de Lobos .....	65
Figura 3 - Zona histórica do Concelho .....	66
Figura 4- termos que resultaram da aplicação do mentimeter. ....	86
Figura 5- friso cronológico ordenado. ....	93
Figura 6- Posição inicial das imagens na aula. ....	93
Figura 7- Resultados do formulário “google forms”: .....	110
Figura 8 – Resultados do formulário “google forms”: .....	111
Figura 9 - Avaliação da UL4 por parte dos alunos, numa escala de 1 a 5.....	128

## Índice de gráficos

Gráfico 1 - Idades dos alunos do 7ºA – dimensão sociodemográfica .....	71
Gráfico 2 - N.º de retenções neste ano de escolaridade.....	71
Gráfico 3 - Família nuclear dos alunos com quem coabitam. ....	71
Gráfico 4 - Aferição do grau de envolvimento e motivação para a disciplina de EMRC.....	72
Gráfico 5 - Percentagem de respostas corretas: literacia religiosa dos alunos .....	131
Gráfico 6 - Ações mais praticadas pelas religiões no âmbito da paz, na perspetiva dos alunos - pré e pós lecionação.....	132
Gráfico 7 - Grau de concordância dos alunos perante a afirmação «todas as religiões, sem exceção, têm por princípio a promoção da paz». Grau de concordância variável entre o mínimo de 1 e o máximo de 4.....	133
Gráfico 8 - Meios através dos quais os alunos referem conhecer as instituições da pergunta anterior.....	134
Gráfico 9 - Resposta das organizações à pergunta «A propósito do ensino religioso escolar - que não se limita à abordagem do cristianismo, mas das várias posições face ao fenómeno religioso, na sua opinião, quais destes aspetos devem ser tratados na escola?» - selecionar 3 itens.....	135
Gráfico 10 - Objetivos do estudo das religiões nas escolas, na perspetiva das organizações	136
Gráfico 11 - Nível de desempenho final dos alunos na UL4 .....	146

## Índice de tabelas

Tabela 1- Representatividade em Portugal, das religiões abordadas no manual do aluno na UL4 «A paz universal».....	25
Tabela 2 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – agenda 2030.....	34
Tabela 3 - Objetivos de aprendizagem do 16º ODS.....	36
Tabela 4 - Identidades religiosas na RAM – Fonte: PORDATA censos 2021. ....	49
Tabela 5 - Recursos Humanos da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos da Torre (2021/2022) .....	70
Tabela 6 - Instituições que potencialmente podem contribuir com a EMRC no âmbito da UL4 «A paz universal» e que participaram no estudo.....	74
Tabela 7 – Metas, objetivos e conteúdos do programa de EMRC, 2014 .....	77
Tabela 8 - Domínios, finalidades e metas da UL4. ....	78
Tabela 9 - Planificações de nível I e II .....	80
Tabela 10 – Menções e níveis a atribuir aos alunos por intervalos percentuais.....	82
Tabela 11 - Parâmetros de avaliação do domínio socioafetivo (atitudes e valores).....	82
Tabela 12 - Identificação da aula (e n.º de aulas) por finalidade, domínio e meta da UL4.....	84
Tabela 13 - Ideias pré-concebidas sobre as religiões: desmistificação de crenças disfuncionais .....	129
Tabela 14 - Respostas corretas - <i>google forms</i> - literacia religiosa.....	131
Tabela 15 - Aferição dos alunos que (des)conhecem as instituições promotoras de paz e bem comum abordadas nas aulas, antes e depois da lecionação da UL4 .....	134

## **Resumo**

Este relatório final, conclui a Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada na «Escola Básica dos 2º e 3º ciclos da Torre» (EB23 da Torre), no âmbito do mestrado em ciências religiosas. Coloca em destaque a leção da Unidade Letiva 4, «A paz universal», do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), do 7º ano de escolaridade, enquanto contributo para a promoção da paz e do bem comum, promovendo os princípios de que a paz é um dos anseios mais almejados da humanidade e de que através dela, se concretizam gestos de promoção do bem. Simultaneamente, ambiciona desenvolver a ideia de que todas as religiões defendem princípios, regras e valores éticos, conducentes à paz. Contudo, porque a história se faz de situações de falência da paz, este trabalho inclui a aferição de ideias pré-concebidas que os alunos têm acerca das religiões e que podem criar obstáculo a estes princípios que a unidade pressupõe. Por outro lado, o trabalho faz uma auscultação de, em que medida, as instituições promotoras da paz e do bem comum, estão disponíveis para colaborar com a EMRC no sentido de divulgarem as suas missões.

Dos resultados mais evidentes, este trabalho confirma a hipótese de que esta unidade contribui para a literacia religiosa dos alunos, pois todos evidenciaram ter aprendido sobre as religiões, depois da leção. Quanto às ideias pré-concebidas que os alunos têm, a crença relativa ao islão foi a mais desmistificada. As organizações inquiridas, por seu turno, estão disponíveis para colaborar com a escola, através da EMRC, o que deve ser rentabilizado pelos docentes e, ao mesmo tempo, constituir uma via para dar resposta às necessidades da sociedade, na comunidade envolvente dos discentes, despertando neles a vontade de fazer o bem.

Toda a unidade revelou-se um contributo fundamental para os alunos valorizem a promoção do diálogo inter-religioso, que foi percecionado por eles, como uma das principais ações levadas a cabo pelas religiões, com vista à promoção da paz.

A leção desta unidade obteve, por parte dos alunos, a classificação de 4,69 valores, numa escala de 1 a 5, em que 1 representa o menor grau de satisfação e o 5, o maior.

Palavras-chave: paz; bem comum; diálogo inter-religioso; literacia religiosa; instituições promotoras de paz; EMRC.

## **Abstract**

This final paper, concludes the supervised teaching practice, carried out in the school «Escola Básica dos 2 e 3 Ciclos da Torre», during the Master of Religious Sciences. The Master's had emphases in the teaching of unit 4. The unit 4 learning focuses on the “Universal Peace”, part of the Moral and Religious Catholic Education program, taught during year 7, while contributing for the peace of the common good as well as promoting primarily that peace is one of the main desires of humanity to achieve the promotion of the good. Simultaneously, this teaching unit has the ambition to develop the idea that all religions will defend the principles, rules and the ethical values that contribute for delivering peace. During the course of history, we have seen the failures of peace, but with this paper we wanted to challenge the students regarding their preconceived ideas about different religions and the obstacles these create to achieve peace. On the other hand, in this paper, we analysed how other institutions that promote the common peace were willing to support and work with the Moral and Religious Catholic Education program.

8

One of the key results of this paper has shown that the learning unit contributed to the literacy of the students when it comes to religious education. Regarding the preconceived ideas that the students had about Islam these have been demystified. The institutions questioned during this paper have shown the availability to collaborate with the school on the different needs of its students but as well the society, this collaboration will be led by the teachers of the school.

The learning unit has been crucial for the student's appreciation of interreligious dialogue.

Finally, the students achieved on this learning unit a mark of 4.69 points, on a scale of 1 a 5, where 1 is the least satisfied and 5 is the most satisfied.

Keywords: peace; common peace; dialogue; interreligious; religious literacy; institutions promoters of peace; Moral and Religious Catholic Education.

## **Abreviaturas e siglas**

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

ACM – Alto Comissariado para as Migrações

CEF – Cursos de Educação e Formação

CNJP – Comissão Nacional Justiça e Paz

CP – Conselho Pedagógico

CV II – Concílio do Vaticano II

CVP – Cruz Vermelha Portuguesa

DH – Declaração *Dignitatis Humanae*

EB23 da Torre – Escola Básica dos 2º e 3º ciclos da Torre

EDS – Educação para o Desenvolvimento Sustentável

EFA – Educação e Formação de Adultos

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

ERE – Ensino Religioso Escolar

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

INE – Instituto Nacional de Estatística

LS – Carta Encíclica *Laudato Si*

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU – Organização das Nações Unidas

OPP – Ordem dos Psicólogos Portugueses

PCA – Percursos Curriculares Alternativos

PEE – Projeto Educativo de Escola

PEG – Pacto Educativo Global

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PT – Carta Encíclica *Pacem in Terris*

RAM – Região Autónoma da Madeira

RH – Carta Encíclica *Redemptor Hominis*

SNEC – Secretariado Nacional da Educação Cristã

UCP – Universidade Católica Portuguesa

UE – União Europeia

UL – Unidade Letiva

UL2 – Unidade Letiva 2 «As religiões»

UL4 – Unidade Letiva 4 «A paz universal»

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

UNICEF - *United Nations Children's Fund* (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância)

## **Introdução**

O presente trabalho é o produto final da experiência de lecionação em contexto da PES, parte integrante do mestrado em ciências religiosas, e pretende ser um contributo teórico-prático que parte da UL4, «A Paz Universal», lecionada no 7º ano de escolaridade, tendo em conta o programa da disciplina de EMRC.

As questões relacionadas com a paz e o diálogo inter-religioso, sempre despertaram o meu interesse, na medida em que no âmbito do Ensino Religioso Escolar (ERE), é um tema que permite enaltecer o que une as diversas tradições religiosas e não o que as separa, apesar de garantir a transmissão de conteúdos que não descurem as vicissitudes de cada uma delas, numa coexistência salutar.

A relevância da temática parece-me evidente, num contexto em que assistimos, diariamente, a situações de falência da paz, desde os contextos micro sociais, às questões internacionais, por motivos que vão desde a política à religião, da diversidade cultural à economia - entre outros - por isso, urge inculcar nos alunos a responsabilidade (e missão) de se tornarem construtores ativos da paz, bem como aferir se estes têm ideias pré-concebidas em relação às religiões que possam obstar à tolerância e diálogo inter-religioso. Não menos importante, será auscultar até que ponto, além da responsabilidade individual de cada um, as organizações têm tido um papel ativo junto das escolas, a convite da EMRC, para disseminar práticas promotoras de paz.

Com base nestes pressupostos, este trabalho tem sobretudo dois objetivos principais. Por um lado, pretende avaliar o contributo da UL «A Paz Universal» para a literacia religiosa dos alunos, ou seja, a questão que se coloca é a seguinte: será que esta UL4 permite que se modifiquem ideias pré-concebidas e estereotipadas que os alunos possam ter em relação às religiões que o programa aborda e que, deste modo, os mesmos adquiram aprendizagens em relação a essas religiões? Complementarmente, no que toca à promoção do bem comum, o trabalho ambiciona perceber até que ponto as instituições, em geral, e as que são abordadas pelo programa e manual do aluno, em particular, são convidadas a divulgarem as suas missões - contributivas para a paz e o bem comum - junto das escolas, através (ou não) da disciplina de EMRC.

Para analisar estas questões, foi aplicado aos alunos da turma da PES, um inquérito pré e pós-lecionação da UL4 e outro, aplicado às organizações que se disponibilizaram a participar.

No questionário disponibilizado aos alunos, foram apresentadas afirmações sobre *ideias pré-concebidas em relação às religiões*, entre elas, tomemos como exemplo «o islão é uma

religião que não promove a paz universal, pois são extremistas». Através de resposta dicotómica – de tipo verdadeiro-falso – os alunos posicionaram-se face a essas afirmações. Na categoria de análise *literacia religiosa*, os alunos tiveram de associar a «regra de ouro» sobre a paz - assim definida no manual do aluno – à religião e autor da frase corretos. Possivelmente pela prevalência de cada uma das religiões, o cristianismo revelou-se a religião que os alunos melhor conheciam e o judaísmo a religião mais desconhecida. Quanto às instituições abordadas na UL, aumentou, substancialmente, o conhecimento que os alunos tinham sobre elas após a lecionação, tendo-se revelado uma prática eficaz, aproximar representantes das instituições aos alunos, trazendo-os à sala de aula, física ou virtualmente. Todos os discentes, reconheceram na EMRC, um meio através do qual conheceram as organizações.

Quanto ao questionário aplicado às instituições, todas se mostraram disponíveis a colaborar com uma disciplina como a EMRC, apesar de ser uma área curricular disciplinar associada ao ERE e mais de 90% delas, considera que a «a promoção da paz e do bem comum» deve ser um dos objetivos do estudo das religiões, nas escolas.

No seu formato, este relatório final está dividido em três capítulos. O primeiro, visa um enquadramento do tema, o que alicerçou as práticas pedagógicas e opções metodológicas que nortearam as 9 aulas lecionadas no âmbito desta UL4 da PES e permitiu também fundamentar as questões formuladas nos inquéritos aplicados aos alunos e às organizações. Com essa finalidade, é um capítulo que aborda os princípios da paz e do bem comum no pensamento social-cristão e na perspetiva de outras tradições religiosas abordadas no programa da disciplina e no manual do aluno. Também nele se reflete sobre as organizações que podem contribuir para que os alunos sejam construtores ativos da paz e da promoção do bem comum, tendo sobretudo como referência o objetivo 16º dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), «Paz, justiça e instituições eficazes». A propósito dos ODS, o trabalho propõe um modelo de correspondência entre estes e os compromissos do «Pacto Educativo Global» (PEG), seguramente, não o único, mas um possível itinerário pedagógico.

No segundo capítulo, é feita uma reflexão sobre o perfil do jovem contemporâneo que encontramos em contexto de sala de aula, partindo de alguns estudos que têm sido levados a cabo nas últimas décadas, o que se revela fundamental para definir as abordagens pedagógicas do professor: conhecer o melhor possível a população-alvo da lecionação, enquanto variável facilitadora para a assimilação das aprendizagens por parte dos alunos. O capítulo inclui ainda uma reflexão e fundamentação teórica sobre a importância da literacia religiosa dos alunos, enquanto fator indispensável para a promoção da paz e do bem comum, por via do diálogo inter-

religioso o que, potencialmente, desmistifica crenças que podem estar enraizadas e que desvirtuam o papel das religiões, enquanto contributo para a paz.

O terceiro e último capítulo, espelha o caminho realizado ao longo da PES tendo em conta a fundamentação dos capítulos um e dois. Nele é abordado o potencial e pertinência da UL4 para a literacia religiosa dos alunos, no contexto macro do ERE; lançam-se as hipóteses de investigação que surgiram na preparação e decurso da PES; caracteriza-se a amostra – escola, turma PES e organizações - e ilustra-se a metodologia utilizada nas aulas, o que inclui os diferentes momentos didáticos, as planificações e os relatórios de lecionação. Tendo em conta os inquéritos aplicados é feita a apresentação do tratamento dos dados recolhidos e a respetiva discussão de resultados, o que permitirá responder às questões de investigação lançadas e que resultaram de toda a experiência no contexto da PES. Tendo em conta os resultados e todo o trabalho desenvolvido ao longo da lecionação da UL4, o capítulo propõe ainda, no final, algumas sugestões didático-pedagógicas.

Entre essas sugestões destaco atividades como os «óscars da paz», «uma frase pela paz» e «alimentar a paz». A primeira permitiu que os alunos identificassem situações em que, no seu dia a dia, concretizavam gestos promotores de paz e bem comum. A segunda, possibilitou a divulgação das mensagens sobre a paz, realizadas em aula, pelos alunos, através da distribuição de pulseiras para toda a comunidade educativa. A terceira atividade, permitiu que os alunos conhecessem uma representante do pelouro social da Cruz Vermelha Portuguesa (CVP), instituição com a qual colaborámos através da recolha de produtos alimentares.

Abrindo as portas da escola à comunidade, a aula temática «as religiões vêm à escola» mostrou-se impactante pela riqueza com que complementou os conteúdos ministrados em aula. Particularidades como ter ocorrido por altura do ramadão, o que foi verbalizado na primeira pessoa, pelo muçulmano ou as fotos do casamento hinduísta de Cândida Carvalho, despertaram a atenção dos alunos que mantiveram o foco total em tudo o que lhes estava a ser transmitido, prática que, da minha experiência, valerá a pena replicar.

Não esquecendo que a PES decorreu numa escola, com uma identidade e cultura organizacional próprias, atuei em linha com o que o seu projeto educativo defende, a promoção de uma atitude nos alunos «pautada por valores éticos e de respeito, tolerância, responsabilidade, solidariedade, espírito ecológico, criatividade e espírito crítico.»<sup>1</sup> A minha missão, nesse sentido, foi contribuir para o desenvolvimento humano harmonioso e holístico

---

<sup>1</sup> Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos da Torre, «Projeto Educativo de Escola – 2018-2022», acedido a 12 de maio de 2022, <https://escolas.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=GwZ7UTQGspg%3D&tabid=11519&mid=27663>.

dos meus alunos, tentando deixar nas suas mentes e corações a vontade de fazer mais e melhor pela paz, pela promoção do bem e num sentido último e maior, pela dignidade da vida humana, concretizada no diálogo, no perdão, na reconciliação e no amor ao próximo, em gestos do dia-a-dia, independentemente das nossas diferenças.

## **Capítulo 1 - A paz e a promoção do bem comum**

A paz, sendo um tema transversal a todas as áreas do conhecimento, e indispensável para o desenvolvimento da sociedade, é, sem margem para dúvidas, tema central da teologia [...]. No Novo testamento [...] são abundantes as referências à paz, como bem por excelência que Deus, o “Senhor da Paz”, (2 Tes. 3,16) promete e dá em abundância.<sup>2</sup>

Tendo em conta os objetivos do presente relatório da PES, importa, desde já, explorar o conceito central e transversal à UL4, a noção de «paz», à luz, não só da história da Igreja, que demarca o itinerário dos conteúdos da EMRC, mas também no contexto das demais tradições religiosas que são exploradas na disciplina, em concreto na UL4 «A paz universal». Neste capítulo, este conceito será abordado no âmbito do pensamento social cristão, explorando o princípio de que a paz é contributiva para o progresso – o desenvolvimento e a justiça – e que pressupõe formas ativas de promover o «bem comum», desde os contextos em que os alunos se inserem, aos objetivos internacionais que fazem parte das missões de algumas organizações humanitárias, abordadas no contexto das aulas.

15

Sendo certo de que a paz nem sempre caracterizou a história das religiões, cabe antever que desafios surgirão nas aulas – nas discussões guiadas com os alunos. Pelo exposto, neste capítulo, explorar tanto quanto possível, a história das religiões abordadas no programa da disciplina – e no manual do aluno – poderá ser um fator determinante para o sucesso das aulas. Em concreto, importa que o professor se muna dos fundamentos teóricos sobre as religiões (que constam do programa) ao serviço da paz: das abraâmicas (judaísmo, islão e cristianismo) às tradições religiosas orientais (hinduísmo, budismo e confucionismo). Deste modo, serão maiores as hipóteses de uma eficaz preparação das aulas desta UL e, conseqüentemente, de garantir o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Não menos importante, será estabelecer um elo entre os fundamentos religiosos que colocam as religiões ao serviço da paz e as instituições que, não raras vezes, dão rosto à população civil, em geral, e religiosa, em particular, unidos em nome da promoção do bem e da dignidade da pessoa, independentemente da sua etnia, cultura, religião ou ideologia, entre outras dimensões constitutivas do ser.

Essas instituições estão, também elas, previstas no programa da disciplina, e à semelhança da explanação do conceito de «paz», pressupõem um estudo aprofundado por parte

---

<sup>2</sup> Francisco Vaz, *João Paulo II: o compromisso pela paz* (Lisboa: Editorial Cáritas, 2016), 19.

do professor, sobre os seus campos de atuação para fundamentar a opção, metodológica e pedagógica, de abordá-las em aula e, mais ainda, aferir até que ponto o docente pode (e deve) contar com a colaboração das mesmas, para aproximar os alunos aos seus campos de atuação. Nesse sentido, elucidar os alunos sobre o que as move nas suas missões, prevê, por um lado, uma maior consciencialização e sensibilização para os problemas sociais que se prendem com a falta de equidade, por outro, servir de estímulo motivacional para os alunos atuarem em sociedade, em prol da disseminação do bem, onde se vê *o outro* como um ser pleno no direito à sua dignidade e, nesse sentido, o fim último dos esforços em nome da promoção do bem comum.

### 1. A paz no pensamento Social Cristão

«A paz é uma profunda aspiração dos homens de todos os tempos, condição de felicidade individual e comunitária»<sup>3</sup> a base para a concretização de uma vida plena, conducente à realização do projeto de vida humana. Em 800, associada ao conceito de concórdia e segurança, a Igreja pretendeu concretizar uma era de paz cristã, na pessoa de Carlos Magno, coroado pelo Papa Leão III. Não obstante, a degradação do império carolíngio e o aproveitamento das instituições eclesiais, entre outros fatores, não permitiram que essa almejada paz, se consolidasse. Várias tentativas com o mesmo propósito se sucederam, tendo atingido o seu auge na sociedade europeia do século XIII, contudo, sem consistência, pois a partir do século XIV a unidade conquistada foi, novamente, posta em causa.<sup>4</sup> «À cristandade medieval foram-se substituindo os Estados, que, no Renascimento e na Idade Moderna, esgotaram, na vontade soberana dos príncipes e nas constantes lutas internacionais, todas as esperanças de paz e de unidade cristã.»<sup>5</sup> A fé, nas suas mais diversas expressões, mesmo dentro da própria Igreja, nem sempre sedimentou a paz entre portas, menos ainda, fora delas. Neste sentido, importa destacar para o propósito das aulas, as publicações<sup>6</sup> e pessoas que romperam este ciclo de tempestade e bonança e que, de um modo mais consistente, conseguiram que hoje, a Igreja seja entendida como promotora de paz, princípio que se pretende defender nas aulas.

Após o clima totalmente antirreligioso que se fez sentir por toda a Europa a partir do século XVIII,

---

<sup>3</sup> Vaz, 23.

<sup>4</sup> Cf. Vaz, 27-28.

<sup>5</sup> Vaz, 27.

<sup>6</sup> Publicações, muitas delas, documentos do magistério da Igreja.

Depois da queda de Napoleão em 1815, as chamadas grandes potências começaram a entrar nos assuntos internos de outras nações invocando razões humanitárias. Quase cem anos depois, os casos de violências étnicas e religiosas durante a primeira guerra mundial vieram mostrar a necessidade de formas de cooperação que favorecessem a paz internacional.<sup>7</sup>

Depois das duas grandes guerras mundiais, num cenário caótico e tenebroso de sofrimento humano atroz por todo o mundo, dá-se um marco histórico no seio da Igreja com a publicação da encíclica *Pacem in Terris*, do Papa João XXIII. Nesta carta de 1963, dedicada à paz, o Papa refere-se não só aos católicos, mas a toda a humanidade, conforme expressa no próprio título da carta encíclica: «a todas as pessoas de boa vontade [...] na base da verdade, justiça, caridade e liberdade». Nela se refere que

Não se deverá jamais confundir o erro com a pessoa que erra [...]. A pessoa que erra não deixa de ser uma pessoa, nem perde nunca a dignidade do ser humano, e, portanto, sempre merece estima. Ademais, nunca se extingue na pessoa humana a capacidade natural de abandonar o erro e abrir-se ao conhecimento da verdade (PT 157).

17

Desta forma, João XXIII destaca que, apesar das guerras a que o mundo assiste, deve permanecer a esperança de fazer brotar nos corações humanos a possibilidade de promover a paz, não só entre católicos, mas em toda a sociedade, apresentando soluções práticas para a reorganização das relações internacionais. Esta encíclica, associa ainda à noção de «paz», a de «bem comum», na medida em que, nas suas palavras, «o bem comum [assume uma] relação essencial com a natureza humana [e] não poderá ser concebido na sua integridade, a não ser que, além de considerações sobre a sua natureza íntima [...] sempre se tenha em conta a pessoa humana» (PT 55).

À semelhança do marco histórico que foi a publicação desta carta, o Papa Paulo VI, em 1968, instituiu o primeiro dia de cada ano, como o «Dia mundial da paz». Ao contrário das encíclicas que não são substancialmente referidas no manual do aluno nesta UL, o «Dia mundial da paz» ganha destaque<sup>8</sup> e foi, inclusivamente, abordado numa das aulas da PES.<sup>9</sup> Ao estabelecer o primeiro dia de cada ano, como o dia para a celebração da paz, o Papa Paulo VI, associa dois eventos de grande significado. Por um lado, o primeiro dia de janeiro e oitavo do

---

<sup>7</sup> Vaz, João Paulo II: o compromisso pela paz, 29.

<sup>8</sup> Cf. SNEC, *Manual do aluno - Queremos saber! 7º* (Lisboa: SNEC, 2021), 122;

Adiante designado por *Manual do aluno - 7º*.

<sup>9</sup> Na aula n.º 3 da UL4 (Lição n.º 21), a mensagem para o «Dia mundial da paz» de 2022, foi concretizada num formato audiovisual e alvo de interpretação, em grande grupo.

Natal, cujo significado para os cristãos é evidente. Por outro lado, o dia um de janeiro é, para crentes e não crentes, o primeiro dia do ano que, como se pressupõe, significa novidade, recomeço, renascimento, uma nova oportunidade para, neste caso, impulsionar a paz e projetar um futuro que se espera melhor com base nela.<sup>10</sup>

Cerca de uma década depois da instituição deste dia, inicia-se o pontificado de João Paulo II que de 1978 até a sua morte, em 2005, destacou-se pela quebra de muros e construção de pontes, rompendo uma premissa secular, de que os Papas se ausentem do Vaticano, apenas por razões extraordinárias e em situações pontuais, o que o levou ao título informal de «Papa mais viajado» de todos os tempos. Tal atitude, representa bem o quão esteve comprometido com o objetivo de apresentar uma Igreja que pretende criar laços. Esta postura que tão bem o caracterizou, espelha nitidamente a promoção do diálogo e, nesse sentido, o estabelecimento de pontos de concórdia e, evidentemente, de paz. Foi talvez por isso dos Papas mais acarinhados na história da Igreja e que aproximou o povo a Deus, reconquistando muitos que, por um ou outro motivo, se haviam afastado do catolicismo. No primeiro encontro inter-religioso de Assis em 1986, foi o Papa João Paulo II, que exprimiu a necessidade de se desenvolver, num mundo globalizado, «gestos com força profética» necessários à promoção de uma cultura da paz.<sup>11</sup> Sempre associou o conceito de «paz» ao «perdão» e «reconciliação», o que não se esgotou no seu discurso profético, mas concretizou-se no célebre momento em que perdoou, na prisão, o homem que o tentou assassinar, um gesto épico que tem sempre grande impacto nos alunos, quando abordado no contexto das aulas.<sup>12</sup> Apesar de não ter deixado nenhuma carta encíclica específica, em nome da paz, como havia feito João XXIII, nas suas vinte e sete cartas a propósito do «Dia mundial da paz» e através da sua postura e atitudes, deixa um legado inquestionável sobre este campo de atuação.

Com o Papa Francisco, através da carta encíclica *Fratelli Tutti*, de 2020, sobre a fraternidade e a amizade social, a Igreja enfatiza o «diálogo» como o caminho mais adequado para o entendimento entre crentes e não crentes, para a cultura do encontro e da cooperação, convidando a olhar o outro com amizade, criando espaço para o conhecimento mútuo e para a cooperação pela paz e pela resolução de problemas comuns. A amizade social é então esta busca de encontro com todos - incluindo os mais vulneráveis e pobres, aqueles que não podem ser esquecidos pela falta de oportunidades - e de atitudes de acolhimento e inclusão.

---

<sup>10</sup> Vaz, *João Paulo II: o compromisso pela paz*, 37.

<sup>11</sup> Cf. João Barros, Rogério Teixeira e Vítor Guerra, *Religião: diversidade e encontro* (Lisboa: SNEC, 2022), 46.

<sup>12</sup> Cf. SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 137;

A aula em que este gesto de João Paulo II foi partilhado com os alunos foi a 4ª desta UL (lição n.º 22).

Neste sentido, procurar aprofundar diferentes formas de resolução de conflitos através do diálogo e da promoção da empatia, parece ser, não só o caminho mais assertivo para alcançar a paz, mas também a via privilegiada de a conquistar, na perspetiva da Igreja. Uma vez que os conflitos são inevitáveis tendo em conta as inúmeras diferenças interpessoais e a própria condição humana, na lição n.º 22 (aula n.º 2, da UL4), apesar de não constar do programa, nem do manual do aluno, foi abordado o processo de comunicação – e as suas barreiras – bem como as diferentes formas de resolução de problemas.

### 1.1. Paz, desenvolvimento e justiça

A paz não se reduz à ausência de guerra; a justiça e o desenvolvimento são os novos nomes da paz; e o diálogo incondicional é indispensável para que ela se construa em rocha firme.<sup>13</sup>

Segundo Manuel da Costa Freitas, citado por Francisco Piedade Vaz «o sentido pleno da paz implica não só a eliminação da guerra, mas, sobretudo, a instauração de uma ordem marcada por uma justiça mais abundante entre todos os homens e Nações de modo a formarem uma comunidade verdadeiramente solidária e fraterna».<sup>14</sup> Apesar do contexto da globalização em que hoje vivemos, a equidade social não acompanhou o progresso e a evolução a que o mundo tem vindo a assistir. Na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, refere-se claramente no terceiro capítulo, que

No preciso momento em que o progresso da vida económica permite mitigar as desigualdades sociais, se for dirigido e organizado de modo racional e humano, vemo-lo muitas vezes levar ao agravamento das mesmas desigualdades [...]. Enquanto multidões imensas carecem ainda do estritamente necessário, alguns, [...] vivem na opulência e na dissipação. Coexistem o luxo e a miséria. [...] muitos [...] vivem e trabalham em condições indignas da pessoa humana (GS 63).

Apesar de ser uma constituição do Concílio do Vaticano II (CVII), promulgada pelo Papa Paulo VI, em 1965, a viragem de século - e milénio - não mudou, substancialmente, a realidade em que hoje vivemos. Os desenvolvimentos económicos, políticos e sociais,

---

<sup>13</sup> Vaz, *João Paulo II: o compromisso pela paz*, 17.

<sup>14</sup> Francisco Vaz, «João Paulo II e o compromisso pela paz. Estudo das mensagens do Dia Mundial da Paz», acedido a 25 de julho de 2022, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20281/1/Jo%C3%A3o%20Paulo%20II%20e%20o%20compromisso%20pela%20paz.16jan16.pdf>.

continuam a não convergir para a justa distribuição dos bens, muitos deles imprescindíveis para a vivência de uma vida humana digna. Não se antevê a possibilidade de uma verdadeira paz, se não estiverem reunidas as condições essenciais para viver a vida, pois a paz é um compromisso e um modo de vida que exige que se satisfaçam as expectativas legítimas de todos, como o acesso à alimentação, à água, à energia, à saúde, à educação... só assim se poderá construir o futuro da humanidade. Desde sempre, sem a justiça, a justa distribuição dos bens, a verdade e a liberdade, não é possível construir relações de paz. Nessa medida e tendo em conta o que nos propõe o CV II, que condenou a desumanidade da guerra, faz-se «Um ardente apelo aos cristãos para que, auxiliados por Cristo, autor da paz, cooperem com todos para consolidar a paz na justiça e no amor» (GS 77).

Segundo o PEG no seu compromisso número seis, há que procurar formas diferentes e criativas para exercer a economia e a política, com impacto direto no sentido de uma sociedade mais equitativa, por forma a obtermos um verdadeiro progresso e desenvolvimento. Assim, o Papa Francisco propõe-nos uma educação integral ao serviço dos valores de participação, de democracia, de política, de justiça, de igualdade, de fraternidade e de paz.<sup>15</sup>

Na mensagem do XXXII «Dia mundial da paz», em 1999, o então Papa, João Paulo II, renuncia à violência da pobreza e da fome, ao tráfico de drogas, pessoas e armas<sup>16</sup> garantindo que a paz só se alcança se os cidadãos tiverem uma participação social ativa, um direito que se torna infrutífero

quando o processo democrático fica desprovido da sua eficácia por causa de favoritismos e de fenómenos de corrupção, que não só impedem a legítima participação na gestão do poder, mas dificultam também o acesso equitativo de todos aos bens e serviços comuns. [...] E assim torna-se praticamente impossível o desenvolvimento de um perfeito sistema democrático.<sup>17</sup>

Por seu turno, destaca o Papa Francisco, na sua mensagem do «Dia mundial da paz» de 2022, cujo conteúdo foi abordado na aula n.º 3 da PES - UL4, lição n.º 21 - que os três caminhos para paz são o *diálogo*, o investimento na *educação* e a valorização do *trabalho* digno, os três únicos caminhos possíveis para uma paz consolidada e duradoura. Nesta mesma mensagem,

---

<sup>15</sup> Congregação para a Educação Católica, «Pacto Educativo Global», acedido a 1 de julho de 2022, <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>; Adiante designado por «Pacto Educativo Global».

<sup>16</sup> Cf. SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 124-131; Conteúdo abordado na aula n.º 2 da UL4 - lição número 20.

<sup>17</sup> Papa João Paulo II, «Mensagem XXXII do Dia mundial da paz – 1 de janeiro de 1999 - *No respeito dos direitos humanos, o segredo da verdadeira paz*», acedido a 16 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_14121998\\_xxxii-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_14121998_xxxii-world-day-for-peace.html).

expressa que tal só se alcança em sociedades plenamente - e verdadeiramente – democráticas, que não se alcança com uma postura passiva, mas sim compassiva, das sociedades. Neste contexto, o Papa Francisco destaca que «O trabalho é um fator indispensável para construir e preservar a paz. [...] é a base sobre a qual se há de construir a justiça e a solidariedade em cada comunidade».<sup>18</sup> Por isso, recupera a carta encíclica *Laudato Si* segundo a qual «O trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal» (LS 128) e, por conseguinte, sinónimo da verdadeira justiça, desenvolvimento e progresso, que possibilitam a emergência efetiva de paz.

## 1.2. Promover o bem-comum pela construção ativa da paz

Depois do que até aqui foi exposto, importa perceber por que vias, no trabalho com os alunos, se pode concretizar o princípio de que o bem-comum se obtém através de formas concretas de atuação, para a construção ativa da paz. Ou seja, importa explorar em que consiste não sermos sujeitos passivos, mas sim construtores ativos da paz, o que pressupõe o bem do conjunto, além do individual - como princípio e fim - e que implica, sobretudo, comportamentos e atitudes. No contexto da educação, diz-nos o Papa Francisco no PEG, recuperando a carta encíclica *Fratelli Tutti* que

A economia, a política, o crescimento e o progresso são aspectos que fazem parte de um modo de vida, de uma cultura do povo em que a educação deve procurar formar homens e mulheres capazes de serem protagonistas do bem comum. Para isso, é essencial disseminar uma cultura de encontro, onde se procure sempre pontos de contato, se constroem pontes, se projete algo que envolve a todos (cf. *Fratelli Tutti* n.216). Isso implica educar à capacidade de reconhecer o direito do outro de ser ele mesmo e de ser diferente. Dentro desse estilo de vida cultural e de valores deve estar presente e ativo um “pacto social”, graças ao qual todos estão dispostos a fazer algo para o bem comum (cf. n. 221).<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Papa Francisco, «Mensagem do 55º Dia mundial da paz – 1 de janeiro de 2022 - diálogo entre gerações, educação e trabalho: instrumentos para construir uma paz duradoura», acedido a 16 de julho de 2022,

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20211208-messaggio-55giornatamondiale-pace2022.html#\\_ftn18](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20211208-messaggio-55giornatamondiale-pace2022.html#_ftn18).

<sup>19</sup> «Pacto Educativo Global», 15.

Envolver todos com vista à promoção do bem comum, só se poderá viabilizar de forma eficaz se as diversas partes da sociedade se sentirem intimamente membros de uma só comunidade, com uma causa comum, com um verdadeiro sentimento de pertença, de modo que «se um sofre, todos os membros sofrem com ele» (Coríntios, 12, 26). Contudo, estas não são competências inatas, podem - e no caso de uma disciplina como a EMRC, devem - ser trabalhadas numa sociedade como a dos nossos dias, em que «As injustiças, as excessivas desigualdades de ordem económica ou social, a inveja, a desconfiança e o orgulho [...], são uma constante ameaça à paz e provocam as guerras. [E nessa medida] Tudo o que se fizer para superar estas desordens contribui para edificar a paz e evitar a guerra»<sup>20</sup> ou, à menor escala – no contexto dos alunos – evitar o conflito.

Na carta encíclica *Redemptor Hominis*, que remonta ao início do pontificado de João Paulo II, o Papa lembrou, no âmbito do pensamento social cristão que «a igreja sempre tem ensinado o dever de agir pelo bem comum; e, procedendo assim, também educou bons cidadãos para cada Estado. Além disso, sempre ensinou que o dever fundamental do poder é a solicitude pelo bem comum da sociedade» (RH 113).

Por seu turno, o Papa Francisco propõe na mensagem para o «Dia mundial da paz» de 2019, três dimensões para alcançarmos a paz, no sentido de uma visão empática em relação ao outro, sem descurar a paz interior. Neste contexto, referiu que a paz é um desafio para superar a cada dia, e que esta começa em cada um de nós «rejeitando a intransigência, a ira e a impaciência e – como aconselhava São Francisco de Sales – cultivando “um pouco de doçura para consigo mesmo”, a fim de oferecer “um pouco de doçura aos outros”». <sup>21</sup> Da esfera pessoal, define que a segunda dimensão indissociável da paz interior e comunitária é entender a paz com rosto, na relação «com o outro: o familiar, o amigo, o estrangeiro, o pobre, o atribulado..., tendo a ousadia do encontro, para ouvir a mensagem que traz consigo»<sup>22</sup> numa relação dialógica e descentralizada de si próprio, através de uma escuta ativa. Finalmente, na terceira dimensão, fala da responsabilidade individual e na transcendência, na medida em que, nas suas palavras a «paz com a criação [permite descobrir] a grandeza do dom de Deus e a parte de responsabilidade que compete a cada um de nós, como habitante deste mundo, cidadão e ator do futuro».<sup>23</sup> Mais recentemente, na Mensagem do 54º «Dia mundial da paz» de 2021, o mesmo Papa defende que

---

<sup>20</sup> Catecismo da Igreja, «Os dez mandamentos», acedido a 19 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/p3s2cap2\\_2196-2557\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html).

<sup>21</sup> Papa Francisco, «Mensagem do Dia mundial da paz – 1 de janeiro de 2019 – A boa política está ao serviço da paz.», acedido a 21 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20181208\\_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html).

<sup>22</sup> Papa Francisco, «Mensagem do Dia Mundial da Paz – 1 de janeiro de 2019...».

<sup>23</sup> Papa Francisco, «Mensagem do Dia Mundial da Paz – 1 de janeiro de 2019...».

«não há paz sem a cultura do cuidado: a promoção da dignidade de toda a pessoa humana, a solidariedade com os pobres e indefesos, a solicitude pelo bem comum e a salvaguarda da criação».<sup>24</sup>

Com estes pressupostos de base, na aula n.º 5 da UL4, através da dinâmica «óscars da paz» os alunos foram convidados, a refletir e propor situações do seu dia a dia em que contribuíram para a construção ativa da paz, através de gestos concretos do seu quotidiano espelhados na promoção do bem comum. A propósito, como nos diz Segio Bastianel, «(o “fazer o bem”) não significa fazer gestos extraordinários de heroico altruísmo. Significa, pelo contrário, fazer da caridade a dimensão *habitual* de cada gesto, fazer dela o critério interpretativo do próprio viver, em tudo aquilo que concerne à livre responsabilidade pessoal. Trata-se da caridade como *critério ordenador*».<sup>25</sup>

Daqui se infere que, de certo modo, a solidariedade «também é o novo nome da paz; esta implica transformação dos sistemas económico-sociais a favor da dignidade de cada pessoa e do bem comum [...]»<sup>26</sup>, mas não se esgota nessas macro transformações, antes, inicia-se com gestos concretos nos diversos micro contextos em que os alunos estão inseridos, no seu dia a dia.

Por tudo isto, fundamentam-se algumas práticas desenvolvida na PES, que respondem, em concreto, aos seguintes objetivos do programa: n.º 1 «valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana», n.º 3 «reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos», n.º 4 «reconhecer soluções fundamentadas para a resolução de conflito de valores com base no reconhecimento da pessoa» e n.º 5 «identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir dos textos bíblicos».<sup>27</sup> Assim, viabiliza-se transmitir aos alunos que o exemplo do cristianismo é uma questão prática que implica ação, não se tratando de uma construção teórica, mas de um caminho que não pode ser desconectado das realidades (e necessidades) terrenas, que se concretiza em gestos diários de convivência humana de ação dirigida ao próximo e que converge para a valorização da dignidade humana.

---

<sup>24</sup> SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 148.

<sup>25</sup> Sérgio Bastianel, *Moralidade pessoal na história – temas de ética social* (Lisboa: Caritas portuguesa, 2013), 97.

<sup>26</sup> Vaz, *João Paulo II: o compromisso pela paz*, 17.

<sup>27</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Torres Novas: Gráfica Almondina, 2014), 82; Adiante designado por *Programa de EMRC*.

## 2. Tradições religiosas ao serviço da Paz?

O religioso sempre foi e é um fator explorado, manipulado, exacerbado, mal interpretado, mas, muitas das vezes, central nas causas e explicações de muita da conflitualidade e das guerras, passadas, atuais e futuras.<sup>28</sup>

O que mais deve unir, entre as várias religiões, [...], é a noção de «bem». Que há um «bem» a prosseguir, a alcançar [...].<sup>29</sup>

Este ponto dois, do primeiro capítulo, tem em vista a fundamentação da formulação dos itens que constituem o inquérito aplicado aos alunos, antes e depois da lecionação da UL de referência da PES, bem como o trabalho prévio que se prende com a preparação do professor para a lecionação das aulas sobre «A paz universal» na sua meta D «promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos»<sup>30</sup> em concreto, no que diz respeito ao objetivo n.º 6, «identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano».<sup>31</sup> Neste contexto, importa explorar de que modo as religiões abordadas nos conteúdos do programa e no manual do aluno, estão ao serviço da paz e o que pode criar obstáculo a esse entendimento, uma vez que os alunos, em particular, e a população civil, em geral, acedem a diversas informações que associam o fenómeno religioso à guerra e não à paz.

Hoje, o Estado Islâmico retalia como uma verdadeira *jihad*. Assistimos a conflitos entre muçulmanos e cristãos na África e no Paquistão. No Sri Lanka existem lutas entre hindus e budistas. A maioria muçulmana tenta subjugar as minorias religiosas na Indonésia e Malásia. Mesmo assim, existem tensões entre as próprias vertentes muçulmanas, dos *sunis* e *shias* e entre os ortodoxos e aqueles considerados hereges. Ao inverso, os próprios muçulmanos sofrem perseguição nas Filipinas, Índia, China e Mianmar. O conflito judaico-muçulmano na Palestina não tem fim e a minoria cristã sofre em toda a Ásia.<sup>32</sup>

Porque a UL4 pressupõe desenvolver o princípio de que «todas as religiões defendem princípios, regras e valores éticos conducentes à paz»<sup>33</sup> o professor deve estar consciente dos desafios que esta UL acarreta, uma vez que, como vimos, nem sempre os alunos são

---

<sup>28</sup> Nuno Pires, «O fator religioso nos conflitos», *Revista de História das Ideias*, n.º 36 (2018): 265, [https://doi.org/10.14195/2183-8925\\_36\\_13](https://doi.org/10.14195/2183-8925_36_13).

<sup>29</sup> Pires, «O fator religioso nos conflitos», 271.

<sup>30</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 84-85.

<sup>31</sup> SNEC, 84-85.

<sup>32</sup> Michael Amaladoss, «Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo», em *Religiões para a paz ou para a guerra? Diálogos transdisciplinares*, edição digital (Belo Horizonte: PUC Minas, 2015), 29.

<sup>33</sup> SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 148;

Esta frase foi utilizada no inquérito aos alunos.

confrontados com notícias que confirmam este princípio, pois «observa-se, de facto, na história das religiões, uma luta permanente no sentido de saber qual delas tem o Deus mais poderoso».<sup>34</sup> Assim, antes de explorar essa questão nas aulas, na preparação das mesmas, importa delimitar quais as religiões - e com que intuito - são abordadas no programa e no manual. No programa da disciplina e em consonância com este, no manual do aluno, são abordadas as regras de ouro dos vários credos, tendo em conta o tema da promoção da paz. Do que o manual define como «tradições religiosas orientais»<sup>35</sup> é feita referência: ao Confucionismo - «aquilo que não desejas para ti não o faças aos outros» - ao budismo - «não magoem os outros com aquilo que vos magoa a vós» - e ao hinduísmo - «não façam nada aos outros que se fosse feito a vós vos causasse mágoa». Das religiões abraâmicas<sup>36</sup> é feita referência à regra de ouro do judaísmo - «não faças aos outros aquilo que não queres que os outros te façam a ti» - à do cristianismo - «o que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também» - e à do islamismo - «nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si mesmo». Apesar de o manual referir todas estas «regras de ouro», nos conteúdos da UL4, o programa restringe-se ao confucionismo, islão, judaísmo e cristianismo, excluindo o budismo e o hinduísmo, o que pode sugerir ao professor explorar um pouco menos estas duas tradições religiosas orientais.<sup>37</sup>

Para definir a importância dada a cada religião nas aulas, atendemos à representatividade de cada uma delas, em Portugal. De acordo com o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural,<sup>38</sup> das religiões abordadas no manual do aluno, a que tem menos representatividade em Portugal é o confucionismo e a que tem maior representatividade, o cristianismo (cf. tabela 1).

25

Tradições religiosas orientais			Religiões Abraâmicas <sup>39</sup>		
Confucionismo	Budismo	Hinduísmo	Judaísmo	Islão	Cristianismo
É residual a expressão de praticantes, em Portugal	Cerca de 15.000 praticantes	Cerca de 9.000 membros	Comunidade constituída por 1.773 judeus	Comunidade com cerca de 12.014 muçulmanos	84,5% da população portuguesa assumiu-se como cristã

Tabela 1- Representatividade em Portugal, das religiões abordadas no manual do aluno na UL4 «A paz universal».<sup>40</sup>

<sup>34</sup> Anselmo Borges, *Religião e diálogo inter-religioso* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010), 71.

<sup>35</sup> SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 43.

<sup>36</sup> SNEC, 51.

<sup>37</sup> SNEC, 149;

O programa só contempla quatro tradições, ou seja, exclui o budismo e hinduísmo, apesar do manual incluir as 6 «regras de ouro» relativas às 6 tradições religiosas.

<sup>38</sup> Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, «Juntos na construção da paz», acessido a 1 de julho de 2022, [4e76e835-cf8d-4e7d-b6be-66f0ee120559 \(acm.gov.pt\)](https://acm.gov.pt).

<sup>39</sup> Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, «Juntos na construção da paz», acessido a 1 de julho de 2022.

<sup>40</sup> Cf SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 149.

No que às tradições orientais diz respeito, começemos pelo confucionismo. Uma vez que em Portugal a expressão do confucionismo é residual<sup>41</sup> é expectável que esta seja a tradição religiosa menos conhecida por parte dos alunos, o que permite uma de duas opções por parte do professor: abordá-la com mais detalhe para que os alunos a conheçam (ou a conheçam melhor) ou explorá-la menos, por se tratar da menos representativa. No âmbito das aulas da PES no item em que os alunos associam as «regras de ouro» - e seus autores - às respetivas religiões, o confucionismo foi considerado. Contudo, quando confrontados com ideias pré-concebidas sobre as religiões, esta tradição religiosa oriental não esteve representada em nenhum item, pois da minha experiência de lecionação, os alunos não a conheciam, pelo que não têm crenças prévias sobre a mesma. Apesar disso, o confucionismo foi explorado no contexto das aulas<sup>42</sup> tal como o programa e o manual do aluno sugerem. Ao contrário de algumas ideologias das tradições religiosas na China, em que os seus praticantes adotam e promovem uma postura contemplativa, o confucionismo «exige o respeito pela tradição social e a colaboração activa do indivíduo no bem do todo»<sup>43</sup> isto é, no sentido do bem comum. Na UL2 «As religiões» o confucionismo é apresentado aos alunos como uma «doutrina política e ética [...] em que todos os seres humanos são irmãos e devem cuidar uns dos outros, tratando-se mutuamente com lealdade e respeito».<sup>44</sup>

Por seu turno, o Hinduísmo, através do rosto de Gandhi, ganha grande destaque se nos guiarmos pelo manual do aluno<sup>45</sup> apesar de, à semelhança do budismo, não fazer parte, explicitamente, dos conteúdos do programa.<sup>46</sup> «A resistência pacífica, método usado por Mahatma Gandhi, é uma das formas mais interessantes de resolver conflitos sem recurso à violência»<sup>47</sup> onde a única força valorizada é a força da verdade, da compaixão e do amor e, nessa medida, é um exemplo pertinente e interessante para trabalhar com os alunos.<sup>48</sup> Apesar deste exemplo, o ocidente reconhece no mundo dos deuses do hinduísmo, Xiva, o destruidor e, não obstante o pacifismo e a resistência não violenta de Gandhi, os alunos podem ter ideias pré-concebidas que carecem de desmistificação e que se prendem com momentos de ausência de paz, na história do hinduísmo. O conceito de *karma*, reconhecido no ocidente, também nem sempre está associado à paz e ao bem comum, pois admite que o Homem é capaz de ações não dirigidas para o bem, as quais serão devolvidas a si próprio (recíproca e proporcionalmente,

---

<sup>41</sup> Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, «Juntos na construção da paz».

<sup>42</sup> O confucionismo foi abordado na aula 7 da UL4 – lição n.º 25.

<sup>43</sup> Markus Hattstein, *Religiões do mundo*, trad. Paula da Silva (Alemanha: könemann, 2000), 40.

<sup>44</sup> SNEC, *Manual do aluno* - 7º, 48.

<sup>45</sup> Cf SNEC, 132-133.

<sup>46</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 85.

<sup>47</sup> SNEC, *Manual do aluno* - 7º, 132.

<sup>48</sup> Conteúdo abordado na aula n.º 3 da UL4, lição n.º 21.

com o bem ou o mal que praticou). O ocidente também reconhece, a propósito do hinduísmo, o *yoga*, que constitui um método

de disciplina da alma e do corpo, assim como a concentração num conhecimento intuitivo e a unidade por detrás do mundo das aparências multiformes [...] preocupa-se com a libertação da alma para alcançar o verdadeiro reconhecimento. Os meios para tal são a renúncia, a abstinência e a ascese, a rejeição do comodismo e de toda a posse, a mortificação da concupiscência e, assim, a obtenção da serenidade da alma e da amenidade interior, que se expressa na meditação enquanto retiro para a intimidade.<sup>49</sup>

Finalmente, ainda no que toca às tradições orientais: o budismo. O budismo defende que o objetivo de cada ser humano deve centrar-se em «ajudar as pessoas a encontrarem o caminho para a iluminação e para o estado de nirvana, que põe fim ao sofrimento»<sup>50</sup> onde, finalmente, cada Homem encontra a paz plena. Nessa medida, admite-se que nem sempre conheceu uma história exclusivamente ao serviço da paz. Dessa história, destaque-se que «os budistas japoneses eram, maioritariamente, eruditos nobres de considerável educação e de grande prestígio [no entanto] a partir do século VIII, o budismo desintegrou-se»<sup>51</sup> dando origem a várias tradições que se rivalizam entre si. Na Europa ocidental, resta a identificação do budismo ao estado *zen*. O budismo *zen* chegou ao Japão no século VI e significa o ideal de iluminação, um caminho de meditação que tem como meta a salvação por força própria.

O budismo *zen* tornou-se a religião decisiva da casta de guerreiros japoneses com as suas doutrinas de disciplina espiritual espírito de sacrifício e desprezo pelas dores físicas. Daí que, desde cedo, tenha sido associado ao caminho do guerreiro. *Zen* deve ser compreendido mais como técnica de meditação e postura do que como doutrina de conteúdo. O valor do silêncio, do sacrifício, [...] da concentração, [...] é especialmente enfatizado [...]. *Zen* dedica-se ao ideal da simplicidade e retidão e reclama ser o budismo puro e magicamente incorrupto.<sup>52</sup>

Nos nossos dias, face ao exposto, a imagem que é expectável que os alunos tenham sobre o budismo, é a de uma religião que «procura o diálogo pacífico com outras religiões e o movimento pela paz no mundo, cuja motivação é religiosa».<sup>53</sup> A própria comunidade budista, em Portugal, admite que desde o seu início «não sentiram no povo português nenhuma

<sup>49</sup> Hattstein, *Religiões do mundo*, 14.

<sup>50</sup> SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 46.

<sup>51</sup> Hattstein, *Religiões do mundo*, 54.

<sup>52</sup> Hattstein, 54.

<sup>53</sup> Hattstein, 55.

hostilidade. Antes pelo contrário. Os monges da comunidade monástica Theravada da tradição da Floresta, na Ericeira, saem todos os dias para receber oferendas de alimentos e fazem-no em silêncio»<sup>54</sup> ritual que está assumido como normativo e aceite na comunidade envolvente.

No que se refere às religiões abraâmicas começemos - à semelhança da ordem de explanação das tradições religiosas orientais - pela menos representativa em Portugal, o judaísmo. No judaísmo, com tronco comum ao cristianismo e islão, um dos princípios fundamentais, à luz da paz e do bem comum, como nos diz Luciano Gomes dos Santos, é a salvaguarda das «qualidades éticas – generosidade, hospitalidade, boa vontade para ajudar, honestidade e respeito pelos pais (Gaarder et al., 2001, p.111), ou seja, “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (cf Lev. 19,18)».<sup>55</sup> Da história do judaísmo a que os alunos têm acesso nas aulas da disciplina de «História» reconhecerão o quão sofreu o povo judeu, em Auschwitz, por altura da segunda guerra mundial.<sup>56</sup> Esse que foi o maior campo de concentração - e genocídio - da história da humanidade em relação aos judeus da Europa, aniquilou vidas humanas de forma brutal e «Hoje em dia, constitui um local evocativo dos crimes cometidos contra o povo judaico [...]».<sup>57</sup> A propósito, dentro da própria comunidade, «diferentes grupos judeus apresentaram interpretações distintas do Holocausto. Alguns comparam-no às perseguições já sofridas [...] [outros consideraram-no] o resultado do livre-arbítrio e da falibilidade humana».<sup>58</sup> Tais evidências, devem levar o professor a ter o cuidado de aferir se os alunos têm ideias pré-concebidas que associam a comunidade judaica, não à paz, mas à revolta em virtude do sofrimento e perseguições do passado.

Relativamente ao islão, por princípio, é uma religião que considera que a virtude do Homem consiste em fazer o bem, distribuindo os seus bens, em caridade, por amor a Alá.<sup>59</sup> «A palavra Islão deriva do árabe *islām*, [...] significando ‘rendição, entrega e submissão [a Deus]’. [...] também a base de *salām*, ‘paz’ [...]».<sup>60</sup> Apesar disso, o que marca substancialmente a visão ocidental e dos EUA sobre a comunidade muçulmana, não deixa passar em claro

---

<sup>54</sup> Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, «Liberdade religiosa e diálogo inter-religioso em Portugal: 2001-2021. Testemunhos do Grupo de Trabalho para o Diálogo Inter-religioso (GT DIR)», acessado a 13 de julho de 2022, [57101c95-44e5-43c7-975b-ada6a37eb839 \(acm.gov.pt\)](https://www.acm.gov.pt/57101c95-44e5-43c7-975b-ada6a37eb839).

<sup>55</sup> Amaladoss, «Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo», p 251.

<sup>56</sup> Conteúdo abordado na aula n.º 2 da UL4, lição n.º 20.

<sup>57</sup> Hattstein, *Religiões do mundo*, 69.

<sup>58</sup> Mel Thompson & Eve Feinstein, *The religions book*, trad. Bruno Alexandre (London: Dorling Kindersley, 2013), 198.

<sup>59</sup> Cf. Amaladoss, «Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo», p 252.

<sup>60</sup> Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, *Cosmovisões religiosas e espirituais. Guia didático de tradições presentes em Portugal* (Lisboa: ACM, 2016), 33.

os atentados do 11 de setembro, a perspetiva sobre os movimentos islâmicos [que] concentrou-se no aspecto parcial do islamismo militante chegando mesmo a desenvolver a ideia de ameaça [...]. Frequentemente, [...] estes grupos são denominados de “fundamentalistas” [...] que está associado à violência e intolerância e é frequentemente utilizado para uma caracterização global negativa e duvidosa [do islão].<sup>61</sup>

O fundamentalismo - associado hoje, não raras vezes, ao Islão – expressa-se em comportamentos mascarados pela defesa da verdade, mas que na sua essência preveem outros interesses como a «segurança individual e colectiva, legitimação social, conquista de territórios e mercados, histórias de ajuste de contas, numa palavra, o poder. [Porém] as palavras “fundamentalismo” e “fundamentalista” nasceram nos Estados Unidos, nos princípios do século XX e no contexto do protestantismo. Com o objectivo de preservar e defender os pontos considerados fundamentais da fé cristã».<sup>62</sup> Feita esta ressalva etimológica, importa que, face a estes dados, nas aulas de EMRC, o professor reconheça a necessidade de despertar os alunos para a realidade de que existem praticantes fundamentalistas na comunidade muçulmana, mas também em toda as outras religiões, salvaguardando que esses elementos, individualmente ou em grupo, não representam o princípio transversal e fundamental das religiões, muito menos, o todo da sua comunidade crente, que se revê no conteúdo do «Alcorão que enfatiza repetidamente a paz como objetivo primordial da vida humana».<sup>63</sup> Além do exposto, estes aspetos reforçam a necessidade de incluir o «religioso nas escolas públicas. Para superar tanto a ignorância mútua como a irracionalidade e o fundamentalismo».<sup>64</sup>

29

Finalmente, sobre a religião com maior representatividade em Portugal, o cristianismo: que se poderá referir quanto a ser uma religião ao serviço da paz e do bem comum? Além da «regra de ouro» assim definida no manual do aluno e descrita no início deste ponto – mais explorada ainda no ponto um, deste primeiro capítulo, dedicado à paz no pensamento social cristão - importa salvaguardar, na preparação das aulas, que o princípio de que «amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Mateus 7, 12) nem sempre se coadunou com a história da Igreja.

No passado houve cruzadas, jihad e guerras santas. [...] quando George Bush enviou tropas americanas para o Iraque usou, embora momentaneamente, a palavra ‘cruzada’. Os grupos muçulmanos viram isto como um ataque vindo

---

<sup>61</sup> Hattstein, *Religiões do mundo*, 117.

<sup>62</sup> Borges, *Religião e diálogo inter-religioso*, 73-74.

<sup>63</sup> Hattstein, *Religiões do mundo*, 117.

<sup>64</sup> Borges, *Religião e diálogo inter-religioso*, 94.

do Cristianismo Ocidental e fizeram com que os grupos locais de cristãos pagassem um preço duro.<sup>65</sup>

Da religião cristã, mais concretamente, na sua vertente do catolicismo ao serviço da paz, recuperemos João Paulo II que assumiu durante o seu pontificado um compromisso com os direitos humanos, sobretudo os direitos de liberdade religiosa e da liberdade de consciência. Os princípios basilares dos seus discursos e das suas declarações foram sempre os direitos humanos e a dignidade da vida humana. A propósito,

nos últimos anos do seu pontificado o compromisso com a liberdade de religião e de consciência tornou-se a pedra angular do seu diálogo com as outras religiões tentando união que promovesse a paz universal [...] acreditava que a ONU constituía o quadro institucional através do qual os Estados deveriam dirimir os seus diferendos.<sup>66</sup>

Efetivamente, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem desempenhado um papel fundamental na defesa dos direitos humanos e é uma das instituições, por excelência, que promove a paz entre as nações, não esquecida pela EMRC, concretamente, no seu conteúdo da UL4: «Instituições de promoção da paz no mundo: União Europeia, Organização das Nações Unidas e Tribunal Internacional dos Direitos do Homem».<sup>67</sup>

30

### 3. Instituições ao serviço da paz e do bem comum

Como garantia do respeito dos direitos, o papel das Nações Unidas permanece válido, e a sua Carta “é um ponto de referência obrigatório para a justiça e um veículo de paz (n.257). Portanto, “esta Organização não deve ser ilegítimada” (n.173).<sup>68</sup>

Em dezembro de 2019, o Papa Francisco, na presença do secretário-geral da ONU, António Guterres – figura bem conhecida do panorama político português – reforçou a confiança que tem nesta instituição, criada após a segunda guerra mundial, cuja principal missão consiste em criar pontes de diálogo entre as nações, com vista à promoção da paz.

<sup>65</sup> Amaladoss, «Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo», 29.

<sup>66</sup> Vaz, *João Paulo II: o compromisso pela paz*, 41.

<sup>67</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 83;

O que corresponde à meta N «Promover o bem comum e o cuidado do outro», objetivo n.º 4 «Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa».

<sup>68</sup> «Pacto Educativo Global», 18.

Contudo, numa atitude consciente, não ignora os grandes desafios que têm sido colocados a esta organização e a outras, com o mesmo propósito de missão.<sup>69</sup> Já em 2020 na carta encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco alertava para o facto de que

A paz e a estabilidade internacionais não podem ser fundadas num falso sentido de segurança, [...]. A paz deve ser construída com base na justiça, no desenvolvimento humano integral, no respeito dos direitos humanos fundamentais, no cuidado da criação, na participação de todos na vida pública, na confiança entre os povos, na promoção de instituições pacíficas, no acesso à educação e à saúde, no diálogo e na solidariedade (*FT 262*).

A EMRC, nesta UL4, mais concretamente, na sua meta N «Promover o bem comum e o cuidado do outro», prevê que se aborde instituições de promoção da paz no mundo, pelo que, na aula número 5 da UL – lição número 23 – numa dinâmica de grupo, os alunos tiveram conhecimento das missões das seguintes organizações, previstas no programa da disciplina: União Europeia (UE), ONU e Tribunal Internacional dos Direitos do Homem. Não tendo sido possível, nessa aula, abordar em profundidade nenhuma das 17 pessoas/instituições da dinâmica, cujas missões e histórias de vida se associam, direta ou indiretamente, à paz e à promoção do bem comum, na aula seguinte, a número 6, da UL4, entre as instituições que foram aprofundadas, a ONU teve uma explanação mais cuidada<sup>70</sup> sobretudo porque viria ser a ser novamente abordada a propósito dos ODS os quais, apesar de não estarem referenciados no programa, são propostos no manual do aluno<sup>71</sup> e foram tratados no contexto da sala de aula.

Será importante referir que, apesar destas serem as três instituições promotoras de paz indicadas no programa da disciplina, as aulas sobre este tema não se esgotaram nelas. Organizações como a Cruz Vermelha, a Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP), a Amnistia Internacional, o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), entre outras - algumas das quais, sugeridas em aula, pelos próprios alunos - mereceram a nossa atenção e resultaram num contexto de ensino-aprendizagem dinâmico e aberto às contribuições dos discentes<sup>72</sup> - indo ao encontro dos seus interesses e motivações.

Do contexto macro, para o micro, os alunos intuíram – e bem – que a instituição base para a promoção da paz é a família pois, na verdade, «Um verdadeiro itinerário para a paz não

---

<sup>69</sup> Cf. Vatican news, «O papa Francisco e a necessidade de uma ONU mais eficaz», acedido a 25 de setembro de 2022, [O Papa Francisco e a necessidade de uma ONU mais eficaz - Vatican News](#).

<sup>70</sup> Cf. relatórios de lecionação das aulas n.ºs 5 e 6 da UL4.

<sup>71</sup> SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 123.

<sup>72</sup> Cf. Lições n.ºs 23 e 24.

pode ser desenhado nem percorrido sem [ela, porque é aí que] se dão os primeiros e mais fundamentais passos nesse sentido, bem como se aprendem as palavras e os gestos indispensáveis para a sua construção».<sup>73</sup>

### 3.1. Os ODS da agenda 2030

2015 ficará na história como o ano da definição da Agenda 2030, constituída por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A Agenda 2030 é uma agenda alargada e ambiciosa que aborda várias dimensões do desenvolvimento sustentável (sócio, económico, ambiental) e que promove a paz, a justiça e instituições eficazes.<sup>74</sup>

Durante três anos, os Estados-membros da ONU desenvolveram trabalhos que culminaram na adoção da agenda 2030, em plena assembleia-geral, no dia 25 de setembro de 2015. Desde aí, as escolas foram convidadas a trabalharem no que viria a ficar definido como Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), segundo a qual se pretende que «os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio [...] dos direitos humanos, [...] da promoção de uma cultura de paz e não violência [...]».<sup>75</sup> De acordo com as diversas áreas curriculares – disciplinares e não disciplinares – a EB23 da Torre, onde decorreu a PES, está em consonância com estes princípios, pois ao longo do ano letivo, constatei que os alunos estavam envolvidos em diversos projetos promovidos por clubes-escola e, em sala de aula, através das disciplinas de «Ciências Naturais» e de «Cidadania e Desenvolvimento».

32

Apesar de redigidos por diferentes equipas, encontramos claramente pontos de convergência do que se pretende com a formulação dos 17 ODS e com o PEG.

No centro da Agenda 2030 estão os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os ODS universais, transformadores e inclusivos descrevem os principais desafios de desenvolvimento para a humanidade. O

---

<sup>73</sup> Vaz, João Paulo II: *o compromisso pela paz*, 21.

<sup>74</sup> Nações Unidas - Centro de Informação para a Europa Ocidental, «Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: 17 objetivos para transformar o nosso mundo», acedido a 20 de setembro de 2022, <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>.

<sup>75</sup> ONU para a educação, ciência e cultura, «Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – objetivos de aprendizagem», acedido a 12 de julho de 2022, [Recursos-ods-objetivos-aprendizagem.pdf \(imvf.org\)](https://www.un.org/pt/education/science/culture/education-for-sustainable-development-objectives-of-learning.pdf).

propósito dos 17 ODS [...] é garantir uma vida sustentável, pacífica, próspera e equitativa na Terra para todos, agora e no futuro.<sup>76</sup>

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável	
	Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares
	Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável
	Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades
	Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos
	Alcançar a igualdade de género e empoderar todas as mulheres e meninas
	Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos
	Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia, para todos
	Promover o crescimento económico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno trabalho decente e crescimento económico e produtivo, e trabalho decente para todos
	Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
	Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
	Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis

<sup>76</sup> ONU, «Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – objetivos de aprendizagem».

	Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
	Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos
	Conservar e usar sustentavelmente os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável
	Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável vida terrestre as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra, e deter a perda de biodiversidade
	Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à paz, justiça e instituições eficazes, justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
	Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

Tabela 2 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – agenda 2030.

Face a estes objetivos, estabelece-se uma ponte inequívoca com o PEG, em concreto, com os seus sete compromissos, que o Papa Francisco formula como: colocar a pessoa no centro, ouvir as gerações mais novas, promover a mulher, responsabilizar a família, abrir-se ao acolhimento e renovar a economia e a política.<sup>77</sup> A correspondência que a seguir se apresenta, concretiza não o único, mas um possível itinerário pedagógico que poderá auxiliar o professor.

**1** Colocar a pessoa no centro

Colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, realçar a sua especificidade e a sua capacidade de estar relacionado com os outros, contra a cultura do descartável.



**2** Ouvir as gerações mais novas

Escutar a voz das crianças, dos adolescentes e jovens para juntos construir um futuro de justiça e de paz, uma vida digna para cada pessoa.



**3** Promover a mulher

Favorecer a participação plena das meninas e das jovens na educação.










<sup>77</sup> Cf. «Pacto Educativo Global», 9.



*Figura 1 - Proposta pedagógica – relacional e de possível correspondência - para abordar os ODS, no âmbito dos compromissos do PEG – valorização do objetivo 16º, no âmbito da UL4.*

Ao longo das aulas PES tocámos, inevitavelmente, em vários dos conteúdos dos 17 ODS e dos compromissos do PEG. Contudo, claramente o objetivo mais desenvolvido foi o 16º: «Paz, justiça e instituições eficazes», concomitantemente, com os compromissos números 1, 2, 5 e 6 do PEG, que pretendem desenvolver, respetivamente, «colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, realçar a sua especificidade e a sua capacidade de estar relacionado com os outros, contra a cultura do descartável»; «escutar a voz das crianças, dos adolescentes e jovens para juntos construir um futuro de justiça e de paz, uma vida digna para cada pessoa»; «educar e educar-nos ao acolhimento, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados» e «estudar novas formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, ao serviço do homem e de toda a família humana na perspetiva de uma ecologia integral».

### 3.2. O Objetivo 16º: Paz, Justiça e Instituições Eficazes

A UL4 prende-se, sobretudo, com a exploração do 16º ODS «Paz, justiça e instituições eficazes». Apesar de não constar explicitamente do programa, no manual do aluno este objetivo

apresenta-se destacado pela sua importância no âmbito do tema «A paz universal».<sup>78</sup> Todavia, também o objetivo número dois «Fome zero e agricultura sustentável» foi desenvolvido, na medida em que na aula número 9 da UL4 – lição número 27 - os alunos contribuíram para uma das causas da Cruz Vermelha Portuguesa (CVP) – delegação da Madeira – através de uma recolha de alimentos, no âmbito da atividade «Alimentar a paz», promovida pela turma PES. A representante do pelouro social desta delegação esteve presente, através de videochamada, na última aula da UL para agradecer o contributo dos alunos da turma.

A tabela que se segue concretiza as aprendizagens definidas pela ONU no que concerne ao 16º objetivo. Com maior ou menos exploração, todos os objetivos dos três domínios (cognitivo, socioemocional e comportamental) foram trabalhados com os alunos, à luz dos conteúdos da EMRC desta UL4.

<b>Objetivos de aprendizagem</b>	
Cognitiva	1. O educando entende conceitos de justiça, inclusão e paz e sua relação com a lei.
	2. O educando entende os sistemas legislativos e de governança locais e nacionais, como eles os representam e como eles podem sofrer abusos por meio da corrupção.
	3. O educando é capaz de comparar seu sistema de justiça com os sistemas de outros países.
	4. O educando entende a importância de indivíduos e grupos em defesa da justiça, da inclusão e da paz, e apoia instituições fortes no seu país e no mundo.
	5. O educando entende a importância do marco internacional de direitos humanos.
Socioemocional	1. O educando é capaz de conectar-se com outras pessoas que podem ajudá-lo no sentido de facilitar a paz, a justiça, a inclusão e instituições fortes no seu país.
	2. O educando é capaz de debater questões locais e globais relativas a paz, justiça, inclusão e instituições fortes.
	3. O educando é capaz de mostrar empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem de injustiça em seu próprio país, bem como em outros países.
	4. O educando é capaz de refletir sobre seu papel nas questões relativas a paz, justiça, inclusão e instituições fortes.
	5. O educando é capaz de refletir sobre o próprio pertencimento a diversos grupos (género, social, econômico, político, étnico, nacional, habilidade, orientação sexual etc.), seu acesso à justiça e seu senso compartilhado de humanidade.
Comportamental	1. O educando é capaz de avaliar criticamente questões relativas a paz, justiça, inclusão e instituições fortes na sua região, nacional e globalmente.
	2. O educando é capaz de exigir e apoiar publicamente o desenvolvimento de políticas de promoção da paz, da justiça, da inclusão e de instituições fortes.
	3. O educando é capaz de colaborar com grupos que atualmente sofrem injustiças e/ou conflitos.
	4. O educando é capaz de tornar-se um agente de mudança na tomada de decisão local, combatendo a injustiça.
	5. O educando é capaz de contribuir para a resolução de conflitos em âmbito local e nacional.

Tabela 3 - Objetivos de aprendizagem do 16º ODS.<sup>79</sup>

<sup>78</sup> Cf. SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 123.

<sup>79</sup> ONU, «Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – objetivos de aprendizagem».

Dos tópicos sugeridos no documento orientador para trabalhar este objetivo, foi desenvolvido no contexto das aulas a questão do «trabalho infantil e exploração de crianças» «(...) acordos globais relacionados com a guerra, a paz e os refugiados», «comércio ilegal de armas, abuso de drogas e seu comércio» e o papel do Tribunal Internacional dos Direitos do Homem<sup>80</sup>.

Dos exemplos de «abordagens e métodos de aprendizagem» sugeridos para dinamizar o 16º ODS “Paz, justiça e instituições eficazes” com os educandos, é proposto, e foi realizado, um debate inter-religioso na aula temática «As religiões vêm à escola».

Considerou-se importante transmitir aos alunos que estas instituições representativas de estados considerados laicos, reconhecem a importância que a religião tem na vida das pessoas e, nesse sentido, foi fundamental reforçar que, por exemplo, a ONU, além de ter como missão

manter a paz e a segurança, fomentando relações cordiais entre as nações, promovendo o progresso social, melhores padrões de vida e os direitos humanos, [reconhece a religião como] parte integrante da vida em sociedade, influenciando profundamente a forma como as pessoas vivem e se relacionam. Tendo isso em conta, a ONU, através da UNESCO, desenvolve vários projetos que promovem e impulsionam o diálogo inter-religioso.<sup>81</sup>

37

Na atividade referida anteriormente, «As religiões vêm à escola», os alunos mostraram-se sensibilizados sobre as dificuldades que alguns dos presentes manifestaram, quando se sentem em minoria, na nossa região. Mostrando um profundo sentimento de empatia, a aula resultou na percepção de que «A partir da nossa experiência de fé e da sabedoria que se vem acumulando ao longo dos séculos e aprendendo também das nossas inúmeras fraquezas e quedas, como crentes das diversas religiões sabemos que tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades» (FT 274).

Mas, até que ponto os nossos jovens estão abertos a debater questões relacionadas com o fenómeno religioso, apesar destes percursos de fé? Em que medida, temos nas nossas salas de aula, alunos que manifestam interesse em debater sobre o transcendente? Que jovens são estes que encontramos hoje nas nossas salas de aula e até que ponto os conhecer em profundidade, designadamente, as suas crenças e valores, é contributivo para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem?

---

<sup>80</sup> Cf. Aulas n.ºs 2 e 5 da UL4, respetivamente, lições n.ºs 20 e 23.

<sup>81</sup> Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, *Diálogo inter-religioso no tempo e 33 ideias para pensar e agir* (Lisboa: Textype), 13.

## **Capítulo 2 – O que pensam os jovens sobre as Religiões**

O sucesso do processo de ensino-aprendizagem, entre inúmeras variáveis, está intrinsecamente correlacionado com o conhecimento da população-alvo a quem se dirige. Conhecer o melhor possível os alunos com quem vamos trabalhar numa experiência de lecionação, torna-se por isso condição essencial e necessária para o sucesso desse processo e, conseqüentemente, para a assimilação de conteúdos. Temporalmente separados das décadas em que se assistiu à massificação do ensino e em que na sala de aula o professor assumia uma relação distante e de autoritarismo na relação com os alunos, hoje

a relação entre o(s) aluno(s) e o professor é um ponto fundamental [...].  
A forma como o professor comunica e dá as instruções à turma e aos alunos, individualmente, a motivação que transmite, a relação que estabelece com cada um e a gestão pedagógica, contribuem para o ambiente disciplinar e potenciam o crescimento do aluno e a vontade de fazer melhor.<sup>82</sup>

Esta questão assume particular relevância quando estamos perante a disciplina de EMRC, por ser de frequência facultativa<sup>83</sup>, o que pressupõe um estudo cuidado da população-alvo a que se destina para as respetivas decisões que cabem ao professor, em termos pedagógicos, didáticos, metodológicos e estratégicos.

Neste sentido, este capítulo aborda a condição juvenil à luz dos tempos contemporâneos, explorando as crenças e valores dos jovens, bem como a posição que os mesmos assumem, face ao fenómeno religioso. Daqui decorre a importância de se valorizar a literacia religiosa dos alunos, o que na PES se concretizou através da lecionação da UL4 «A paz universal». Ensinar sobre as religiões, através da paz, poderá, neste sentido, constituir um fator facilitador para a desmistificação de crenças (que poderão estar deturpadas). Uma vez que são essas crenças deturpadas – crenças disfuncionais – que, regra geral, estão na origem de muitos comportamentos relacionados com a intolerância religiosa, desmistificá-las promovendo o diálogo inter-religioso, revela-se um caminho válido e legítimo nesta UL4.

---

<sup>82</sup> Cristina Sá Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral catequética*, n.º 31-32 (2015): 38.

<sup>83</sup> Apesar de ser importante o professor de qualquer área curricular disciplinar ter em conta a motivação intrínseca e extrínseca dos seus alunos, numa disciplina de carácter facultativo, desta motivação depende a matrícula dos alunos, o que deverá merecer a atenção especial do docente de EMRC.

## 1. A condição juvenil

O que caracteriza a nossa sociedade não é a indiferença crente [...] é o facto da crença escapar muito largamente ao controlo do que fazem as grandes Igrejas e instituições religiosas.<sup>84</sup>

Refletir sobre a condição juvenil à luz dos tempos contemporâneos, não poderá fazer-se sem retomar, ainda que de forma superficial, os conceitos de laicização e secularização. Se o termo laicização identifica as grandes mudanças que habitaram as sociedades marcadas pela história do cristianismo a partir do século XVIII, em que se consolidou a separação entre Igreja e Estado, o termo secularização descreve os aspetos globalmente culturais desse processo de mudança, segundo o qual valores e significações passaram a ser cada vez mais plurais, abertas e não dependentes das questões religiosas. Neste sentido, «a religião já não se explica socialmente apenas a partir da lógica de uma herança recebida tornando-se objeto de uma escolha num amplo campo de ofertas».<sup>85</sup>

Ao contrário do que alguns teólogos do secularismo defendiam, que a partir de meados do séc. XX a religião iria desaparecer, atualmente o que se verifica é que a busca pelo transcendente permanece. No entanto, o modo como as pessoas, em geral, e os jovens, em particular, se comportam em relação à religião é hoje muito distinto, numa posição mais marcada pela rutura e inovação, do que pela transmissão e herança. O que atualmente se distingue mais das décadas precedentes, é o desaparecimento do controlo das instituições religiosas sobre os crentes, as quais nem sempre souberam ouvir e dar resposta às questões desta nova sociedade plural emergente. Como nos diz Simão Leitão:

A tese de secularização fundamentada na noção de perda tem sido substituída por uma perspectiva que assenta na noção de recomposição do campo religioso. Neste contexto a sociologia, bem como o pensamento teológico, tem procurado compreender o lugar do sistema religioso institucional nas sociedades modernas contemporâneas (cf. entre outros Moisés e Espírito Santo, 2002; António Teixeira Fernandes, 2001; Herbert Haag, 2001; Dimas de Almeida e Alfredo Teixeira, 2000; Helena Vilaça, 1997 e Peter Berger, 1990).<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> Danièle Hervieu-Léger, *O peregrino* (Lisboa: Gradiva, 2005), 49.

<sup>85</sup> Barros, Teixeira e Guerra, *Religião: diversidade e encontro*, 34.

<sup>86</sup> Simão Leitão, «A(s) Igreja(s) face ao processo de recomposição do religioso: Práticas e representações de jovens vinculados à estrutura da Igreja Católica-romana», *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, n.º 12 (2007): 29.

A condição de hoje, de se ser jovem,<sup>87</sup> face ao exposto, implica aceitar um complexo e diversificado conjunto de mudanças da trajetória de socialização religiosa, com menos aceitação sem questionamento, e mais experiência pessoal e um olhar crítico sobre a realidade circundante. A valorização da liberdade individual, em detrimento da autoridade e tradição, abriu portas para a privatização do religioso, contexto no qual se vive a religiosidade numa esfera mais privada e individual, do que pública e comunitária, possibilitando o crer sem praticar ou crer sem desenvolver um sentimento de pertença a uma determinada religião, em particular. A propósito, refere Alfredo Teixeira, que o

[...] eixo do pluralismo tem assim, uma particular relação com a valorização da identidade pessoal em detrimento de formas de vinculação coletiva. A sociologia da religião no final do século XX, comentou amplamente o fenómeno da recomposição individual do crer. Entre os traços próprios de uma ultraurbanidade encontra-se a nova primazia dos atores, em detrimento da sua inscrição num território coletivo. A posição dos indivíduos na hierarquização social é, agora, relativizada pelo capital próprio das diferentes redes sociais.<sup>88</sup>

### 1.1. Crenças e valores

Ser jovem na sociedade atual, significa descender de gerações, naturalmente distintas na sua forma de ver e estar no mundo, com uma definição diferente de crenças e hierarquização de valores, quer das gerações precedentes quer, inevitavelmente, das futuras. Apesar disso, alguns valores permanecem intocáveis. Por exemplo, se na geração dos *baby-boomers* se assume que estes «são os filhos do pós-guerra, que romperam padrões e lutaram pela paz»<sup>89</sup> atualmente, das «três grandes causas invocadas pelos jovens europeus, que os levariam a mudar de vida (destacam-se): a construção da paz no mundo, a protecção do meio ambiente e os direitos humanos»<sup>90</sup>. Se analisarmos com algum detalhe e rigor, apesar das diferenças sociais, dados como estes podem levar-nos a assumir que, alguns valores permanecem mais ou menos intocáveis e estão diretamente ligados à UL4 «A paz universal».

---

<sup>87</sup> Para este trabalho, entenda-se o conceito de *ser jovem*, associado a uma fase do desenvolvimento humano muito concreta: a adolescência, o que corresponde à faixa etária dos alunos da turma PES – 7º ano (3º ciclo).

<sup>88</sup> Alfredo Teixeira, *Religião na sociedade portuguesa* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019), 33.

<sup>89</sup> Solange Rodrigues, «A busca espiritual da geração Y», *Revista do Instituto Humanitas Unisinos* 361 (2011): 5.

<sup>90</sup> Eduardo Duque, *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga* (Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude, 2007), 100.

Se nas décadas anteriores, ser jovem significou procurar um trabalho para a vida e constituir família, hoje os jovens descobrem o mundo, exercem funções distintas em diferentes organizações e saem da casa dos pais mais tardiamente, muitas vezes para viverem sozinhos. As novas tecnologias também marcam os jovens de hoje, num mundo globalizados em que, pelo menos virtualmente, podem estar *quando* e *onde* quiserem, à distância de um clique, o que leva a crer que a utilização das novas tecnologias em sala de aula, quanto baste, revelar-se-á uma estratégia apelativa e útil.

Estes teenagers são, igualmente, multitarefas, podem usar – e usam – simultaneamente vários itens de conteúdo e comunicação (TV, computador, celular, iPod). Mas com o fenómeno da convergência, eles tenderão a se expressar pelas telas dos tablets. Eles são um tanto egocêntricos e autocentrados, um tanto exibicionistas e encontram nas redes sociais sua possibilidade de viver uma cultura de microcelebridades.<sup>91</sup>

Este é, portanto, um mundo cheio de estímulos, onde muitas vezes os jovens não encontram contextos de interioridade, tranquilidade e paz interior<sup>92</sup>, em que crescem “apenas” com o objetivo de ser feliz – com toda a subjetividade que isso implica, mas que não lhes foi explicada - o que pode levar a que se desenvolvam num certo individualismo e insatisfação constantes.

41

Para falar dos jovens de hoje, temos de falar um pouco sobre quem são os pais desta geração. A ansiedade deles está ligada ao tipo de educação que os pais deram [...]. Quando perguntamos a alguns pais o que eles querem que os filhos sejam, respondem que desejam a felicidade, que se realizem [...]. Ser feliz é genérico, não diz nada. [...] Esses pais não dizem absolutamente nada para seus filhos, ao contrário da geração anterior, que transmitia uma visão sólida que orientava em uma direção, embora os filhos optassem, às vezes, por outros caminhos. Os pais desta geração colocam os filhos em uma injunção de gozo da vida, ou seja, como eles não têm nada para transmitir, resta ter.<sup>93</sup>

Este *ter*, em detrimento do *ser* de que nos fala Solange Rodrigues, implica, não raras vezes que os jovens, numa visão mais objetiva e mensurável, partam de uma racionalidade mais científico-técnica a que muitos autores chamam de *racionalidade funcional* e, «deste modo, não é de estranhar que a sociedade e a cultura sejam reprimidas pelas dimensões humanas dadoras

---

<sup>91</sup> Rodrigues, «A busca espiritual da geração Y», 10.

<sup>92</sup> A aula n.º 3 da ULA, procurou desenvolver estes conceitos.

<sup>93</sup> Rodrigues, «A busca espiritual da geração Y», 13.

de sentido».<sup>94</sup> O que supõe a racionalidade lógica e empírica das ciências exatas, nem sempre responde às questões relativas ao sentido da vida e por isso mesmo, neste contexto, a EMRC poderá ter um papel decisivo, fundamental e diferenciador.

## 1.2. Os jovens e a Religião

Emerge um novo modo de “religação” entre o humano e o divino a partir de processos sociossimbólicos, o que complexifica o papel da religião em tempos de conexões digitais.<sup>95</sup>

Apesar de se criarem contextos menos propícios para o desenvolvimento de uma certa interioridade, os jovens não deixaram de procurar o transcendente, continuando a haver uma busca pelo Sagrado. A procura de significações para o mundo que os rodeia é a mesma – ou talvez, ainda maior – do que nas gerações precedentes e, nesta medida, «o religioso – queira-se ou não se queira admitir - está entranhado no mais profundo do humano.»<sup>96</sup>

Os jovens de hoje, «parecem preocupados com a ética e a verdade. Não estão preocupados com o que se diz, mas com o que se faz»<sup>97</sup> e talvez por isso se tenham afastado dos contextos onde se vive a Religião de uma forma mais institucional.

42

Uma Religião imposta de fora, que não faça sentido em termos de motivação intrínseca, que não responda às questões atuais dos jovens e que não lhes seja próxima, não terá significado nem será valorizada na perspetiva de um jovem contemporâneo. Em linha com esta necessidade premente, diz-nos o Papa Francisco, no compromisso n.º 2 do PEG, que urge «ouvir as gerações mais novas Escutar a voz das crianças, dos adolescentes e jovens para juntos construir um futuro de justiça e de paz, uma vida digna para cada pessoa.»<sup>98</sup>

Se atendermos ao contexto português, o que importa analisar com mais detalhe no presente relatório, verifica-se que a população católica tem decrescido nas últimas décadas e que os jovens católicos portugueses representavam 12%, do total de 72% da população católica portuguesa, em 2014<sup>99</sup>. A maioria admite que não frequenta os serviços religiosos de forma assídua, nem se dedica a práticas de oração, eclesialmente instituídas. Na busca constante de

---

<sup>94</sup> Jürgen Habermas, citado por Duque, *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*, 27.

<sup>95</sup> Moisés Sbardelotto, «Da religião à reconexão: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de midiatização digital», *Revista do Instituto Humanitas Unisinos* 2, n.º 4 (2018): 71.

<sup>96</sup> Armindo dos Santos Vaz, *Criação divina sem pecado humano. Uma história com sentido: Génesis 2-3* (Prior velho: Paulinas Editora, 2019), 45.

<sup>97</sup> Rodrigues, «A busca espiritual da geração Y», 13.

<sup>98</sup> «Pacto Educativo Global», 11.

<sup>99</sup> Cf. Eduardo Duque e José Durán Vázquez, «Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português», *Revista Cultura & Religión*, n. 2 (2020): 21.

uma resposta que lhes faça sentido, procuram nas várias religiões, pontos de identificação, o que faz emergir o processo de *reconstrução religiosa* ou *religiosidade bricolage*. São jovens que, portanto, não abrem mão do direito de crer, mas que não se identificam com um pleno sentimento de pertença a uma religião, em particular.<sup>100</sup>

Num estudo intitulado «Os jovens e a vida consagrada»,<sup>101</sup> apenas 8% dos jovens admite simpatizar com a Igreja (enquanto instituição), mas 39% nutre um elevado grau de simpatia relativamente ao Papa Francisco<sup>102</sup> que como referido no primeiro capítulo, é um Papa que se tem destacado na promoção da paz e do bem comum, valores e princípios com os quais os jovens se identificam. Estes pedem à Igreja mudanças urgentes: que lhes proporcione espaços de maior participação e responsabilidade, que lhes mostre modelos de orientação, referências de fé a seguir, que use uma linguagem mais próxima, que os deixe colocar as suas dúvidas sem receios, que os aceite tal como são, sem preconceitos, em suma, uma Igreja aberta aos problemas atuais como, por exemplo, descenderem de famílias desestruturadas, o que tem vindo a ser característica comum, nas turmas com as quais trabalhamos.

A Igreja Católica, ao longo do tempo, tentou se aproximar, captar e responder a esses “sinais dos tempos” comunicacionais. Dois grandes marcos históricos, nesse sentido, foram a entrada do então Papa Bento XVI no *Twitter*, em 2012, com a criação das diversas contas @Pontifex e, em 2016, com o ingresso do Papa Francisco no *Instagram*, com sua conta @Franciscus.<sup>103</sup>

Num artigo já citado neste trabalho, de Eduardo Duque e José Durán Vázquez, é-nos transmitida a leitura que algumas dioceses portuguesas fazem, a propósito de quem são os jovens de hoje e as formas que a Igreja tem encontrado (ou não) para aproximar-se deles. Apesar da Diocese do Funchal<sup>104</sup> não ter feito parte desse estudo, partindo do princípio de que há linhas convergentes no que toca à caracterização dos jovens, independentemente de serem de Portugal continental ou das ilhas, importa referir que algumas dioceses indicaram que esta geração vive num certo individualismo e que os jovens estão demasiado dependentes das relações virtuais. Acrescentam ainda que estes apresentam uma fraca participação na vida paroquial e que não procuram o aprofundamento da sua vida espiritual, estando focados na vida académica e

---

<sup>100</sup> Estes dados fundamentam e legitimam a opção de terem sido convidados representantes dos diversos credos, para a aula 8 da UL4.

<sup>101</sup> Amostra de 1763 jovens portugueses, entre os 18 e os 34 anos. O estudo pretendeu investigar como os jovens adultos portugueses veem a Igreja Católica.

<sup>102</sup> Ipsos APEME, «A pastoral vocacional. Uma gramática para a proximidade», acedido a 28 de junho de 2022, [Os jovens e a vida consagrada.pdf](#).

<sup>103</sup> Sbardelotto, «Da religião à reconexão: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de midiatização digital», 76.

<sup>104</sup> Relembramos, a propósito, que esta PES se desenvolveu numa Escola da RAM (Diocese do Funchal).

profissional, faltando-lhes uma educação religiosa, de base familiar, que valorize o papel da Igreja.<sup>105</sup>

Na perspetiva de outras, defende-se que há que procurar contextos fora do âmbito eclesial, onde se juntam os jovens, para que se crie a oportunidade de (re)ligá-los à Igreja uma vez que esta «não pode deixar de procurar mecanismos para os acompanhar e integrar. As linguagens, experiências e propostas com que um jovem se confronta atualmente são muito aliciantes e, por isso, a Igreja tem um desafio exigente que não pode desvalorizar, caso contrário, os jovens deixam de se rever nela e nas suas propostas».<sup>106</sup>

Se nos apoiarmos na iniciativa do Papa emérito Bento XVI e do Papa Francisco, que aderiram ao mundo das redes sociais, como vimos anteriormente, encontramos exemplos de um caminho a seguir, na medida em que se aproximam dos jovens, não só por terem aderido a essas redes para evangelizar, mas também pela linguagem mais próxima usada, quando tentam responder às grandes inquietações dos jovens, na atualidade. Na exortação apostólica «Cristo Vive», dedicada aos jovens, o Papa Francisco refere que:

A pastoral juvenil só pode ser sinodal, ou seja, capaz de dar forma a um «caminhar juntos» que implica «a valorização – através dum dinamismo de corresponsabilidade – dos carismas que o Espírito dá a cada um dos membros [da Igreja], de acordo com a respetiva vocação e missão. [...] Animados por este espírito, poderemos avançar para uma Igreja participativa e corresponsável, capaz de valorizar a riqueza da variedade que a compõe, acolhendo com gratidão também a contribuição dos fiéis leigos, incluindo jovens e mulheres, a da vida consagrada feminina e masculina e a de grupos, associações e movimentos. Ninguém deve ser colocado nem deixado colocar-se de lado.»<sup>107</sup>

44

Deste modo, nestas palavras do Papa Francisco, expressa-se a abertura para o diálogo, sem preconceito, que os jovens tanto têm pedido à Igreja, postura que nem sempre é acompanhada pelas figuras que os acompanham na vida paroquial (quando existe). A propósito, apesar do referido anteriormente, de que 39% dos jovens nutre um elevado grau de simpatia relativamente ao Papa Francisco, importa acrescentar que esse grau de simpatia desce significativamente (para 5%) quando interpelados sobre o grau de simpatia que nutrem,

---

<sup>105</sup> Cf. Duque e Vázquez, «Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português», 25.

<sup>106</sup> Duque e Vázquez, 27.

<sup>107</sup> Papa Francisco, «Exortação apostólica *Cristo Vive*», acedido a 2 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html#A\\_PASTORAL\\_DOS\\_JOVENS](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html#A_PASTORAL_DOS_JOVENS) .

relativamente aos homens e mulheres que assumiram a vida consagrada como vocação. Daqui depreende-se que há um longo trabalho a fazer, com quem, no dia a dia das vidas comunitárias paroquiais, estabelece relação direta com os jovens.

Num outro estudo levado a cabo por Eduardo Duque, entre as razões que levam os jovens a praticar ou não a religião, destacam-se para «os que praticam [...] como razões primárias da sua prática religiosa, a herança religiosa familiar, a fé e a paz da consciência»<sup>108</sup> o que mais à frente, no mesmo estudo se define, enquanto categoria de análise, como «Conforto espiritual e paz de consciência»<sup>109</sup>. Deste modo, estabelece-se uma ponte inequívoca entre os dois conceitos. Ora, esta paz de consciência pode, entre outras vias, ser encontrada em práticas de itinerários pedagógicos da EMRC, em concreto, através da UL4 «A paz universal» que não deve ignorar que a paz começa no coração de cada um e nos diversos micro contextos em que os alunos se inserem.

Os dados deste estudo, são corroborados se atendermos aos resultados que incluem amostras além de Portugal, que indicam que «as três grandes causas invocadas pelos jovens europeus, entre 1987 e 1990, que os levariam a mudar de vida foram: a construção da paz no mundo, a protecção do meio ambiente e os direitos humanos».<sup>110</sup> Ou seja, é de se salientar que a paz foi escolhida como o primeiro motivo, tanto pelos jovens de Braga como pelos europeus, o que nos permite antever que se este valor for promovido no contexto das aulas de EMRC, os jovens compreenderão que há algo que muito valorizam e que os une à Igreja e que não existe apenas algo que os separa, abrindo-se uma forte possibilidade de identificação e pertença ao fenómeno religioso.

Quando um jovem se identifica com o contexto, conteúdo e ambiente em que as aprendizagens decorrem – dentro e/ou fora da sala de aula - estão reunidas as condições para (re)ligá-lo ao que, à partida, estaria desconectado.

Com a intenção de encontrar momentos que apelem à introspeção, enquanto via de trabalho para o desenvolvimento espiritual juvenil, a unidade letiva lecionada no 7º ano de escolaridade, designada «A paz universal» poderá revelar-se um excelente palco de atuação.

Enquanto docente de EMRC tentei neste ano letivo, promover uma aula onde se minimizaram os estímulos exteriores e em que os alunos, perante uma vela acesa, ouviram a mensagem do «Dia mundial da paz», de 2022. Apesar de se identificarem com o conteúdo da mensagem, uma vez que estão habituados a um mundo repleto de estímulos, apercebi-me que tiveram dificuldade em estabelecer consigo, um momento de encontro e introspeção, pelo que

---

<sup>108</sup> Duque, *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*, 67.

<sup>109</sup> Duque, 68.

<sup>110</sup> Duque, 100.

julgo que este tipo de práticas deveria ser disseminado em mais aulas, no sentido de permitir ao jovem, contextos de encontro intrapessoal, na busca da sua paz interior.

### 1.3. (Re)ligar por via *do conforto espiritual e a paz de consciência*

Tendo por base os estudos analisados anteriormente e na perspetiva de uma ecologia integral que a Igreja defende, mas que por vezes não se dá a conhecer aos jovens de uma forma explícita, revela-se um caminho plausível e promissor, encontrar dinâmicas - nas aulas de EMRC, em geral, e nesta UL, em particular - que explorem o facto de os jovens se identificarem: com a promoção da paz, com práticas que implicam a justiça e a justa distribuição dos meios e bens, com as preocupações que verbalizam ter em relação ao outro e ao meio ambiente. Deste modo, o caminho de uma Igreja que se dê a conhecer através de valores que os jovens têm para si, como importantes, é insubstituível<sup>111</sup>.

Vivemos numa sociedade estranhamente acelerada, ditados por um quotidiano frenético e onde o *stress* nocivo se enraizou de forma assustadora [...]. Esquecemo-nos da beleza transcendental da natureza que nos rodeia e que existe em todos nós [...]. Este nefasto *modus vivendi*, não só se fixou densamente, como também se transmite transgeracionalmente [...]. Cultivar a atenção plena na educação será, indubitavelmente, a melhor forma de preparar o futuro [...].<sup>112</sup>

46

Da reflexão feita até aqui, dado que os jovens reivindicam a necessidade de encontrar espaços para o desenvolvimento do *conforto espiritual* e da *paz de consciência*, fará sentido destinarmos momentos, nas aulas de EMRC, para envolver os alunos em práticas que podem considerar, por desconhecimento, completamente à margem da Igreja? Fará sentido promover situações pedagogicamente controladas de promoção da paz interior, de contemplação e encontro consigo próprio?

Diz-nos Vanda Perestrelo, que o uso destas técnicas pedagógicas promove uma «uma educação integral, que tem em atenção a forma como as inteligências múltiplas se desdobram nas diferentes dimensões do ser: corporal, emocional, mental, social, estético, ecológico e espiritual».<sup>113</sup> Atendendo às vantagens que estas práticas têm vindo a evidenciar, não será descabido considerarmos que, em momentos de interioridade, com os estímulos extrínsecos

---

<sup>111</sup> As aulas que desafiaram os alunos a colaborar com a CVP e com a Cáritas Diocesana do Funchal, partiram desta fundamentação.

<sup>112</sup> Vanda Perestrelo, *Mindfulness na educação* (Lisboa: Edições Mahatma, 2015), 11.

<sup>113</sup> Perestrelo, 15.

minimizados, onde os níveis de *stress* e ansiedade são irrisórios, haverá maior espaço para o encontro connosco e com o transcendente.

Este princípio parece corroborado pelo Santo Padre, quando na exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit* pede para que «Não se subestimem os jovens como se fossem incapazes de abrir-se a propostas contemplativas; basta encontrar os estilos e modalidades adequados para os ajudar a entrar nesta experiência de tão alto valor»<sup>114</sup> e, neste sentido, parece adequado e promissor fazê-lo nas aulas de EMRC, em práticas pedagógicas a replicar, mais ainda numa unidade letiva que tem como principal construto, a paz.

Para finalizar, princípios como o amor ao próximo e a promoção da paz, alcançam-se também por esta via, onde os alunos podem interiorizar princípios como «Eu vou desenvolver a compreensão para poder estar em paz com todos na sala de aula»,<sup>115</sup> o que se traduzirá, por exemplo, segundo Vanda Perestrelo, na «melhoria das relações interpessoais entre os alunos: aumento da compaixão»<sup>116</sup> premissas que a Igreja defende.

## 2. A importância da Literacia Religiosa Juvenil

A Religião é a resposta do ser humano à interpelação do Absoluto. [...] apresentam um caminho de libertação interior e oferece um conjunto de respostas e metas que procuram dar sentido à existência e ao agir humanos. Conhecer as várias religiões é abrir-se à fascinante descoberta do mistério e da beleza, do heroísmo e da radicalidade, da verdade e da simplicidade. Como cada família, também cada religião tem as suas características próprias, a sua maneira de ser e os seus costumes.<sup>117</sup>

Segundo Marie McAndrew, citada por Alfredo Teixeira, temos vindo a assistir a uma certa perda de identidade cultural, no contexto dos fluxos migratórios que tem caracterizado o mundo globalizado, em geral. Esta realidade leva a que os indivíduos tenham deixado de reconhecer-se, de distinguir-se, havendo défice das representações coletivas, nas sociedades secularizadas. Daqui decorre um conjunto de argumentos que sustentam a necessidade de se apelar ao estudo das religiões «na convicção de esse conhecimento vai poder gerar

---

<sup>114</sup> Papa Francisco, «Exortação apostólica *Cristo Vive*», 224.

<sup>115</sup> Perestrelo, *Mindfulness na educação*, 29.

<sup>116</sup> Perestrelo, 22.

<sup>117</sup> SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 41.

competências específicas para a gestão da interculturalidade e contextos favoráveis de integração das minorias e das comunidades imigrantes»<sup>118</sup>.

Defendendo a mesma posição, a propósito da importância de se desenvolver a literacia religiosa juvenil, Régis Debray, citado por Alfredo Teixeira,

fazia uma síntese da argumentação que sustentava a necessidade de introduzir no sistema de ensino uma forma organizada de acesso, para os alunos da «república», ao universo das expressões religiosas, a necessidade de estudar as religiões decorre da evidência de que não é possível ler muitas das produções culturais das sociedades – pensamento, arte, modos de vida, representações sociais, etc. – sem o conhecimento dos códigos religiosos.<sup>119</sup>

Assim, conhecer as religiões predominantes do seu contexto sociocultural, poderá revelar-se um fator facilitador para o aluno desenvolver empatia face ao outro, face ao que é diferente e assimilar a sua própria realidade e identidade. De forma inata, como se de um mecanismo de defesa se tratasse, nenhum ser humano, aceita e compreende, o que desconhece. Com base neste pressuposto, os dados que se seguem contemplam indicadores que contribuíram para a definição da abordagem das diversas religiões aos alunos da turma PES, bem como a definição de algumas dinâmicas implementadas nas aulas da ULA, «A paz universal».

48

Segundo um estudo de 2012<sup>120</sup> sob a coordenação de Alfredo Teixeira, 88% da população madeirense, identifica-se, quanto à religião, como católica. Apesar de ser uma minoria, há a considerar que 4% autointitula-se como «crente sem religião», 4% como ateu, 2% evangélico e 1% como indiferente. Ainda que nenhum respondente se tenha identificado como crente de outras tradições religiosas (que não a cristã), nos Açores, apesar de residual, 0,7% da amostra referiu sê-lo.<sup>121</sup>

Complementarmente a estes resultados, pela maior representatividade da amostra, recorreu-se aos dados do INE para uma perceção mais fidedigna das identidades religiosas na

---

<sup>118</sup> Alfredo Teixeira, «Transmissão religiosa, mediações culturais e dinâmicas educativas. Escola, património religioso e transmissão cultural: contextos argumentativos, atores e cenários». Material disponibilizado no âmbito da Unidade Curricular *Património religioso e transmissão cultural*, 126. Ano letivo: 2019/2020.

<sup>119</sup> Teixeira, «Transmissão religiosa, mediações culturais e dinâmicas educativas», 133.

<sup>120</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas – regiões autónomas», acessado a 6 de julho de 2022, [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/34932/1/Regi\\_es\\_aut\\_nomas\\_Identidades\\_religiosas\\_em\\_Portugal\\_2012\\_.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/34932/1/Regi_es_aut_nomas_Identidades_religiosas_em_Portugal_2012_.pdf).

<sup>121</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas – regiões autónomas».

Região Autónoma da Madeira, tendo em conta os dados mais recentes disponíveis - censos de 2021 - os quais constam da tabela seguinte.

	<b>Região Autónoma da Madeira</b>
<b>Cristão católico</b>	203 483 <b>90,93%</b>
Cristão ortodoxo	660 <b>0,30%</b>
Cristão protestante	1 017 <b>0,45%</b>
Outra Cristã	2 611 <b>1,17%</b>
<b>Judaica</b>	46 <b>0,02%</b>
Muçulmana	167 <b>0,08%</b>
Outra não cristã	420 <b>0,18%</b>
Sem religião	5 588 <b>2,50%</b>
Não resposta	9 781 4,37%
Total	223 773 <b>100%</b>

Tabela 4 - Identidades religiosas na RAM – Fonte: PORDATA censos 2021.

Tendo em conta o objetivo de promover a literacia religiosa dos alunos, não só, mas também, através da presença dos representantes de vários credos numa das aulas da UL4, face aos dados, tornou-se evidente de que seria relativamente fácil e pertinente trazer à escola um cristão católico e que, dificilmente, teríamos em aula alguém representativo da comunidade judaica da ilha da Madeira, dada a sua residual representatividade. Os esforços por comunicar com a comunidade islâmica fizeram sentido e, quanto aos representantes da categoria «outra não cristã» o desafio passou por contactar as comunidades budista e a hinduísta da ilha, donde resultou a concretização da aula n.º 8, da UL 4, onde estiveram representados: católico, muçulmano, budista e hinduísta, num diálogo aberto e que enriqueceu as aprendizagens dos alunos, sobre as religiões.<sup>122</sup>

Desde o início da PES foi importante delimitar muito bem que o objetivo consistia em promover a literacia religiosa tendo como ponto de partida a UL4, ou seja, por via da «Paz universal» e não a partir da UL2 «As religiões». Assim, foi importante definir um itinerário

<sup>122</sup> Esta atividade, de forma mais detalhada, consta do capítulo 3, deste relatório final da PES.

pedagógico que incluísse estes praticantes de diversos credos para a partilha das suas diversas experiências face ao religioso, explicitamente sobre o modo como consideram que as suas religiões promovem (ou não) a paz.

Experiências deste género, possibilitam que os alunos aprendam sobre as religiões na primeira pessoa, complementarmente à exposição de conteúdos que ocorre no contexto da sala de aula e abre a oportunidade de os mesmos questionarem sobre realidades que o professor da disciplina não pode expressar, por experiência pessoal, o que enriquece o contexto de ensino-aprendizagem. Além disso, são também dinâmicas de extrema relevância no quadro atual de recomposição do religioso e da tendencial religiosidade *bricolage*, contextos nos quais os alunos acedem a conteúdos sobre as diversas religiões, através de meios que nem sempre filtram informações verídicas, das deturpadas ou descontextualizadas. Deste modo, justifica-se a necessidade de, em sala de aula, trazer para debate outras realidades diferentes das que os alunos se inserem, por tradição.

## 2.1. Crenças (dis)funcionais sobre as Religiões

Tendo em conta a rúbrica «tradições religiosas ao serviço da paz?» explanada no primeiro capítulo, bem como todas as reflexões relativas às diversas tradições religiosas, fruto do pluralismo religioso das sociedades secularizadas, das quais fazem parte os nossos alunos, importa agora perceber que ideias pré-concebidas estes terão, e que poderão obstar à perceção de que «todas as religiões defendem princípios e valores éticos conducentes à paz».<sup>123</sup>

Neste contexto, sem ser ambição deste trabalho uma definição exaustiva sobre o conceito de *crença*, à luz da área da psicologia, importa definir a pertinência do conceito neste trabalho. Como sabemos, ao longo do desenvolvimento humano, fruto das experiências de vida dos sujeitos e das suas experiências precoces, cada ser humano desenvolve um sistema de valores e crenças que o norteiam na sua visão de si, do outro e do mundo. Essas crenças, constituem aquilo em que acredita, as quais resultam, substancialmente, do que lhe é transmitido, socialmente, por parte dos adultos significativos, mas também por via de outros estímulos a que está sujeito, exemplo disso, a influência dos meios de comunicação social. As crenças são funcionais, quando possibilitam ao indivíduo uma leitura ajustada dos acontecimentos e comportamentos dos que o rodeiam, quando possibilitam que tenha comportamentos, também eles ajustados, através de uma leitura não distorcida da realidade circundante. Mas aquilo em que os indivíduos acreditam, pode tornar-se disfuncional, se se

---

<sup>123</sup> SNEC, *Manual do aluno - 7º*, 148.

basear em crenças – ideias preconcebidas – estereotipadas, preconceituosas e deturpadas de si, do outro e do mundo.

O presente relatório inclui, neste sentido, o desafio que definimos no início da PES, que consistiu em auscultar se os alunos têm esse tipo de crenças disfuncionais, as quais orientam a sua forma de ser, estar e agir, e que poderão não ser uma leitura funcional da realidade, se se apoiar em crenças disfuncionais.<sup>124</sup> Tomemos como exemplo um aluno católico, que ouviu um familiar significativo referir que «os muçulmanos são extremistas, que não são promotores de paz», com base nos atentados do 11 de setembro. Este aluno, muito provavelmente, desenvolverá a crença de que «todos os muçulmanos são radicais extremistas» e, um dia, esta crença pode torna-se disfuncional se vier a trabalhar com um muçulmano, pois qualquer ato que este tenha, poderá ser interpretado, erradamente - leitura distorcida dos acontecimentos – levando a uma resposta disfuncional – e muito provavelmente, agressiva. Do mesmo modo, um aluno que ouça, nas aulas de história, sobre a morte, repressão e humilhação a que foram sujeitos milhões de judeus, nos tempos do holocausto, poderá enraizar a crença de que, a partir da 2ª guerra mundial, gerou-se uma revolta tão grande no seio da comunidade judaica, que esta jamais voltou a ser considerada uma comunidade pacífica. Mais tarde, perante um judeu, poderá vir a assumir uma postura disfuncional, tendo em conta essa crença.

51

Através desta UL4 «A Paz Universal», como será referido no capítulo 3, procurámos aferir que crenças têm os alunos sobre as religiões e, caso elas sejam disfuncionais, se houve ou não desmistificação dessas crenças, após a lecionação da Unidade, o que será abordado, mais à frente, na rúbrica «hipóteses de investigação».

## 2.2. A paz e o diálogo inter-religioso para a desmistificação de crenças disfuncionais

Não há paz mundial sem paz entre as religiões; não há paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões.<sup>125</sup>

Se há um valor ético comum às Religiões, é a promoção da paz. Apesar disso, basta olhar de relance a História para nos apercebermos de quantas vezes a religião andou de mãos dadas com a guerra. E hoje, como sempre, ela encontra-se conotada com inúmeras situações de conflito. Rara é a semana em que não se ouve falar de violências ou ameaças à

---

<sup>124</sup> Cf. Daniel Rijo et al., *Gerar Percursos Sociais*, (Ponta Delgada: Equal, 2007), 12.

<sup>125</sup> Amaladoss, «Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo», 39.

tranquilidade pública provindas deste ou daquele grupo fundamentalista  
- hindu, judeu, cristão ou islâmico.<sup>126</sup>

Se atendermos às citações que introduzem este ponto do segundo capítulo, percebemos que as religiões, desde sempre, foram entendidas de forma ambígua, por um lado, enquanto caminho para o estabelecimento de pontes e diálogo, por outro, como mote para inúmeras guerras, desde os primórdios, o que foi explorado neste relatório, na rubrica «Tradições religiosas ao serviço da paz?». Independentemente das posições que se possam assumir, certo é que quaisquer que sejam as crenças que os alunos têm relativamente às diferentes tradições religiosas, estes devem ter a oportunidade de refletir sobre essas crenças por forma a abrir possibilidades de diálogo empático e conhecimentos com base em fontes fidedignas. Qualquer crença disfuncional que um aluno possa ter relativamente a uma religião é através da literacia religiosa referida anteriormente, e através da promoção do diálogo entre as diferentes posições, que encontrar-se-á, através da paz, pontes de convergência, de tolerância e de aceitação.

A propósito, tendo em conta o PEG, diz-nos o Papa Francisco que assim

[...] é mais fácil encontrar a convergência global para uma educação que saiba fazer-se portadora duma aliança entre todos os componentes da pessoa [...].  
Uma aliança geradora de paz, justiça e aceitação entre todos os povos da família humana, bem como de diálogo entre as religiões.<sup>127</sup>

52

Deste modo, as divergências só serão superadas, e a verdadeira paz alcançada «quando são ultrapassadas as barreiras do ódio: quando o que se impõe é a convicção de que qualquer conflito futuro se resolverá apenas através do diálogo, sem dar hipótese à violência.»<sup>128</sup> Por este motivo revelou-se útil definir, na introdução da UL4 - na 2ª aula - a noção de conflito e as diversas estratégias de resolução dos mesmos, em que o diálogo se assume como palavra-chave. Se tempos houve em que o conflito era conotado negativamente, senti necessidade de partilhar com os alunos da turma PES que estamos a assistir à consolidação de uma mudança de paradigma, onde os conflitos passam a ser entendidos de uma forma positiva<sup>129</sup>. Nesta

---

<sup>126</sup> Peter Stilwell, «A religião, factor de conflito e potencial de paz», *Revista Nação e Defesa*, n.º 75 (1995): 59.

<sup>127</sup> «Pacto Educativo Global», 5.

<sup>128</sup> Antonio Spadaro, *Oltre il muro - Dialogo tra un musulmano, un rabbino e un cristiano*, trad. Maria Pernas (Lisboa: Paulinas editora, 2014), 94.

<sup>129</sup> Este conteúdo não contemplado no programa, de forma explicita, foi abordado na aula n.º 2 da UL4.

conceção, ao contrário da definição tradicional de conflito, que o entendia como algo que deveria ser eliminado ou evitado a todo o custo, segundo Lara Figueiredo,

na segunda metade do século XX, [entendeu-se] que o conflito é natural, espontâneo e inevitável [...] e, por isso, deve ser aceite e não evitado. Desta forma, o conflito pode não ser negativo (mau) mas também pode ser positivo pois pode ser necessário para a eficácia de um grupo ou organização, na medida em que se for devidamente orientado poderá provocar inovações e mudanças. Cavalcanti (2006, p. 21, citando Robbins, 2002) refere que esta visão começou por volta do final dos anos 1940 até meados dos anos de 1970 [...]. [Assim] o conflito não é necessariamente ruim, [...] tem potencial de ser uma força positiva para o desempenho do grupo, havendo ocasiões em que ele pode ser benéfico.<sup>130</sup>

Por conseguinte, à semelhança de outro qualquer conflito, as crenças que separam as religiões podem ser vistas como impulsionadoras de mudanças individuais e institucionais – coletivas – desde que assentem em debates cujo propósito seja encontrar soluções criativas para os problemas que estão na base dos conflitos. Esta é uma visão que rompe com a ideia tradicional de conflito e que, nessa medida, ainda encontra alguma resistência por parte da sociedade civil, mais ainda em esferas cujas diferenças se fizeram sentir durante séculos, como é o caso das diferentes religiões. Estimular o debate, satisfazer curiosidades, afastarmo-nos de generalizações e ideias pré-concebidas, permitirá uma visão sobre os conflitos religiosos, positiva e funcional, sendo um forte propulsor para a inovação, a criatividade e a mudança, o que é fundamental para o desenvolvimento dos grupos, em geral, e das religiões, em particular.<sup>131</sup>

53

Nos lugares pluriconfessionais, a senda da promoção da paz, por via do diálogo inter-religioso que, pelo exposto até aqui, desmistifica, necessariamente, crenças disfuncionais, é a única via possível, pois vários acontecimentos no espaço europeu contemporâneo provaram que não se encontram «os caminhos da pacificação através da afirmação musculada das identidades religiosas.»<sup>132</sup> Além disso «o diálogo inter-religioso é condição para a paz, mas ele pressupõe o conhecimento das religiões»<sup>133</sup> e, nesse sentido, há que encontrar – e diria até, criar - o espaço e oportunidade para esse conhecimento se concretizar nas sociedades contemporâneas.

---

<sup>130</sup> Cf. Lara Figueiredo, *A gestão de conflitos numa organização e consequente satisfação dos colaboradores* (Viseu: UCP, 2012), 31.

<sup>131</sup> Cf. Figueiredo, *A gestão de conflitos numa organização e consequente satisfação dos colaboradores*, 31-32.

<sup>132</sup> Teixeira, «Transmissão religiosa, mediações culturais e dinâmicas educativas», 124.

<sup>133</sup> Borges, *Religião e diálogo inter-religioso*, 97.

Um debate público que não abdique do fator religioso, independentemente da confissão religiosa, é uma conceção que foi tida em linha de conta no PEG, em que o Papa Francisco recupera a encíclica *Fratelli Tutti*, no seu capítulo VIII dedicado às «religiões ao serviço da fraternidade no mundo», no qual o Santo Padre refere expressamente que

As diferentes religiões, a partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada para ser filho ou filha de Deus, oferecem uma contribuição preciosa para a construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade (n. 271). [Neste contexto, todas teriam direito a serem ouvidas perante toda a sociedade civil e eclesial, num justo debate público pois] não é aceitável que apenas os poderosos e cientistas tenham voz no debate público. Deve haver um espaço de reflexão que proceda de um substrato religioso que reúne séculos de experiência e sabedoria (n. 275).<sup>134</sup>

Neste sentido, quanto mais os alunos estiverem envolvidos nestes debates públicos, mais esclarecidos e maior conhecimento sobre as religiões terão, o que, reforçamos, contribuirá significativamente para um mundo mais tolerante e com maior capacidade de aceitação - e não segregação.

Só um caminho de abertura, conhecimento e debate desmistificará crenças disfuncionais que obstam aos principais fundamentos da promoção da paz e do diálogo inter-religioso. Uma das crenças disfuncionais mais evidentes é de que «nem todas as religiões promovem a paz» ou pelo menos, não na mesma medida, o que carece de reflexão e debate, como veremos. Assim, a pergunta que se impõe é como fazer este caminho para guiar os nossos alunos através da UL4? Uma tentativa de resposta – que não ambiciona ser a única ou melhor, mas um caminho possível e que se revelou eficaz - é a que se segue, ao longo do terceiro capítulo.

---

<sup>134</sup> «Pacto Educativo Global», 21.

### **Capítulo 3 – A prática de Ensino Supervisionada**

Neste capítulo, apresenta-se a contextualização da PES, em geral, e da UL4 «A paz universal», em particular, bem como todo o processo inerente à prática letiva desde o enquadramento da escola e turma de estágio, às conclusões da PES, desta UL.

Em primeiro lugar, depois da exploração e fundamentação dos construtos da «paz» e do «bem comum» no primeiro capítulo e do conhecimento da população-alvo da PES, no segundo, neste, explorar-se-á a pertinência da UL4, enquanto contributo para a literacia religiosa dos alunos.

Seguidamente será analisado o potencial do ERE enquanto contributo para a promoção da paz e do bem comum. É no âmbito do ERE que se estabelece a ponte com a lecionação da EMRC e, concretamente, define-se o contexto educativo no qual se desenvolveu a PES, através da caracterização da escola e da turma, bem como a identificação das organizações que poderão ser contributo fundamental para a exploração do tema, ao longo das aulas. Conhecer a turma e a escola revela-se fundamental em qualquer prática letiva. Assim, para uma maior eficácia da lecionação de EMRC e de outras disciplinas, o professor deverá conhecer a escola e o contexto envolvente, tal como os alunos que integram esse meio. Este conhecimento permitirá ao docente a adequação da sua prática letiva como facilitador da aprendizagem. Destas considerações lançam-se as questões que se surgiram na preparação e desenvolvimento da PES sob o ponto «hipóteses de investigação».

Posteriormente, é feita referência aos diferentes momentos didáticos segundo os quais se desenvolveu a PES, o que constitui a metodologia utilizada, pelo que se apresentam as planificações de nível I, II, III e IV. A planificação de nível III – da UL4 - estará seguida dos procedimentos gerais de avaliação, que a escola definiu em CP e que foram utilizados na avaliação desta unidade. As planificações de nível IV – de aula - são 9, uma por cada aula lecionada e cada uma delas estará seguida do respetivo relatório de lecionação.

Seguir-se-á o tratamento dos dados recolhidos e interpretação e discussão dos mesmos, o que possibilitará algumas conclusões que se refletirão na sugestão de propostas didático-pedagógicas, que resultaram da aplicação dos inquéritos e, de um modo global, da experiência de lecionação da UL4.

## 1. Pertinência da Unidade Letiva 4 para a literacia religiosa

É neste quadro que se insere a necessidade da presença do estudo do religioso nas escolas públicas. Para superar a ignorância mútua também a irracionalidade e o fundamentalismo.<sup>135</sup>

A partir do momento em que [...] se ouve o outro é possível criar uma compreensão diferente entre grupos distintos. Para além disso, “[s]e todos os grupos religiosos em conflito têm identidades baseadas na fé, a religião tem o potencial de destacar valores comuns entre as partes em conflito” (Roislien & Harpviken, 2008: 364). Portanto, é possível dizer que a religião pode ter uma capacidade aglutinadora [promotora de paz].<sup>136</sup>

Um dos compromissos que o docente de EMRC deve assumir em geral, e nesta unidade letiva, em particular, é educar para a paz. Um requisito fundamental para que uma cultura ganhe validade e legitimidade é que defenda a dignidade da vida humana. Assim, é expectável que em todos os países do mundo, independentemente das suas raízes, se promova a paz e o bem comum, mas «quando uma cultura se fecha em si própria e procura perpetuar formas antiquadas de vida, recusando qualquer mudança e confronto com a verdade do Homem então ele torna-se estéril e entra em decadência»<sup>137</sup>. Neste contexto, esta UL propõe trabalhar com os alunos de uma forma crítica, em primeiro lugar o conceito de paz, enquanto construto universalmente validado, e seguidamente, situações de falência da paz em que o conflito e a não aceitação da perspectiva e visão do outro, geraram conflitos ao longo da história da humanidade.

No decorrer da UL foram muitas as notícias que invadiram as nossas casas dando conta do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, uma tensão que aumentou recentemente, mas que já se fazia sentir, sobretudo desde 2014. As nossas perceções de segurança, bem-estar e felicidade já estavam fragilizadas em virtude de 2 anos de pandemia o que, aliado à crise económica que dela resultou, deixou-nos com níveis extremos de exaustão emocional em todas as faixas etárias, mais ainda na faixa etária das crianças e jovens que, não raras vezes, têm dificuldades em exprimir, interpretar e assimilar, com sentido, as notícias que nos chegam, diariamente<sup>138</sup>. Os sentimentos de incerteza e angústia aumentaram exponencialmente e a aula de EMRC determina um espaço de oportunidade para os alunos partilharem as suas dúvidas, inquietações

<sup>135</sup> Anselmo Borges, «Religião, religiões e diálogo inter-religioso», *Revista Portuguesa de História*, n.º 40 (2008/2009): 37, [http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147\\_40\\_1](http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147_40_1).

<sup>136</sup> Isabel Bandeira, *O Papel da Religião na Resolução de Conflitos e Construção da Paz. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais - Estudos da paz, segurança e desenvolvimento apresentada à Faculdade de Economia* (Coimbra: s.ed., 2020), 16.

<sup>137</sup> Vaz, *João Paulo II: o compromisso pela paz*, 59.

<sup>138</sup> Cf. Ordem dos Psicólogos Portugueses, «Conversar sobre a guerra - perguntas e respostas para pais e cuidadores de crianças e jovens», acedido a 2 de abril de 2022, [https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/doc\\_perguntas\\_respostas\\_guerra.pdf](https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/doc_perguntas_respostas_guerra.pdf).

e encontrarem formas de serem construtores ativos da paz, com um olhar de otimismo e esperança compartilhadas.

Estas aulas são a oportunidade de os alunos interpretarem, com sentido, e de acordo com a sua faixa etária, que é diferente a forma como cada um de nós vive o impacto da guerra, em termos de sentimento de (in)segurança e gestão emocional. Assim, nestas aulas encontramos o contexto perfeito para os alunos aprenderem que é «na forma como respeitamos a diversidade e os direitos humanos, na forma como cuidamos de nós e dos outros em momentos de adversidade e na forma como nos envolvemos e mobilizamos para a resolução não-violenta de (eventuais) conflitos»<sup>139</sup> que nos tornamos verdadeiros construtores ativos da paz – o que não é, apenas e tão só, sinónimo de ausência de guerra. É neste contexto que vale a pena lembrar o documento conciliar *Gaudium et Spes*, quando na década de 60, o Papa Paulo VI referiu, explicitamente, que «a paz não é ausência de guerra, nem se reduz ao estabelecimento do equilíbrio entre as forças adversas, nem resulta de uma dominação despótica» em que existe a supremacia de um, relativamente ao outro. O documento acrescenta, a propósito da paz, que esta «nunca se alcança duma vez para sempre, antes deve estar constantemente a ser edificada» o que se espera motivador para ações diárias dos alunos através da partilha, nas aulas, de exemplos práticos de pessoas e instituições distinguidas pelas suas lutas em nome da paz, ao longo dos séculos.

57

No mesmo sentido,

esta paz não se pode alcançar na Terra a não ser que se assegure o bem das pessoas e que os homens compartilhem entre si, livre e confiadamente, as riquezas do seu espírito criador. Absolutamente necessárias para a edificação da paz, são ainda a vontade firme de respeitar a dignidade dos outros e povos e a prática assídua da fraternidade (GS 78).

Nesta unidade abre-se a oportunidade de o professor despertar no aluno a vontade de pôr em prática e valorizar formas pacíficas de resolver problemas e conflitos e que descubra o que pode fazer para ajudar a transformar o mundo num lugar melhor.

Pela imagem do Papa Francisco que tem conquistado tantos jovens espalhados pelo mundo «A paz Universal», enquanto itinerário pedagógico, pode ser um veículo de transmissão da mensagem do sumo pontífice que se dirige aos jovens pedindo que

Não tenham medo da vida, por favor! Tenham medo da morte, da morte da alma, da morte do futuro, do fecho do coração: tenham medo disso. Mas da

---

<sup>139</sup> OPP, «Conversar sobre a guerra - perguntas e respostas para pais e cuidadores de crianças e jovens».

vida, não: a vida é bela, a vida é para se viver, para a dar aos outros, a vida é para se partilhar com os outros, não para a encerrar, fechada em si mesma.<sup>140</sup>

Na senda da paz, um professor que se mostre humano, com as suas potencialidades e fragilidades, que já errou e foi perdoado, que foi ofendido e perdoou, que esteve ao serviço da promoção do bem comum colaborando, no meu caso, com instituições de ação humanitária, como a ACREDITAR e a CVP, criará a oportunidade de, através do seu exemplo, incentivar os alunos para esta construção ativa da paz que ambicionamos incutir.

Se recuperarmos a Carta Encíclica *Pacem in Terris*, datada de 1963, já se preconizava outro conteúdo potencial desta UL, a promoção do diálogo inter-religioso, pois vejamos «os encontros em vários setores de ordem temporal entre católicos e pessoas que não têm fé em Cristo ou têm-na de modo errôneo<sup>141</sup>, podem ser para esta ocasião o estímulo para chegarem à verdade» (PT 157). Corroborando esta ideia, diz-nos o Papa Francisco, num discurso eclesial mais contemporâneo, que o diálogo inter-religioso se concretiza através da ação e não da postura passiva, acrescentando que crentes de outras tradições religiosas, com uma história de desejos, feridas e sonhos possibilita que juntos, seja possível construir um mundo habitável para todos, em paz.<sup>142</sup>

58

O sumo pontífice acrescenta que «diante da sucessão de crises e conflitos, alguns tentam fugir da realidade refugiando-se em mundos privados, outros a enfrentam com violência destrutiva, mas entre indiferença egoísta e protesto violento há uma opção que é sempre possível: o diálogo.»<sup>143</sup>

No mesmo sentido, «o diálogo, perdão e reconciliação» que a Unidade Letiva permite trabalhar, vai ao encontro da mensagem de 2021 de João Paulo II quando fala do diálogo como instrumento privilegiado para construir a civilização do amor, que assenta na convicção de que há valores comuns a todas as culturas, porque radicadas na natureza da pessoa. O Papa acrescenta que «somente deixando de parte as ideologias e os egoísmos do grupo, será possível

---

<sup>140</sup> Ecclesia, «Vaticano: Papa [Francisco] presidiu a festa de jovens, evocando “nuvens” da guerra e da Covid-19, que “esperam a luz da Páscoa”», acedido a 10 de junho de 2022, [Vaticano: Papa presidiu a festa de jovens, evocando «nuvens» da guerra e da Covid-19, que «esperam a luz da Páscoa» \(c/fotos\) - Agência ECCLESIA.](#)

<sup>141</sup> Admitindo que, à luz dos nossos dias, distantes da década de 60, o termo “errôneo” poderá ser mal interpretado entenda-se, neste contexto, que ter «fé [...] de modo errôneo» corresponde à categoria dos crentes de outras tradições religiosas ou crentes sem pertença.

<sup>142</sup> Cf. Ecclesia, «Vaticano: Papa [Francisco] aponta ao diálogo entre religiões como condição para a paz», acedido a 15 de junho de 2022, [Vaticano: Papa aponta ao diálogo entre religiões como condição para a paz - Agência ECCLESIA.](#)

<sup>143</sup> Vatican News, «Papa [Francisco]: o diálogo inter-religioso hoje é crucial para construir juntos a paz», acedido a 15 de junho de 2022, [O Papa: o diálogo inter-religioso hoje é crucial para construir juntos a paz - Vatican News.](#)

alimentar um diálogo construtivo universal no sentido da construção da comunidade humana e da paz»<sup>144</sup>. Deste modo, o caminho a percorrer é o do perdão e da reconciliação, o único caminho cristão válido para alcançar a meta da paz e que será reforçado ao longo da Unidade Letiva, em nome da dignidade da vida humana.

Todavia, constatamos que há muitas pessoas cuja dignidade é posta em causa e, por isso mesmo, urge «(...) desenvolver o sentido da responsabilidade pessoal e formar para a cidadania (ética e ativa)»<sup>145</sup>. Assim, envolver os alunos em ações de caráter social, movidos pelos valores da solidariedade e caridade, permitirá que nas aulas de EMRC os mesmos se movam, ativamente, no sentido da promoção do bem comum e da dignidade da vida humana. Seguindo este percurso, a Unidade Letiva despertará nos alunos a possibilidade de um caminho de fé, o que apesar de não constituir o objetivo principal do professor de EMRC, é uma possibilidade que se abre. Recuperando o estudo de Eduardo Duque, abordado no segundo capítulo, não esqueçamos que os jovens que praticam a fé, «alegam para si, como razões primárias da sua prática religiosa, a herança religiosa familiar, a fé e a paz da consciência»<sup>146</sup> por isso mesmo, na abordagem da UL não será descurada a necessidade da paz iniciar-se no coração de cada Homem.

Por seu turno, a colaboração com as instituições que a UL também possibilita e que constitui parte integrante do itinerário pedagógico seguido, apoiando-me num estudo levado a cabo por Eduardo Duque, permite antever a expectativa de que esta UL crie oportunidades únicas de aprendizagem motivadoras para os discentes, uma vez que «as três grandes causas invocadas pelos jovens europeus, entre 1987 e 1990, que os levariam a mudar de vida foram: a construção da paz no mundo, a protecção do meio ambiente e os direitos humanos.»<sup>147</sup> Assim, «a paz é um bem pelo qual todas as pessoas lutam e os jovens buscam-na como um tesouro para viver, ao ponto de que estariam dispostos a dar a sua vida por esta causa.»<sup>148</sup>

59

### 1.1. O potencial do Ensino Religioso Escolar: contributo para a paz e o bem comum

Há um consenso cada vez maior entre os educadores de que o conhecimento das religiões e crenças constituem uma parte importante de uma educação de qualidade e que pode fomentar uma cidadania democrática, o respeito mútuo e aumentar o apoio à liberdade religiosa e promover a compreensão da diversidade social.<sup>149</sup>

---

<sup>144</sup> Vaz, *João Paulo II: o compromisso pela paz*, 53.

<sup>145</sup> Fernando Moita, «A Missão do Professor de EMRC no Contexto da Escola Atual», *Pastoral Catequética – Revista de Catequese e Educação*, n.º 26 (2013): 63.

<sup>146</sup> Duque, *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual*, 67.

<sup>147</sup> Duque, 187.

<sup>148</sup> Duque, 101.

<sup>149</sup> ODIHR (Office for Democratic Institutional and Human Rights), *Toledo guiding principles on teaching about religions and beliefs in public schools* (Polónia: Sungraf, 2007), 18.

Tendo em conta esta citação da «Declaração de Toledo», bem como os grandes princípios que justificam a presença do ERE, destaca-se que não há educação integral sem considerar a dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana. Assim, a componente religiosa é um fator insubstituível para o crescimento humano, em liberdade e responsabilidade. Além disso, importa referir que, segundo Hegel, citado por Anselmo Borges, «O princípio a manter no ensino do religioso na escola pública [...] não se trata de tornar os crentes descrentes nem os descrentes crentes, mas contribuir para que todos se tornem lúcidos».<sup>150</sup>

Neste contexto, a justificação do foco estar na EMRC, enquanto disciplina, decorre, em parte, porque o Evangelho ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e inspira valores da fé e da humanidade que tecem a história e cultura de um povo. A disciplina também ajuda a compreensão da realidade social que a escola promove aos jovens e que requer, para ser autêntica, o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências sociais do mundo em que vivemos. Não existe alternativa, na escola pública, para estas aprendizagens, sendo este o fator diferenciador e exclusivo, da EMRC, no âmbito do ERE, o que está legislado na medida em que «A educação moral e religiosa é opcional e não alternativa relativamente a qualquer área ou disciplina curricular.»<sup>151</sup>

Assim, no que toca a aprender sobre as várias dimensões do fenómeno religioso, e do cristianismo, em particular, a EMRC, dentro do ERE prevê, entre as suas várias finalidades, formular uma chave de leitura que clarifica as opções de fé, definido no seu objetivo macro, transversal a todas as Unidades Letivas, como um meio para o jovem «aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência»<sup>152</sup>

De acordo com os princípios basilares do que se espera da Educação do século XXI, devem ser quatro os princípios norteadores de todos profissionais docentes. O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, intitulado «Educação um tesouro a descobrir» formula-os do seguinte modo: «aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros; e aprender a ser».<sup>153</sup> Quer estejamos na esfera individual ou comunitária, a EMRC reivindica como seu, o específico campo de ação

---

<sup>150</sup> Borges, *Religião e diálogo inter-religioso*, 99.

<sup>151</sup> Lei 16/2001 de 22 de junho, *Lei da Liberdade Religiosa*, Diário da República n.º 143/2001, I série - A de 22-06-2001, art.º 24º, n.º 2.

<sup>152</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 5.

<sup>153</sup> Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, *Learning: the treasure within*, trad. José Carlos Eufrázio (São Paulo: Cortez editora, 1997), 90.

de uma vivência comunitária, harmoniosa e de salutar que vai além das relações de convívio social, mas que não se esgota no transcendente.

Promover contextos nas aulas de EMRC, em que os jovens desenvolvam a sua sensibilidade religiosa, permitirá criar oportunidades onde estes cresçam integralmente abrindo, paralelamente, a possibilidade da Igreja, através das aulas, mostrar que há determinados valores que defende e que conduzirão o jovem à sensação de plena realização pessoal. A propósito, diz-nos Juan Ambrosio que «A dimensão da religiosidade e da transcendência, como chave de leitura do mundo e da existência e como vector da construção do todo da pessoa, implica que tenhamos a coragem de trabalhar a “competência” e a sensibilidade religiosa de cada aluno.»<sup>154</sup> Neste contexto, acrescenta que este trabalho pedagógico deve ser feito com base em 4 dimensões: *sensibilidade religiosa* – que consiste na capacidade de perceber questões religiosas da realidade circundante do aluno - *conteúdos religiosos* – promovendo pensamento crítico para compreender melhor uma determinada tradição - *a comunicação religiosa* – segundo a qual se defende a compreensão de um vocabulário específico do fenómeno religioso – e finalmente, mas não menos importante o *comportamento religioso* – ou seja, permitir que os alunos compreendam certos ritos característicos das religiões.<sup>155</sup>

Estas dimensões que devem ser tidas em linha de conta, no ERE, em geral, e nas aulas de EMRC, em particular, com vista ao desenvolvimento holístico dos alunos, não se esgotam, contudo, no trabalho desenvolvido pelo professor, mas devem contar com os diversos contributos dos demais agentes da comunidade educativa pois, segundo Juan Ambrosio,

o contributo da Educação Moral e Religiosa Católica e das outras Confissões, pode ajudar-nos a alcançar uma escola com mais qualidade, pelo que se deve exigir, da parte de todos os seus agentes educativos, uma postura que facilite e, porque não dizer-lo também, que incentive o desempenho desse contributo.<sup>156</sup>

Relativamente à visão que estes demais agentes da comunidade educativa têm, em concreto, os docentes, num estudo levado a cabo por Alfredo Teixeira, no que toca «aos professores e à cultura religiosa na escola», a propósito dos principais objetivos do estudo das religiões, 50% dos professores inquiridos refere «a promoção da formação integral dos jovens» e 41% «desenvolver a capacidade de interpretar as diversas expressões culturais».<sup>157</sup> Entre os aspetos referidos com taxa de resposta inferior a estas, encontram-se 4 dimensões: «tornar os

---

<sup>154</sup> Juan Ambrosio, «As religiões na escola», *Revista portuguesa de ciência das religiões*, n.º 2 (2002): 62.

<sup>155</sup> Cf. Ambrosio, 62.

<sup>156</sup> Ambrosio, 63.

<sup>157</sup> Teixeira, «Transmissão religiosa, mediações culturais e dinâmicas educativas», 141.

jovens mais tolerantes», «ajudar à construção de uma moral pessoal», «promover a descoberta das raízes da identidade» e «conduzir a uma melhor compreensão das tensões internacionais». Face à pergunta «Que aspetos devem ser tratados na escola?», 58% dos docentes inquiridos, referem «os aspetos que dizem respeito ao sentido da vida», seguido dos «usos, costumes e tradições que influenciam a vida dos crentes» (53%). Metade dos inquiridos, considerou que deve ser tratado na escola «as origens e desenvolvimentos históricos das religiões» e 49% dos inquiridos inclui «os aspetos que dizem respeito ao património e à nossa identidade cultural».<sup>158</sup> Estas questões foram colocadas não aos professores, pois não se tornou esse o foco da PES, mas às organizações, potenciais aliadas da disciplina, nesta UL4, cujos resultados serão analisados mais à frente.

Com o contributo de todos os agentes da comunidade educativa e das organizações com adultos significativos que cativem os alunos pela riqueza das suas missões, estão reunidas as condições para o desabrochar do potencial dos jovens, no seu dinamismo e entusiasmo característicos, o que não é esquecido, no PEG, no qual nos diz o Papa Francisco que

se, por um lado, não devemos esquecer que os jovens esperam a palavra e o exemplo dos adultos, por outro, é preciso ter em mente que aqueles têm muito para oferecer com o seu entusiasmo, o seu empenhamento e sede de verdade, pela qual nos recordam constantemente o fato de que a esperança não é uma utopia, e a paz é um bem sempre possível.<sup>159</sup>

62

Educar, segundo esta atitude dinâmica e não passiva na promoção da paz, rentabilizando tudo o que os jovens querem oferecer em nome do bem comum e da promoção da dignidade humana, consiste numa verdadeira educação para o serviço «Educar para servir, educar é servir» que consiste no terceiro ato de coragem solicitado pelo Papa Francisco, onde pede para que se eduque, formando pessoas disponíveis para se colocarem ao serviço do outro, da sua comunidade, no fundo, do mundo, através da doação ao próximo. Recuperando uma reflexão de Hannah Arendt, o Papa Francisco finaliza o PEG, citando o seguinte:

A educação é o momento que decide se nós amamos suficientemente o mundo para assumir a responsabilidade e assim salvá-lo da ruína, que é inevitável sem a renovação, sem a chegada de novos seres, de jovens. Na educação decide-se também se nós amamos tanto os nossos filhos a ponto de não desalojá-los do nosso mundo deixando-os à mercê de si mesmos, a ponto de não arrebatar de suas mãos a chance de realizar algo novo, algo de imprevisível para nós; e

---

<sup>158</sup> Cf. Teixeira, 142.

<sup>159</sup> «Pacto Educativo Global», 32.

prepará-los, em vez disso, para a tarefa de renovar um mundo que será comum a todos. (Entre o Passado e o Futuro, Garzanti, Turin 1999 [orig. 1961], 255).<sup>160</sup>

Para a viabilidade da educação para o serviço, o Papa Francisco sugere a promoção do voluntariado, o que acabou por ser estimulado nas aulas da PES em que os alunos conheceram as missões das instituições abordadas nas aulas e através da colaboração ativa com a CVP – delegação da RAM - na aula número 9 da UL4, como veremos mais à frente.

## 1.2. Hipóteses de investigação

A Escola é vista, com frequência, como de espaço de laicidade mediadora que pode promover a socialização das diferenças, através de estratégias de reconhecimento, segundo vias que não encerrem as diferenças na genealogia dos comunitarismos, mas as integrem nos projetos comuns de cidadania participada. Neste quadro argumentativo, conhecer as religiões é aprofundar a democracia e cuidar o bem comum.<sup>161</sup>

Na preparação da lecionação da UL4, bem como no decurso da PES, surgiram questões às quais me propus responder, tendo em conta o contributo que estas poderiam vir a ter para práticas didático-pedagógicas futuras eficazes, na lecionação da EMRC, no âmbito da paz e o bem comum. Designadamente, sobre o contributo da paz universal para a literacia religiosa as questões que surgiram foram as seguintes:

- ✓ A UL4 contribui para a literacia religiosa dos alunos? Se sim, como e em que medida?
- ✓ Aumentou o nível/grau de concordância ou, mais alunos, concordaram com a afirmação de que «todas as religiões são promotoras de paz» depois da lecionação da UL4?
- ✓ Os alunos têm ideias preconcebidas – e disfuncionais – em relação ao papel das religiões na promoção da paz? E em caso afirmativo, estas foram alteradas (desmistificadas) após a lecionação da UL4?
- ✓ Quais as ações que consideram mais praticadas pelas religiões no sentido da promoção da paz e do bem comum?

No que diz respeito à promoção do bem comum, por iniciativa individual, comunitária ou institucional, do trabalho desenvolvido com os discentes, será relevante aferir se:

---

<sup>160</sup> «Pacto Educativo Global», 34.

<sup>161</sup> Teixeira, «Transmissão religiosa, mediações culturais e dinâmicas educativas», 129.

- ✓ Os alunos são capazes de identificar práticas do seu dia a dia que se concretizam gestos de paz e do bem comum? As atividades desenvolvidas nas aulas permitiram essa identificação?
- ✓ Os alunos conheciam as instituições que foram abordadas em aula? A UL4 teve impacto nesse sentido?

Relativamente às potenciais parcerias que a EMRC pode desenvolver com instituições que têm como missão a promoção da paz e o bem comum, revelou-se pertinente tentar dar resposta às seguintes indagações:

- ✓ As organizações que são abordadas em aula, na UL4, colaboram frequentemente com as escolas, a convite da EMRC? Em caso negativo, estariam dispostas a fazê-lo?
- ✓ O que pensam essas organizações sobre os objetivos do estudo das religiões na escola?
- ✓ Que aspetos consideram que devem ser tratados na escola nesse domínio?

Numa visão holística, em suma, o que se pretende é, à posteriori, refletir sobre que práticas didático-pedagógicas desenvolvidas ao longo da PES poderão ter servido melhor e com maior eficácia, aos objetivos da UL4, previstos no programa da disciplina.

64

## 2. A amostra

A amostra, conforme se espera num relatório final da PES, consiste na própria turma - o 7ºA - integrada numa escola - a «EB23 da Torre» - as quais serão seguidamente caracterizadas.

Neste trabalho, também fazem parte integrante da amostra, as 10 organizações que se disponibilizaram a preencher o inquérito enviado para os seus e-mails institucionais e outras, que responderam por divulgação interna do inquérito, entre os alunos que estavam a desenvolver a PES – turma Lisboa e Açores – no ano letivo 2021/2022.

### 2.1. Caracterização da Escola

Ensinar não é transferir conhecimento,  
mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção.  
Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup> EB23 da Torre, «Projeto Educativo de Escola – 2018-2022», acedido a 12 de maio de 2022, <https://escolas.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=GwZ7UTQGspg%3D&tabid=11519&mid=27663>.

Esta citação de Paulo Freire, utilizada no PEE, espelha o princípio que norteia o processo de ensino-aprendizagem na EB23 da Torre, um processo em construção – contínuo – e em que o professor também se transforma – e aprende.

a) A identidade: contexto sociodemográfico



Figura 2 - Concelho de Câmara de Lobos (RAM)

Câmara de Lobos é um dos onze concelhos do arquipélago da Madeira, limitado pelos concelhos do Funchal, Ribeira Brava, São Vicente e Santana.

Este concelho surgiu em 1835, sendo constituído, atualmente, por cinco freguesias: Câmara de Lobos, Estreito de Câmara de Lobos, Quinta Grande, Jardim da Serra e Curral da Freiras.

A 3 de agosto de 1996, a vila de Câmara de Lobos passa à categoria de cidade.

Enquanto freguesia, Câmara de Lobos, possuiu 2 estabelecimentos de ensino, que incluem os ciclos básicos – 2º e 3º - um deles, a EB23 da Torre.

Geograficamente, enquanto concelho, Câmara de Lobos possui uma superfície total de 52,37 km<sup>2</sup>, ocupando a freguesia de Câmara de Lobos 7,87 km<sup>2</sup>, a freguesia do Estreito e do Jardim da Serra 15,24 km<sup>2</sup>, a freguesia do Curral das Freiras 25,07 km<sup>2</sup> e a freguesia da Quinta Grande 4,19 km<sup>2</sup>.

De salientar que o seu topónimo se deve ao facto de que, quando o redescobridor da ilha da Madeira, João Gonçalves Zarco (1419), desembarcou aqui pela primeira vez, observou que existia uma rocha delgada que entrava pelo mar e que, entre essa rocha e outra, ficava um braço de mar, onde a natureza fez uma grande lapa, ao jeito de câmara de pedra e rocha viva. Entraram e, tendo-se deparado com tantos lobos marinhos, ficaram espantados, estando deste modo, justificado o surgimento do nome deste local (Câmara de Lobos).



Figura 3 - Freguesias de Câmara de Lobos



Figura 4 - Zona histórica do Concelho

Câmara de Lobos é um dos mais emblemáticos polos turísticos da ilha da Madeira, não só pelas suas paisagens pitorescas e majestosas, mas igualmente pela gastronomia deliciosa e tradições honrosas.

É a sede de algumas das paisagens e locais que mais contribuem para a divulgação das belezas naturais deste destino turístico que é a Região Autónoma da

Madeira, concretamente, o Cabo Girão, o Curral das Freiras, a Baía de Câmara de Lobos e os Vinhedos do Estreito de Câmara de Lobos.

Em 2011, o concelho totalizava 35.666 habitantes. Segundo os últimos censos de 2021, a população do concelho totaliza 32.164 habitantes, distribuída pelas cinco freguesias da seguinte forma:

Câmara de Lobos		Curral das Freiras		Estreito		Jardim da Serra		Quinta Grande	
2011	2021	2011	2021	2011	2021	2011	2021	2011	2021
17.986	<b>16.556</b>	2.001	1.581	10.269	9.349	3.311	2.739	2.099	1.939

Tabela 1 – Número de habitantes por freguesia do Concelho de Câmara de Lobos.<sup>163</sup>

É de salientar que a freguesia de Câmara de Lobos, sede de concelho, à qual pertence a EB23 da Torre, é a que apresenta maior densidade populacional, integrando dois bairros sociais (o da Torre e o do Espírito Santo e Calçada) e seis complexos habitacionais - Quinta do Leme; Serrado do Mar, Torre, Ribeiro Real, Alecrim e Nova Cidade.

De referir, ainda, que a população residente no concelho de Câmara de Lobos havia aumentado entre 1991 e 2011, em concreto, 1991 – 31.476, 2001 – 34. 614, 2011 -35.666, mas registou um decréscimo de 3.502 de habitantes, na última década: 2021 - 32.164 habitantes. A freguesia à qual a escola pertence, segue esta tendência, tendo menos 1430 habitantes em 2021, por comparação com os dados de 2011.

Por tradição, e ainda atualmente, os habitantes do concelho sobrevivem sobretudo da pesca, revelando-se um dos centros piscatórios mais importantes do arquipélago, e na agricultura, assume-se como terra de excelência na produção de vinho, banana e outras espécies frutícolas. De sublinhar a existência do parque empresarial da zona oeste, onde estão sediadas algumas das principais empresas da ilha. Este município acolhe ainda diversas cooperativas agrícolas e empresas de produção, engarrafamento e comercialização de vinho Madeira.

<sup>163</sup> INE, «Censos 2021 – resultados provisórios», acessido a 12 de abril de 2022, [INE - Plataforma de divulgação dos Censos 2021 – Resultados Provisórios](#).

Para além de todas as freguesias estarem dotadas de casas do povo, encontramos: bibliotecas, associações culturais e associações de solidariedade, que poderão ser parceiras em atividades escolares.

#### b) Caraterísticas

A EB23 da Torre, situa-se na Rua de Santa Cecília, tendo o nome da zona onde está inserida, o antigo sítio da Torre.



*Figura 4 - Entrada EB23 da Torre*

A sua construção iniciou-se em 1992 tendo sido inaugurada no dia 5 de outubro de 1993, constituída por 3 edifícios: bloco principal, bloco de serviços, pavilhão

gimnodesportivo e ainda um polidesportivo exterior. De sublinhar que, a partir de 2004, este último espaço foi transformado num pavilhão gimnodesportivo, cedido ao Centro Social e Desportivo de Câmara de Lobos. A partir do ano letivo 2005/2006, a escola passou a usufruir deste espaço desportivo para a realização das aulas de Educação Física, mas poderá ser rentabilizado por outras disciplinas.

Embora projetada para 600 alunos, a escola tem funcionado, permanentemente, com um número de alunos muito superior, debatendo-se com a falta de espaço, quer interior, quer exterior, nomeadamente, a inexistência de gabinetes dos grupos disciplinares, o que levou a que as arrecadações tivessem sido adaptadas para salas de reuniões e para apoios pedagógicos acrescidos, por exemplo.

Uma outra lacuna sentida inerente à sua construção, trata-se da ausência de um espaço com um palco, onde os alunos possam apresentar as mais diversas apresentações à comunidade, designadamente, peças de teatro, danças, canções, entre outras, uma vez que os discentes deste concelho revelam imensas potencialidades para as referidas áreas culturais, o que é valorizado pela escola.

#### c) Oferta formativa

A oferta formativa da escola reflete preocupações com a formação dos alunos, visando o prosseguimento de estudos, a sua inserção no mercado do trabalho e a aprendizagem ao longo da vida. Neste sentido, apresenta uma oferta educativa diversificada entre o ensino básico regular dos 2º e 3º ciclos, mas também Percursos Curriculares Alternativos – PCA - e os Cursos de Educação e Formação – CEF. Assim, pretende-se dar resposta à multiplicidade de interesses vocacionais dos alunos, bem como às suas dificuldades de aprendizagem, como forma de

combate ao insucesso e ao abandono escolares. A escola oferece ainda os cursos de Educação e Formação de Adultos – EFA – estes em regime, exclusivamente, noturno.

A escola conta atualmente com um total de 22 turmas, 8 das quais do 2º ciclo e 14, do 3º ciclo. Uma das turmas de 8º ano funciona na modalidade de PCA.

5.º Ano	6.º Ano	7.º Ano	8.º Ano	9.º Ano
4 Turmas	4 Turmas	5 Turmas	5 Turmas	4 Turmas
75 Alunos	73 Alunos	82 Alunos	76 Alunos (inclui 8 de PCA)	72 Alunos

Tabela 2 - Distribuição das turmas por ano de escolaridade.<sup>164</sup>

A propósito das duas turmas CEF e PCA, estas não têm a possibilidade de inscrição em EMRC e destinam-se, preferencialmente, a jovens com idade igual ou superior a 15 anos, em risco de abandono escolar e proporcionam uma qualificação de nível 1 e 2 e equivalência ao 6.º ou 9.º ano de escolaridade, respetivamente. Almeja-se com estes cursos incentivar o prosseguimento de estudos e desenvolver competências profissionais ajustadas aos interesses dos jovens e às necessidades regionais e locais de emprego.

Relativamente aos cursos EFA que a escola também oferece à sua população, estes constituem um instrumento de formação e educação destinados a promover a empregabilidade e a inclusão social e profissional, quer ao nível básico, quer ao nível secundário, permitindo aos adultos a obtenção de uma certificação escolar e de uma dupla certificação escolar e profissional, através da articulação entre componentes de Formação de Base e Formação Tecnológica.

#### d) A Escola e a EMRC

Quer os professores de EMRC da escola, quer os elementos do seu órgão de gestão consideram que, por tradição, há habitualmente uma grande adesão dos alunos e Encarregados de Educação à matrícula na disciplina de EMRC, não só nesta escola, como no concelho.

No segundo e terceiro ciclos, nas turmas do ensino regular - de um universo elegível de 363 alunos - 311 alunos estavam inscritos em EMRC, no ano letivo 2020/2021. Neste ano letivo de 2021/2022, de um universo elegível de 370 alunos, 331 estão inscritos, ou seja, houve um aumento de alunos inscritos de 85,7% para 89,5% entre 2020/2021 e 2021/2022 (mais 3,8%

<sup>164</sup> EB23 da Torre, «Projeto Educativo de Escola – 2018-2022», 10.

de alunos inscritos do que no ano letivo transato). Este é um excelente indicador que contraria dados de outras escolas, onde o número de alunos inscritos em EMRC não para de decrescer.

#### e) Parcerias externas

Viver em comunidade é muito importante para as crianças e jovens, mas o uso dos benefícios desta vivência deve ser experimentado para ser aprendido.<sup>165</sup>

Com esta citação de Nicholas Hobbs, o PEE da EB23 da Torre, enfatiza o potencial de trabalhar na escola, em comunidade, numa dinâmica de abertura ao exterior que rentabilize as parcerias com as estruturas da sociedade em que a escola está inserida.

Nesse sentido, de modo a promover uma melhor interação da escola com a comunidade envolvente e com as instituições que a constituem, a escola estabeleceu algumas parcerias não protocoladas com as seguintes instituições:

- ✓ Câmara Municipal de Câmara de Lobos,
- ✓ Centro Social e Paroquial de Santa Cecília,
- ✓ Segurança Social,
- ✓ Polícia de Segurança Pública,
- ✓ Centro de Saúde.

69

#### f) Estruturas internas: educativas e de apoio

No que diz respeito às estruturas educativas e de apoio, a escola dispõe de uma biblioteca escolar, um Serviço de Psicologia e Orientação (vulgo, SPO), um serviço especializado de apoio educativo, uma Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAI), um serviço de ação social e escolar, um Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA) e uma Equipa de Intervenção Disciplinar (EID).

#### g) Recursos humanos

A escola é constituída por um total de 153 colaboradores, entre pessoal docente e não docente. Estes estão distribuídos de acordo com os dados da tabela seguinte.

---

<sup>165</sup> EB23 da Torre, 14.

Docentes	102
Coordenador Técnico	1
Assistente Técnico	14
Encarregado operacional	2
Assistente operacional	26
POTS	6
Estagiária profissional	1
Técnico de informática	1

Tabela 5 - Recursos Humanos da EB23 da Torre (2021/2022)<sup>166</sup>

#### h) Objetivos da Escola

Os objetivos definidos para o quadriénio, 2018-2022 com os quais todos os docentes - e consequentemente, todas as disciplinas - devem estar alinhados, são os seguintes: *melhorar o sucesso escolar, prevenir o abandono escolar dos alunos, promover a disciplina na escola e incrementar a participação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.*

70

#### 2.2. Caracterização da Turma

Para a caracterização da turma recorreu-se à plataforma interna da escola (dossier digital), foi consultada a plataforma *place* (criada e gerida pela Secretaria Regional da Educação, da Região Autónoma da Madeira) onde podemos aceder aos dados dos alunos e dos seus encarregados de educação e foi aplicado um inquérito criado por mim, para a turma 7ºA, via *Google forms*<sup>167</sup> que permitiu aferir alguns dados que servirão para conhecer melhor o perfil do grupo.

A turma A do 7º ano, começou por ser constituída por 17 alunos no início do ano letivo, apesar de, numa fase muito inicial, a aluna número 2 ter sido transferida, pelo que a turma passou a ter um número efetivo de 16 alunos. No segundo período, o grupo acolheu uma nova aluna vinda da Escola Básica e Secundária Dr. Maurílio da Silva Dantas (mesmo concelho) e passou por isso, a ser novamente constituída por 17 alunos. Esta caracterização tem em conta esta amostra que se manteve, até ao final do ano letivo.

Destes 17 alunos, há uma equidade em termos de género, pois 8 são do género feminino e 9 do género masculino. Da amostra global, em termos de idades, 11 alunos (64,7%) têm 12

<sup>166</sup> EB23 da Torre, 20.

<sup>167</sup> Inquérito aplicado a 1 de fevereiro de 2022.

anos e 6 (35,3%) têm 13 anos (cf. gráfico 1), à data da aplicação do inquérito (fevereiro de 2022).

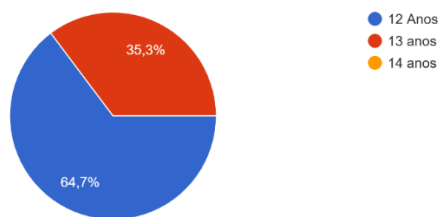


Gráfico 1 - Idades dos alunos do 7ºA – dimensão sociodemográfica

Independentemente do histórico de retenções ao longo dos seus percursos escolares, apenas 2 alunos estão, pela segunda vez, no sétimo ano de escolaridade – ficaram retidos - e os outros 15 encontram-se, pela primeira vez, a frequentar este nível de ensino (cf. gráfico 2), pelo que a maioria terá o primeiro *encontro* com os conteúdos ministrados na nossa disciplina, neste ano letivo 2021/2022.

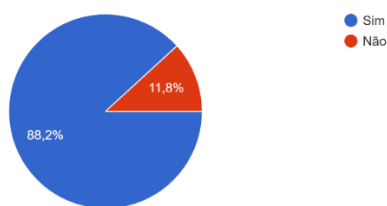


Gráfico 2 - N.º de retenções neste ano de escolaridade para aferir o conhecimento que os alunos têm sobre o programa da disciplina do 7º ano - dimensão percurso escolar

Através da análise do gráfico 3, que se refere à *dimensão sociofamiliar*, 100% dos alunos vive com a mãe, sendo que destes, 76,5% também com o pai. Quanto às fratrias, 13 dos alunos têm irmãos com quem vivem e 2 alunos vivem num agregado familiar que inclui os seus avós. Estes resultados que dizem respeito aos elementos com quem os discentes coabitam, permitirão refletir sobre potenciais atividades que envolvam encarregados de educação e outros familiares.

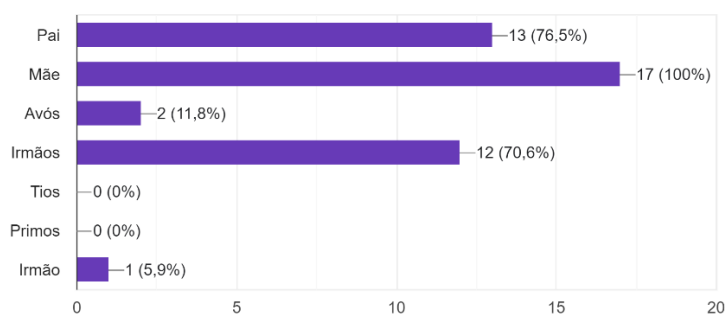


Gráfico 3 - Família nuclear dos alunos com quem coabitam. Dimensão sociofamiliar.

O Encarregado de Educação de todos os alunos é a mãe, cuja maioria, se encontra na faixa etária dos 41 aos 50 anos. Das Encarregadas de Educação, 23,5% encontra-se numa situação de desemprego, 70,6% trabalha por conta de outrem e 5,9% trabalha por conta própria. Estes dados indicam que deverei ter alguma sensibilidade na realização de eventuais atividades que impliquem trazer materiais de casa ou que necessitem do contributo financeiro dos Encarregados de Educação.

Quanto à posição face ao fenómeno religioso, do total de alunos, 82,4% refere ser católico, 11,7% assume-se «crente sem religião» e 5,9% como protestante. Quanto às pessoas com quem coabitam, segundo as respostas dos alunos, 94,1% vive com católicos e os restantes, com protestantes.

Através do questionário *google forms*, foram ainda colocadas aos alunos um conjunto de sete perguntas que permitiram avaliar a sua autoperceção<sup>168</sup>, relativamente a algumas competências escolares, entre elas, grau de motivação para as aprendizagens, grau de distração, empenho, relação com os colegas, entre outras. A maioria dos alunos considera ter um nível elevado de responsabilidade, participação nas aulas e empenho. Nenhum aluno considera-se perturbador num valor mediano ou máximo e grande parte deles autoperceciona-se como *pouco* ou *nada* distraído. A maioria gosta de vir para a escola para aprender, mas mais ainda para estar com os amigos o que é um indicador de uma boa relação com o grupo de pares.

72

Para aferir o grau de motivação e envolvimento que se pode esperar dos alunos na disciplina, formulou-se a seguinte afirmação: "Gosto da disciplina de EMRC". Os dados obtidos foram os que constam do gráfico 4, pelo que, aparentemente, poderei arriscar nas atividades que implicam a envolvimento dos discentes que parecem revelar uma predisposição positiva para a disciplina.

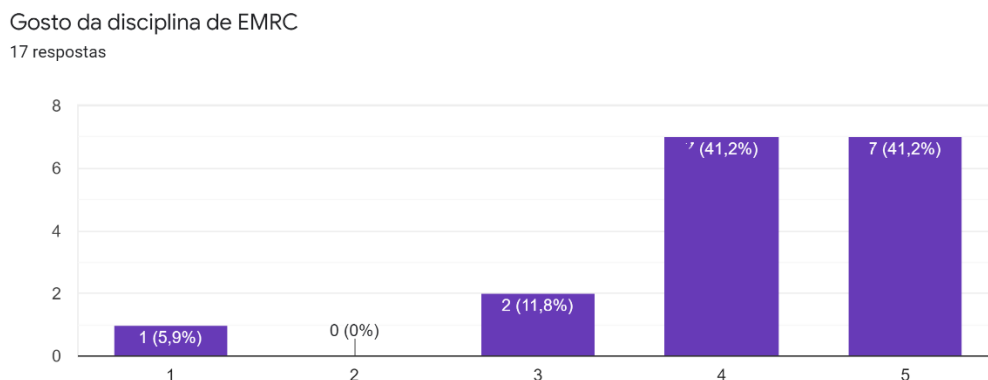


Gráfico 4 - Aferição do grau de envolvimento e motivação para a disciplina de EMRC

<sup>168</sup> A questão orienta os alunos para se classificarem numa escala de 1 a 5, segundo a sua autoperceção, em que 1 significa “nada/não sou” até 5 que significa “muito/sou extremamente”.

Para terminar, há que referir que a aluna n.º 18, que veio transferida de outra escola do Concelho, tem um histórico de absentismo e está em risco de abandono escolar, o que foi devidamente reportado à CPCJ de Câmara de Lobos, que a acompanha e que se prevê que venha a propor um acordo de promoção e proteção. Há a acrescentar que 3 alunos têm apoio da Equipa da Educação Inclusiva – n.ºs 6, 11 e 18 - pelo que estes merecerão uma atenção especial durante as aulas, de acordo com as necessidades que forem apresentando e, se for caso disso, serão implementadas, numa fase inicial, medidas universais. Os três são acompanhados não por dificuldades do funcionamento intelectual, mas por Perturbação de Hiperatividade com Déficit de Atenção e questões do foro emocional e não cognitivo. Para terminar, os alunos n.ºs 6 e 18, são também acompanhados pelo Serviço de Psicologia e Orientação escolar que estabelece um contacto regular e frequente com os Diretores de Turma que, posteriormente, fazem chegar aos restantes elementos do Conselho de Turma as informações necessárias e pertinentes para o trabalho a desenvolver com estes alunos, em particular.

### 2.3. As Organizações

73

As Organizações que constituem a amostra<sup>169</sup> - e que, portanto, responderam ao inquérito *google forms* - são, maioritariamente, as que se encontram abordadas no manual do aluno e outras que, de um ou outro modo, surgiram no contexto das aulas, enquanto organizações que têm o potencial de contribuir para a promoção da paz e do bem comum. Segue-se, na tabela n.º 6, a descrição sucinta das suas áreas de atuação.

Organizações	Áreas de atuação <sup>170</sup>
Ajuda a alimentar cães	Resgate de animais de rua e procura de famílias de acolhimento; apoio aos animais de agregados familiares carenciados.
Associação Luiz Pereira Motta	Colaborar com as famílias na criação e educação dos seus filhos e na promoção de medidas de proteção na Terceira Idade, coadjuvando os serviços públicos competentes e outras instituições ou Entidades num espírito de interajuda, solidariedade e colaboração.
Banco Alimentar contra a fome	Os Bancos Alimentares são Instituições Particulares de Solidariedade Social que lutam contra o desperdício de produtos alimentares, encaminhando-os para distribuição gratuita às pessoas carenciadas.

<sup>169</sup> As organizações que não responderam ou não quiseram participar, deliberadamente, foram as seguintes: ACNUR – Agência da ONU para os Refugiados, Alto Comissariado para as Migrações, julgado de paz delegação RAM e UNICEF.

<sup>170</sup> Retirado das suas páginas *web* oficiais.

Comissão Nacional da Justiça e Paz	Tem como finalidade promover e defender a Justiça e a Paz, à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja. As suas principais funções são o estudo e divulgação da doutrina social da Igreja, apreciando e analisando problemas relativos ao desenvolvimento dos povos, aos direitos humanos, à justiça e à paz segundo o Evangelho. Fiel ao espírito do ensinamento social da Igreja, a CNJP procura prestar particular atenção aos grupos mais vulneráveis da sociedade.
Cruz Vermelha Portuguesa	Prestar assistência humanitária e social, em especial aos mais vulneráveis, prevenindo e reparando o sofrimento e contribuindo para a defesa da vida, da saúde e da dignidade humana.
Cáritas	Tem como missão o desenvolvimento humano integral e defesa do bem comum intervindo em ordem à transformação da sociedade. Através da animação da pastoral social, fomenta a partilha de bens e a assistência em situações de calamidade e emergência.
Comunidade Vida e Paz	Projeto de reabilitação, reinserção e dignificação da pessoa humana, inspirado na doutrina social da igreja, tendo sempre como finalidade a construção do bem comum, a sua ação visa a solidariedade e a justiça social e é realizada tendo como referência fundamental interna o princípio da subsidiariedade.
Confederação Operária Terceirense	Intervém ao nível social sobretudo na problemática da violência doméstica.
Corpo Nacional de Escutas	Tem como principal missão, contribuir para a educação dos jovens através de um sistema de valores baseado na promessa e lei escotista, ajudando a construir um mundo melhor onde as pessoas são realizadas enquanto indivíduos e desempenham um papel construtivo na sociedade.
Serviço de Estrangeiros e Fronteiras	No que respeita à paz e bem comum, perante estrangeiros em território português, apoiam quem se sinta perseguido por motivo de raça, religião, nacionalidade ou opiniões políticas e que, por essa razão, não possam regressar ao seu país. Atuam na salvaguarda da segurança interna e dos direitos e liberdades individuais, no contexto global da realidade migratória.

Tabela 6 - Instituições que potencialmente podem contribuir com a EMRC no âmbito da UL4 «A paz universal» e que participaram no estudo

### 3. Metodologia da investigação

A metodologia de investigação, tratando-se de um relatório final da PES consiste na própria planificação definida para a UL4 – planificações de nível I, II, III e IV - mas também inclui, neste trabalho em concreto, o recurso a inquéritos *google forms*: um aplicado pré e pós leção, à turma PES, e outro, aplicado às organizações – ambos com o intuito de responder às questões de investigação que surgiram ao longo da experiência de leção, cujas hipóteses foram especificadas no ponto «Hipóteses de investigação».

### 3.1. Diferentes momentos didáticos

Planificar, pretende dar aos alunos e professores uma orientação pedagógica e permitir que os alunos tenham claro os objetivos que serão trabalhados ao longo das aulas bem como os conhecimentos que irão atingir. Esses «objetivos da aprendizagem produzem um efeito de concentração nos alunos, o que leva à recomendação de que os professores tornem os alunos conscientes dos objetivos que têm para as aulas».<sup>171</sup>

Outro critério considerado, foram as noções de tempo e espaço. As planificações devem ter em conta o tempo e espaço em que as aprendizagens decorrem, sendo que a gestão do tempo é uma das tarefas mais difíceis na gestão do decurso da aula. Todas as aulas da UL4 tiveram a duração de 45 minutos e esse tempo foi distribuído pelos diferentes momentos de cada aula de acordo com a complexidade das mesmas, mas também atendendo aos ritmos e interesses manifestados pelos alunos, pois uma «utilização eficaz do tempo é tão importante como a quantidade de tempo utilizado num tópico».<sup>172</sup> A disposição dos alunos na sala também foi uma variável analisada, uma vez que «a disposição dos alunos, das carteiras e das cadeiras, não só ajuda a determinar os padrões de comunicação e relações interpessoais na sala de aula, como também influencia uma variedade de decisões diárias que os professores têm de tomar»<sup>173</sup> e apesar de ter tentado criar uma disposição em U, as mesas e cadeiras mantiveram-se na posição tradicional, por questões logísticas.

75

Quando um professor está perante alunos que não conhece e num clima organizacional escolar novo, cabe-lhe ter a humildade de, junto dos colegas mais experientes, partilhar ideias que permitam delinear um conjunto de aprendizagens que respondam às necessidades e motivações dos seus alunos, bem como aos princípios pelos quais se rege a escola (nos seus documentos reguladores).

Tratando-se de um ano de estágio, gerir o programa de EMRC para o 7º ano de escolaridade, na «EB23 da Torre», em concreto à turma PES, implicou uma reunião prévia com o docente cooperante da escola para que fosse possível desenhar uma gestão do programa - e da UL - de acordo com os princípios referidos anteriormente. Tendo em conta o número de tempos letivos de que dispúnhamos, as planificações periódicas e anual, foram feitas, pelos professores do núcleo de estágio, sob a orientação do professor cooperante.

A UL4, teve um total de 9, dos 34 tempos letivos do ano 2021/2022. Foi comumente aceite que esta UL de referência, não deveria ter um número significativamente maior de aulas,

---

<sup>171</sup> Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Lisboa: McGraw Hill, 2008), 95.

<sup>172</sup> Arends, 125.

<sup>173</sup> Arends, 127.

pois isso poderia implicar a sobrevalorização de um tema em detrimento de outros, apenas e tão só com vista à finalidade da PES. Assim, dentro de um critério de razoabilidade, os tempos letivos foram distribuídos de uma forma relativamente equitativa por todas as UL, do 7º ano de escolaridade, atendendo à pertinência dos temas, densidade dos conteúdos e necessidades dos alunos, e não a partir do critério da UL de referência «A paz universal».

### 3.2. Princípios da planificação da UL4 «A paz universal»

O trabalho prévio realizado pelo professor, antes mesmo de entrar na sala de aula, ditará, substancialmente, o sucesso e eficácia da mesma. No quadro da ética e deontologia profissional dos professores, «à noção de responsabilidade, está associada uma dimensão de futuro, na medida em que, antes de se agir, se deve ser capaz de prever, antecipar, o que vai ser desencadeado pelo agir».<sup>174</sup> Assim, uma boa planificação é imprescindível a um professor que, com seriedade, se envolve na construção de um processo eficaz de ensino-aprendizagem. Por se tratar de um «instrumento através do qual este toma as decisões que lhe cabem, adapta a lecionação aos alunos que tem na frente, previne as disrupções e tenta manter-se no controlo do que se passará na sala de aula»,<sup>175</sup> as planificações foram feitas com grande reflexão e cuidado, por forma a garantir estes princípios, prevenindo, tanto quanto possível, o risco de insucesso das aulas (com tudo o que isso implica).

76

É responsabilidade do professor promover contextos de aprendizagem que sejam verdadeiramente significativos para os discentes e que fomentem a assimilação das aprendizagens essenciais, bem como a aquisição das competências previstas, ou seja, que cheguem às suas interrogações, facultando formas diferentes – mas todas elas válidas - de interpretar a realidade que os circunda.

---

<sup>174</sup> Ana Caetano e Maria Estrela, *Ética profissional docente* (Lisboa: Educa, 2010), 52.

<sup>175</sup> Carvalho, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica», 38.

Ao realizar as planificações desta UL4, procurei incluir todos os objetivos e respetivos conteúdos definidos pelo programa de EMRC, na sua redação de 2014, de acordo com o conteúdo da tabela n.º 7. Naturalmente, seria pouco realista imaginar que os poderia desenvolver, a todos, com igual profundidade, contudo, ambicionei, com base nos ritmos das aprendizagens dos alunos, fazê-lo, tanto quanto possível.

7º ANO   Unidade Letiva 4 - A Paz universal		CONTEÚDOS	
METAS	OBJETIVOS		
<b>O.</b> Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	<b>1.</b> Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>A paz, o grande sonho da humanidade;</li> <li>A paz, mais do que ausência de guerra ou de conflito.</li> <li>A paz mais do que equilíbrio entre forças em conflito.</li> <li>A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa.</li> <li>A paz como atitude/comportamento fruto da justiça e do amor.</li> <li>O direito e o dever da paz.</li> </ul>	1
<b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	<b>2.</b> Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.	<ul style="list-style-type: none"> <li>A falência da paz:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>A rutura das relações interpessoais e das relações entre Estados, povos, etnias, culturas;</li> <li>A violência: a ilusão de uma solução para os problemas;</li> <li>A guerra: causas e consequências;</li> <li>O negócio da venda de armas;</li> <li>A utilização de crianças e jovens na guerra;</li> <li>O terrorismo: causas e consequências;</li> <li>O genocídio: causas e consequências;</li> <li>A absolutização da economia como único valor político.</li> </ul> </li> </ul>	2
<b>L.</b> Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	<b>3.</b> Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>O direito à paz:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>A legítima defesa nos limites da necessidade e da proporcionalidade;</li> <li>A proteção dos inocentes e dos mais vulneráveis;</li> <li>O desarmamento;</li> <li>A negociação democrática como instrumento de governo;</li> <li>A resistência não violenta e o pacifismo: Mahatma Gandhi;</li> <li>O direito internacional.</li> </ul> </li> <li>Papa Francisco, Mensagem para o dia Mundial da Paz, 2014.</li> </ul>	3
<b>N.</b> Promover o bem comum e o cuidado do outro.	<b>4.</b> Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diálogo, perdão e reconciliação;</li> <li>Prémios Nobel da Paz: critérios de escolha dos premiados;</li> <li>Instituições de promoção da paz no mundo:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>União Europeia;</li> <li>Organização das Nações Unidas;</li> <li>Tribunal Internacional dos Direitos do Homem.</li> </ul> </li> </ul>	4 e 5
<b>E.</b> Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	<b>5.</b> Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Lei de Talião, contra os abusos de poder: «Olho por olho, dente por dente»: Lv 24,17-21;</li> <li>A proposta de Jesus para a construção da paz:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>O amor aos inimigos: Mt 5, 43-48;</li> <li>O perdão: Mt 18, 21-22;</li> <li>O Sermão da Montanha: Mt 5, 1-12.</li> </ul> </li> </ul>	6
<b>D.</b> Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	<b>6.</b> Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Regra de ouro, transversal aos vários credos:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>«Aquilo que não desejas para ti, não o faças aos outros» [Confúcio];</li> <li>«Nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si mesmo» [Sunnah];</li> <li>«Não faças aos outros aquilo que não queres que os outros te façam a ti» [Judaísmo: Rabi Hillel];</li> <li>«O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também» [Cristianismo: Lc 6, 31].</li> </ul> </li> <li>A construção da paz é um desejo e um imperativo ético para a humanidade;</li> <li>Contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz.</li> </ul>	7 e 8
		<b>Aula de avaliação final da Unidade Letiva</b>	9

Tabela 7 – Metas, objetivos e conteúdos do programa de EMRC, 2014

Nessa tabela n.º 7, é possível verificar as metas e objetivos desta UL4, que estão associados às finalidades e domínios identificados, seguidamente, na tabela n.º 8.

Domínio	Finalidade		Meta	UL 4 A Paz Universal
Religião e experiência religiosa	I	Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular.	A	
	II	Formular uma chave de leitura que clarifica as opções de fé.	B	
	III	Adquirir uma visão cristã da vida.	C	
	IV	Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso.	D	✓

<b>Cultura cristã e visão cristã da vida</b>	<b>V</b>	Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos.	<b>E</b>	✓
			<b>F</b>	
			<b>G</b>	
	<b>VI</b>	Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a história da igreja e a doutrina católica, nomeadamente nos campos moral e social.	<b>H</b>	
			<b>I</b>	
	<b>VII</b>	Conhecer e descobrir o significado do património artístico religioso e da simbólica cristã.	<b>J</b>	
			<b>K</b>	
	<b>VIII</b>	Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé.	<b>L</b>	✓
<b>Ética e Moral</b>	<b>IX</b>	Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade.	<b>M</b>	
			<b>N</b>	✓
			<b>O</b>	✓
	<b>X</b>	Aprender o fundamento religioso da moral cristã.	<b>P</b>	
			<b>Q</b>	✓

Tabela 8 - Domínios, finalidades e metas da UL4.

Da leitura das tabelas n.ºs 7 e 8, e do que se concretizou nas aulas, em concreto, resulta que, na UL4 «A paz universal» os alunos foram convidados a definir o conceito de paz, concretizando-o através da pesquisa de símbolos da paz, individuais e universais (Meta Q – objetivo 1). Através do reconhecimento de diversas situações de falência da paz, a atividade «friso cronológico» (Meta O – objetivo 2) permitiu aos alunos reconhecer que, pela falta de empatia e tolerância, muitas guerras se deram ao longo da história da humanidade, motivadas desde os ideais políticos e ideológicos, aos religiosos. Através da análise da mensagem do «Dia mundial da paz», de 2022, trabalhou-se a Meta L, no seu objetivo 3, salvaguardando a paz, enquanto direito universal. «O saco da reconciliação» foi uma dinâmica que previu trabalhar o objetivo 4 (meta N), num percurso que pretendeu levar os alunos a refletirem e exercitarem o diálogo, o perdão e a reconciliação. No decurso do itinerário pedagógico da Unidade, foram dadas a conhecer pessoas e instituições que foram laureadas com o prémio Nobel da Paz e que serviram de inspiração para que os alunos concretizassem gestos ativos para a construção da paz: atividade «Óscares da Paz». Para identificarem o núcleo central do cristianismo e do catolicismo (Meta E - objetivo 5) os alunos foram convidados a interpretar alguns textos bíblicos fundamentais nos conteúdos: «a lei de Talião contra os abusos de poder» e «a proposta de Jesus para a construção da paz» – o amor aos inimigos, o perdão e o sermão da montanha, respetivamente, Mt5, 43-48; Mt18, 21-22 e Mt5, 1-12. Para dinamizar a meta D, no seu objetivo 6, abriu-se a escola a convidados que representaram as várias religiões, atividade que apelou às

suas partilhas no sentido da construção da paz, a partir dos diversos credos – promover o diálogo inter-religioso como suporte para a colaboração entre os povos (identificando o papel das religiões na construção da paz, em situações vitais do quotidiano).

Numa atividade para a comunidade educativa, os alunos realizaram as «pulseiras da paz» – reforço das aprendizagens da Meta Q - e colaboraram com instituições nas suas missões – reforço das aprendizagens da Meta N – contexto no qual foram abordados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (com especial relevo para o 16º objetivo: «paz, justiça e instituições eficazes»).

Alguns destes conteúdos, identificados como fundamentos da fé cristã, fizeram os alunos compreenderem que esta «não é um peso, mas uma fonte de júbilo profundo, que permite reconhecer na obra de Deus, a presença do bem, que não faz ruído; e oferece orientações preciosas para viver bem a própria existência»<sup>176</sup>.

De itinerários de aprendizagem como este, «poderão nascer histórias e experiências pessoais e comunitárias capazes de também inspirar outros a partilhá-las e assim empreender um processo de mudança, inspirado na cultura do cuidado, na ecologia integral, na construção da fraternidade e da paz»<sup>177</sup> princípios fundamentais na lecionação de uma disciplina como a EMRC. Para concretizar este itinerário de aprendizagem, foram elaboradas as planificações que se seguem.

79

### 3.3. Planificações de nível I e II

Seguidamente apresentam-se as planificações de nível I e II, em grelha comum (anual e periódica), salvaguardando o funcionamento da escola por 3 períodos letivos e não por semestres, como já funcionam algumas escolas da região.

---

<sup>176</sup> Papa Francisco, «Audiência geral: catequese, n.º 31: a meditação», acedido a 11 de junho de 2022, [Audiência Geral de 28 de abril de 2021 - Catequese - 31. A meditação | Francisco \(vatican.va\)](https://www.vatican.va/holy_father/francisco/audiences-general/2022/04/28-2022-04-28-31-the-meditation/francisco_20220428_31-the-meditation_pt.html).

<sup>177</sup> «Pacto Educativo Global», 7.

Calendário Escolar 2021/2022			Planificação Anual e Periódica (níveis 1 e 2) do 7º ano, Turma A																						
Período (n.º de aulas)	Mês (n.º aulas previstas)	3ª feira	Nº da lição	n.º aula UL	Unidade	Metas	Objetivos	Tema Ideia-chave	Comentários/ Notas/ Referências																
1º Período 11 aulas	Setembro (3)	14	1	1/9	Unidade Letiva 3: Riqueza e Sentido dos Afetos	O	1	Aspectos nucleares da adolescência	Apresentação																
		21																							
		28																							
	Outubro (3)	5 F								<b>Feriado</b>															
		12								O	2	Escolhas relevantes e impactantes													
		19												O	3	Formação da personalidade e ciclo vital									
	26	B																4	Contextos de formação da personalidade						
	Novembro (5)									2	B	5	Mudanças que implicam mais responsabilidade no <i>ser e agir</i>	Batata quente – preparar dilemas											
		9								Q					6	Preocupações e desafios da adolescência	Partir do TPC preocupações e desafios								
		16																Q	7	Adultos de referência e a procura da felicidade					
		23																				G	8	A mensagem cristã sobre a felicidade e o amor no processo de crescimento	
		30																							
	Dezembro (2)	7								B	1	Ciência vs Leitura religiosa sobre a origem da vida e do universo													
		14												L	2	O Livro do Génesis (Gn. 1-2,24)	Fazer autoavaliação 1ºP								
21																									
28	<b>Interrupção letiva (Natal)</b>																								
2º Período 10 aulas	Janeiro (4)	4	F	3	Unidade Letiva 1: As Origens	O	3	O projeto de Deus presente na mensagem bíblica	Trazer Bíblia																
		11								C	4	Textos de outras tradições (Islão e hinduísmo)	Trazer alcorão												
		18												G, K	5	Respeitar e admirar obra da criação	Tirar fotos elementos da natureza na escola								
		25								O	6	Comportamentos responsáveis no cuidado da casa-comum	Criar <i>slogans</i> para a 80 comunidade												
	Fevereiro (4)	1	<b>Avaliação sumativa da Unidade Letiva<sup>1</sup></b>				Pedir que tragam objeto que represente paz na aula seguinte																		
		8	Q	1	O que é a paz? Partir dos objetos trazidos	Pomba branca																			
		15					O	2	Situações de ausência de paz																
	22	L									3	Proteção dos vulneráveis instituições	Direito à paz Mensagem dia mundial da paz												
	Março (4)		1	<b>Interrupção letiva (Carnaval)</b>																					
		8	N	4	Promoção do bem comum – diálogo; instituições (ODS)	Inclui perdão, reconciliação																			
15		E					5	Mensagem bíblica sobre a paz																	
22										D	6	A missão das religiões para a construção da paz	Instituição representada em sala												
29		D					6	Diálogo inter-religioso	Trazer representantes outros credos Fazer autoavaliação 2ºP																
5	<b>Interrupção letiva (Páscoa)</b>																								
3º Período 13 aulas	Abril (2)	12	D	6	Contributo individual para a construção da paz e avaliação	Mural da paz																			
		19					<b>Atividade final das 3 últimas aulas e avaliação sumativa<sup>1</sup></b>																		
	Maio (5)	26	B	1	A dimensão religiosa do ser humano																				
		3					A	2	Função da religião (individual e coletiva)																
		10									C	3	As manifestações religiosas	Trazer objeto de expressão religiosa											
		17					C, K	4	As religiões abraâmicas																
		24									E, F	5	Os textos bíblicos e a mensagem cristã												
		31													D	6	O diálogo inter-religioso	Recuperar UL4							
		Junho (2)					7	<b>Avaliação sumativa da Unidade Letiva<sup>1</sup></b>				Fazer autoavaliação													
	14																								
	<b>Total 34 aulas 7ºA 3ª feira (2021/2022)</b>			27	9/9																				
				28	1/7	Unidade Letiva 2: As Religiões	B	1	A dimensão religiosa do ser humano																
				29	2/7						A	2	Função da religião (individual e coletiva)												
			30	3/7	C										3	As manifestações religiosas	Trazer objeto de expressão religiosa								
			31	4/7							C, K	4	As religiões abraâmicas												
			32	5/7														E, F	5	Os textos bíblicos e a mensagem cristã					
			33	6/7	D						6	O diálogo inter-religioso	Recuperar UL4												
			34	7/7										<b>Avaliação sumativa da Unidade Letiva<sup>1</sup></b>				Fazer autoavaliação							

Tabela 9 - Planificações de nível I e II

<sup>178</sup> Inclui autoavaliação da UL e recolha de portefólios para avaliação.

Apesar de ter sido fundamental a definição desta planificação, alguns temas foram trabalhados em aulas diferentes, das inicialmente previstas. Por exemplo, a dinâmica «mural da paz» e a aula temática «as religiões vêm à escola» decorreram, respetivamente, nas aulas 7 e 8. O professor, deve por isso, estar preparado para as condicionantes que podem ocorrer ao longo do ano letivo e adaptar as planificações a todos os fatores até aqui explorados. Esses ajustes, não significam o insucesso da planificação, antes, espelham a sua capacidade de adaptação que «requer, quase sempre, que o docente combine os vários modelos de ensino de modo a potenciar a aprendizagem, reconhecendo a complexidade das salas de aula diversificadas das escolas de hoje». <sup>179</sup>

Por seu turno, a planificação de nível III da UL4, como se espera, é um pouco mais detalhada relativamente às de nível I e II. Com vista a potenciar aprendizagens significativas e na tentativa de cobrir, sempre que possível, os conteúdos da UL, os temas foram ao encontro dos interesses e motivações dos alunos, aferidos na primeira aula do ano letivo.

Houve dois princípios fundamentais que tive em linha de consideração: por um lado, não sobrevalorizar as competências e recursos digitais – plataformas interativas - por outro, atender ao contexto pandémico que atravessamos, o que, não raras vezes, condicionou atividades que, à partida, tornar-se-iam muito mais enriquecedoras se permitissem maior interação nas díades alunos-professor e aluno-aluno. Outra particularidade que tive em linha de conta, consistiu em trazer à escola, representantes da comunidade envolvente, de acordo com os conteúdos a lecionar, promovendo a abertura da organização escolar à sociedade, o que enriquece as aprendizagens e constitui um forte facilitador da assimilação de conteúdos.

No que diz respeito à avaliação, houve a preocupação de criar atividades passíveis de avaliação, segundo os critérios de avaliação da disciplina, aprovados em reunião de Conselho Pedagógico (CP) da escola, salvaguardando o princípio de que «os professores não ensinam para avaliar, mas avaliam para ensinar melhor e garantir a qualidade das aprendizagens [assumindo uma] postura descontrainda, tom de voz firme, contacto visual com todos os alunos e bom humor». <sup>180</sup>

A planificação de nível III da UL4 «A paz universal», que orientou todo o itinerário desta unidade de referência da PES encontra-se em anexo (cf anexo 1), pois a informação que dela consta está referida, com pormenor nas planificações de nível IV.

---

<sup>179</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 159.

<sup>180</sup> António Estanqueiro, *Boas Práticas na Educação* (Lisboa: Editorial Presença, 2010), 32.

### 3.4. Procedimentos gerais de avaliação da Unidade

A avaliação, enquanto processo contínuo e sistemático, acompanha toda a planificação e deverá, por princípio, aferir as aprendizagens com vista a redefinir estratégias e metodologias que permitam ao aluno aprender. Foi necessário não só, mas também, face ao quadro nacional atual, atender a 3 documentos orientadores, designadamente, o «perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória», o «programa da disciplina» na sua rúbrica «a avaliação pedagógica» e o documento aprovado em sede de CP da «EB23 da Torre», «critérios de avaliação do 7º ano – EMRC». De acordo com este último documento, a avaliação final da UL4 foi sistematizada, de acordo com os parâmetros que constam da tabela n.º 10.

Percentagem	Menção	Nível a atribuir
0%-19%	Muito insuficiente	1
20%-49%	Insuficiente	2
50%-69%	Suficiente	3
70%-89%	Bom	4
90%-100%	Muito bom	5

*Tabela 10 – Menções e níveis a atribuir aos alunos por intervalos percentuais*

De acordo com o mesmo documento, o grupo disciplinar de EMRC, definiu a ponderação de 70% para o domínio cognitivo e 30% para o domínio comportamental (atitudes e valores), segundo os parâmetros descritos na tabela n.º 11.

Assiduidade e pontualidade	5%	Empenho	5%
Participação e cooperação	5%	Respeitador	5%
Autonomia e Responsabilidade	5%	Cuidador (de si e do outro)	5%

*Tabela 11 - Parâmetros de avaliação do domínio socioafetivo (atitudes e valores)*

Relativamente aos instrumentos de avaliação e uma vez que «a avaliação deve ser um processo contínuo e sistemático, percorrendo toda a planificação, e devidamente alicerçada em instrumentos adequados»,<sup>181</sup> os que estão definidos internamente na escola, para o grupo de EMRC são os seguintes: participação oral, apresentações orais, trabalhos individuais ou de grupo, registo de observação direta em contexto de sala de aula e autoavaliação (cf. anexo X –

<sup>181</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 160.

critérios de avaliação da disciplina). Neste contexto, estes instrumentos estão devidamente em linha com o programa de 2014 da disciplina, onde se preconiza «um leque amplo e variado de instrumentos e estratégias de avaliação, no qual se inclui a autoavaliação dos alunos [...] as apresentações orais para avaliar os processos sem esquecer os produtos e [...] a avaliação do processo, associado à aprendizagem cooperativa»<sup>182</sup> que permite o desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos discentes. Apesar de não ser prática comum da escola, foi proposto, e aceite, no âmbito da PES, a utilização de um outro instrumento de avaliação, o «portefólio».

Os portefólios são um instrumento extremamente útil para avaliar o processo, sem esquecer o produto, pois requerem a realização, em contexto. Fazem parte dos

meios alternativos aos tradicionais testes sumativos [...]. Partem do reconhecimento de que não há nenhum instrumento que possa medir tudo o que os alunos sabem sobre um conceito ou tema e de que nem todos os alunos serão capazes de mostrar todas as suas potencialidades numa única e específica ocasião [...]. Procuram de forma integrada todas as dimensões do processo de aprendizagem.<sup>183</sup>

Este instrumento tem a particularidade de permitir que o aluno anexe, não só o que o que recolhe e produz na sala de aula, mas também o que realiza fora dela, em pequenas tarefas que ganham sentido (e sentir) no seu quotidiano, mas que não deixam de ser parte integrante das aprendizagens de EMRC e que assim podem (e devem) ser tidas em linha de conta no processo avaliativo do aluno. Nessa medida «os portefólios podem incluir grande diversidade de produtos: escritos, orais, visuais e tridimensionais»<sup>184</sup>.

### 3.5. Planificações de nível IV e relatórios de lecionação

Nas páginas seguintes, encontram-se as planificações de nível IV, ou seja, os planos de aula relativos às 9 aulas da UL4. Cada um deles é seguido de um relatório de lecionação, por aula, que inclui o desenvolvimento da mesma, o grau de cumprimento da planificação, bem como a auto e heteroavaliação (do colega estagiário, do professor cooperante e do docente supervisor da PES na aula em que esteve presente).

---

<sup>182</sup> Carvalho et al., 160.

<sup>183</sup> Carvalho et al., 161.

<sup>184</sup> Cristina de Sá Carvalho, *Psicologia - curso geral de formação de catequistas* (Lisboa: SNEC, 2004), 258.

O número de aulas, bem como a identificação das mesmas, por finalidade, domínio e metas da UL4, constituem o conteúdo da tabela seguinte.

<b>Finalidade</b>	<b>Domínio</b>	<b>Meta</b>	<b>Aulas</b>
IV – Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso.	Religião e experiência religiosa (2 aulas)	D – Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	Aula n. 7 e 8
V – Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos.	Cultura cristã e visão cristã da vida (2 aulas)	E – Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	Aula n.º 6
VIII – Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé.		L - Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	Aula n.º 3
IX – Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade.	Ética e Moral (4 aulas)	N - Promover o bem comum e o cuidado do outro.	Aulas n.º 4 e 5
		O – Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Aula n.º 2
X – Aprender o fundamento religioso da moral cristã.		Q – Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	Aula n.º 1
XI – finalidade transversal – Aprender a posicionar-se, pessoalmente, face ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.			

*Tabela 12 - Identificação da aula (e n.º de aulas) por finalidade, domínio e meta da UL4*

Meta Objetivo <sup>185</sup>	Conteúdos	Estratégias Atividades	⌚ 45m	Recursos Materiais	Avaliação** (grelha observação direta)
<p><b>Q</b> Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p><b>1</b> Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.</p>	<p>- O direito e o dever da paz;</p> <p>- A paz: o grande sonho da humanidade; mais do que ausência de guerra ou de conflito; como plenitude da vida e realização da pessoa; como atitude/comportamento fruto da justiça e do amor.</p>	Acolhimento e registo do sumário.	5	Painel digital ( <a href="#">PPT_Au1_UL4</a> )	Assiduidade e pontualidade Empenho
		<i>Brainstorming</i> de introdução ao tema com recurso à plataforma <i>mentimeter</i> . Análise das palavras introduzidas pelos alunos na plataforma.	10	Painel digital ( <a href="#">PPT_Au1_UL4</a> )	Participação e cooperação Respeito
		<b>Análise e explanação dos conteúdos no manual:</b> página 119 à 122 - inclui definição de paz, símbolos da paz e referência ao “dia mundial da paz” e “dia escolar da não violência e da paz”.	10	Painel digital ( <a href="#">PPT_Au1_UL4</a> )	Empenho Participação e cooperação
		<b>Atividade <i>símbolos da paz</i></b> – A partir dos objetos que os alunos trouxeram (ou fotografaram) como símbolos de paz o professor estabelece a ponte com os conteúdos apresentados anteriormente. <i>A pomba branca</i> enquanto símbolo de paz, é construída em <i>origami</i> pelos alunos, para que nela, individualmente, escrevem uma palavra <i>símbolo de paz</i> . As pombas serão afixadas no teto da sala de aula dos alunos.	15	Painel digital ( <a href="#">PPT_Au1_UL4</a> ) <i>Origami</i> 1 folha por aluno ( <a href="#">Ma1_Au1_UL4</a> )	Adequação e criatividade dos termos e dos objetos Empenho Autonomia e responsabilidade
		Construção da <b>síntese</b> .	5	Painel digital ( <a href="#">PPT_Au1_UL4</a> )	Participação e cooperação
<p><b>Descritores do perfil do aluno*:</b> Responsável/autónomo, Cuidador de si e do outro, Respeitador da diferença/ do outro, Participativo/colaborador, Questionador, Crítico/analítico, Autoavaliador (<a href="#">Critérios de avaliação aprovados em Conselho Pedagógico – transversais e para a UL4</a>).</p> <p><b>Aprendizagem essencial*:</b> Identificar a paz como condição essencial para a convivência humana.</p>					

Proposta de síntese: **Nesta aula aprendi...**

- ✓ O conceito de paz e o que isso implica;
- ✓ Vários símbolos de paz;
- ✓ Que existe a comemoração do “Dia mundial da paz” e do “Dia escolar da não-violência e da paz” (respetivamente, nos dias 1 e 30 de janeiro).
- ✓ Devo valorizar a paz como um valor orientador da minha vida.

<sup>185</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 82-83.

\*Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

\*\***A** Linguagens e textos; **B** Informação e Comunicação; **C** Raciocínio e resolução de problemas; **D** Pensamento crítico e pensamento criativo; **E** Relacionamento interpessoal; **F** Desenvolvimento pessoal e autonomia; **G** Bem-estar, saúde e ambiente; **H** Sensibilidade estética e artística; **I** Saber científico, técnico e tecnológico; **J** Consciência e domínio do corpo.

## Relatório de lecionação de aula

Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada – Região Autónoma da Madeira

7º ano, turma A

Aula n.º	19	
Data	08/02/2022	
UL	4 – A Paz Universal	
Aula da UL	(1/9)	
Professor cooperante	David Sousa	
Professora estagiária da turma	Diva Fernandes	
Outros participantes	Professor estagiário Pedro Nóbrega	
Cumprimento da planificação	Sim	Não
		x
Observações (em caso de não cumprimento)	Os alunos terminarão o <i>origami</i> na aula seguinte.	

86

### Desenvolvimento da aula e concretização da planificação (inclui auto e heteroavaliação)

A aula iniciou-se à hora prevista e os alunos registaram o sumário nos respetivos portefólios. Conforme previsto na planificação, e uma vez que se está a iniciar uma nova Unidade Letiva, “A paz universal”, os alunos foram convidados a entrar na plataforma *Mentimeter* para introduzirem uma palavra relacionada com o conceito de “paz”. Tal como se pretende em qualquer chuva-de-ideias, os alunos foram informados de que qualquer palavra seria válida e que não havia, neste contexto, respostas certas ou erradas, mas sim termos que, individualmente, considerassem relacionados com o conceito de “paz”.



Figura 5- termos que resultaram da aplicação do mentimeter.

A partir dos termos introduzidos pelos alunos, procedeu-se à explanação do conceito de “paz” direcionando os discentes para os conteúdos dos diapositivos 4 e 5, ou seja, que o conceito de paz vai além da ausência de guerras e conflitos, que deverá estar associado à calma e à tranquilidade (“ver a paisagem”, “ver o mar”, “descansar”, como os próprios indicaram) mas também deverá simbolizar um apelo ao bem norteado pelo “amor”, a “amizade” e o “carinho” que nos levam à “harmonia” e “união” entre as pessoas, que na sua “liberdade” estão voltadas para o exercício deste *dom* e, simultaneamente, *arefa*.

Tendo como suporte o conteúdo do *PowerPoint*, e no sentido de inculcar o princípio de sermos construtores ativos da paz, os alunos conhecerem o significado dos dias 1 de janeiro –

Dia Mundial da Paz – e 30 de janeiro – Dia escolar da não violência e da paz e foram convidados a refletir sobre algumas iniciativas que a escola e/ou a comunidade têm feito no sentido da construção da paz, através da participação em projetos solidários e práticas individuais que cultivam a paz interior (individual) e social (ou comunitária) dos micro aos macro contextos (cf. diapositivo 5).

Na aula anterior, os alunos tinham sido convidados a trazerem um objeto ou símbolo de paz. Neste momento da aula, todos os alunos apresentaram o que tinham trazido. Três alunos não cumpriram a tarefa e “improvisaram”, retirando o telemóvel da mochila. Uma parte substancial dos alunos trouxe fotos de família, outros tiraram o telemóvel das mochilas e outros, ainda, apresentaram objetos de caráter religioso, como um terço e um crucifixo. Apenas os alunos que quiseram, partilharam com os colegas o motivo da sua escolha. A partir desta diversidade, uma das questões debatidas prendeu-se com o facto de cada um de nós, encontrar a paz em pessoas, situações e contextos diversificados, isto é, a paz, enquanto experiência pessoa e social, pode ser encontrada de diferentes formas assertivas e funcionais. Assim, os alunos foram levados a concluir que as formas de *fazer* e *encontrar* a paz podem ser muito diversificadas e pessoais. Contudo, algumas poderão não ser assertivas e são essas as que podem ser consideradas como “não orientadas *para e pelo* bem”. “Por exemplo, vocês podem gostar muito de estar nas redes sociais, mas isso gera paz por si só? Estou em interação com o outro e a construir paz? Ou são situações que criam conflito e desarmonia na minha casa como, por exemplo, quando os meus pais me dizem para ir jantar e eu recuso, porque estou no meu mundo, na minha paz das redes sociais ou dos jogos online?” Estas foram algumas questões que foram lançadas para debate e reflexão, em grande grupo.

Seguidamente, partindo dos objetos individuais - símbolos de paz - trazidos pelos alunos, foram apresentados à turma, os símbolos de paz que o manual propõe. Os alunos conheciam a sua maioria, à exceção do cachimbo da paz que possibilitou dar a conhecer que este era usado pelos índios norte-americanos, que faziam o fumo subir até aos seus deuses da concórdia. “Todos fumavam do mesmo cachimbo, em sinal de compromisso com as decisões tomadas” conforme é referido no manual do aluno (cf. pág. 121).

Seguidamente, através da metodologia de ensino demonstrativa, na atividade *origami* “símbolos da paz”, os alunos construíram o seu *origami*, uma pomba que preencherá o teto da sala com termos associados à paz. Como alguns alunos estavam atrasados na tarefa, procedeu-se à construção da síntese e até ao final da aula alguns alunos prestaram apoio aos outros, que estavam mais atrasados. Apesar disso, a tarefa não foi totalmente concluída, pelo que, alguns *origamis* só ficarão terminados na próxima aula.

Logo no início da aula, os alunos demonstraram grande interesse e adesão à tarefa do *Mentimeter*, uma vez que desconheciam a existência da plataforma. Foi de grande importância esclarecer que não existiam termos corretos ou incorretos e que deveriam introduzir a palavra ou expressão de uma forma genuína e sem receio de críticas que, garantidamente, não iriam surgir. A utilização desta estratégia deve ter em conta que o professor tem de estar preparado para todos os termos que possam surgir na *cloud* pelo que este foi um risco calculado. Assim, atendendo à assertividade da turma nas aulas anteriores, considerei que era baixa a probabilidade de os alunos introduzirem termos completamente à margem do que se pretendia, o que acabou por confirmar-se, pelo que esta atividade se revelou muito eficaz.

Relativamente aos objetos trazidos pelos alunos, apesar de não ter sido obrigatória a partilha dos motivos da escolha, a maioria dos alunos quis partilhar com a professora e com os colegas os motivos pelos quais trouxeram determinados objetos, o que tornou a aula mais rica e interessante para o objetivo de conhecermos a diversidade de símbolos de paz.

Relativamente à atividade dos *origamis*, denotou-se uma diferença significativa dos termos associados ao conceito de paz se compararmos o início – chuva de ideias – e o fim da aula – palavras inscritas nos *origamis*. Assim, foi claramente perceptível que, se alguns termos utilizados ao início não estavam tão associados ao conceito de paz, no final da aula todos os termos eram claramente associados ao conceito da perspectiva explorada na aula, o que evidencia a assimilação de conhecimentos por parte dos alunos.

A planificação não foi totalmente cumprida, pois os *origamis* não ficaram concluídos, julgo que por dois motivos: a elevada participação dos alunos na exploração dos motivos que os levaram a escolher os seus símbolos de paz (trazidos de casa) e pela falta de destreza – motricidade fina dos alunos – queixa frequente dos professores das expressões, designadamente, de Educação Tecnológica e Educação Visual.

Conclusão da atividade da aula anterior.  
 Continuação da Unidade Letiva “A paz universal” - situações de ausência de paz.

Disciplina: EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica  
**Unidade letiva 4 “A paz universal” (Aula 2 de 9)**

Meta Objetivo <sup>186</sup>	Conteúdos	Estratégias Atividades	⌚ 45m	Recursos Materiais	Avaliação** (grelha observação direta)
<p><b>O</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p><b>2</b> Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.</p>	<p>- A falência da paz: A rutura das relações interpessoais e das relações entre Estados, povos, etnias e culturas; A violência: a ilusão de uma solução para os problemas; A guerra: causas e consequências; O negócio da venda de armas; A utilização de crianças e jovens na guerra; O terrorismo e genocídio: causas e consequências; A absolutização da economia como único valor político.</p>	<b>Acolhimento</b> e registo do <b>sumário</b> .	5	Painel digital ( <a href="#">PPT Au2_UL4</a> )	Assiduidade e pontualidade Empenho
		Conclusão da <b>Atividade <i>símbolos da paz</i></b> – designadamente, a construção do <i>origami</i> iniciado pelos alunos, na última aula; inclui o registo da palavra-símbolo em representação <i>da paz</i> .	10	<i>Origamis</i> ( <b>Ma_Au1_UL4</b> )	Participação e cooperação Empenho Autonomia e responsabilidade
		<b>Análise e explanação dos conteúdos do power point (pág. 124 à 126 do manual): o que é um conflito e formas de resolução de conflito – causas e consequências das guerras e da violência.</b> Preenchimento da linha do tempo: cronologia com situações históricas de falência da paz – o professor apresenta as imagens e os alunos sugerem em que posição do friso cronológico elas devem ser colocadas*.	20	Painel digital ( <a href="#">PPT Au2_UL4</a> )  Quadro com friso cronológico desenhado  Imagens ( <b>Ma_A2_UL4</b> ) com <i>bostik</i> para fixar no quadro (friso)	Empenho Participação e cooperação Crítica e análise
		<b>Visionamento de vídeo:</b> sobre a atual tensão entre a Ucrânia e a Rússia – o professor orienta o debate para a rutura de relação entre os Estados, a ilusão de que a guerra resolverá o conflito, o negócio da venda de armas perceptível no vídeo e a utilização das crianças e jovens também presentes neste recurso audiovisual.	5	Vídeo ( <a href="#">Re A2_UL4</a> )	Empenho Participação e cooperação
		Leitura da <b>síntese</b> .	5	Painel digital ( <a href="#">PPT Au1_UL4</a> )	Participação e cooperação
<p><b>Descritores do perfil do aluno*:</b> Responsável/autónomo, Cuidador de si e do outro, Respeitador da diferença/ do outro, Participativo/colaborador, Questionador, Crítico/analítico, autoavaliador (<a href="#">Critérios de avaliação aprovados em Conselho Pedagógico – transversais e para a UL4</a>).</p> <p><b>Aprendizagem essencial*:</b> Discutir situações reais de falência de paz.</p>					

<sup>186</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 82-83.

\* Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

\*\* **A** Linguagens e textos; **B** Informação e Comunicação; **C** Raciocínio e resolução de problemas; **D** Pensamento crítico e pensamento criativo; **E** Relacionamento interpessoal; **F** Desenvolvimento pessoal e autonomia; **G** Bem-estar, saúde e ambiente; **H** Sensibilidade estética e artística; **I** Saber científico, técnico e tecnológico; **J** Consciência e domínio do corpo.

Proposta de síntese: **Nesta aula aprendi que...**

- ✓ Nada se perde com a paz, mas podemos perder tudo com guerras e conflitos;
- ✓ Já sou capaz de discutir situações de falência da paz e de reconhecer a urgência de sermos mais responsáveis uns pelos outros, no respeito pelos direitos de todos.

\*As imagens remetem para algumas situações de guerra e violência, em geral, e genocídio, em particular: 1ª guerra Mundial – 1914 a 1918; Nazismo – 1933 a 1945; Terrorismo (atentado às torres gémeas) – 2001; atual tensão entre Rússia e Ucrânia (sobretudo sentida desde 2014); o caso português de João, um jovem de 18 anos que planeava um massacre na Universidade de Lisboa previsto para o passado dia 11 (encontra-se em prisão preventiva).

O professor desenha no quadro o friso:

1914-1918

1933-1945

2001

2014...

2022



## Relatório de lecionação de aula

Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada – Região Autónoma da Madeira

7º ano, turma A

Aula n.º	20	
Data	15/02/2022	
UL	4 – Paz Universal	
Aula da UL	(2/9)	
Professor cooperante	David Sousa	
Professora estagiária da turma	Diva Fernandes	
Outros participantes	Professor estagiário Pedro Nóbrega	
Cumprimento da planificação	Sim	Não
		x
Observações (em caso de não cumprimento)	Não foi passado o vídeo – ficou disponível no grupo da plataforma <i>teams</i> .	

91

### Reflexão sobre o desenvolvimento da aula e implementação da planificação (inclui auto e heteroavaliação)

A aula iniciou-se com a presença pontual de todos os alunos presentes. Como é habitual, por já terem enraizados os procedimentos da aula, retiraram os seus portefólios e procederam ao registo do sumário. A turma chegou do intervalo provocando mais ruído do que o habitual, pelo que foi definido o tempo que teriam para passar o sumário o que foi regulador do comportamento mais disruptivo dos alunos. Era notória a curiosidade que as imagens coladas no quadro estavam a despoletar, ficando claro, desde o início da aula, que o tema a abordar, seriam situações de *falência da paz*.

Antes da abordagem dos conteúdos da aula, propriamente ditos, foi feita a conclusão da atividade *origami* “símbolos da paz”. Todos os alunos receberam o seu *origami*, tiveram a oportunidade de terminá-lo e foi reforçado, de uma forma objetiva e concreta, que o que se pretendia em termos de processo de ensino-aprendizagem não era o rigor da construção do *origami* – apesar do empenho na tarefa ser cotado – mas sobretudo a(s) palavra(s) símbolo(s) de paz que cada um colocaria no seu *origami*. Todos os alunos concluíram a atividade com sucesso.

Na apresentação dos conteúdos da aula, por forma a abordar a questão da *falência da paz* – objetivo 2 – senti necessidade de explorar a noção de conflito e estratégias de gestão de conflito (diapositivos 4 a 6) na medida em que toda a ausência de paz, resulta de situações de conflito dos micro aos macro contextos, ou seja, dos conflitos familiares aos de Estados/organizações. A propósito, e porque dois alunos tinham entrado na sala de aula em discussão, o tema iniciou-se com a recuperação dessa situação, em concreto, com a análise do conflito interpessoal ali expresso, o que possibilitou abordar de uma forma prática, o quão

aquele conflito estava a perturbar a tranquilidade que se pretendia para que a aula se iniciasse, em clima de paz e harmonia. Os alunos refletiram sobre a possibilidade de se entender o conflito de uma forma mais positiva, na medida em que se optarmos por situações de resolução de conflito por estratégia *ganha-ganha*, ambas as partes sairão a ganhar e procederão à negociação, à comunicação, à procura de soluções criativas, o que traz mais benefícios do que a estratégia *perde-perde* – em que ambas as partes estão mais preocupadas em que o outro perca do que o próprio ganhe (“eu não ganho mas ele também não”) – e do que a estratégia *ganha-perde* – a mais habitual numa situação de conflito, mas a menos humanística, onde uma das partes sai claramente vencida e a outra vencedora. Os alunos concluíram que é da existência de um conflito com fracassadas estratégias de resolução, que surgem situações de falência da paz, que vão desde situações pessoais e familiares até situações com grande impacto mundial (diapositivo 6). A igualdade, respeito, justiça e liberdade foram as palavras de ordem para transmitir aos alunos que a “falência da paz é a rutura das boas relações entre as pessoas e os povos” (manual do aluno, pág. 124).

Seguidamente, procedeu-se à exploração das *causas* das guerras e dos conflitos, dos mais pessoais e comunitários aos mundiais (diapositivo 8, com base nos conteúdos do manual, pág. 124). De todos os termos apresentados, os alunos quiseram salientar em discussão no grande grupo a “ganância” e a “discriminação” como as duas grandes causas mais evidentes de situações de falência da paz. No que diz respeito às *manifestações* da falência da paz, os alunos identificaram, primeiro pela imagem, e depois pelo texto (diapositivo 9), que no nosso dia a dia, situações como a violência doméstica, violência contra crianças, contra idosos, entre outras, merecem a nossa atenção e são situações perante as quais não devemos ficar indiferentes, cabendo a cada um de nós exercer ações concretas que promovam a paz e a concórdia para que o edifício da paz não se desmorone. Houve a necessidade de clarificar a noção de terrorismo e genocídio, pois se a definição de *guerra* estava clara por tudo o que foi exposto desde o início da aula, o *terrorismo* levantou algumas dúvidas, mais ainda o *genocídio*. Esta exploração de conceitos foi feita com base no conteúdo do diapositivo 10. Assim, o termo *terrorismo* foi associado à sua definição jurídico-penal, enquanto ação concertada de terroristas internacionais, mas também associado a quem, na sua comunidade, espalha o terror, medo e opressão (que igualmente conduzem à falência da paz). Por outro lado, e de acordo com o que o manual propõe (pág.126) o termo *genocídio* implica o “extermínio deliberado de pessoas motivado por diferenças étnicas, religiosas ou ideológicas” e foi nestes termos, explanado na turma.

Na continuidade de concretizar a lecionação do objetivo 2 do programa, em concreto, remeter para “episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz” os alunos foram orientados para passar para os portefólios os marcos A, B, C, D e E, respetivamente, com

as seguintes datas: a da 1ª guerra mundial (situação de guerra); do holocausto (situação de genocídio); do atentado do 11 de setembro, às Torres Gémeas (situação de terrorismo); do conflito entre Ucrânia e Alemanha (tensão desde 2014); e 2022, a propósito do caso de João, o jovem de 18 anos que no passado dia 10 foi detido por alegada ameaça terrorista. Os alunos deveriam situar as imagens (de 1 a 5) alusivas aos factos, na posição correta do friso cronológico. Depois, em grande grupo e com participação espontânea e direcionada, os alunos discutiram as posições das imagens até chegarem à versão final, onde foram abordadas as motivações que estiveram na origem de cada uma das situações e as implicações que as mesmas tiveram para a sociedade e para o mundo.



Figura 6- friso cronológico ordenado.

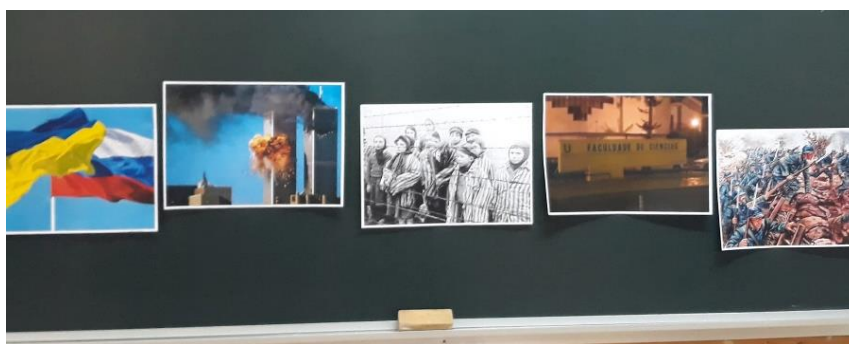


Figura 7- Posição inicial das imagens na aula.

Na reta final da aula e face à escassez de tempo para reproduzir o vídeo sobre a tensão entre a Alemanha e a Ucrânia, o *link* foi disponibilizado na plataforma *teams* para que os alunos o vissem, em casa. Apesar disso, foi-lhes transmitido, oralmente, que a rutura de relação e existência de tensão entre estes dois países, que os leva à iminência de uma guerra, dá-lhes a falsa sensação de que o confronto resolverá o conflito, o que não passa de uma distorcida ilusão. Também foi abordado o negócio da venda de armas perceptível no vídeo e a “utilização” das crianças e jovens também presentes neste recurso audiovisual, contexto em que civis ucranianos, independentemente da idade, munem-se de “armas em punho” e preparam-se para uma guerra aberta. Assim, os alunos concluíram que os “episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz” existem continuamente ao longo da história e que ela continua a fazer-se com a expressão do melhor e do pior que o ser humano é capaz de fazer.

Os alunos leram a síntese e a aula deu-se por concluída.

De um modo geral, a aula foi muito positiva e as estratégias mostraram-se eficazes pois denotou-se uma grande adesão dos alunos às tarefas propostas. O que à partida, levou-me a antecipar que seria uma aula perfeitamente normativa, por ter recorrido “apenas” à impressão de imagens em formato A3, revelou-se muito motivador desde o início da aula, pelo despertar de curiosidade que suscitaram as imagens expostas no quadro.

Os alunos foram extremamente participativos, mas precisamente por isso, e porque parti de uma situação-problema que aconteceu *in loco* no início da aula – situação conflito entre dois alunos - a escassez de tempo fez-se sentir e levou a que a planificação não fosse totalmente cumprida, apesar dos conteúdos terem sido todos abordados.

Os alunos mostraram ter conhecimento sobre muitos dos factos históricos abordados na aula e revelaram grande interesse e curiosidade sobre o tema, o que me leva a assumir que terão um elevado nível de participação nas próximas aulas, facto a ter em conta, designadamente, no que diz respeito à gestão do tempo da aula, para que não sejam planificadas estratégias e atividades muito ambiciosas para 45 minutos. A propósito, e porque já imaginava que a aula terminaria no limite do tempo, a síntese não foi construída na aula, mas já vinha definida e os alunos procederam à leitura da mesma no momento final. Apesar de considerar que a construção da mesma é sempre mais proveitosa e que tem sido, sistematicamente, um dos pontos altos da participação dos alunos, não creio que se tivesse perdido a essência deste momento das aulas por ter recorrido “apenas” à leitura.

Pela natureza destes conteúdos, poderia ter sido interessante que estes fossem trabalhados de forma interdisciplinar, no âmbito do Projeto da Autonomia e Flexibilidade Curricular, o que fica garantidamente como uma ideia a concretizar para os futuros anos de prática letiva.

Para terminar, mas remetendo para o início da aula, mostrou-se muito importante ter tomado como ponto de partida da aula a situação de conflito entre os dois alunos e também ter esclarecido a todos, que o relevante para a nossa disciplina foram as palavras *símbolos de paz* que colocaram nos seus *origamis* e não a construção dos mesmos, garantindo, no entanto, que o empenho de cada um é valorizado nessa e em qualquer outra tarefa ou atividade.

**Lição n.º 21 (22/02/2022) Sumário:** A paz enquanto direito universal: igual dignidade dos seres humanos. Atividade construção de “uma frase pela paz”. Introdução à atividade “óscars da paz”.

Disciplina: EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica  
**Unidade letiva 4 “A paz universal” (Aula 3 de 9)**

Meta Objetivo <sup>187</sup>	Conteúdos	Estratégias Atividades	⌚ 45m	Recursos Materiais	Avaliação** (grelha observação direta)
<p><b>L</b> Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p> <p><b>3</b> Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.</p>	<p>- Papa Francisco e a Mensagem para o dia Mundial da Paz, 2022;</p> <p>- O Direito à paz: a legítima defesa nos limites da necessidade e proporcionalidade; a proteção dos inocentes e dos vulneráveis; o desarmamento; a negociação democrática como instrumento do governo; o direito internacional e a resistência não violenta e o pacifismo (Mahatma Gandhi).</p>	<b>Acolhimento</b> e registo do <b>sumário</b> .	5	Painel digital ( <b>PPT</b> -Au3-UL4)	Assiduidade e pontualidade Empenho
		Apresentação de <b>vídeo</b> e respetivo <b>debate em grande grupo</b> sobre a <b>mensagem do Dia Mundial da Paz</b> de 2022, do Papa Francisco: exploração dos 3 caminhos para a paz definidos na mensagem.	5	Audiovisual ( <b>Re-Au3-UL4</b> ) Velas	Participação e colaboração Empenho
		<b>Exploração dos conteúdos através de apresentação em PowerPoint</b> , com especial destaque para a figura de Mahatma Gandhi. A necessidade de protegermos os mais vulneráveis, a luta contra o desarmamento, também abordado na mensagem do Papa Francisco, e o papel do governo na promoção da paz (esta exploração de conteúdos apoia-se no manual do aluno pág. 129 à 133).	10	Painel digital ( <b>PPT</b> _Au3_UL4)	Empenho Participação e colaboração
		<b>Atividade “uma frase pela paz”</b> **: os alunos, inspirados nos conteúdos abordados na aula, são convidados a escrever uma frase pela promoção da paz.	15	Painel digital ( <b>PPT</b> _Au3_UL4) <i>Tablets (teams)</i>	Participação e colaboração Empenho Autonomia e responsabilidade Respeitador da diferença/do outro
		Introdução à atividade os <b>“Óscars da Paz”</b> ** – explica-se aos alunos que durante a interrupção letiva do Carnaval terão de desenvolver ou identificar, uma ação concreta do seu dia em dia, que configure um gesto de paz.	5	Painel digital ( <b>PPT</b> _Au3_UL4) <i>Tablets (teams)</i>	Empenho Autonomia e responsabilidade Participação e colaboração Cuidador de si e do outro
		Construção da <b>síntese</b> .	5	Painel digital ( <b>PPT</b> _Au3_UL4)	Participação e colaboração
<p><b>Descritores do perfil do aluno</b>*: Responsável/autónomo, Cuidador de si e do outro, Respeitador da diferença/ do outro, Participativo/colaborador, Questionador, Crítico/analítico, autoavaliador (<a href="#">Critérios de avaliação aprovados em Conselho Pedagógico – transversais e para a UL4</a>).</p> <p><b>Aprendizagem essencial</b>*: “Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo” e “assumir atitudes responsáveis pela construção da paz”.</p>					

<sup>187</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 82-83.

\* Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

\*\* **A** Linguagens e textos; **B** Informação e Comunicação; **C** Raciocínio e resolução de problemas; **D** Pensamento crítico e pensamento criativo; **E** Relacionamento interpessoal; **F** Desenvolvimento pessoal e autonomia; **G** Bem-estar, saúde e ambiente; **H** Sensibilidade estética e artística; **I** Saber científico, técnico e tecnológico; **J** Consciência e domínio do corpo.

Proposta de síntese:

**Nesta aula aprendi que...**

- ✓ Já sou capaz de reconhecer que a paz – direito universal que resulta da igual dignidade de todas as pessoas – concretiza-se na fraternidade e na resistência não violenta (o rosto deste princípio é Gandhi);
- ✓ Se eu fizer um gesto concreto de paz, na minha casa ou na minha comunidade e se todos fizeram o mesmo em cada localidade do mundo, cada um, com um pequeno contributo é construtor ativo da paz universal.

**\*Atividade “uma frase pela paz”** - Esta frase será posteriormente impressa em pulseira/chaveiros. Os alunos terão direito à sua pulseira e a outra igual para oferecer a algum colega, professor ou familiar, como gesto de promoção da paz.

**\*\*“Óscares da Paz”** - A ação deverá ser introduzida na plataforma *teams* na área “tarefas” (com texto e imagem ilustrativa). A turma votará para as categorias “o mais criativo” e “o melhor construtor” de paz. Os gestos/ações concretas de paz submetidos na plataforma, na fase da votação, não estarão identificados. Os alunos recebem os seus globos na aula seguinte. É clarificado que o gesto promotor de paz pode ser algo relacionado com a sua família ou comunidade envolvente. Exemplos: “escrevi uma carta à minha tia porque acho que discute muito com o meu tio e isso não traz paz nem harmonia para a nossa família”, “falei com um professor pois sei que não há uma situação de paz entre dois colegas da turma”, “vou tentar ser mais obediente para os meus pais não discutirem quando me chamam para a mesa para jantar”, “contribuí para o centro comunitário do meu sítio com um cabaz alimentar pois sei que *em casa que falta o pão todos ralham e ninguém tem razão*” – pedem-se outros exemplos aos alunos.

## Relatório de lecionação de aula

Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada – Região Autónoma da Madeira

7º ano, turma A

Aula n.º	21	
Data	22/02/2022	
UL	4 – Paz Universal	
Aula da UL	(3/9)	
Professor cooperante	David Sousa	
Professora estagiária da turma	Diva Fernandes	
Outros participantes	Professor estagiário Pedro Nóbrega	
Cumprimento da planificação	Sim	Não
	<b>X</b>	
Observações (em caso de não cumprimento)		

97

### Reflexão sobre o desenvolvimento da aula e implementação da planificação (inclui auto e heteroavaliação)

A aula iniciou-se à hora prevista com a assiduidade e pontualidade registada na respetiva grelha de avaliação da aula e os sumários registados nos portefólios dos alunos.

Apesar do conteúdo programático fazer referência à mensagem para o Dia Mundial da Paz, de 2014 (cf. Programa de EMRC, 2014, p. 83), por motivos óbvios, em concreto, por ser mais atual, através de um recurso áudio, os alunos ouviram a mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz, divulgada em janeiro de 2022. Para criar um clima de interioridade, foram distribuídas uma vela, por aluno, que além de ter sido um dos objetos símbolos de paz, abordados na primeira aula da UL, também tinha a intenção de promover a atenção focada dos discentes, fomentando um ambiente de interioridade e reflexão. Depois da audição da mensagem, os alunos foram convidados a sistematizar os 3 caminhos propostos pelo Papa Francisco para se alcançar a paz: “diálogo entre as gerações” onde retomámos algumas ideias da aula anterior no que toca à importância da comunicação para a resolução de conflitos; a “educação como fator de liberdade, responsabilidade e desenvolvimento”, onde se destacou a importância de se investir nas gerações mais novas, em detrimento do investimento em guerras e conflitos armados; e o “trabalho para a plena dignidade humana”, o que foi substancialmente ameaçado pela grave crise social e económica provocada pela pandemia Covid19, que deixou milhares de pessoas desempregadas, o que aumentou o fosso entre os mais ricos e os mais pobres, abrindo portas à uma maior vulnerabilidade dos que já eram mais frágeis.

Para a abordagem do conteúdo que se prendia com a paz, enquanto direito universal, partiu-se da resistência não violenta e o pacifismo de Gandhi com a exploração dos diapositivos 6 a 9.

A atividade prática da aula consistiu na recapitulação oral das 3 aulas lecionadas para que os alunos construíssem, e enviassem pela plataforma *teams*, via mensagem privada, as suas “frases pela paz” que posteriormente serão impressas em pulseiras a distribuir pelos alunos, Encarregados de Educação e restante comunidade educativa. Por motivos de impressão, num critério imposto pela gráfica, os alunos deveriam restringir-se a um número médio de cerca de 15 caracteres. Os que quisessem poderiam fazer uma frase mais completa (e longa) para que estas fossem impressas em fitas porta-chaves. Os alunos apenas sabiam que receberiam um “prémio”, uma recompensa pelo esforço e dedicação à tarefa, não sendo do seu conhecimento, nesta fase, que as impressões seriam concretizadas e oferecidas.

Na reta final da aula foi apresentada a atividade “Óscares da paz” que consiste em cada aluno identificar um projeto, uma ação concreta que deverá ser introduzida na plataforma *teams* na área “tarefas” (com texto e imagem ilustrativa). A turma votará para as categorias “o mais criativo” e “o melhor construtor” de paz. Os gestos/ações concretas de paz submetidos na plataforma, na fase da votação, não estarão identificados. Os alunos recebem os seus óscares na aula seguinte. É clarificado que o gesto promotor de paz pode ser algo relacionado com a sua família ou comunidade envolvente. Exemplos: “escrevi uma carta à minha tia, porque acho que discute muito com o meu tio e isso não traz paz nem harmonia para a nossa família”, “falei com um professor pois sei que não há uma situação de ausência de paz entre dois colegas da turma”, “vou tentar ser mais obediente, para com os meus pais, para não discutirem quando me chamam para a mesa para jantar”, “contribuí para o centro comunitário do meu sítio com um cabaz alimentar pois sei que *em casa que falta o pão todos ralham e ninguém tem razão*” pediram-se outros exemplos aos alunos. Entre eles surgiu “quando me disserem para desligar a *PlayStation* eu vou fazer isso para não haver discussões em casa” e “posso pôr uma atividade em que participei dos escoteiros, professora?” Todos os exemplos foram validados e esta tarefa deverá ser entregue até ao final da interrupção letiva do Carnaval.

A aula terminou com a construção da síntese, com recurso à participação espontânea e participação diretiva.

Em suma, a aula decorreu conforme a planificação, que foi cumprida com uma boa gestão de tempo.

Relativamente à 1ª estratégia da audição de recurso, a utilização da vela não resultou com todos os alunos. O que pretendia propiciar um ambiente que promovesse tranquilidade, introspeção e concentração, para alguns alunos tornou-se um foco de distração, o que levou à necessidade de uma maior explanação dos conteúdos do áudio que interessavam à aula. Alguns alunos conseguiram identificar a proposta do Papa Francisco sobre os 3 caminhos para a paz,

mas outros não. Esta situação foi contornada com a exploração oral mais rigorosa do que o que estava previsto<sup>188</sup>.

Relativamente ao exemplo de Gandhi, conteúdo abordado via *PowerPoint*, este foi construído com o cuidado de colocar menos informação por diapositivo e imagens apelativas que complementassem o texto.

No que toca à parte das atividades práticas da aula, os alunos aderiram muito positivamente à construção das frases. Pelo *feedback* e exemplos que deram tudo indica que compreenderam a tarefa proposta sobre os “Óscares da paz”. As frases criadas pelos alunos, foram todas enviadas para a professora via plataforma *teams* e foram enviadas para a gráfica conforme a imagem que se encontra no tópico “Imagens ilustrativas do desenvolvimento da aula”<sup>189</sup>.

---

<sup>188</sup> O facto de o áudio ter a voz da professora pareceu merecer as suas atenções e de certo modo alguma distração “É a voz da professora, não é?!?” (voz Diva Fernandes, música Johann Pachelbel - Canon in D).

<sup>189</sup> A aluna n.º 11, que faltou à aula, foi contactada via mensagem privada e enviou a sua frase (encaminhada posteriormente para a gráfica); a aluna n.º 18 tem sido referenciada como um caso de potencial risco de abandono escolar e além de não vir às aulas nem sempre responde aos contactos via *teams*. Esta situação já foi reportada à Diretora de Turma.

Lição n.º 22 (08/03/2022) **Sumário:** Diálogo, perdão e reconciliação: o caminho para a paz. Atividades “o saco da reconciliação” e “folha amarrotada, dor causada”.

Disciplina: EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica  
**Unidade letiva 4 “A paz universal” (Aula 4 de 9)**

Meta Objetivo <sup>190</sup>	Conteúdos	Estratégias Atividades	⌚ 45m	Recursos Materiais	Avaliação** (grelha observação direta)
<p><b>N</b> Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p><b>4</b> Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</p>	<p>- Diálogo, perdão e reconciliação;</p> <p>- Prémios Nobel da paz: critérios de escolha dos premiados.</p>	<b>Acolhimento</b> e registo do <b>sumário</b> .	5	Painel digital ( <a href="#">PPT-Au4-UL4</a> )	Assiduidade e pontualidade Empenho
		Parte 1/2 da atividade <b>“Folha amarrotada, dor causada”</b> . <sup>*</sup> Uma folha branca é distribuída, por aluno. Os alunos amarrotam a sua folha e deixam estar em cima da mesa durante a aula. O professor refere que a atividade terá continuação.	3	1 folha branca A4, por aluno	Participação e colaboração Empenho
		Entrega das <b>pulseiras “Uma frase pela paz” – os alunos levam uma pulseira com a frase que criaram para o EE e ficam com outra para si</b> – são informados de que as pulseiras da turma estarão disponíveis para outros elementos da comunidade educativa, enquanto gesto que incentiva a promoção da paz.	5	Pulseiras com as frases criadas pelos alunos	Participação e colaboração Empenho
		Prémios Nobel da Paz – Reforçar a importância de os alunos submeterem no <i>teams</i> a tarefa <b>Globo de Ouro da Paz</b> – Analogia com os prémios Nobel da paz (pág. 142 do manual, edição 2021) conteúdo que será abordado na aula seguinte, simultaneamente, à entrega dos Globos da turma.	5	Painel digital ( <a href="#">PPT Au4 UL4</a> ) <i>Tablets (teams)</i>	Empenho Participação e colaboração Autonomia e responsabilidade Respeito pela diferença (outro)
		Atividade <b>“O saco da reconciliação”</b> . <sup>**</sup> – Perante 3 situações-problema, em que <b>os alunos estarão na posição de quem perdoa</b> , expressarão o quão custoso lhes seria perdoar, em cada uma das 3 situações apresentadas.	17	1 saco e 3 pedras - grande, média e pequena - por aluno.	Empenho Respeito pela diferença (outro) Crítica/análise
		Parte 2/2 <b>“Folha amarrotada, dor causada”</b> – depois de terem estado na posição de quem perdoa, vão <b>colocar-se na posição de quem cometeu uma falta e deve pedir perdão</b> , conscientes de que o mal que fazemos, mesmo que perdoado, deixa marcas no outro – tentam pôr a folha na condição em que a receberam.	5	Folha que está amarrotada desde o início da aula	Empenho Participação e colaboração Cuidado consigo e com o outro
		Construção da <b>síntese</b> .	5	Painel digital ( <a href="#">PPT Au4 UL4</a> )	Participação e colaboração Empenho

**Descritores do perfil do aluno\***: Responsável/autónomo, Cuidador de si e do outro, Respeitador da diferença/ do outro, Participativo/colaborador, Questionador, Crítico/analítico, autoavaliador ([Critérios de avaliação aprovados em Conselho Pedagógico – transversais e para a UL4](#)).

**Aprendizagem essencial\***: “Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo” e “assumir atitudes responsáveis pela construção da paz”.

<sup>190</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 82-83.

\* Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

\*\* **A** Linguagens e textos; **B** Informação e Comunicação; **C** Raciocínio e resolução de problemas; **D** Pensamento crítico e pensamento criativo; **E** Relacionamento interpessoal; **F** Desenvolvimento pessoal e autonomia; **G** Bem-estar, saúde e ambiente; **H** Sensibilidade estética e artística; **I** Saber científico, técnico e tecnológico; **J** Consciência e domínio do corpo.

Proposta de síntese: **nesta aula aprendi que...**

- ✓ Já sou capaz de reconhecer situações em que posso colaborar, ativamente, para a construção da paz;
- ✓ Devo exercitar a minha capacidade de perdoar;
- ✓ Pela paz (intra e interpessoal) devo evitar situações que causam sofrimento/dor no outro e que me levam à necessidade de pedir perdão.

### **Guião de atividades para o professor:**

\* **“Folha amarrotada, dor causada”** – A atividade tem por objetivo mostrar aos alunos que quando causamos sofrimento ao outro, não estamos a ser construtores de paz, não estamos a ver o outro como um ser humano digno do nosso respeito, consideração, tolerância e aceitação. Ao tentarem colocar a folha sem marcas, tal como a receberam, perceberão que por mais que possamos pedir perdão pelo sofrimento causado ao outro, das nossas atitudes, podem resultar marcas irreversíveis na outra pessoa. Assim, devem concluir que o ideal é evitarmos causar sofrimento ao nosso semelhante. Exploração dos princípios “não faças aos outros aquilo que não gostarias que te fizessem a ti”.

\*\* **“O saco da reconciliação”** – Antes da atividade, o professor relembra a necessidade do **diálogo** enquanto via fundamental para a negociação entre as partes num conflito (para que não haja situações de falência da paz) – reforço da estratégia ganha-ganha, abordada nas aulas anteriores.

Seguidamente, o professor apresenta aos alunos, uma a uma, as seguintes situações-problema: **A** – um colega teu ofendeu-te, humilhou-te, empurrou-te e caíste em pleno pátio da escola; **B** – num ataque de fúria, o teu primo atirou o teu telemóvel à parede e ele partiu-se; **C** – O teu melhor amigo traiu a tua confiança ao partilhar com a tua turma um segredo muito pessoal, que lhe tinhas confidenciado.

**A cada situação, o professor dá a seguinte instrução:** “Até que ponto vos custaria perdoar esta situação? Ponham no saco uma pedra grande, uma média ou uma pequena. A grande representa que vos custaria muito perdoar a pessoa que causou esta situação, a pequena significa que custaria pouco e a média *assim-assim*. Sejam sinceros. Esta atividade é para vossa reflexão pessoal, não vão ter de partilhar, oralmente, as vossas opções. Só falaremos, em grupo, sobre as conclusões da atividade”.

Os alunos vão acumular no saco as 3 pedras relativas às 3 situações.

Assim, em concreto, para cada situação, os alunos devem refletir sobre o quão lhes custaria perdoar quem as provocou. O professor não deve colocar a hipótese de as situações não serem perdoadas, pois o aluno deve ser orientado para o exercício do **perdão** (por mais que lhe custe) enquanto único caminho possível para a **reconciliação** e, conseqüentemente, para a paz. Para cada situação-problema, os alunos devem ter ao seu dispor os 3 tamanhos diferentes de pedras.

Para finalizar, o professor pede que os alunos peguem nos seus sacos da reconciliação e sintam o seu peso. Quem tem mais dificuldade em perdoar terá os sacos mais pesados, por exemplo, 3 pedras grandes: ter mais dificuldade em perdoar, leva a uma menor possibilidade de reconciliação plena, ficamos mais “pesados”, ressentidos, magoados, não nos abrimos ao diálogo, “ficamos de saco cheio”. Por outro lado, os sacos mais leves, por exemplo, com 3 pedras pequenas, simbolizam maior possibilidade de reconciliação plena, abertura ao diálogo, ficamos mais leves, mais alegres, mais positivos em interação com o outro. O professor reforça o princípio: “Não faças aos outros o que de mal te fizeram a ti. Esta é a força do perdão” (cf. manual do aluno, p. 136, edição 2021).

No final da atividade, o professor deve fazer uma breve referência ao facto de a nossa capacidade de perdoar, com maior ou menor facilidade, não ter, necessariamente a ver com a situação que perdoamos, em si, mas mais com a nossa capacidade de perdoar (que deve ser exercitada ao longo da vida). Por exemplo, pode ter custado menos ao Papa João Paulo II perdoar Ali Agca, que o tentou matar (bem supremo da vida) do que me custou perdoar alguém que me ofendeu verbalmente (com implicação para a minha autoconfiança ou autoestima).

## Relatório de lecionação de aula

Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada – Região Autónoma da Madeira

7º ano, turma A

Aula n.º	22	
Data	08/03/2022	
UL	4 – Paz Universal	
Aula da UL	(4/9)	
Professor cooperante	David Sousa	
Professora estagiária da turma	Diva Fernandes	
Outros participantes	Docente Supervisor da PES – Juan Ambrosio Professor estagiário - Pedro Nóbrega	
Cumprimento da planificação	Sim	Não
	X	
Observações (em caso de não cumprimento)		

102

### Reflexão sobre o desenvolvimento da aula e implementação da planificação (inclui auto e heteroavaliação)

A aula iniciou-se à hora prevista com a assiduidade registada pelo professor cooperante, que como vem sendo habitual, regista as faltas na plataforma *place*. Em termos de pontualidade, alguns alunos, chegaram ligeiramente atrasados (ver figura n.º 3), mas não de forma substancial ou que criasse constrangimentos para a gestão de tempo da aula. Desde logo, o quadro de cortiça, com as pulseiras impressas, suscitaram curiosidade e foram motivadoras para mais uma aula.

Como é habitual os alunos registaram o sumário nos seus portefólios e nesta aula, as barras de tempo estavam presentes no próprio diapositivo do sumário o que permite aos alunos terem noção do tempo da aula definido para esta tarefa.

De modo a trabalhar o conteúdo “diálogo, perdão e reconciliação”, foi distribuída uma folha branca A4, por aluno, e foi dada a indicação de que deveriam amarrotá-la e mantê-la desse modo na mesa, até ao final da aula.

Relembrei a tarefa da aula anterior, em que os alunos foram convidados a criar frases sobre a paz, de acordo com os conteúdos que tinham sido lecionados até então. Os alunos foram surpreendidos com as pulseiras que continham as mensagens que haviam criado. Cada aluno teve direito a um envelope que continha a sua frase impressa em 3 pulseiras de cores variadas. Escolheram 2 delas, uma para si e outra para levar para o seu encarregado de educação e a 3ª foi colocada pelos alunos num quadro de cortiça pois as suas mensagens, em pulseiras, foram deixadas num quadro, em espaço comum, para serem oferecidas aos elementos da comunidade educativa. Os alunos que além da frase curta, enviaram frases mais longas foram premiados com uma fita porta-chaves, para além das pulseiras.

De acordo, com a planificação, reforçou-se a importância de os alunos submeterem na plataforma *teams* (na área “tarefas”) o seu gesto de “contributo para a paz” que depois será votado para atribuição dos “Óscares da Paz”. A data de entrega foi prolongada pois durante a interrupção letiva do Carnaval poucos alunos submeteram a tarefa. Para motivá-los, projetei os prémios (estátuas dos óscares) num dos diapositivos da aula (*cf.* Diapositivo 4).

Para a concretização da atividade “o saco da reconciliação” foram distribuídos, por aluno, um saco pequeno de plástico e 3 *packs*, cada um deles com 3 pedras de diferentes tamanhos (grande, média e pequena). O objetivo consistiu em trabalhar o diálogo, o perdão e a reconciliação. Tal como havia sido trabalhado, já em aulas anteriores, o diálogo foi trabalhado enquanto competência que evita conflitos, mas que também, quando os há, é um excelente instrumento de resolução. Desta feita, o exercício principal que se pretende com esta atividade é trabalhar a capacidade de perdoar, analisando diferentes situações-problema, mas de forma concreta e objetiva (através do peso das pedras no saco). Conforme as 3 situações-problema foram apresentadas aos alunos, cada um colocava no saco a pedra que correspondia ao quão custoso ser-lhe-ia perdoar, aquela pessoa, naquela circunstância. Quanto mais custasse mais pesada a pedra colocada no saco, por situação-problema apresentada. De referir que a possibilidade de não perdoar nunca foi posta como possibilidade. O princípio é o do perdão, mas que poderá custar mais ou menos tendo em conta os intervenientes e o que representa para cada um a situação. À medida que os alunos foram desenvolvendo a atividade, notou-se claramente que estavam envolvidos e refletiam de forma crítica sobre as situações, uma vez que havia um momento de reflexão antes da tomada de decisão sobre o tamanho da pedra a colocar no saco.

No final da atividade, os alunos foram convidados a refletir, em grande grupo, sobre o peso dos seus sacos. Sacos mais leves significaram uma maior capacidade de perdoar, encarar a vida com base na promoção de relações interpessoais harmoniosas. Sacos mais pesados significavam mais mágoa, dificuldade no exercício do perdão e menores probabilidades de reconciliação. Todos os alunos foram incentivados a aplicar este exercício no seu dia a dia. Apesar disso, reconheceu-se a dor da ferida quando nos magoam, é legítimo sentirmo-nos magoados quando nos ofendem ou maltratam, porém se não formos conduzidos pelo caminho do perdão, a mágoa ou ressentimento não atenuarão essa dor, pelo contrário. Os alunos foram ainda confrontados com a diferença entre perdoar e esquecer, em concreto, que perdoar não implica esquecer, mas que devemos, inclusivamente, utilizar a memória da situação para não repetir o sofrimento que causámos ao outro ou de que fomos vítimas, o que será promotor de paz. Foi dado como exemplo o perdão concedido por João Paulo II a Ali Ağca e destacou-se que o perdão depende de quem o oferece, mas que a reconciliação depende das duas partes (*cf.* diapositivo 11).

Paralelamente, apesar do perdão, neste contexto, também foi importante apresentar-se a prisão/castigos como ato de amor. O que pode levar à ausência de paz e que implica perdão pode ser um ato reprovável e alvo de sanção – mesmo no âmbito penal, socialmente ou juridicamente falando - mas que esta sirva para nos educarmos enquanto seres humanos.

Na reta final da aula, os alunos foram convidados a refletir sobre a posição inversa. Ou seja, se até ao momento colocaram-se na posição de quem estava a perdoar, agora deveriam colocar-se na posição de quem ofendeu/magoou representado no ato de “amarrotar a folha” – recuperação da atividade “folha amarrotada, dor causada”. Com esta atividade tiveram oportunidade de concluir que quando ofendemos alguém, por mais que tentemos reverter a situação, no outro, tal como na folha, ficam sempre marcas, umas mais profundas, outras mais superficiais, mas ficam sempre. Concluiu-se que o ideal será sempre evitar situações que possam implicar o perdão, mas que, se as houver, utilizem as ferramentas aprendidas nesta aula.

A aula terminou com a construção da síntese com a participação espontânea e direcionada, como é habitual, um dos pontos de maior participação e envolvimento por parte dos alunos.

Assim, em jeito de síntese, a aula decorreu conforme a planificação, que foi cumprida com uma gestão de tempo adequada. O comportamento dos alunos foi assertivo e revelou motivação e interesse pelas atividades propostas. Estas permitiram que os alunos chegassem facilmente às conclusões previstas.

Utilizar o que os alunos criaram – frases pela paz – com uma lembrança para memória futura, revelou-se de particular interesse por envolver encarregados de educação e restante comunidade educativa, sendo claro que os conteúdos ministrados nesta disciplina devem, sempre que possível, ir além das paredes da sala de aula.

O método ativo, em que os alunos, incentivados e orientados pelo professor, chegam eles próprios, às conclusões previamente estabelecidas na preparação da aula, revelou-se, uma vez mais, eficaz para a assimilação dos conteúdos propostos.

Enviar uma tarefa durante uma interrupção letiva é uma prática a não repetir, uma vez que se perde de algum modo a proximidade aos alunos bem como a possibilidade de incentivá-los para a concretização da mesma.

O docente supervisor da PES, mestre Juan Ambrosio, esteve presente nesta aula e começou por referir os aspetos positivos da aula e seguidamente as duas fragilidades que indicou ter detetado.

Começou por referir que achou muito interessante a estratégia das “barras do tempo” para os alunos terem noção do tempo que tinham para passar o sumário, o que lhes dá um certo foco e concentração na tarefa.

Considerou muito interessante o modo como, na introdução da aula, lembrei os conteúdos das últimas aulas, o que foi inteligente na medida em que os alunos tinham regressado da interrupção letiva e que por isso era importante fazê-lo, antes de introduzir os novos conteúdos, por permitir situá-los. As imagens que utilizei para o efeito, foram bastante apelativas (ver diapositivo 2), segundo considerou o docente.

Seguidamente, referiu que se notou que a aula exigiu muita preparação e que essa preparação foi muito bem feita, reforçando que o sucesso de uma aula, deve-se muito à sua preparação, à sua planificação, sendo certo que pode falhar, mas que ter esta base sólida é o primeiro passo.

Relativamente às pulseiras e às fitas porta-chaves, referiu que foi uma ideia muito interessante, não só para os alunos, mas também para chegar aos encarregados de educação e à comunidade educativa levando as frases para além da sala de aula, sendo importante, na sua perspetiva, dar a conhecer o que se leciona nas nossas aulas e, nesse sentido, esta foi uma forma muito positiva de fazê-lo.

Quanto à atividade “óscars da paz” prevê que será muito interessante e concorda que as tarefas nas interrupções letivas têm sempre este riso. Além disso vê nesta atividade a possibilidade de explorar o verdadeiro princípio de sermos construtores ativos da paz e que incentivar, valorizar e premiar as práticas diárias e concretas dos alunos, revela-se muito positivo.

Referiu, quanto à atividade do “saco da reconciliação” que foi muito original e interessante e que esta permitiu trabalhar muito bem a mensagem sobre o diálogo, perdão e reconciliação que foi, na sua perspetiva, muito bem conseguida.

Na sua avaliação, referiu que detetou duas fragilidades, a primeira, que diz respeito ao facto de ter faltado alertar os alunos para as situações em que, mesmo que consideremos que a situação “exige” pedirmos perdão, se magoou ou ofendeu o outro, devemos pedi-lo, ainda assim. Ou seja, faltou expressar diretamente aos alunos que mesmo que cada um de nós considere que uma determinada situação não necessita de ser perdoada aos nossos olhos, mas se para o outro fomos ofensivos ou magoámos, devemos ter esta iniciativa de pedir perdão, ainda que não tenhamos tido a intenção de magoar ou consideremos que é uma situação que não carece de perdão. E a segunda fragilidade detetada, diz respeito à utilização de sacos de plástico. Nos nossos dias, devemos dar o exemplo aos nossos alunos e não os utilizar tendo em conta as questões do “desenvolvimento sustentável” que também trabalhamos noutras unidades letivas, na nossa disciplina.

Meta Objetivo <sup>191</sup>	Conteúdos	Estratégias Atividades	⌚ 45m	Recursos Materiais	Avaliação** (grelha observação direta)
<p><b>N</b></p> <p><b>Promover o bem comum e o cuidado do outro.</b></p> <p><b>4</b></p> <p><b>Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</b></p>	<p>- Prémios Nobel da paz: critérios de escolha dos premiados;</p> <p>- Instituições de promoção da paz no mundo: União Europeia, Organização das Nações Unidas e Tribunal Internacional dos Direitos do Homem.</p>	<b>Acolhimento</b> e registo do <b>sumário</b> .	5	Painel digital <b>(PPT-Au5-UL4)</b>	Assiduidade e pontualidade Empenho
		<b>Análise dos resultados e entrega dos Globos de Ouro da Paz da turma</b> – Analogia com os prémios Nobel da paz.	10	Globos	Empenho Participação e colaboração
		Atividade <i>Pessoas e instituições promotoras de paz</i> – pela dignidade da pessoa, promoção do bem comum e cuidado do outro: o professor distribui, aleatoriamente, pelos alunos, várias imagens, nomes de pessoas e organizações, bem como frases descritoras de eventos e critérios de reconhecimento de alguns laureados com o Prémio Nobel da Paz. Os alunos em grande grupo, vão colando com <i>bostik</i> as várias imagens-frases de modo a chegarem às linhas corretas do guião do professor (nome de pessoas/Instituição + Frase que a caracteriza). O número de Instituições-Pessoas deverá ser igual ao número de alunos da turma para que todos participem ativamente na atividade. No final o círculo Nobel da Paz é colocado nas pessoas-organizações que foram reconhecidas.	25	Imagens  Frases  Símbolos Nobel da Paz com data  <b>(PPT-Au5-UL4)</b>  <i>Bostik</i>	Crítica e análise  Participação e colaboração  Empenho
		Construção da <b>síntese</b> .	5	<b>PPT-Au5-UL4</b>	Empenho Participação e colaboração
<p><b>Descritores do perfil do aluno*:</b> Responsável/autónomo, Cuidador de si e do outro, Respeitador da diferença/ do outro, Participativo/colaborador, Questionador, Crítico/analítico, autoavaliador (<a href="#">Critérios de avaliação aprovados em Conselho Pedagógico – transversais e para a UL4</a>).</p> <p><b>Aprendizagem essencial*:</b> “Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo” e “assumir atitudes responsáveis pela construção da paz”.</p>					

Proposta de síntese:

**Nesta aula aprendi que...**












- ✓ Já sou capaz de reconhecer que a solução para as situações de conflito exige o reconhecimento da dignidade da pessoa, e de compreender a urgência de promover o bem comum e o cuidado do outro;
- ✓ Reconheço pessoas e instituições que se dedicaram a estes propósitos e foram reconhecidas pelos seus contributos;
- ✓ A paz começa com as minhas ações diárias.

<sup>191</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 82-83.






\* Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

\*\* **A** Linguagens e textos; **B** Informação e Comunicação; **C** Raciocínio e resolução de problemas; **D** Pensamento crítico e pensamento criativo; **E** Relacionamento interpessoal; **F** Desenvolvimento pessoal e autonomia; **G** Bem-estar, saúde e ambiente; **H** Sensibilidade estética e artística; **I** Saber científico, técnico e tecnológico; **J** Consciência e domínio do corpo.

**Guião do Professor:**

	<b>Instituições e Pessoas pela promoção da paz</b>	<b>Imagem</b>	<b>Nobel</b>	<b>Data do Nobel</b>	<b>Descrição</b>
1	União Europeia			2012	Parceria económica e política constituída por 27 Países europeus – parcerias que reduzem conflitos; Reconhecidos “por mais de 6 décadas a contribuir para o avanço da paz e reconciliação, democracia e direitos humanos na Europa”.
2	Organização das Nações Unidas (ONU)				Fundada logo após a 2ª guerra mundial, em 1945, em São Francisco (EUA) com o objetivo de promover a cooperação internacional e conseguir a paz e segurança entre os povos: Declaração Universal dos Direitos do Homem.
3	António Guterres				Nasceu em Lisboa, foi Primeiro-Ministro de Portugal e Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados e é o atual Secretário-Geral da ONU. “A ONU nasceu da guerra. Hoje, devemos estar aqui pela paz”.
4	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)			1954	Criado com o objetivo de dirigir e coordenar ações internacionais que apoiam vítimas, sobretudo, de guerras, que por isso saem dos países de origem para recomeçarem as suas vidas em países que lhes dão paz e segurança; Foi reconhecida pelo seu trabalho humanitário.
5	Amnistia Internacional (1º presidente Sean MacBride)	 		1974	Criada em 1961, publica anualmente atentados à dignidade humana; investiga e previne atentados à integridade física e psicológica, à liberdade e a todas as formas de discriminação, sobretudo quando não estão garantidos os Direitos Humanos fundamentais.
6	Tribunal Internacional dos Direitos do Homem				Constituído em 1998, na Holanda, está sediado em Haia; É a última instância de recurso; Avalia crimes internacionais mais graves: genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra.
7	Comissão Nacional da Justiça e Paz (CNJP)				Organismo da Igreja Católica, que visa promover e defender a justiça e a paz, à Luz do Evangelho; estuda e divulga a doutrina social da Igreja; tem em atenção especial os grupos mais vulneráveis das sociedades.

8	Henry Dunant		 1901	Fundador da Cruz Vermelha internacional – Genebra (Suíça) – Foi em 1863 que fundou o Comitê Internacional de Socorro aos Militares Feridos em Tempos de Guerra (desde 1875, designado por Comitê Internacional da Cruz Vermelha). Nesta altura é também adotada uma cruz vermelha em fundo branco (inverso da bandeira suíça, país de Henry Dunant) como emblema protetor.
9	Luther King		 1964	Ativista dos direitos humanos, nos EUA, sobretudo de 1955 até a sua morte em 1968. Proferiu no seu discurso, aquando da famosa marcha pacifista em Washington, a célebre frase “I have a dream” – Eu tenho um sonho, a América ser um País que promove a igualdade entre todos (não discrimine em função da raça, p. ex.).
10	(Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância) UNICEF		 1965	Fundada em Nova Iorque, em 1946, é um órgão das Nações Unidas que tem como objetivo promover a defesa dos direitos das crianças, ajudar a dar resposta às suas necessidades e contribuir para o seu desenvolvimento criando condições duradouras.
11	Madre Teresa de Calcutá		 1979	Reconhecida pela luta contra a pobreza na Índia e no Mundo. Fundou a congregação das Missionárias da Caridade, cuja missão é o serviço aos mais pobres e doentes por meio da mensagem e vivência do Evangelho de Jesus Cristo.
12	Dalai-Lama		 1989	Lutou pela independência no Tibete, opondo-se à violência. Em vez disso, defendeu soluções pacíficas baseadas na tolerância e respeito mútuo, a fim de preservar a herança histórica e cultural do seu povo.
13	Nelson Mandela		 1993	Ativista dos direitos humanos. Reconhecido pelos seus esforços pelo fim do Apartheid e por lançar as bases para uma renovada África do Sul, democrática.
14	Malala Yousafzai		 2014	Defesa dos direitos das crianças – lutou contra a repressão de crianças e jovens e pelo direito de todas elas à educação. A sua célebre frase ficou conhecida “uma criança, um professor, um livro, uma caneta podem mudar o mundo”.

15	Programa Alimentar Mundial da ONU		 2020	Reconhecido pelos seus esforços no combate à fome, pelo seu contributo para melhorar as condições pela paz em zonas atingidas por conflitos e por agir para prevenir o uso da fome como uma arma de guerra e conflito.
16	Cruz Vermelha Internacional		 1963	Organização reconhecida pelo seu trabalho de proteção aos direitos humanos nos 100 anos da sua existência. Pelo trabalho humanitário aos feridos de guerra, nos campos de batalha.
17	Organização do Tratado do Atlântico do Norte (NATO/OTAN)			Por vezes, chamada Aliança Atlântica, é uma aliança militar intergovernamental baseada no Tratado do Atlântico Norte, que foi assinado em 4 de abril de 1949. É um sistema de defesa coletiva através do qual os seus Estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização; tem sede em Bruxelas, na Bélgica. PpP (Parceria para a Paz) é um dos seus programas.

## Relatório de leção de aula

Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada – Região Autónoma da Madeira

7º ano, turma A

Aula n.º	23	
Data	15/03/2022	
UL	4 – Paz Universal	
Aula da UL	(5/9)	
Professor cooperante	David Sousa	
Professora estagiária da turma	Diva Fernandes	
Outros participantes	Professor estagiário - Pedro Nóbrega	
Cumprimento da planificação	Sim	Não
		X
Observações (em caso de não cumprimento)	Não foi realizada a síntese nem a abordagem aos ODS.	

110

### Reflexão sobre o desenvolvimento da aula e implementação da planificação (inclui auto e heteroavaliação)

A aula iniciou-se à hora prevista, com o registo da assiduidade e pontualidade dos alunos na grelha de avaliação e faltas lançadas na plataforma *place*, pelo professor cooperante.

Os alunos estavam muito expectantes para a entrega dos “Óscares da paz”, nas duas categorias definidas. Os óscares foram atribuídos aos dois alunos que foram aplaudidos pela turma quando receberam o seu óscar. Todos os projetos foram, de forma anónima, sujeitos a votação por parte da turma.



Figura 8- Resultados do formulário “Google Forms”:  
Escolhe o mais CRIATIVO gesto promotor de paz.

Face ao empate, a turma votou, uma vez mais, anonimamente, mas desta feita, só nos dois projetos empatados e o projeto vencedor foi o da aluna n.º 5 IAN com o projeto “doar roupas e brinquedos que já não uso, mas que estão em bom estado. Dar-lhes bens essenciais é fazer com que aquela família não tenha tantas situações de conflito e esteja mais próxima de um ambiente de paz.”

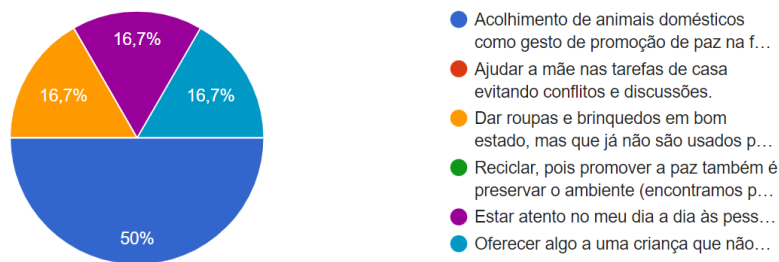


Figura 9 – Resultados do formulário “Google Forms”: Escolhe o melhor projeto construtor de paz.

Relativamente à segunda categoria, o projeto vencedor, foi o “acolhimento de animais domésticos, como gesto promotor de paz na família, pela sua potencialidade de criar laços e afetos não só com os animais, mas também entre todos os elementos da família”. O prémio desta categoria foi recebido pelo aluno n.º 7MSA.

Já nos seus lugares, e com algum compasso de espera para que a turma acalmasse da euforia da entrega de prémios, com base no diapositivo 2 do *PowerPoint* da aula, referi que, tal como eles, várias personalidades e instituições receberam os seus “óscars” ou seja, várias pessoas e instituições têm sido destacadas ao longo da história, através da atribuição dos “Prémios Nobel da Paz”. Outros, apesar de não terem sido laureados, também se destacaram pelos seus contributos, enquanto construtores ativos da paz. Após distribuir, aleatoriamente, imagens-nomes-e pequeno texto que fundamenta os motivos pelos quais se destacaram essas pessoas ou instituições (as sugeridas no manual do aluno, *cf.* 138 à 142) cada aluno tinha na sua posse um *pack* (nome+imagem+descrição). O objetivo consistiu em colocarem, distribuídos pela sala, o nome+imagem+descrição de forma correta. Por exemplo, inicialmente, o aluno n.º 1 poderia ter na sua posse um conjunto desordenado, a foto de António Guterres, a imagem de Madre Teresa de Calcutá e a descrição da Cruz Vermelha Internacional. Os alunos começaram por analisar os materiais que lhes calharam, aleatoriamente, espreitando para os materiais dos colegas para tentarem encontrar as correspondências. De forma quase unânime, trabalharam em grupo turma e decidiram que a melhor estratégia seria colarem nas paredes, em primeiro lugar, as imagens. Seguidamente, em algumas situações, por tentativa e erro, atribuíram o “nome” da pessoa ou instituição às imagens expostas. À posteriori, e olhando para as descrições de todos os colegas, juntaram aos nomes-imagens à descrição do que fez a pessoa ou instituição para ser destacada, no âmbito do tema que estamos a trabalhar.

As medalhas dos prémios Nobel, foram distribuídas no final, e aqui, quase exclusivamente, por tentativa e erro, os alunos chegaram à versão correta e final.

Com todas as correspondências corretas, os alunos circularam pela sala e assimilaram os conteúdos da exposição, partilhando com o grupo turma o que já conheciam de algumas das pessoas/instituições ali representadas.

A aula terminou não tendo havido tempo suficiente para a implementação completa da planificação.

Do exposto, resulta que a aula decorreu com grande dinamismo e com recurso ao método ativo, mais moroso, mas mais profícuo para a assimilação de conteúdos.

A gestão de tempo pode ter sido a sua grande fragilidade, mas já tinha noção de que a planificação poderia ter sido demasiado ambiciosa, era esse o risco. Contudo, este conteúdo pode ser continuado na próxima aula em que serão abordados os “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” não havendo uma rutura total dos conteúdos a ministrar.

Enviar uma tarefa para concretizar durante a interrupção letiva foi até hoje algo que condicionou a atividade “Óscares da Paz”, em que foram submetidos apenas 6 projetos. Apesar de ter deixado um exemplo na plataforma *teams*, para motivar os alunos (ver figura 3), a atividade poderia ter sido mais proveitosa se tivesse sido feita no contexto da sala de aula, uma vez que se notou o desalento dos alunos que não submeteram projeto e que não viram os mesmos votados. Num misto de frustração e arrependimento, expressaram o quão constrangidos se sentiram por não terem participado e alguns, fizeram questão de partilhar, oralmente, o que fazem no seu dia a dia, enquanto gesto promotor de paz.

Meta Objetivo <sup>192</sup>	Conteúdos	Estratégias Atividades	⌚ 45m	Recursos Materiais	Avaliação** (grelha observação direta e outra)
<p><b>E</b> Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p><b>5</b> Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir dos textos bíblicos.</p>	<p>- A Lei Talião, contra os abusos de poder;</p> <p>- A proposta de Jesus para a construção da paz: o amor aos inimigos (Mt 5, 43-48); o perdão (Mt 18, 21-22); o sermão da montanha (Mt 5, 1-12).</p>	<p><b>Acolhimento</b> – recapitulação dos conteúdos da aula anterior e respetiva atividade.</p>	2	Painel digital <a href="#">PPT-Au5-6-UL4</a>	Assiduidade e pontualidade Empenho
		<p><b>Conclusão da aula anterior:</b> aferição das pessoas/instituições laureados com o prémio Nobel da paz e os ODS (objetivo 16º); explanação da ONU, do Tribunal Internacional dos Direitos do Homem, do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e da Cruz Vermelha Internacional (com representação regional).</p>	10	Materiais da aula anterior	Participação e colaboração Questionador Crítico e analítico
		<p>Registo do <b>sumário</b>.</p>	3	<a href="#">PPT-Au5-6-UL4</a>	Autonomia e responsabilidade Empenho
		<p>Exploração dos conteúdos da aula com recurso a documento <b>PowerPoint</b> – ideias-chave e principais conclusões.</p>	15	<a href="#">PPT-Au5-6-UL4</a>	Participativo e colaborativo
		<p>Leitura da <b>síntese</b>.</p>	5	<a href="#">PPT-Au5-6-UL4</a>	Participação e colaboração Empenho
		<p><i>Wordwall</i> sobre os conteúdos da aula.</p>	10	Tablets do aluno	0-100%
<p><b>Descritores do perfil do aluno*:</b> Responsável/autónomo, Cuidador de si e do outro, Respeitador da diferença/ do outro, Participativo/colaborador, Questionador, Crítico/analítico, autoavaliador (<a href="#">Critérios de avaliação aprovados em Conselho Pedagógico – transversais e para a UL4</a>).</p> <p><b>Aprendizagem essencial*:</b> “Valorizar a Paz como elemento essencial da identidade cristã”.</p>					

Proposta de síntese:

**Nesta aula aprendi que...**

- ✓ Já sou capaz de identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã,
- ✓ É importante compreender a importância do perdão, o que reforça o que já tinha aprendido com a atividade “Saco da reconciliação”.

<sup>192</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 82-83.

\* Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

\*\* **A** Linguagens e textos; **B** Informação e Comunicação; **C** Raciocínio e resolução de problemas; **D** Pensamento crítico e pensamento criativo; **E** Relacionamento interpessoal; **F** Desenvolvimento pessoal e autonomia; **G** Bem-estar, saúde e ambiente; **H** Sensibilidade estética e artística; **I** Saber científico, técnico e tecnológico; **J** Consciência e domínio do corpo.

## Relatório de lecionação de aula

Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada – Região Autónoma da Madeira

7º ano, turma A

Aula n.º	24	
Data	22/3/2022	
UL	4 – Paz Universal	
Aula da UL	(6/9)	
Professor cooperante	David Sousa	
Professora estagiária da turma	Diva Fernandes	
Outros participantes	Professor estagiário Pedro Nóbrega	
Cumprimento da planificação	Sim	Não
	x	
Observações (em caso de não cumprimento)		

114

### Reflexão sobre o desenvolvimento da aula e implementação da planificação (inclui auto e heteroavaliação)

A aula iniciou-se à hora prevista, com o registo da pontualidade dos alunos (ver grelha de avaliação), a assiduidade devidamente lançada na grelha de observação direta e as faltas lançadas na plataforma *place*, por parte do docente cooperante.

Na fase inicial de acolhimento, houve oportunidade de retomar o conteúdo sobre os “Prémios Nobel” no sentido abrangente, e em concreto, o significado da atribuição dos “Prémios Nobel da Paz” (ver diapositivo 1).

Seguidamente, seguindo a sugestão da avaliação da aula anterior, feita pelo colega estagiário e pelo docente cooperante, destaquei algumas organizações promotoras de paz, tendo como critério de seleção o contexto atual que todos enfrentamos, a propósito do conflito entre a Ucrânia e a Rússia. Neste contexto, foram exploradas: a Organização das Nações Unidas – em que destaquei o seu objetivo de promoção e cooperação internacional para conseguir a paz e segurança entre os povos, com particular relevância na proclamação Universal dos Direitos Humanos; o Tribunal Internacional dos Direitos do Homem, que tanto tem sido referido nos nossos dias e que se dedica a analisar processos sobre crimes internacionais graves, nomeadamente, crimes de guerra; o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – com uma imagem ilustrativa da SIC, onde a repórter faz a sua reportagem mesmo à frente da zona de acolhimento dos refugiados; e a Cruz Vermelha Internacional – que também tem tido particular destaque na formação dos corredores humanitários, sendo também uma Instituição que os alunos reconhecem pelas suas ações na delegação da Madeira.

Seguidamente, dando continuidade à concretização da planificação, foram apresentados os objetivos do desenvolvimento sustentável, com destaque para o 16º, que diz respeito à *paz*,

*justiça e instituições eficazes*. Tal como é possível verificar no diapositivo 5, o que foi transmitido aos alunos é que a paz deve ser um compromisso e um modo de vida que exige que se satisfaçam as expectativas legítimas de todos, como o acesso à alimentação, à água e à energia, à medicina e à tecnologia, garantindo a dignidade da vida humana. Neste sentido, reforcei que sem a justiça, a justa distribuição dos bens, a verdade e a liberdade, não é possível construir relações de paz e que está nas mãos de todos nós, fazê-lo.

Para concluir os conteúdos da aula anterior os alunos construíram a síntese e registaram o sumário da aula de hoje, nos seus portefólios.

Tendo por objetivo identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo e identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir dos textos bíblicos, partindo dos conteúdos propostos no manual do aluno, foi abordado o seguinte: a lei Talião contra os abusos de poder e a proposta de Jesus para a construção de paz, em concreto, o amor aos inimigos (Mt 5, 43-48), o perdão (Mt 18, 21-22) e o sermão da montanha (Mt 5, 1-12).

Todo o conteúdo dos diapositivos, de 8 a 11, foram lidos e interpretados pelos alunos numa discussão guiada por mim, em grande grupo. Em todas as mensagens transmitidas pelos textos bíblicos, foram estabelecidas pontes com situações concretas do dia a dia dos alunos. Na interpretação da lei de Talião, muitas vezes nos nossos dias mal interpretada e comparada ao princípio “cá se fazem, cá se pagam”, foi importante ressaltar que naquele tempo esta lei veio combater muitas injustiças e que conferiu uma certa equidade entre uma ação e a sua penalização ou consequência – de uma forma proporcional o que não acontecia até então. No amor aos inimigos e abordagem do perdão, recuperámos os conteúdos lecionados na aula n.º 4 desta unidade, em concreto, o que aprenderam com a atividade “saco da reconciliação”. Com base no diapositivo n.º 11, os alunos apreenderam a mensagem de que, segundo a mensagem cristã, ser pacificador, semear a paz, é um princípio basilar da mensagem transmitida por Cristo e que cabe a cada cristão ser construtor ativo e não limitar-se a evitar o conflito (apesar disso também ser importante).

Seguidamente, os alunos construíram a síntese e realizaram a tarefa prática desta aula, com recurso à plataforma *wordwall*.

Retomar os “Prémios Nobel”, em geral, e os da paz, em particular, revelou-se uma mais-valia para sistematizar o que os alunos tinham aprendido na última aula.

O vídeo resultou muito bem para a abordagem dos ODS, pois destacou o objetivo 16º - importante nesta unidade letiva – o que permitiu que os alunos percebessem que estes objetivos não se limitam às questões da natureza e dos ecossistemas e que essa é uma perspetiva redutora da agenda 2030. As questões que se prendem com a justiça e instituições pela paz, incluem a justa distribuição dos bens e serviços, como a saúde e a alimentação, ou seja, desmistificou-se

a ideia de que estes objetivos são exclusivamente direcionados para o ambiente e recursos naturais, ideia preconcebida que, não raras vezes, os alunos têm, e que é reforçada muitas vezes pela comunicação social.

Por questões de gestão de tempo e programa, esta foi uma aula um pouco mais expositiva do que é habitual e apesar dos alunos terem participado como sempre, sinto que não me revejo tanto neste tipo de aula, apesar de também ter o seu espaço e utilidade, como foi o caso.

No final da aula, o recurso à plataforma *wordwall* para realização do momento “aplica o que aprendeste” quebrou um pouco o método expositivo que a caracterizou, despertando muita motivação por parte dos alunos. Dois alunos não completaram a tarefa e, apesar de lhes ter sido dada oportunidade de terminarem em casa, a atividade nunca chegou a ser submetida, motivo pelo qual, no parâmetro “empenho” tiveram uma avaliação mais baixa nesta aula.

Hoje, o aluno n.º 6 IFAF, apesar de, como sempre, motivado e interessado, revelou muitas dificuldades em compreender/interpretar/assimilar os conteúdos. Este aluno é acompanhado pelo SPO (Serviço de Psicologia e Orientação), bem como pela Equipa da Educação Inclusiva pelo que o docente cooperante, prontificou-se para aferir quais as medidas que têm sido implementadas pelo Conselho de Turma, para proceder a eventuais ajustes em termos de acomodações curriculares ou adaptações no processo de avaliação. O aluno encontra-se sentado na primeira fila, o que já é, por si, uma estratégia de intervenção que até hoje, pareceu ser suficiente (simultaneamente a uma explicação mais individualizada, quando necessário).

No mesmo sentido, também manifestei alguma preocupação com a aluna n.º 18 que não vem às aulas. Seria importante saber junto da Diretora de Turma se os colegas têm enviado tarefas, se ela as faz, mas antes disso, saber se haverá uma forma de ajudarmos a turma a integrá-la, caso seja esse o problema, uma vez que veio transferida de outra escola, já depois do início do ano letivo. A questão poderá estar associada à sua integração e, nesse caso, há um trabalho de “bastidores” que pode ser feito com a turma na nossa disciplina ou mesmo partir de nós o encaminhamento da aluna para o Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) uma vez que, por parte da Equipa da Educação Inclusiva já tem apoio. O docente cooperante comprometeu-se a falar com a Diretora de Turma também a propósito deste assunto.

**Lição n.º 25 (29/03/2022)**

**Sumário:**

A missão das religiões e o contributo de cada pessoa para a construção da paz.  
 Atividade “O mural da paz”.  
 Autoavaliação.

Disciplina: EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica  
**Unidade letiva 4 “A paz universal” (Aula 7 de 9)**

Meta Objetivo <sup>193</sup>	Conteúdos	Estratégias Atividades	⌚ 45m	Recursos Materiais	Avaliação** (grelha observação direta e outra)
<p><b>D</b> Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</p> <p><b>6</b> Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>- Contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz;</p> <p>- A construção da paz é um desejo e um imperativo ético para a humanidade;</p> <p>- Regra de ouro transversal aos vários credos.</p>	<p><b>Acolhimento</b> e registo do <b>sumário</b> (ao som de diferentes estilos musicais de diferentes credos).</p>	5	Painel digital <a href="#">PPT-A7-UL4</a>	Assiduidade e pontualidade Empenho
		<p><b>Contributos da turma para a paz</b> – Cáritas Diocesana do Funchal e Cruz Vermelha Portuguesa – delegação da Madeira – recolha de donativos.</p>	8	Painel digital <a href="#">PPT-A7-UL4</a>	Participação e colaboração Cuidador de si e do outro
		<p><b>Análise de diapositivos</b> – sobre os conteúdos da aula (inclui matéria das páginas 148 e 149 do manual do aluno).</p>	12	Painel digital PPT-A7-UL4	Questionador Crítico/analítico
		<p>Atividade <b>Mural da Paz</b> – Os alunos, depois da exposição teórica, associam as regras de ouro, a cada uma das imagens na sala, em tamanho real. Cada autor/frase de paz representa uma Religião e deste modo os alunos aprenderão sobre as Religiões, através da paz. Os alunos podem tirar fotos autorizadas.</p>	15	Painel digital <a href="#">PPT-A7-UL4</a> Imagens em tamanho real	Participativo e colaborativo Crítico e analítico
		<p>Construção da <b>síntese</b>.</p>	3	Painel digital <a href="#">PPT-A7-UL4</a>	Participativo e colaborativo
		<p><b>Autoavaliação</b>.</p>	2	Tablets dos alunos ( <i>forms</i> )	Autoavaliador
<p><b>Descritores do perfil do aluno*</b>: Responsável/autónomo, Cuidador de si e do outro, Respeitador da diferença/ do outro, Participativo/colaborador, Questionador, Crítico/analítico, autoavaliador (<a href="#">Critérios de avaliação aprovados em Conselho Pedagógico – transversais e para a UL4</a>).</p> <p><b>Aprendizagem essencial*</b>: “Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz” e “Mobilizar os princípios do diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos”.</p>					

Proposta de síntese:

**Nesta aula aprendi que já sou capaz de...**

- ✓ Reconhecer situações em que posso e devo contribuir ativamente pela construção da paz;
- ✓ Identificar a regra de ouro comum a todas as religiões que na sua essência, promovem a paz.

<sup>193</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 82-83.

\* Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

\*\* **A** Linguagens e textos; **B** Informação e Comunicação; **C** Raciocínio e resolução de problemas; **D** Pensamento crítico e pensamento criativo; **E** Relacionamento interpessoal; **F** Desenvolvimento pessoal e autonomia; **G** Bem-estar, saúde e ambiente; **H** Sensibilidade estética e artística; **I** Saber científico, técnico e tecnológico; **J** Consciência e domínio do corpo.

## Relatório de lecionação de aula

Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada – Região Autónoma da Madeira

7º ano, turma A

Aula n.º	25	
Data	29/3/2022	
UL	4 – Paz Universal	
Aula da UL	(7/9)	
Professor cooperante	David Sousa	
Professora estagiária da turma	Diva Fernandes	
Outros participantes	Professor estagiário Pedro Nóbrega	
Cumprimento da planificação	Sim	Não
	x	
Observações (em caso de não cumprimento)		

118

### Reflexão sobre o desenvolvimento da aula e implementação da planificação (inclui auto e heteroavaliação)

A aula iniciou-se à hora prevista com o registo da pontualidade e assiduidade dos alunos na grelha de avaliação e as faltas devidamente registadas, pelo docente cooperante, na plataforma *place*.

Enquanto os alunos entraram na sala, já se faziam ouvir as músicas alusivas às diferentes religiões e culturas, para introduzir os conteúdos mais relacionados com a literacia religiosa, através da paz. As imagens em tamanho real, representativas das 5 grandes religiões do mundo, também estavam a prender as atenções e olhares dos alunos que facilmente perceberam que iríamos analisar a questão da paz, com base na perceção/conhecimento das diversas religiões na sala representadas.

Após o registo do sumário no portefólio, por forma a trabalhar o conteúdo “contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz”, foi sugerido aos alunos que participássemos numa atividade de angariação de bens para serem doados a duas instituições: a Cáritas Diocesana do Funchal e a Cruz Vermelha portuguesa - delegação Madeira. Para a concretização desta atividade, os alunos registaram na caderneta do aluno um recado para os encarregados de educação (ver diapositivo 2). Os alunos questionaram desde logo se poderiam doar não só bens alimentares, mas também roupa ou material escolar, o que foi validado por mim e pelo professor cooperante.

De modo a trabalhar a regra de ouro comum a todos os credos, foi necessário introduzir as diferentes religiões do mundo, partindo do princípio que estas serão mais exploradas na unidade letiva seguinte “As religiões”. Contudo, não faria sentido abordar a regra de ouro, transversal a todos os credos, sem que os alunos tivessem um conhecimento, ainda que superficial, sobre as

religiões que professam esses mesmos credos. Para transmitir o papel das religiões na construção da paz e chegar à regra de ouro transversal a todos, comecei por distinguir, no diapositivo 3, as religiões abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islamismo) das orientais (hinduísmo, confucionismo e budismo) tal como é apresentado no manual do aluno. Para que ficasse mais claro, o diapositivo seguinte apresentou aos alunos de uma forma concreta, a representatividade das 5 grandes religiões do mundo pelos vários continentes. Seguidamente, e a título de curiosidade, com base num estudo da Universidade de Coimbra, os alunos tiveram a perceção do número de crentes em Portugal por confissão religiosa (dados de 2001 - ver diapositivo 5). Aqui chegados, e no sentido de abortar o diálogo inter-religioso e chegar à regra de ouro transversal a todos os credos, os alunos associaram princípios gerais das religiões aos seus principais representantes (ver diapositivos 9 e 10). Tendo havido a oportunidade de observarem, imagens concretas, que espelham a diversidade do fenómeno religioso foi feita referência ao Papa João Paulo II que muito difundiu a mensagem de que, de forma isolada, nenhuma religião é capaz de fazer a paz acontecer.

Na reta final da aula, deu-se a conhecer o dia 21 de janeiro, Dia Mundial da Religião e reforçou-se que a intolerância religiosa é passível de crime, com base na lei – lei da liberdade religiosa - pelo que se reforçou que respeitar o próximo é o caminho para cultivar a paz.

No final da aula, os alunos tiveram a oportunidade de tirar fotos nas impressões de tamanho real, fotos que levaram como recordação na aula.

A aula terminou com a habitual construção da síntese e os alunos realizaram a sua autoavaliação relativa ao segundo período, via plataforma *teams*, tendo lembrado a todos, para efeitos de uma autoavaliação justa e consciente, os critérios de avaliação que lhes foram dados no início do ano letivo, pelo professor cooperante.

A estratégia de iniciar a aula com um som alusivo às várias religiões e culturas distintas da nossa revelou-se inovador e positivo, pois os alunos estiveram concentrados a registar o sumário, apesar da música, que não foi um elemento distrator, mas motivador das aprendizagens da aula.

Durante a exposição dos conteúdos mais teóricos com vista achegarmos a regra de ouro transversal a todos os credos, bem como ao conteúdo sobre a promoção do diálogo inter-religioso, os alunos revelaram empenho e participaram espontaneamente querendo saber mais, por exemplo, quais as religiões menos representativas do mundo, quais os países onde uma ou outra religião era mais representativa, o que demonstra que, apesar de ser uma parte expositiva da aula, os conteúdos por si, despertaram bastante interesse. Não ficar pelo discurso oral, mas apresentar vários estímulos como a música, os mapas, as imagens sobre quem falamos - relativamente aos autores que proferiram os princípios de cada religião - são estratégias que

trazem o aluno do pensamento abstrato para o concreto, o que se torna facilitador para a aquisição de conhecimento, e esta foi, sem dúvida, na minha perspectiva, uma aula em que esse cuidado foi tido em linha de conta e em que essas estratégias foram devidamente implementadas e com sucesso.

Apesar das imagens em tamanho real terem suscitado curiosidade por parte dos alunos, a participação dos mesmos para as fotos ficou aquém das expectativas. Nesta reflexão de aula, julgo que poderá ter contribuído para isso o facto de as imagens já lá estarem desde o intervalo, quando cheguei à escola, e que os alunos já poderiam ter explorado as mesmas. Outra hipótese poderá ter passado por se sentirem constrangidos de tirar fotos perante os colegas, pois tal como referido na unidade letiva “a riqueza e os sentidos dos afetos” esta é uma etapa marcada pelo desenvolvimento da autoestima, autoconfiança e autoconceito, o que nem sempre, nestas idades, se encontra ainda devidamente estruturando, dando espaço à vergonha e constrangimento perante a turma.

Destaco positivamente a disponibilidade da turma, em contribuir com as instituições sugeridas e o cuidado que tive – e que julgo que todos os docentes devem ter – em garantir que nos momentos de autoavaliação, os discentes estão esclarecidos quanto aos critérios de avaliação.

**Lição n.º 26 (19/04/2022) Sumário:** A missão das religiões e o contributo de cada pessoa para a construção da paz.  
Atividade “As Religiões vêm à Escola” – princípios do diálogo inter-religioso.

Disciplina: EMRC  
**Unidade letiva 4 “A paz universal” (Aula 8 de 9)**

Meta Objetivo <sup>194</sup>	Conteúdos	Estratégias Atividades	⌚ 45m	Recursos Materiais	Avaliação** (grelha observação direta e outra)
<b>D Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</b>  <b>6 Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.</b>	- Contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz;  - A construção da paz é um desejo e um imperativo ético para a humanidade;  - Regra de ouro transversal aos vários credos.	<b>Acolhimento</b> – Recapitulação dos conteúdos das últimas aulas, para enquadrar a atividade “As Religiões vêm à Escola” – apresentação dos convidados (os alunos são informados que, quer o sumário, quer a síntese serão realizados/registados na próxima aula).	5	Painel digital PPT_Au8_UL4	Assiduidade e pontualidade Empenho
		<b>“As Religiões vêm à escola”</b> – Os 4 representantes convidados: Célia Mendonça (cristianismo), Cândida Carvalho (hinduísmo), Rui Almeida (budismo) e Mohamed Aagad (islão) partilharão com os alunos as suas experiências em termos de vivências/percursos de fé e posição face ao fenómeno religioso, sobretudo as suas perspetivas sobre o contributo de cada uma destas Religiões ao serviço da paz e do bem comum – desde as suas comunidades à Paz Universal.	32		Participação e colaboração Empenho Respeito por si e pelo outro
		Segue-se um espaço de <b>debate</b> em que os alunos podem colocar questões aos oradores convidados.	5		Questionador Crítico/analítico
		<b>Aviso aos alunos:</b> é importante relembrar que decorre a campanha “ <b>Alimentar a paz</b> ” em que os alunos deverão trazer um produto alimentar não perecível para a Cáritas Diocesana do Funchal e para a Cruz Vermelha Portuguesa – delegação Madeira – os bens que ultrapassem os 2 cabazes serão doados à Associação Presença Feminina (que combate a problemática da violência doméstica).	3		Participação e colaboração Empenho Cuidado de si e do outro Autonomia e Responsabilidade
<b>Descritores do perfil do aluno*:</b> Responsável/autónomo, Cuidador de si e do outro, Respeitador da diferença/ do outro, Participativo/colaborador, Questionador, Crítico/analítico, autoavaliador ( <a href="#">Critérios de avaliação aprovados em Conselho Pedagógico – transversais e para a UL4</a> ). <b>Aprendizagem essencial*:</b> “Mobilizar os princípios do diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos”.					

Proposta de síntese:

**Nesta aula aprendi que...**

- ✓ Todas as Religiões têm como princípio fundamental a construção ativa da paz e a promoção do bem comum;
- ✓ Já sou capaz de identificar o papel das Religiões na construção da paz e de compreender a importância de promover o diálogo inter-religioso como suporte na colaboração entre os povos.

<sup>194</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 84-85.

\* Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

\*\* **A** Linguagens e textos; **B** Informação e Comunicação; **C** Raciocínio e resolução de problemas; **D** Pensamento crítico e pensamento criativo; **E** Relacionamento interpessoal; **F** Desenvolvimento pessoal e autonomia; **G** Bem-estar, saúde e ambiente; **H** Sensibilidade estética e artística; **I** Saber científico, técnico e tecnológico; **J** Consciência e domínio do corpo.

## Relatório de lecionação de aula

Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada – Região Autónoma da Madeira

7º ano, turma A

Aula n.º	26	
Data	19/4/2022	
UL	4 – Paz Universal	
Aula da UL	(8/9)	
Professor cooperante	David Sousa	
Professora estagiária da turma	Diva Fernandes	
Outros participantes	Professor estagiário Pedro Nóbrega	
Cumprimento da planificação	Sim	Não
	x	
Observações (em caso de não cumprimento)		

122

### Reflexão sobre o desenvolvimento da aula e implementação da planificação (inclui auto e heteroavaliação)

A aula iniciou-se à hora prevista com o registo da assiduidade e da pontualidade dos alunos feita de uma forma mais discreta, do que o habitual, pois estávamos desde o início na presença dos quatro convidados, representativos de quatro religiões, a saber: Cristianismo, Hinduísmo, Islão e Budismo.

A aula foi muito apelativa na medida em que os convidados partilharam com os alunos os seus percursos de vida e as suas experiências pessoais relacionadas com a vivência da sua confissão religiosa e fé. Os percursos de todos eram claramente distintos, havendo alguns que nasceram na religião que professam e outros que se foram identificando com outras tradições religiosas, ao longo da sua vida.

Todos destacaram, tal como havia sido pedido, o papel da sua religião na construção ativa da paz, bem como as suas práticas e ações diárias enquanto agentes promotores dessa mesma paz.

Apresentados os convidados, a primeira oradora foi Célia Mendonça, em representação do cristianismo que partilhou com os alunos a sua envolvência com a comunidade católica da sua área de residência, bem como as suas experiências enquanto catequista. Referiu que no seu dia a dia, com vista à promoção da paz, tenta sempre que possível mediar conflitos entre colegas e alunos uma vez que, profissionalmente, é professora.

O segundo orador, Mohammed El Aagad, em representação do Islão, partilhou com os alunos como por vezes é difícil estar sujeito a estereótipos e preconceitos que se prendem com a visão redutora do extremismo islâmico. Este convidado partilhou com os alunos os 5 principais pilares do Islão e o quão são representativos para si, enquanto crente. Referiu que as

suas ações diárias de promoção da paz se prendem com a luta pela equidade entre todos os seres humanos, doando parte do que recebe pelo seu trabalho aos mais frágeis e vulneráveis, tal como a sua religião prevê.

Rui Almeida foi o terceiro orador que partilhou com os alunos a experiência de ter nascido no seio de uma família católica e de a determinada altura da sua vida, se ter identificado mais com a filosofia de vida budista. Referiu que é no encontro com a natureza que encontra paz interior e que somente obtida essa paz interior é que consegue estabelecer relações de harmonia e paz com os outros, no seu dia a dia, e que por isso na sua opinião, a paz começa na consciência e na vida individual de cada ser.

Por fim, Cândida Carvalho, mencionou como a determinada altura da sua vida foi confuso viver no seio de uma família por um lado cristã, por outro hinduísta. Casada com um católico, referiu que já casou pela tradição hinduísta e que o seu casamento católico só foi adiado por causa da pandemia, mas que está para breve. Mencionou que se identifica com as duas tradições religiosas, mas que exercita no seu dia a dia práticas mais relacionadas com o hinduísmo do que com o cristianismo. Por exemplo, recorre aos mantras em momentos de maior ansiedade, a práticas de yoga e identifica-se com os vários deuses representativos da tradição religiosa hindu. Um dos momentos altos da sua preleção foi a partilha de fotos do seu casamento hinduísta em que explicou todas as fases desta cerimónia, com imagens ilustrativas. No seu dia a dia, referiu que promove a paz dando “bom dia com alegria” a todos que com ele se cruzam. Acrescentou que a paz começa no seio familiar e que jamais poderemos ser promotores de paz se não estivermos bem connosco e com os que nos são próximos.

No início da aula, enquanto os oradores se posicionavam devidamente, lembrei a campanha “alimentar a paz”, uma vez que temia que no final não houvesse tempo para fazê-lo. Esta alteração não mudou substancialmente o plano da aula, mas permitiu garantir que a informação sobre a campanha tinha sido passada, em momento oportuno, que acabou por ser o do início da aula, em que o tempo foi rentabilizado deste modo (estava a primeira oradora a preparar o recurso PowerPoint para a sua preleção).

Em conclusão, esta atividade foi extremamente enriquecedora para os alunos. Trazer convidados à sala de aula, que narram, na primeira pessoa, o que é lecionado nas aulas, é uma estratégia pedagógica que se mostra profícua e desperta o interesse e motivação dos alunos.

Alguns oradores, naturalmente, não só, mas também pela sua capacidade de comunicação, transmitiram com mais clareza o conteúdo da sua mensagem. Não obstante, todos foram sem dúvida uma mais-valia para as aprendizagens dos alunos uma vez que se chegou à conclusão que é mais o que os une do que o que os separa. A promoção da paz e não da guerra e da discórdia foi um princípio manifestado por todos eles como caminho a seguir: professar as suas

religiões pode coexistir com a religião do outro e esta foi a principal conclusão a que os alunos chegaram.

O número de oradores para 45 minutos revelou-se excessivo, uma vez que a aula acabou um pouco mais tarde. A colega da aula seguinte já tinha sido sensibilizada para esta possibilidade, mas tratando-se da disciplina de Formação Pessoal e Social referiu que não criaria grandes constrangimentos. Numa escola em que se realizasse articulação em regime de flexibilidade curricular, poderia ter sido interessante articular estes conteúdos com os da Formação Pessoal e Social.

Os oradores fizeram questão de agradecer o convite e iniciativa pois consideram que o diálogo inter-religioso nas suas práticas concretas, fica aquém do que seria desejável.

Apesar de ter sido difícil chegar a estes representantes, o esforço foi recompensado pela riqueza das suas partilhas que, não duvido, os alunos não vão esquecer.

Lição n.º 27 (26/04/2022) **Sumário:**

Balanco/conclusões da atividade “as religiões vêm à escola”.  
 Atividade “alimentar a paz” – Cruz Vermelha Portuguesa e Cáritas Diocesana do Funchal.  
 Conclusão da unidade: revisões e avaliação final.

Disciplina: EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica  
**Unidade letiva 4 “A paz universal” (Aula 9 de 9)**

Meta Objetivo <sup>195</sup>	Conteúdos	Estratégias Atividades	⌚ 45m	Recursos Materiais	Avaliação** (grelha observação direta e outra)
<b>Todas as metas e objetivos trabalhados ao longo da Unidade</b>	Todos os conteúdos trabalhados ao longo da Unidade.	<b>Acolhimento</b> – Registo do sumário da última aula e leitura da respetiva síntese. Registo do sumário da aula.	5	<a href="#">PPT_A9_UL4</a>	Assiduidade e pontualidade Empenho
		Balanco da atividade da última aula “ <b>As Religiões vêm à escola</b> ” – principais conclusões.	5	Resultados <i>Gforms</i> PPT_A9_UL4	Empenho Respeito por si e pelo outro Participação e colaboração
		Recolha dos alimentos trazidos pelos alunos para a campanha “ <b>Alimentar a paz</b> ” – agradecimento via videochamada, online, por parte a Cruz Vermelha Portuguesa (Delegação da Madeira) – breve explicação sobre o que se faz no pelouro social; e visionamento de vídeos sobre o tipo de apoio prestado pela Cáritas Diocesana do Funchal, às famílias madeirenses.	10	PPT_A9_UL9 Meios de videoconferência <a href="#">Vídeo1</a> incorporado no PPT_A9_UL4	Questionador Participação e colaboração Autonomia e Responsabilidade Cuidado de si e do outro
		<b>Revisão dos conteúdos</b> lecionados com recurso a <i>PowerPoint</i> .	10	PPT_A9_UL4	Participação e colaboração Empenho
		<b>Audição</b> da música – live em MP4 e legendada - de Michael Jackson, <i>Heal The World</i> – da qual os alunos retirarão uma ideia que considerem mais importante - numa das questões do <i>forms</i>	3	<a href="#">Vídeo2</a> incorporado no PPT_A9_UL4	Empenho
		<b>Avaliação</b> de conhecimentos (inclui construção individual da síntese).	12	<a href="#">Wordwall</a> e <i>Gforms</i>	Crítico/analítico Empenho Autonomia e responsabilidade
<b>Descritores do perfil do aluno*:</b> Responsável/autónomo, Cuidador de si e do outro, Respeitador da diferença/ do outro, Participativo/colaborador, Questionador, Crítico/analítico, autoavaliador ( <a href="#">Critérios de avaliação aprovados em Conselho Pedagógico – transversais e para a UL4</a> ). <b>Aprendizagem essencial*:</b> Todas as aprendizagens essenciais definidas para esta Unidade Letiva.					

<sup>195</sup> SNEC, *Programa de EMRC*, 84-85.

\* Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória».

\*\* **A** Linguagens e textos; **B** Informação e Comunicação; **C** Raciocínio e resolução de problemas; **D** Pensamento crítico e pensamento criativo; **E** Relacionamento interpessoal; **F** Desenvolvimento pessoal e autonomia; **G** Bem-estar, saúde e ambiente; **H** Sensibilidade estética e artística; **I** Saber científico, técnico e tecnológico; **J** Consciência e domínio do corpo.

## Relatório de lecionação de aula

Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada – Região Autónoma da Madeira

7º ano, turma A

Aula n.º	27	
Data	26/4/2022	
UL	4 – Paz Universal	
Aula da UL	(9/9)	
Professor cooperante	David Sousa	
Professora estagiária da turma	Diva Fernandes	
Outros participantes	Professor estagiário Pedro Nóbrega	
Cumprimento da planificação	Sim	Não
	x	
Observações (em caso de não cumprimento)		

126

### Reflexão sobre o desenvolvimento da aula e implementação da planificação (inclui auto e heteroavaliação)

A aula iniciou-se, como é habitual, com o registo da assiduidade e pontualidade dos alunos na grelha de avaliação, bem como com as faltas registadas na plataforma *place*, pelo docente cooperante.

No início da aula, foi dado *feedback* aos alunos sobre as suas autoavaliações. Todos foram informados de que as suas autoavaliações foram conscientes, na medida em que todos os alunos ou terão a nota correspondente à sua autoavaliação ou superior a esta.

Os discentes começaram por entregar os bens para a campanha “alimentar a paz”, substancialmente, produtos alimentares, mas também material escolar e roupas que serão distribuídos pela Cruz Vermelha Portuguesa e pela Cáritas Diocesana do Funchal.

Os alunos registaram o sumário da lição anterior em que tivemos convidados das diferentes religiões presentes na aula e seguidamente registaram o sumário desta, que é a última aula da unidade letiva.

Posteriormente, foi dada a conhecer a avaliação realizada pelos alunos sobre a atividade “as religiões vêm à escola”. A avaliação geral desta atividade foi de 4,86 numa escala de 1 a 5. Através do conteúdo do diapositivo 6, os alunos tiveram a oportunidade de recapitular os conteúdos das 4 preleções e debater as principais ideias transmitidas pelos convidados, no que diz respeito à construção ativa da paz.

Seguidamente, foi estabelecida uma videochamada com a representante da área social da Cruz Vermelha Portuguesa - delegação da Madeira - que agradeceu *online* aos alunos da turma pela angariação de bens que, segundo a própria, terão muita utilidade no sentido de apoiar as famílias mais carenciadas ajudadas por esta instituição.

Através de um vídeo projetado sobre o trabalho desenvolvido pela Cáritas Diocesana do Funchal, os alunos tomaram conhecimento das ações concretas que esta instituição católica promove no sentido da equidade e da luta pela dignidade da vida humana. Para esta organização ser construtor de paz significa combater as desigualdades sociais, a exclusão e a pobreza. Os alunos ficaram sensibilizados com as dificuldades com que os voluntários trabalham, mas que ainda assim tentam dar diariamente o seu melhor em prol do bem comum.

Com a representação destas 2 instituições, pretendeu-se incentivar os alunos não só para o conhecimento sobre as suas missões, mas também para se sentirem motivados a colaborar com elas, na medida do que puderem contribuir, enquanto verdadeiros construtores ativos de paz e justiça social.

De seguida, foi feita uma recapitulação de todos os conteúdos lecionados ao longo desta unidade letiva, por um lado para apresentar o fio condutor que a norteou, e por outro, preparar os alunos para a avaliação final da unidade.

Os alunos relembrou as atividades desenvolvidas e conteúdos lecionados e acabaram por manifestar uma certa admiração e saudade por tudo o que realizaram sobre este tema: os símbolos da paz, as frases que resultaram em pulseiras e em fitas porta-chaves, o que aprenderam sobre as formas de resolver conflitos, gestos de ação concreta para a construção da paz com a atribuição dos “Óscares da paz”, as instituições e pessoas laureadas com os “Prémios Nobel da Paz”, o reconhecimento de situações de falência de paz, a importância do perdão e da reconciliação que trabalharam com as atividades “folha amarrotada, dor causada” e o “saco da reconciliação”, o poder da comunicação para prevenir e resolver conflitos, os objetivos de desenvolvimento sustentável, a mensagem bíblica sobre a paz, a missão e papel das religiões na promoção da paz e do diálogo inter-religioso, entre tantas outras atividades e conteúdos.

Posteriormente, os alunos foram orientados para entrarem na plataforma *teams* e acederem aos *links* para realizarem a tarefa *Wordwall* e a tarefa do *Google forms*.

Depois de realizadas as tarefas, em jeito de conclusão da unidade, os alunos ouviram uma música que explora os conteúdos sobre a promoção da paz e do bem comum e que deveriam ouvir com atenção, para partilhar com a turma o que consideraram ser a mensagem principal da música.

Agradei toda a colaboração e empenho da turma e comprometi-me em voltar para fazermos um lanche partilhado no encerramento do ano letivo.

A sistematização da atividade “as religiões vêm à escola” revelou-se de extrema importância para os alunos assimilarem os conteúdos partilhados pelos oradores no que diz respeito à promoção da paz, por parte das diversas religiões que estiveram representadas.

Notou-se na expressão dos alunos que ficaram agradavelmente surpreendidos com o agradecimento *online* da responsável pela área social da Cruz Vermelha Portuguesa o que suscitou muita interação entre os alunos e a convidada.

As revisões revelaram-se importantes não só para recapitular os conteúdos da unidade, mas sobretudo para os alunos relembrares tudo que fizeram e aprenderam ao longo da sua implementação.

A música selecionada para o término da aula despertou curiosidade nos alunos que apesar de já a terem ouvido, na sua grande maioria, nunca tinham valorizado a sua letra.

Sugerir que os alunos construíssem de raiz a sua síntese conforme consta da planificação, não se revelou uma estratégia eficaz, uma vez que poucos alunos se sentiram confortáveis para fazê-lo.

A presença *online* da voluntária da Cruz Vermelha, bem como o visionamento do vídeo sobre o trabalho desenvolvido pela Cáritas Diocesana do Funchal pretendeu ser um incentivo para que os alunos, em circunstâncias futuras, colaborem com estas nas suas missões.

As tarefas de avaliação do final da unidade não levantaram grandes dúvidas por parte dos alunos, pelo que se pressupõe que foram adequadas na sua extensão e grau de complexidade, o que será confirmado ou não, posteriormente, aquando da sua correção.

1. Esta unidade foi... (0 ponto)

[Mais Detalhes](#)

[Informações](#)

13

Respostas



Classificação Média de 4.69

Figura 10 - Avaliação da UL4 por parte dos alunos, numa escala de 1 a 5

#### 4. Resultados

Neste ponto do terceiro capítulo, serão apresentados os resultados pré e pós teste do inquérito aos alunos e os resultados sobre a auscultação das organizações que se disponibilizaram a participar.

##### 4.1. Tratamento de dados

No sentido de aferir a concordância dos alunos quando questionados sobre algumas ideias pré-concebidas sobre as religiões - e que se podem tornar crenças disfuncionais - foi aplicado o inquérito *google forms* a que os alunos responderam antes e depois da lecionação da UL4 «A paz universal». Os itens sobre os quais se deveriam posicionar com resposta dicotómica, através de V (verdadeiro) ou F (falso), são os que se apresentam na tabela seguinte.

Afirmações		Pré teste n.º de alunos (%)	Pós teste n.º de alunos (%)	% de alunos que desmistificou a crença após a lecionação <sup>196</sup>
Só algumas religiões são promotoras de paz.	V	7 (43,75%)	3 (17,65%)	32,1%
	F	9 (56,25%)	14 ( <b>88,35%</b> )	
O islão não promove a paz pois são extremistas.	V	10 (62,5%)	0 (0%)	62,5%
	F	6 (37,5%)	17 ( <b>100%</b> )	
O cristianismo nunca esteve associado a guerras.	V	6 (37,5%)	1 (5,88%)	31,62%
	F	10 (62,5%)	16 ( <b>94,12%</b> )	
O budismo é a religião que mais promove a paz.	V	6 (37,5%)	7 (41,18%)	-3,68%
	F	10 (62,5%)	10 ( <b>58,82%</b> )	
O hinduísmo é uma religião que apenas promove a paz entre hinduístas.	V	10 (62,5%)	3 (17,65%)	50,85%
	F	6 (37,5%)	14 ( <b>88,35%</b> )	
Desde o nazismo (holocausto) os judeus não voltaram a ser promotores de paz.	V	7 (43,75%)	1 (5,88%)	37,87%
	F	9 (56,25%)	16 ( <b>94,12%</b> )	

Tabela 13 - Ideias pré-concebidas sobre as religiões: desmistificação de crenças disfuncionais

O que se pretendia é que a resposta a todos os itens fosse (ou se tornasse, após a lecionação) «falso», pois todas as afirmações sugeriam crenças disfuncionais, ou seja, ideias pré-concebidas e estereotipadas sobre as religiões, o que se pretendia desmistificar.

<sup>196</sup> Valor obtido através do cálculo da diferença entre a percentagem de resposta «falso» no pós e na pré lecionação.

Dos dados aferidos, podemos constatar que da pré para a pós lecionação, de um modo geral, aumentou a percentagem de alunos que considerou os itens como falsos (o que se pretendia).

A religião em que a percentagem de alteração de resposta foi mais evidente foi na crença relativa ao islão em que a diferença de respostas «falso» da pré para a pós lecionação é de 62,5%. Ou seja, antes da lecionação 62,5% dos alunos consideravam que «o islão não promove a paz, pois são extremistas» e depois da lecionação nenhum aluno considerou esta resposta verdadeira.

Relativamente ao hinduísmo, que também apresentou uma percentagem de resposta significativamente alterada da pré para a pós lecionação da UL, em concreto de 50,85%, é possível referir que antes da lecionação, 37,5% dos alunos considerava que o hinduísmo só promovia a paz entre os hinduístas, depois da lecionação, apenas 17,5% o considerou.

A terceira religião em que a crença mais se alterou foi a do judaísmo. Quanto a esta, antes da lecionação 56,25% dos alunos consideraram que depois do holocausto os judeus não voltaram a ser uma comunidade promotora de paz. Depois da lecionação 94,12% dos alunos tinham desmistificado esta crença, considerando que, apesar do tempo marcado pelo nazismo, a comunidade judaica tem igualmente o ideal da paz.

Quanto ao cristianismo, se antes da lecionação 37,5% dos alunos considerava que nunca tinha estado ligado a nenhuma guerra e, possivelmente, defendiam essa ideia de forma disfuncional, sobrevalorizando esta religião em detrimento de todas as outras, no pós lecionação, 94,12% admitiu que o cristianismo, na sua história, também já esteve envolvido em situações de conflito.

A religião em que menos houve alteração, e em que essa alteração, inclusivamente, foi negativa, foi o budismo, em que os alunos, além de não alterarem a ideia pré-concebida, ainda a reforçaram, o que merecerá uma reflexão aquando da discussão de resultados. Dos dados obtidos, antes da lecionação, 37,5% dos alunos considerava-a a religião que mais promove a paz e no pós lecionação, essa percentagem não só, não diminuiu, como ainda aumentou, para 41,18%.

No sentido de aferir sobre a assimilação do princípio de que «Todas as religiões defendem princípios, regras e valores éticos conducentes à paz»<sup>197</sup> foi formulado o item geral «só algumas religiões são promotoras de paz». Das respostas dos alunos e de acordo com a continuação da análise da tabela n.º 9, é possível constatar que antes da lecionação 43,7% dos alunos concordou com a afirmação, considerando-a verdadeira. Depois da lecionação, 88,35%

---

<sup>197</sup> SNEC, *Manual do aluno* - 7º, 148.

dos alunos considerou-a falsa, ou seja, assimilaram a crença de que todas as religiões são promotoras de paz.

Além da análise destas crenças, recuperando o objetivo de aferir em que medida os alunos aprendem sobre as religiões, a propósito da paz, o inquérito *google forms* apresentava citações de figuras de referência das várias religiões. Os alunos tiveram de fazer uma associação entre a figura de referência – religião – citação. A codificação das correspondências corretas são as que se encontram seguidamente na tabela n.º 7.

Religião	Frase de referência	Autor
Islão	Nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si mesmo.	Maomé
Cristianismo	O que quiserdes que os outros vos façam fazei-lho vós também.	Jesus
Judaísmo	Não faças aos outros aquilo que não queres que os outros te façam a ti.	Rabi Hillel
Confucionismo	Aquilo que não desejas para ti, não o faças aos outros.	Confúcio
Budista	Não magoem os outros com aquilo que vos magoa a vós.	Sidhartha Gautama
Hinduísta	Não façam nada aos outros que, se fosse feito a vós, vos causasse mágoa.	Krishna Vyasa

Tabela 14 - Respostas corretas - google forms - literacia religiosa<sup>198</sup>

Os resultados obtidos são os que se encontram seguidamente, no gráfico n.º 5, que possibilita verificar a percentagem de respostas corretas antes e depois da lecionação da UL4.

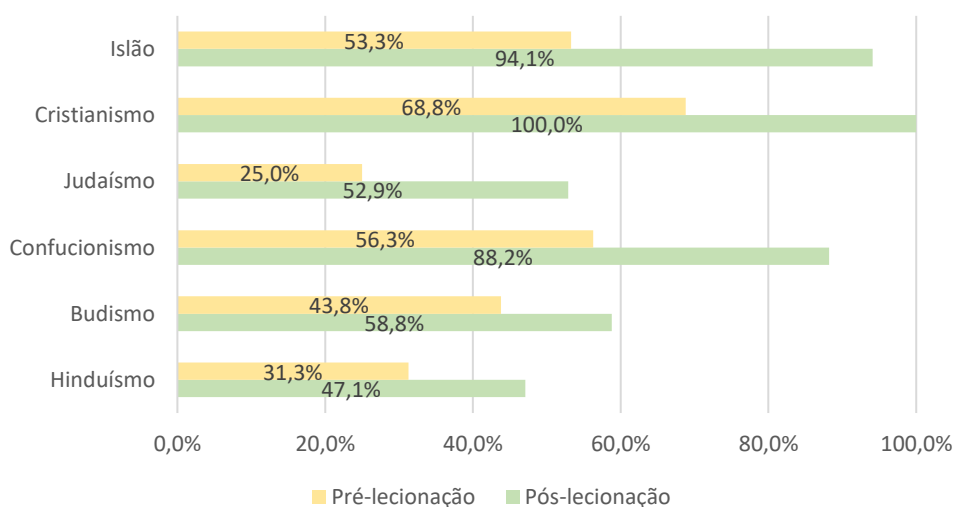


Gráfico 5 - Percentagem de respostas corretas: literacia religiosa dos alunos

<sup>198</sup> SNEC, 149.

De acordo com o gráfico n.º 5, é evidente que a taxa de respostas corretas aumentou da pré para a pós lecionação. Da religião em que essa aprendizagem foi mais evidente para a menos evidente, constatamos que sobre o Islão aumentou em 40,8% a taxa de respostas corretas, quanto ao cristianismo, aumento em 31,2%, acerca do budismo a percentagem de respostas corretas aumentou em 15%, quanto ao confucionismo em 31,9% e finalmente, a religião em que a percentagem de respostas corretas aumentou menos, mas ainda assim, com uma expressão considerável, foi o judaísmo (27,9%).

Na continuidade da análise de dados sobre o domínio da literacia religiosa dos alunos, analisemos as respostas dadas pelos discentes, a propósito das três opções que consideram as mais praticadas pelas religiões, no âmbito da promoção da paz universal e, se essas três opções, se alteraram ou não, após a lecionação da UL4.

132

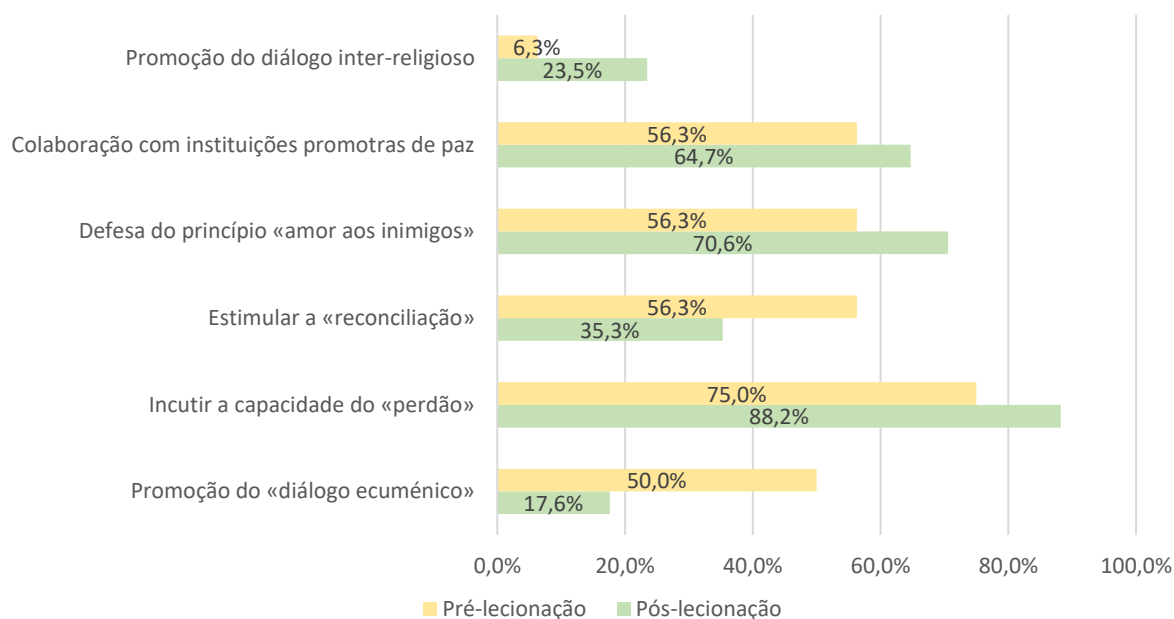


Gráfico 6 - Ações mais praticadas pelas religiões no âmbito da paz, na perspectiva dos alunos - pré e pós lecionação.

De acordo com os resultados expressos no gráfico n.º 6, antes da lecionação, «incutir a capacidade do perdão» destacava-se com 75% de respostas e em pé de igualdade com 56,3% de taxa de resposta, os alunos também selecionaram a «colaboração com instituições promotoras de paz», defesa do princípio do «amor aos inimigos» e estimular a «reconciliação» como as ações mais praticadas pelas religiões na promoção da paz. Depois da lecionação, as três opções com maior taxa de resposta evidenciam que os alunos reforçaram a ação «incutir a

capacidade de perdão» (de 75% para 88%), também reforçaram a defesa do princípio «amor aos inimigos» (de 56,3% para 70,6%) e a colaboração com instituições promotoras de paz (de 56,3% para 64,7%). Relativamente aos itens «promoção do diálogo ecuménico» e «promoção do diálogo inter-religioso» o primeiro registou um decréscimo de taxa de respostas – de 50% para 17,6% - e o segundo um aumento – de 6,3% para 23,5%.

Finalmente, de acordo com os dados do gráfico 7, no que concerne ao grau de concordância com a afirmação «Todas as religiões, sem exceção, têm por princípio a promoção da paz», antes da lecionação, 75,1% dos discentes posicionou-se positivamente face a essa afirmação. Depois da lecionação passaram para 88,2% os alunos em concordância. De destacar que antes da lecionação, para 18,8% dos alunos, esse grau de concordância era máximo (nível 4) e depois da lecionação, passou para 58,8% o total de alunos que concordaram em absoluto com o princípio de que «Todas as religiões, sem exceção, têm por princípio a promoção da paz».

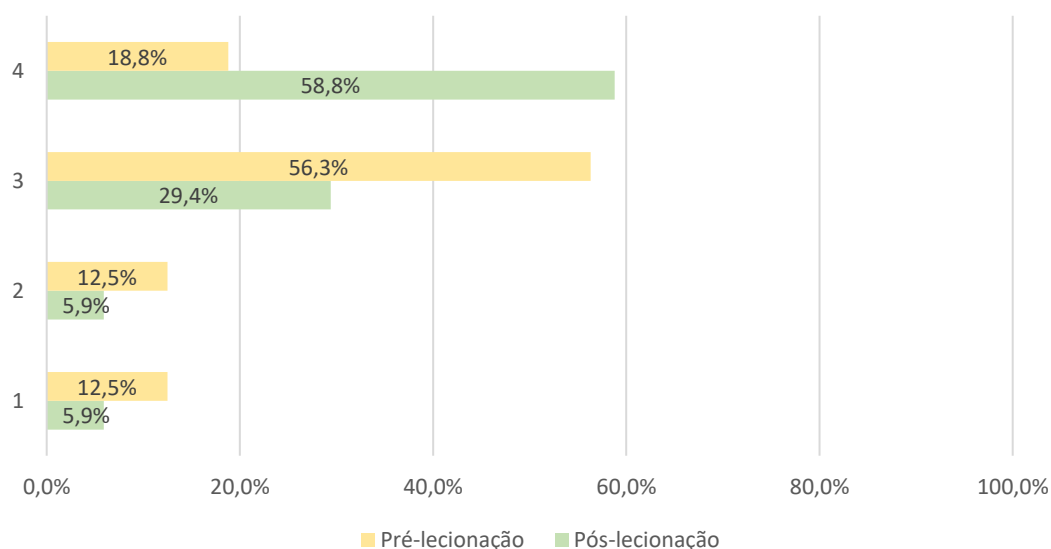


Gráfico 7 - Grau de concordância dos alunos perante a afirmação «todas as religiões, sem exceção, têm por princípio a promoção da paz». Grau de concordância variável entre o mínimo de 1 e o máximo de 4.

Da aplicação do inquérito *google forms* aos alunos, ainda foi possível aferir se os discentes conheciam as instituições abordadas em aula, na UL4. A tabela de frequências que se segue, espelha o número de alunos que antes e depois da lecionação referiram conhecer ou não as instituições promotoras de paz abordadas em aula.

	Conheço, mas nunca vieram à escola física ou virtualmente		Conheço e já vieram à escola, física ou virtualmente		Não conheço	
	Pré-UL4	Pós-UL4	Pré-UL4	Pós-UL4	Pré-UL4	Pós-UL4
Cáritas	6	11	1	5	9	1
AMI	10	11	2	1	4	5
UNICEF	9	13	3	3	4	1
Amnistia Internacional	4	8	0	2	12	7
Comissão Nacional da Justiça e Paz	8	13	2	2	6	2
Tribunal Internacional dos Direitos do Homem	6	14	4	3	6	0
Alto Comissariado das Nações unidas para os refugiados	2	14	1	2	13	1
Cruz Vermelha Portuguesa	10	5	2	12	4	0
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima	1	10	4	2	11	5
					69 Respostas (100%)	22 Respostas (34%)

Tabela 15 - Aferição dos alunos que (des)conhecem as instituições promotoras de paz e bem comum abordadas nas aulas, antes e depois da lecionação da UL4

Dos resultados da tabela é possível afirmar que diminuiu, da pré para a pós lecionação, o universo de respostas que representavam o desconhecimento total das instituições por parte dos alunos. Em concreto, é possível inferir, dos resultados obtidos, que aumentou em 65% a taxa de conhecimento dos alunos, relativamente às organizações promotoras de paz e do bem comum. De referir, igualmente, que após a lecionação, nenhum aluno manifestou desconhecer 2 instituições: a CVP e o Tribunal Internacional dos Direitos do Homem.

Quando questionados sobre através de que meios as conheceram, os resultados são os que constam do gráfico seguinte.

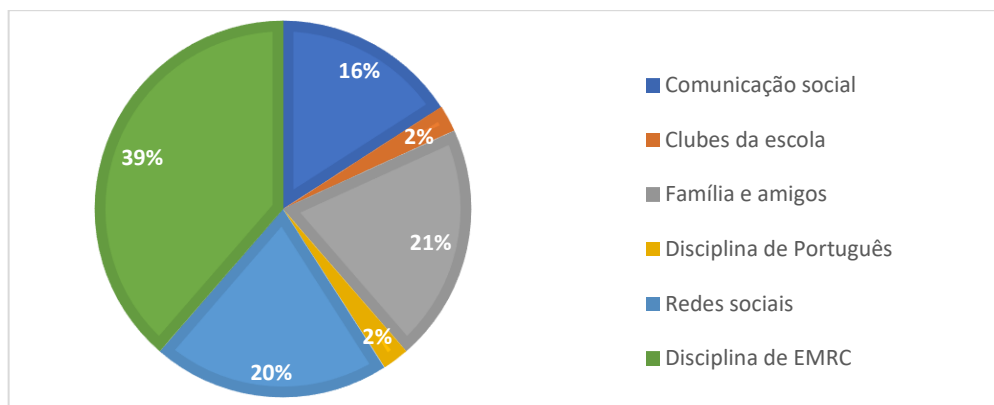


Gráfico 8 - Meios através dos quais os alunos referem conhecer as instituições da pergunta anterior

Feita a salvaguarda de que os alunos poderiam selecionar todas as opções que desejassem, os resultados apontam para uma prevalência da disciplina de EMRC, pois todos apontaram-na como um meio através do qual conheceram as instituições. De referir, os baixos resultados nos itens relacionados com a escola, como os clubes, a disciplina de português e outras que, por terem 0% de respondentes, não foram incluídas no gráfico. Das opções não selecionadas pelos alunos encontram-se as disciplinas de matemática, físico-química, ciências naturais, inglês, francês, história, geografia, TIC, educação visual, educação física, educação tecnológica e, curiosamente, cidadania e desenvolvimento.

Do que resulta da aplicação do inquérito às organizações, foi possível aferir que a totalidade de respondentes considerou importante a sua instituição divulgar a respetiva missão nas escolas e 90.9% já foi, efetivamente, convidada a fazê-lo. Dessas, 40% afirmaram ter ido à escola divulgar as suas missões através da disciplina de EMRC, 40% desconhecem de quem ou de que disciplina partiu o convite e 20% admite saber, com certeza, de que não foi a convite da EMRC. Do universo de 60% que não foi ou não sabe se foi a convite da EMRC, todas são unânimes em afirmar que lhes fazia sentido irem à escola, no âmbito desta disciplina.

A propósito dos aspetos que consideram que devem ser tratados na escola, no âmbito do ERE, as respostas obtidas são as que se seguem, no gráfico n.º 9.

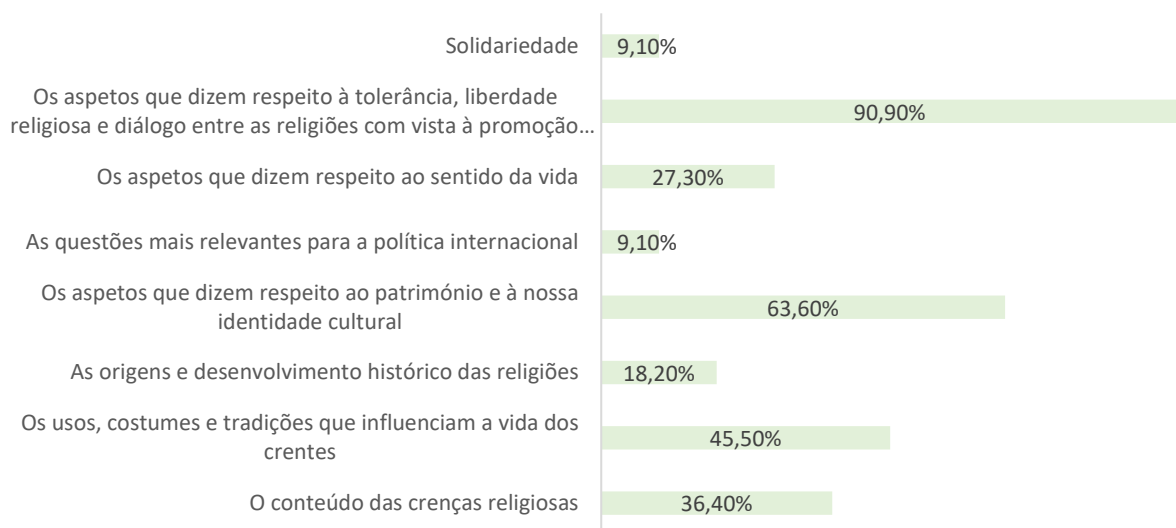


Gráfico 9 - resposta das organizações à pergunta «A propósito do ensino religioso escolar - que não se limita à abordagem do cristianismo, mas das várias posições face ao fenómeno religioso, na sua opinião, quais destes aspetos devem ser tratados na escola?» - selecionar 3 itens.

O item «os aspetos que dizem respeito à tolerância, liberdade religiosa e diálogo entre as religiões com vista à promoção da paz universal», obteve 90.9% de respostas e, seguidamente, com 63,6% os «aspetos que dizem respeito ao património e à nossa identidade

cultural». Com a menor taxa de respostas, sensivelmente 9%, a «solidariedade» e as «questões mais relevantes para a política internacional» foram os itens menos selecionado pelas instituições respondentes.

Finalmente, face à pergunta «para si, quais os principais objetivos do estudo das religiões nas escolas?» os resultados foram os que se seguem, no gráfico n.º 10.

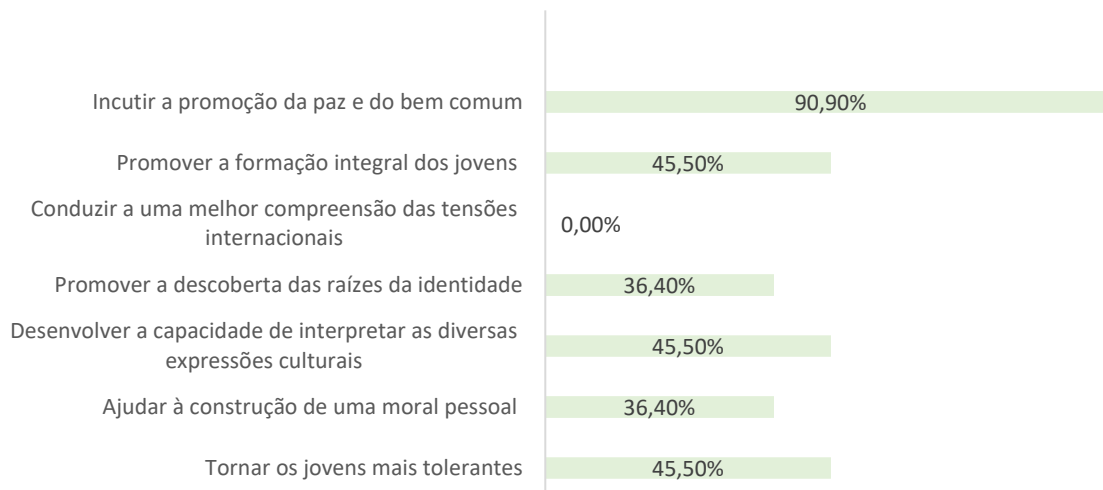


Gráfico 10 - objetivos do estudo das religiões nas escolas, na perspetiva das organizações

Dos dados, é possível concluir que, na perspetiva das instituições que potencialmente podem colaborar com a EMRC na UL4, o estudo das religiões na escola deve ter como objetivos principais, principalmente «incutir a promoção da paz e do bem comum» cuja taxa de resposta foi de 90,9%. Logo a seguir com a mesma percentagem de respostas (45,5%) «promover a formação integral dos jovens», «desenvolver a capacidade de interpretar as diversas expressões culturais» e «tornar os jovens mais tolerantes». De referir que nenhuma das organizações selecionou a opção «conduzir a uma melhor compreensão das tensões internacionais».

#### 4.2. Interpretação e discussão dos resultados

Traduzindo em categorias de análise, os domínios que foram alvo de pesquisa no presente relatório da PES, através da interpretação dos dados resultantes da aplicação dos inquéritos, é possível constatar, quanto à categoria de análise *crenças disfuncionais*, que a crença que mais foi desmistificada é a que estava associada ao islão e a menos alterada, a que se referia ao budismo. Relativamente ao islão, este resultado permite inferir o quão enraizada está a tendência de generalizar o extremismo islâmico, ao todo da comunidade muçulmana, pelo menos na perspetiva ocidental (cf. p.24). Relativamente ao budismo, creio que o

representante desta confissão religiosa na aula temática «as religiões vêm à escola», contribuiu muito para que esta crença continue enraizada. Afirmações por parte dos alunos como «esse senhor era o mais *calminho*» reforçou a ideia pré-concebida de que o budismo «é a religião que mais promove a paz». Além disso, o budismo, associado ao conceito zen (cf. p. 23) utilizado na aula, poderá ter contribuído no mesmo sentido. Apesar deste resultado, esse aspeto não se revelou preocupante, na medida em que não terá tanto impacto negativo nos alunos, considerarem que uma religião é a que mais promove a paz, por comparação com a crença de que «o islão não promove a paz, pois são extremistas». Assim, interpreta-se que a postura de Rui Almeida, representante do budismo na aula «as religiões vêm à escola», revelou tamanha serenidade e paz intrapessoal, que os alunos devem ter sobrevalorizado esta religião em detrimento das outras, no âmbito da promoção da paz.

137

No que diz respeito à categoria de análise *literacia religiosa* dos alunos, esta aumentou em todas as religiões. Esta aprendizagem foi menos significativa em relação ao cristianismo, pois já era a religião que os alunos mais conheciam. A propósito, a religião que os alunos menos conheciam foi o judaísmo. Estes resultados explicam-se facilmente tendo em conta a representatividade destas duas religiões na nossa comunidade (cf. p. 22). O islão foi a religião em que os alunos mais aprenderam o que, uma vez mais, reforça o desconhecimento e ideias preconcebidas em relação a esta religião.

A propósito das *ações mais praticadas pelas religiões* no âmbito da promoção da paz, o facto de ter aumentado a *capacidade de perdão* e diminuído a *reconciliação* justifica-se pelo facto de, nas aulas, se ter reforçado que de não há possibilidade de reconciliação se não houver um efetivo perdão (cf. alua n.º 4). Assim, depreende-se que os alunos reforçaram que o *perdão* é a única via possível para uma real reconciliação interpessoal. Sem se dar primazia ao *perdão* não há *reconciliação*. Além disso, é de ressaltar que depois da leção, os alunos parecem ter aumentado o horizonte de diálogo, pois antes da UL4, metade da turma tinha selecionado, a «promoção do diálogo ecuménico» e depois da leção, aumentou a seleção da alternativa «promoção do diálogo inter-religioso», em detrimento da anterior.

Relativamente ao objetivo maior da UL4,<sup>199</sup> merece a nossa atenção, o facto de, depois da leção da UL4, mais alunos terem concordado com afirmações que associam as religiões à paz e de, também um maior número de discentes - e num maior grau de concordância - concordarem com a afirmação de que «todas as religiões, sem exceção, têm por princípio promover a paz».

---

<sup>199</sup> SNEC, 148.

No que diz respeito à categoria *instituições ao serviço da paz e do bem comum* reforça-se que esta UL tem o potencial de dar a conhecer este tipo de instituições aos alunos.<sup>200</sup> Dos dados obtidos, constata-se que, quando estas instituições falam na primeira pessoa aos alunos, essa aprendizagem parece ser mais evidente o que aconteceu, por exemplo, com a CVP (cf. aula n.º 9). Neste contexto, e não particularizando, reforça-se que aumentou em 65% o conhecimento dos alunos sobre as instituições abordadas ao longo das aulas (cf. aula n.º 5). Assim, a EMRC parece ter o potencial de divulgar as suas missões, sendo, na perspectiva dos alunos, um meio privilegiado de divulgação dessas organizações. A par da disciplina, não podemos descurar o facto de os alunos terem também considerado as *redes sociais* como um dos meios através dos quais conhecem estas instituições, o que reforça a possibilidade de termos as novas tecnologias como aliados e não como barreira ao processo educativo. Um dado curioso que julgo que deve merecer uma reflexão interna por parte da escola, é o facto de os alunos não reconhecerem a disciplina de «cidadania e desenvolvimento» como um meio através do qual conhecem este tipo de organizações humanitárias (pois 0% de alunos admite conhecer as instituições através dessa disciplina).

Do inquérito aplicado às organizações, é importante retermos - e usarmos para as nossas práticas - o facto de que estas estão disponíveis a colaborar como EMRC, não havendo preconceito de contribuir para uma disciplina que está ao serviço do ERE. Neste sentido, em situações em que o professor de EMRC tenha a iniciativa de pedir a presença destas organizações na escola, deve dizer claramente que é ao serviço desta disciplina, o que poderá tornar-se uma forma de divulgarmos para a sociedade, em que consiste o nosso trabalho dentro da sala de aula pois, curiosamente, 40% das organizações inquiridas não sabe através de que disciplinas são chamadas a colaborar.

Também na perspectiva das organizações, quanto aos *assuntos que devem ser tratados na escola*, ao contrário do estudo desenvolvido por Alfredo Teixeira (cf. p. 56) segundo o qual, lembre-se, 58% da amostra, sugeriu «o sentido da vida», nos resultados deste inquérito, apenas 23% dos respondentes considerou este, um aspeto que deve ser tratado na escola, o que exclui o estereótipo de associar a experiência do religioso, ao sentido da vida.<sup>201</sup> O item «a origem e sentido histórico das religiões» decresce de um estudo para o outro, dando lugar, neste estudo desenvolvido na PES, primazia à «promoção do diálogo e da paz universal», item que foi incluído especificamente para esta ULA. Nos dois estudos, há uma certa correspondência no

---

<sup>200</sup> Cf. SNEC, 148-152.

<sup>201</sup> Teixeira, «Transmissão religiosa, mediações culturais e dinâmicas educativas», 142.

que diz respeito a «valorizar os aspetos que dizem respeito ao património e identidade cultural» o que sugere ser um conteúdo valorizar, no contexto das aulas.

Finalmente, em relação à categoria de análise *principais objetivos do estudo das religiões na escola*, nos dois estudos, cerca de metade da população inquirida considera a promoção da «formação integral dos alunos», o que espalha uma maior sensibilidade para o facto de a dimensão religiosa ser constitutiva do ser humano. Uma vez que foi introduzido, no *google forms* e no contexto da PES, o item «incutir a paz e a promoção do bem comum», este ganhou evidência sobre todos os outros itens, que tinham sido abordados no estudo de origem, o que reforça e evidencia o papel que a EMRC em temas como este.

De referir, para concluir, que os itens «conduzir a uma melhor compreensão das tensões internacionais» - categoria de análise *principais objetivos do estudo das religiões na escola* - e «as questões mais relevantes para a política internacional» - na categoria *assuntos que devem ser tratados na escola* – não registaram uma elevada taxa de resposta por parte dos respondentes, em ambos os estudos. Tais resultados, na minha perspetiva, não se prendem tanto com a menor importância atribuída às questões internacionais, mas antes, pelo interesse preponderante dos outros itens selecionados pelos respondentes.

## 5. Propostas didático-pedagógicas

Da experiência de lecionação que resultou da PES, nesta UL4 em particular, emergiu um conjunto de «boas práticas» que julgo que posso partilhar como atividades e sugestões que poderão surgir para as práticas pedagógicas de outros colegas.

Das atividades desenvolvidas que se revelaram fundamentais para as aprendizagens dos alunos, destacaria: os «óscars da paz», «uma frase pela paz», a campanha «alimentar a paz» e a aula temática «as religiões vêm à escola». As primeiras três penso que mereciam, inclusivamente, ser incluídas no manual do aluno, como propostas de tarefa. Os «óscars da paz» revelaram-se fundamentais para os alunos incutirem o princípio de que a paz pode estar presente nas mais diversas ações do quotidiano, nos micro contextos em estão inseridos. Além disso, foi uma atividade que permitiu concretizar a premissa de que todos nós temos a possibilidade, no nosso quotidiano, de sermos construtores ativos da paz. A atividade «uma frase pela paz» permitiu que, através das pulseiras distribuídas aos alunos da turma, a outros alunos da escola, pessoal docente e não docente, e aos encarregados de educação, se divulgasse as mensagens criadas pelos alunos, no contexto das aulas, o que se revela de extrema

importância para que se chegue de forma alargada a todos os elementos das comunidades educativas das escolas, particularizando em que consiste o trabalho da EMRC. A campanha «alimentar a paz» permitiu não só a colaboração ativa dos alunos para com uma das instituições abordadas em aula, como também possibilitou a representação, na escola, de um elemento da CVP – delegação da RAM. Por seu turno, a aula temática «as religiões vêm à escola» mostrou-se fundamental na leção desta UL4, no sentido em que os alunos ouviram, na primeira pessoa, ações concretas em prol da paz, por parte dos representantes das várias tradições religiosas, alargando o espaço de debate, o que abre a escola à comunidade.

No sentido de desenvolver a espiritualidade juvenil, incluir nas aulas, práticas de interioridade como aconteceu na aula n.º 3, poderá representar grandes possibilidades de êxito no que toca ao bem-estar espiritual dos nossos alunos e, conseqüentemente, da autoperceção de paz intrapessoal – enquanto valor que estes já defendem – relembrando Eduardo Duque - *conforto espiritual e paz de consciência*.

Sugere-se ainda que nos conteúdos do objetivo n.º 6, se inclua todas as regras de ouro que o manual do aluno inclui, pois o programa – nos seus conteúdos - exclui o hinduísmo e o budismo, o que poderá levar, erradamente, a que o professor exclua das suas práticas letivas estas duas tradições religiosas.

Apesar do programa e do manual do aluno, incluam a possibilidade de abordar a noção de *conflito*, não há uma explanação – que quanto a mim seria importante – sobre as formas de resolução de conflito, pelo que, a proposta de um exercício que permitisse aos alunos interpretar a noção de conflito de uma forma positiva e onde praticassem as três formas de resolução dos mesmos, seria pertinente e importante, inclusivamente, para as suas relações interpessoais diárias, dentro e fora da escola. Os alunos devem ter a possibilidade de compreender que a forma mais comum de resolver conflitos é a *ganha-perde*, mas devem assimilar que é da estratégia *ganha-ganha* que nascem soluções criativas de paz, quer nos micro-contextos, quer nas questões internacionais.

De um modo mais global, no que à ordem de leção das unidades diz respeito, julgo que fará sentido que a UL4 seja lecionada logo a seguir à UL2, uma vez que os conteúdos da UL «As religiões» deixam o aluno melhor preparado para os conteúdos da UL «A paz universal». Já a «riqueza e o sentido dos afetos» deveria ser a última unidade lecionada, fazendo a ponte com a UL1 do 8º ano «o amor».

## Conclusão

Quando se está perante um cenário de conflito [...] a religião poderá ter a capacidade de contribuir de uma forma positiva, já que permite solidificar um sentimento de confiança entre os grupos em causa.<sup>202</sup>

Apesar deste relatório final ter-se desenvolvido, sobretudo, a partir da temática da paz e da promoção do bem comum, tendo em conta a UL4, de referência, ele constitui o resultado – e é o culminar – de toda a experiência PES do ano letivo 2021/2022. Foi um ano um ano repleto de trabalho, não só no contexto da sala de aula, mas diria, sobretudo, de preparação, formação, inspiração, criatividade e pesquisa. O acompanhamento que senti ao longo deste percurso, quer por parte da UCP (Lisboa), na pessoa do mestre Juan Ambrosio, quer por parte do professor cooperante, David Sousa, da EB23 da Torre, foram imprescindíveis para refletir sobre as minhas metodologias e práticas pedagógicas, bem como para reajustá-las em função da evolução da assimilação de conteúdos, por parte dos meus alunos. Numa fase posterior, o *feedback* dos orientadores deste relatório, concretizado em críticas construtivas, permitiram um itinerário fundamentado e consolidado, que nesta fase final, permite tecer algumas considerações e conclusões, que resultam tanto da minha experiência, enquanto aluna da PES, quanto da temática que foi desenvolvida, ao longo destas páginas.

Feita esta contextualização, globalmente, a PES permitiu criar momentos de reflexão-ação, a partir da possibilidade de debater com o par pedagógico e com os professores cooperante e supervisor, a minha forma de *ser professora*. Esta jamais será a mesma de escola para escola, de turma para turma, mas há um conjunto de competências, formas de estar e agir que, quer queiramos, quer não, se mantêm mais ou menos estáveis ao longo do tempo (e dos contextos). Outras, podem (e devem) ser reajustadas com vista ao sucesso dos nossos alunos – é sobretudo *com e para* eles que trabalhamos. O investimento nas dimensões científica, pedagógica e metodológica, bem como na componente humanística, foram ingredientes cruciais para o sucesso do ano letivo.

Das dificuldades sentidas, destaco a gestão do tempo da aula, ou melhor, a ambição que defini, desde o início, de tocar em todos os pontos do programa, levou-me a planificar de uma forma relativamente ambiciosa, no início do ano letivo, o que foi sendo superado ao longo da experiência de lecionação. Esta situação tornou-se ainda mais desafiante na UL4, uma vez que é a de referência. Assumi o compromisso de trabalhar todos os conteúdos previstos no programa, mas também outros que considere que enriqueceriam a unidade, por exemplo, as

---

<sup>202</sup> Bandeira, *O Papel da Religião na Resolução de Conflitos e Construção da Paz*, 16.

estratégias de gestão e resolução de conflito, a comunicação, promover o envolvimento dos alunos com pessoas e instituições promotoras de paz pois, de tudo isso, naturalmente, depende o grau de adesão dos alunos. Aulas mais motivadoras e interessantes para os alunos, despertam maior adesão e participação e, conseqüentemente, mais tempo do que o inicialmente previsto nas planificações. Essa adesão pode ser prevista, tratando-se “apenas” precisamente disso, de uma previsão. De facto, esta unidade foi a que envolveu mais os alunos e revelou conquistar um maior grau de interesse, motivação e satisfação por parte dos mesmos<sup>203</sup> o que, necessariamente, se espelha em aulas mais participadas, criando alguns constrangimentos em termos de gestão de tempo, no entanto, garantindo o essencial, que se dê oportunidade e espaço para ser a turma (também) a ditar o que lhes é mais motivador e interessante aprender.

Tentei, sempre que possível, pôr em prática a minha criatividade, introduzindo atividades inovadoras que fossem estimulantes para os alunos e que permitissem a aquisição das aprendizagens essenciais previstas, tendo em conta o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória e o programa da disciplina. Todos estes elementos, por sua vez, foram aplicados a partir dos valores adotados por mim e que assumo como profundamente marcados pela fé cristã.

A exploração das técnicas de avaliação formativa, foram sendo aprimoradas ao longo do ano letivo, permitindo avaliar com rigor e clareza as aquisições dos alunos para que pudessem ser adaptadas as estratégias e metodologias de ensino, de uma aula, para outra.

Quanto aos materiais produzidos, as aulas da UL4 bem como da anteriormente lecionada, incluíram recursos em *PowerPoint*, que foram sempre aprimorados, o que tornou «bastante mais eficiente a projeção e a qualidade da mensagem».<sup>204</sup>

Os vídeos do *Youtube* utilizados, tiveram em atenção um conjunto de princípios que permitiram atingir os objetivos pretendidos: estarem adequados à faixa etária dos alunos, com uma duração que não excedesse os 5 minutos, com conteúdos claros e uma linguagem atrativa e motivadora que, simultaneamente, promovesse a reflexão e a discussão em grande grupo.<sup>205</sup>

O facto de a sala de aula ter um painel digital e os alunos terem os *tablets* (manuais digitais<sup>206</sup>) permitiu-me recorrer à disponibilização de recursos *online* e possibilitou a

---

<sup>203</sup> A primeira unidade a ser lecionada à turma PES foi a UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos» (cf. p. 80) que mereceu a classificação de 4,4 (Muito Bom) e a UL4 «A Paz Universal» foi classificada em 4,7 (Excelente) – numa escala de 1 a 5.

Bom) e à UL4 “A Paz Universal” foi de 4,7 (Excelente) – escala de 1 a 5.

<sup>204</sup> José Lagarto, «Manual da Unidade Curricular de *Comunicação e Tecnologias em Educação*».

Material disponibilizado no âmbito da Unidade Curricular *Comunicação e Tecnologias em Educação*, 71. Ano letivo: 2020/2021.

<sup>205</sup> Cf. Lagarto, «Manual da Unidade Curricular de *Comunicação e Tecnologias em Educação*», 80.

<sup>206</sup> O projeto dos Manuais Digitais teve a sua implementação no ano letivo 2019-2020, para todos os alunos do 5.º ano de escolaridade. No ano letivo 2021-2022, a iniciativa abrange já todas as turmas dos 5.º, 6.º e 7.º anos da Região Autónoma da Madeira.

digitalização de algumas páginas do manual do aluno que foram colocadas nos ficheiros da equipa *teams*.

Tendo em conta todos estes aspetos, procurei, ao longo da lecionação, e mais concretamente no que se refere à UL4, complementar e consolidar várias competências de lecionação, assim como aprofundar o tema deste relatório final de estágio: o contributo da UL4 para a literacia religiosa dos alunos, enquanto via para a promoção da paz e do bem comum.

No que diz respeito ao capítulo 1, é possível referir, em conclusão, que vários documentos do magistério da Igreja, bem como a instituição do «Dia mundial da paz» pelo Papa Paulo VI, revelaram-se marcos fundamentais para a perceção de uma instituição religiosa que tem, por princípio, promover a paz e o bem comum. Com os Papas João Paulo II e Francisco, essa constatação tornou-se ainda mais evidente, na medida dos seus gestos concretos de paz e de promoção do bem. A carta encíclica *GS* abriu espaço ao debate que inclui as noções de justiça e desenvolvimento como construtos aliados ao da paz, pois sem a redução das desigualdades e sem equidade social, dificilmente estaremos numa conjuntura de verdadeira paz e harmonia social. Ainda no capítulo 1, foram analisadas as posições das diversas tradições religiosas ao serviço da paz, reconhecendo o facto de que todas elas, ao longo das suas histórias, já viveram situações de falência da paz, mas que isso não deve obstar ao princípio macro que as une. A carta encíclica *FT* vem reforçar a necessidade de a paz começar pela promoção do bem na dedicação e dádiva ao próximo com vista ao bem comum e, nessa medida, analisaram-se instituições sociais, com e sem vínculo à religião, que poderiam ser referência e potenciais aliadas na dinamização desta UL4, em particular. Analisados os ODS e o PEG, foi estabelecida uma correspondência que poderá nortear o professor para a abordagem desses conteúdos em aula, não se tratando, certamente, da única forma de o fazer, mas uma possibilidade viável.

Relativamente ao capítulo 2, caracterizou-se a população juvenil com a qual trabalhei durante o ano letivo, alunos do 7º ano de escolaridade, com 12-13 anos. Com base em alguns estudos que têm sido levados a cabo, aferimos quais as suas crenças, valores e posição face ao fenómeno religioso. Esta reflexão permitiu perceber que é legítimo entender que *o conforto espiritual e a paz de consciência* que tanto os jovens ambicionam, pode ser alcançado através da religião. Foi um capítulo que aferiu que crenças disfuncionais os jovens poderiam ter em relação às religiões que pudessem criar obstáculo às aprendizagens desta UL, designadamente, que todas as religiões têm por princípio ético promover a paz e o bem comum. Nesse sentido, estimular aprendizagens sobre todas as religiões revelou-se uma estratégia fundamental. A aula temática «As religiões vêm à escola» transmitiu aos alunos, utilizando as palavras de Anselmo Borges, que «as pessoas religiosas devem dialogar para melhor se aproximarem do Mistério

divino absoluto, que exige o diálogo para que os crentes se enriqueçam mutuamente».<sup>207</sup> Este debate não deve ser exclusivo das comunidades crentes, pois todos são chamadas para o diálogo, Segundo o mesmo autor, o verdadeiro debate inter-religioso inclui «os ateus, pois o que, antes de mais, nos vincula a todos é a humanidade, concluindo-se, assim, que os ateus são aqueles que, por estarem “de fora” [...]»<sup>208</sup> trazem uma visão complementar e enriquecedora. As aulas permitiram desmistificar crenças disfuncionais dos alunos o que legitima estimular a *inreligiosação*,<sup>209</sup> ou seja, o enriquecimento das comunidades crentes, na interação entre as mesmas, bem como com as comunidades envolventes, independentemente de serem crentes, tal como acontece nos processo de inculturação em que «uma cultura assume riquezas doutras sem renunciar a ser ela mesma».<sup>210</sup>

Na verdade, esta necessidade decorre da «progressiva consciência da diversidade religiosa no nosso país (que) tem sido um processo contínuo desde a segunda metade do séc. XX, para a qual concorreram vários factores sociais, políticos e religiosos»<sup>211</sup> e é a própria Igreja que se une na defesa do respeito por todas as tradições religiosas como nos diz a declaração do CVII *Dignitatis Humanae*

desde que não se violem as justas exigências da ordem pública, deve-se em justiça a tais comunidades a imunidade que lhes permita regerem-se segundo as suas próprias normas, [...] ajudarem os seus membros no exercício da vida religiosa e sustentarem-nos com o ensino e promoverem, enfim, instituições em que os membros cooperem na orientação da própria vida segundo os seus princípios religiosos. (DH 4)

No capítulo 3, refletiu-se sobre a legitimação da presença do ERE, e quanto à UL4, em particular, como esta pode ser fundamental para a promoção da paz, nesse contexto. Foi feita a caracterização da turma PES, da escola, bem como referências às instituições promotoras de paz e bem comum, que colaboraram na recolha de dados que tinha como intuito aferir a disponibilidade das mesmas para colaborarem com a EMRC. Todas se mostraram disponíveis para o fazer e defendem que «incutir a paz e a promoção do bem comum» deve ser um dos principais objetivos do estudo das religiões nas escolas. Além disso, a presença destas instituições na escola, física ou virtualmente, mostrou-se um fator preditor para o sucesso das aprendizagens dos alunos.

---

<sup>207</sup> Borges, *Religião e diálogo inter-religioso*, 108-109.

<sup>208</sup> Borges, «Religião, religiões e diálogo inter-religioso», 43.

<sup>209</sup> Conceito utilizado por Torres Queiruga, citado por Borges, *Religião e diálogo inter-religioso*, 112.

<sup>210</sup> Borges, 112.

<sup>211</sup> Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, «Liberdade religiosa e diálogo inter-religioso em Portugal: 2001-2021. Testemunhos do Grupo de Trabalho para o Diálogo Inter-religioso (GT DIR)», 25.

Depois da apresentação das planificações e reflexões espelhadas nos relatórios de aula, foram apresentados e discutidos os resultados dos inquéritos pré e pós leção onde surgiram as «propostas didático-pedagógicas» e práticas que se revelaram fundamentais na dinamização das aulas. Assim, atividades como «os óscares da paz», «uma frase pela paz» a campanha «alimentar a paz», «o saco da reconciliação» e a aula temática «as religiões vêm à escola» revelaram-se facilitadores para a aquisição de conhecimentos, por parte dos discentes. Relativamente, aos resultados dos inquéritos, foi possível constatar que a crença disfuncional mais evidente e que foi desmistificada foi a relativa ao islão. As aulas permitiram ainda que os alunos após a leção da UL considerassem, em maior número e grau de concordância, que todas as religiões, independentemente das suas histórias que incluem momentos de falência da paz, têm por princípio ético a promoção da paz e do bem comum e passaram a valorizar ainda mais o diálogo inter-religioso. Complementarmente, desses dados, foi possível também concluir que os alunos aprenderam sobre as religiões através desta UL.

Quanto ao programa da UL, na sua redação de 2014, concluí que apresenta uma boa sequenciação dos conteúdos. Estes evidenciaram-se apelativos não só, mas também, por se tratar de um tema muito atual que tem gerado muito do que é o panorama da opinião pública, dos últimos tempos. Ainda assim, foi feita uma leitura criticamente construtiva do mesmo, o que levou às propostas «didático-pedagógicas» melhor exploradas, no ponto anterior. Neste sentido, na minha perspetiva, poderia ser interessante e útil abordar com mais detalhe o processo de comunicação, incluir nos conteúdos da unidade a definição do *conflito*, bem como as várias estratégias de resolução do mesmo (ganha-perde, perde-perde e ganha-ganha). Julgo que a meta e objetivo em que faria sentido enquadrá-lo seria na N – promover o bem comum e o cuidado do outro – no seu objetivo 4 - reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa. Este conteúdo foi abordado em aula, por opção, para que os alunos percebessem que das várias estratégias de resolução de conflitos a mais justa, mas provavelmente a menos utilizada, é a estratégia ganha-ganha (cf. aula n.º 2 – UL4). Assim, julgo que seria importante não só incluir este conteúdo no todo da UL, mas também incluir no manual do aluno, as estratégias de resolução de conflito. Uma outra sugestão, prende-se com o facto de o programa não incluir as 6 tradições religiosas a propósito da «regra de ouro» dos vários credos. Apesar do manual do aluno fazer referência às 6 tradições, o programa exclui o budismo e o hinduísmo (cf. p. 25). Admitindo que não sei por que motivo não foram incluídas, em 2014, julgo que as 6 tradições deveriam integrar o programa.

Além dos resultados do inquérito aplicado aos alunos, é possível concluir que o nível das aprendizagens dos discentes foi muito positivo, sendo ligeiramente superior no domínio das

atitudes e valores (média de 86,88%<sup>212</sup>) comparativamente ao domínio cognitivo (média de 84,26%)<sup>213</sup>. A maioria dos alunos obteve nível 4 – numa escala de 1 a 5 - de acordo com os critérios internos de avaliação,<sup>214</sup> conforme é possível verificar no gráfico n.º 11.

A aula em que utilizei estratégias e dinâmicas que permitiram a melhor assimilação de conteúdos por parte dos discentes foi a aula n.º 5<sup>215</sup> (88% de aproveitamento por parte dos alunos) e a que terá sido menos bem-sucedida – ainda assim com resultados muito satisfatórios - foi a n.º 2<sup>216</sup> (79% de aproveitamento evidenciado pelos discentes).

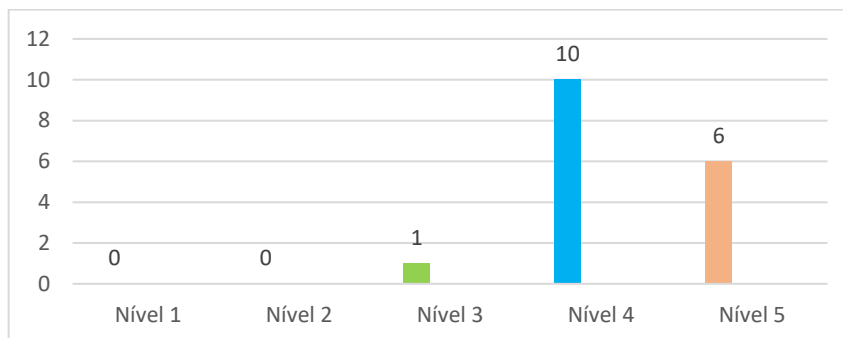


Gráfico 11 - Nível de desempenho final dos alunos na UL4<sup>217</sup>

Para finalizar, os alunos rentabilizaram os seus portefólios, que os acompanharam ao longo do ano letivo, o que se revelou ser um excelente instrumento para avaliar o processo de aprendizagem. Estes contêm, não só o que trabalharam nas UL do ano letivo, como apresentam os conteúdos do próximo, como se de um convite para a inscrição na disciplina, se tratasse. O portefólio termina com o meu lema para a disciplina “Eu tenho muita Mora! E tu?”.

*A paz começa dentro de cada um de nós. Quando temos paz interior, podemos estar em paz com aqueles que nos rodeiam. Quando a nossa comunidade está num estado de paz, pode partilhar essa paz com as comunidades vizinhas e assim por diante.*<sup>218</sup>

<sup>212</sup> Numa escala de 0 a 100%.

<sup>213</sup> Valores, nos 2 domínios superiores ao da UL3 (cognitivo 81% e atitudes e valores 84%).

<sup>214</sup> Nível 1, intervalo de 0% a 19,4%; nível 2, intervalo de 19,5% a 49,4%; nível 3, intervalo de 49,5% a 69,4%, nível 4, intervalo de 69,5% a 89,4%; nível 5, intervalo de 89,5% a 100%.

<sup>215</sup> Sobre as pessoas e instituições promotoras de paz – algumas das quais laureadas com os prémios Nobel.

<sup>216</sup> Conteúdo “situações de falência da paz” – atividade “friso cronológico”.

<sup>217</sup> A aluna com nível 3 é a n.º 18 – avaliação que inclui apenas as atividades e comportamento, das aulas em que esteve presente – apenas para efeitos da avaliação da UL4, para este Portefólio, pois formalmente a aluna foi considerada S/A (sem elementos de avaliação – por decisão do Conselho de Turma).

<sup>218</sup> Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, «Liberdade religiosa e diálogo inter-religioso em Portugal: 2001-2021. Testemunhos do Grupo de Trabalho para o Diálogo Inter-religioso (GT DIR)», 29.

## Bibliografia

### Documentos Eclesiais

Papa Francisco. *Carta Encíclica Fratelli Tutti, sobre a fraternidade e a amizade social*. Lisboa: Paulinas, 2020.

———. «Carta encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum». AAS 107 (2015), 847–945.

Papa João XXIII. «Carta Encíclica *Pacem in Terris*». AAS 55 (1963), 257–340.

Papa João Paulo II. «Carta encíclica *Redemptor Hominis*». AAS 71 (1979), 257–324.

Concílio do Vaticano II. «Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual». AAS 58 (1966), 1025–1115.

———. «Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa». Itália: Vaticano, 1965.

### Estudos e Ensaios

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. *Diálogo inter-religioso no tempo e 33 ideias para pensar e agir*. Lisboa: Textype, 2011.

———. *Cosmovisões religiosas e espirituais. Guia didático de tradições presentes em Portugal*. Lisboa: ACM, 2016.

Amaladoss, Michael. «Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo». Em *Religiões para a paz ou para a guerra? Diálogos transdisciplinares*, edição digital, 29-39. Belo Horizonte: PUC Minas, 2015.

Ambrosio, Juan. «As religiões na escola». *Revista portuguesa de ciência das religiões*, n.º 2 (2002): 59-63.

Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw Hill, 2008.

Bandeira, Isabel. *O Papel da Religião na Resolução de Conflitos e Construção da Paz. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais - Estudos da paz, segurança e desenvolvimento, apresentada à Faculdade de Economia.* Coimbra: s.ed., 2020.

Barros, João, Rogério Teixeira e Vítor Guerra. *Religião: diversidade e encontro.* Lisboa: SNEC, 2022.

Bastinel, Sérgio. *Moralidade pessoal na história – temas de ética social.* Lisboa: Caritas portuguesa, 2013.

Borges, Anselmo. *Religião e diálogo inter-religioso.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

———. «Religião, religiões e diálogo inter-religioso». *Revista Portuguesa de História*, n.º 40 (2008/2009): 9-44. [http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147\\_40\\_1](http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147_40_1).

Caetano, Ana e Estrela, Maria. *Ética profissional docente.* Lisboa: Educa, 2010.

Carvalho, Cristina. «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica». *Pastoral catequética*, n.º 31-32 (janeiro-agosto 2015): 29-61.

———. *Psicologia - curso geral de formação de catequistas.* Lisboa: SNEC, 2004.

Carvalho, Cristina, Pedrinho, Dimas, Urbano, Elisa, Moita, Fernando e Ambrosio, Juan. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica.* Torres Novas: Gráfica Almondina, 2014.

Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. *Learning: the treasure within.* Traduzido por José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez editora, 1997.

Duque, Eduardo. *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga.* Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude, 2007.

Duque, Eduardo e Vázquez, José «Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português». *Revista Cultura & Religión*, n. 2 (julho 2020): 17-35.

Estanqueiro, António. *Boas Práticas na Educação.* Lisboa: Editorial Presença, 2010.

Hattstein, Markus. *Religiões do mundo*. Traduzido por Paula da Silva. Alemanha: Könnemann, editora, 2000.

Hervieu-Léger, Danièle. *O peregrino*. Lisboa: Gradiva, 2005.

Lagarto, José. «Manual da Unidade Curricular de *Comunicação e Tecnologias em Educação*». Material disponibilizado no âmbito da Unidade Curricular *Comunicação e Tecnologias em Educação*. Lisboa: UCP, 2020/2021.

Leitão, Simão. «A(s) Igreja(s) face ao processo de recomposição do religioso: Práticas e representações de jovens vinculados à estrutura da Igreja Católica-romana». *Revista Lusófona de Ciências da Religião*, n.º 12 (novembro 2007): 273-285.

Moita, Fernando. «A Missão do Professor de EMRC no Contexto da Escola Atual». *Pastoral Catequética – Revista de Catequese e Educação*, n.º 26 (maio-agosto 2013): 53-74.

ODIHR (Office for Democratic Institutional and Human Rights). *Toledo guiding principles on teaching about religions and beliefs in public schools*. Polónia: Sungraf, 2007.

Perestrelo, Vanda. *Mindfulness na educação*. Lisboa: Edições Mahatma, 2015.

Pires, Nuno. «O fator religioso nos conflitos». *Revista de História das Ideias*, n.º 36 (maio 2018): 265-286. [https://doi.org/10.14195/2183-8925\\_36\\_13](https://doi.org/10.14195/2183-8925_36_13).

Portugal, Maria, Dias, José, Mesquita, Isabel, Fialho, Gisela e Rodrigues, Mário. *Manual do aluno - Queremos saber! 7º*. Lisboa: SNEC, 2021.

Rijo, Daniel, Maria do Natal Sousa, Joana Lopes, Joana Pereira, Joana Vasconcelos, Maria da Conceição Mendonça, Maria João Silva, Natacha Ricardo e Sónia Massa. *Gerar Percursos Sociais*. Ponta Delgada: Equal, 2007.

Rodrigues, Solange. «A busca espiritual da geração Y». *Revista do Instituto Humanitas Unisinos* 361 (maio 2011): 4-33.

Sbardelotto, Moisés. «Da religião à reconexão: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de midiatização digital». *Revista do Instituto Humanitas Unisinos* 2, n.º 4 (julho - dezembro 2018): 71-83.

Spadaro, Antonio. *Oltre il muro - Dialogo tra un musulmano, un rabbino e un cristiano*. Traduzido por Maria Pernas. Lisboa: Paulinas editora, 2014.

Stilwell, Peter. «A religião, factor de conflito e potencial de paz». *Revista Nação e Defesa*, n.º 75 (julho-setembro 1995): 58-67.

Teixeira, Alfredo. *Religião na sociedade portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019.

———. «Transmissão religiosa, mediações culturais e dinâmicas educativas. Escola, património religioso e transmissão cultural: contextos argumentativos, atores e cenários». Material disponibilizado no âmbito da Unidade Curricular *Património religioso e transmissão cultural*. Lisboa: UCP, 2019/2020.

Thompson, Mel & Feinstein, Eve. *The religions book*. Traduzido por Alexandre, Bruno. London: Dorling Kindersley, 2013.

150

Vaz, Armindo. *Criação divina sem pecado humano. Uma história com sentido: Génesis 2-3*. Prior velho: Paulinas Editora, 2019.

Vaz, Francisco. *João Paulo II: o compromisso pela paz*. Lisboa: Editorial Cáritas, 2016.

## **Instrumento de Trabalho**

Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos da Torre. *Projeto Educativo de Escola – 2018-2022*. Câmara de Lobos: «s. ed.», 2018.

## **Legislação**

Diário da República. *Lei n.º 16/2001 de 22 de junho: Lei da Liberdade Religiosa*. Diário n.º 143/2001, I Série - A de 22-06-2001.

## **Webgrafia**

Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. «Juntos na construção da paz». Acedido a 1 de julho de 2022. [4e76e835-cf8d-4e7d-b6be-66f0ee120559 \(acm.gov.pt\)](https://acm.gov.pt/4e76e835-cf8d-4e7d-b6be-66f0ee120559).

———. «Liberdade religiosa e diálogo inter-religioso em Portugal: 2001-2021. Testemunhos do Grupo de Trabalho para o Diálogo Inter-religioso (GT DIR)». Acedido a 13 de julho de 2022. [57101c95-44e5-43c7-975b-ada6a37eb839 \(acm.gov.pt\)](https://www.acm.gov.pt/57101c95-44e5-43c7-975b-ada6a37eb839).

Catecismo da Igreja Católica. «Os dez mandamentos». Acedido a 19 de julho de 2022. [https://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p3s2cap2\\_2196-2557\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html).

Conferência Episcopal Portuguesa. «Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas – regiões autónomas». Acedido a 6 de julho de 2022. [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/34932/1/Regi es aut nomas Identidades religi osas em Portugal 2012 .pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/34932/1/Regi%20es%20aut%20nomas%20Identidades%20religiosas%20em%20Portugal%202012.pdf).

Congregação para a Educação Católica. «Pacto Educativo Global». Acedido a 1 de julho de 2022. <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>.

Direção-Geral da Educação. «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória». Acedido a 12 de setembro de 2021. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens Essenciais/3 ciclo/emrc 3c 7a.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_7a.pdf).

Ecclesia. «Vaticano: Papa [Francisco] aponta ao diálogo entre religiões como condição para a paz». Acedido a 15 de junho de 2022. [Vaticano: Papa aponta ao diálogo entre religiões como condição para a paz - Agência ECCLESIA](https://www.ecclesia.pt/vaticano/papa-aponta-ao-dialogo-entre-religoes-como-condicao-para-a-paz).

———. «Vaticano: Papa [Francisco] presidiu a festa de jovens, evocando “nuvens” da guerra e da Covid-19, que “esperam a luz da Páscoa”». Acedido a 10 de junho de 2022. [Vaticano: Papa presidiu a festa de jovens, evocando «nuvens» da guerra e da Covid-19, que «esperam a luz da Páscoa» \(c/fotos\) - Agência ECCLESIA](https://www.ecclesia.pt/vaticano/papa-presidiu-a-festa-de-jovens-evocando-nuvens-da-guerra-e-da-covid-19-que-esperam-a-luz-da-pascoa).

INE – Instituto Nacional de Estatística. «Censos 2021 – resultados provisórios». Acedido a 12 de abril de 2022. [INE - Plataforma de divulgação dos Censos 2021 – Resultados Provisórios](https://www.inecensos.gov.pt/Plataforma-de-divulgacao-dos-censos-2021-resultados-provisorios).

Ipsos APEME. «A pastoral vocacional. Uma gramática para a proximidade». Acedido a 28 de junho de 2022. [Os jovens e a vida consagrada.pdf](https://www.ipsos.pt/pt/pequenas-empresas/relatorios/relatorio-a-pastoral-vocacional-uma-gramatica-para-a-proximidade).

Nações Unidas - Centro de Informação para a Europa Ocidental. «Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: 17 objetivos para transformar o nosso mundo». Acedido a 20 de setembro de 2022. <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>.

ONU para a educação, ciência e cultura. «Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – objetivos de aprendizagem». Acedido a 12 de julho de 2022. [Recursos-ods-objetivos-aprendizagem.pdf \(imvf.org\)](#).

Ordem dos Psicólogos Portugueses. «Conversar sobre a guerra - perguntas e respostas para pais e cuidadores de crianças e jovens». Acedido a 2 de abril de 2022. [https://www.ordemospsicologos.pt/ficheiros/documentos/doc\\_perguntas\\_respostas\\_guerra.pdf](https://www.ordemospsicologos.pt/ficheiros/documentos/doc_perguntas_respostas_guerra.pdf).

Papa Francisco. «Audiência geral: catequese, n.º 31: a meditação», acedido a 11 de junho de 2022, [Audiência Geral de 28 de abril de 2021 - Catequese - 31. A meditação | Francisco \(vatican.va\)](#).

———. «Exortação apostólica *Cristo Vive*». Acedido a 2 de julho de 2022. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html#A\\_PASTORAL\\_DOS\\_JOVENS](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html#A_PASTORAL_DOS_JOVENS).

———. «Mensagem do Dia mundial da paz – 1 de janeiro de 2019 – A boa política está ao serviço da paz». Acedido a 21 de julho de 2022. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20181208\\_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html).

———. «Mensagem do 55º Dia mundial da paz – 1 de janeiro de 2022 - diálogo entre gerações, educação e trabalho: instrumentos para construir uma paz duradoura». Acedido a 16 de julho de 2022. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20211208-messaggio-55giornatamondiale-pace2022.html#\\_ftn18](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20211208-messaggio-55giornatamondiale-pace2022.html#_ftn18).

Papa João Paulo II. «Mensagem XXXII do Dia mundial da paz – 1 de janeiro de 1999 - *No respeito dos direitos humanos, o segredo da verdadeira paz*». Acedido a 16 de julho de 2022. [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_14121998\\_xxxii-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_14121998_xxxii-world-day-for-peace.html).

Vatican news. «O Papa Francisco e a necessidade de uma ONU mais eficaz». Acedido a 25 de setembro de 2022. [O Papa Francisco e a necessidade de uma ONU mais eficaz - Vatican News](#).

—————. «Papa [Francisco]: o diálogo inter-religioso hoje é crucial para construir juntos a paz». Acedido a 15 de junho de 2022. [O Papa: o diálogo inter-religioso hoje é crucial para construir juntos a paz - Vatican News](#).

Vaz, Francisco. «João Paulo II e o compromisso pela paz. Estudo das mensagens do Dia Mundial da Paz». Acedido a 25 de julho de 2022, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20281/1/Jo%C3%A3o%20Paulo%20II%20e%20o%20compromisso%20pela%20paz.16jan16.pdf>.

## **Anexos**

### **ANEXO 1 – Planificação de nível III**

Período	Aulas Data	Dimensão*	Meta*	Objetivos*	Conteúdos*	Aprendizagens essenciais**	Tema geral	Atividades de referência
2º Período	1/9 8/2 2022	Ética e Moral	<b>Q</b> Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	<b>1.</b> Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	- O direito e o dever da paz;  - A paz: o grande sonho da humanidade; mais do que ausência de guerra ou de conflito; como plenitude da vida e realização da pessoa; como atitude/comportamento fruto da justiça e do amor.	Identificar a paz como condição essencial para a convivência humana.	O que é a paz e como é simbolizada?	Símbolos da paz  <i>Origami</i> (pomba e palavras sobre paz)
	2/9 15/2 2022		<b>O</b> Amadurecer a sua responsabilidade e perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	<b>2.</b> Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.	- A falência da paz: A rutura das relações interpessoais e das relações entre Estados, povos, etnias e culturas; A violência: a ilusão de uma solução para os problemas; A guerra: causas e consequências; O negócio da venda de armas; A utilização de crianças e jovens na guerra; O terrorismo e genocídio: causas e consequências; A absolutização da economia como único valor político.	Discutir situações reais de falência de paz.	Situações de ausência de paz: a perda da dignidade humana	Friso cronológico sobre situações de falência da paz
	3/9 22/2 2022	Cultura cristã e visão cristã da vida	<b>L</b> Estabelecer um diálogo entre cultura e fé.	<b>3.</b> Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	- O Direito à paz: a legítima defesa nos limites da necessidade e proporcionalidade; a proteção dos inocentes e dos vulneráveis; o desarmamento; a negociação democrática como instrumento do governo; o direito internacional e a resistência não violenta e o pacifismo (Mahatma Gandhi). - Papa Francisco e a Mensagem para o «Dia Mundial da Paz», 2022.	Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo; Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.	Promover a paz: uma responsabilidade de todos	Frases para pulseiras da paz
<b>Interrupção letiva Carnaval</b>								

2º período	4/9 8/3 2022	Ética e Moral	N Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	- Diálogo, perdão e reconciliação;  - Prémios Nobel da paz: critérios de escolha dos premiados.	Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo;  Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.	A importância do diálogo e do perdão para a reconciliação	Folha amarrotada, dor causada  O saco da reconciliação
	5/9 15/3 2022				- Prémios Nobel da paz: critérios de escolha dos premiados; - Instituições de promoção da paz no mundo: União Europeia, ONU, Tribunal Internacional dos Direitos do Homem.	Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo.		
	6/9 22/3 2022	Cultura cristã e visão cristã da vida	E Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	5. Identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos.	- A Lei de Talião, contra os abusos de poder;  - A proposta de Jesus para a construção da paz (Mt. 5, 43-48; Mt. 18, 21-22; Mt. 5, 1-12).	Valorizar a paz como elemento essencial da identidade cristã.	Poder e paz: duas faces, uma moeda	Plataforma wordwall
	7/9 29/3 2022	Religião e experiência religiosa	D Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	6. Identificar o papel das Religiões na construção da Paz em situações vitais do quotidiano.	- Regra de ouro transversal aos vários credos;  - A construção da paz é um desejo e um imperativo ético para a humanidade.	Mobilizar os princípios do diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos.	Vários credos, a mesma missão de paz	Mural da paz
	5/3	<b>Interrupção letiva da Páscoa</b>						
	12/3							

3º Período	8/9 19/4 2022	Religião e experiência religiosa	<b>D</b> Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	<b>6.</b> Identificar o papel das Religiões na construção da Paz em situações vitais do quotidiano.	- A construção da paz é um desejo e um imperativo ético para a humanidade;  - Contributos que os cidadãos podem dar para a construção da paz.	Mobilizar os princípios do diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos.	Crer e fazer: contributos para a promoção da paz	Representantes dos vários credos vêm à escola
	9/9 26/4 2022	Religião e experiência religiosa  Cultura cristã e visão cristã da vida  Ética e Moral	<b>Q, O, L, N, E, D</b>	Todos os objetivos abordados ao longo das aulas da UL.	- Todos os conteúdos lecionados na Unidade.	Todas as aprendizagens definidas na Unidade	Recapitulações e avaliação global da UL	Pós teste (Relatório final)

\*SNEC, *Programa de EMRC*, 82-84.

\*\* Direção-Geral da Educação, «Aprendizagens essenciais da disciplina de EMRC 7º ano: Articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória», acessado a 12 de setembro de 2021, [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/emrc\\_3c\\_7a.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_7a.pdf).

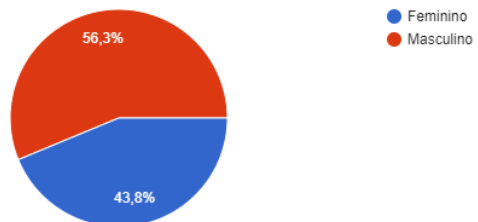
## ANEXO 2 – Respostas ao inquérito *google forms* – Pré leção

### Dimensão A - Sociodemográfica

#### A1 - Género

16 respostas

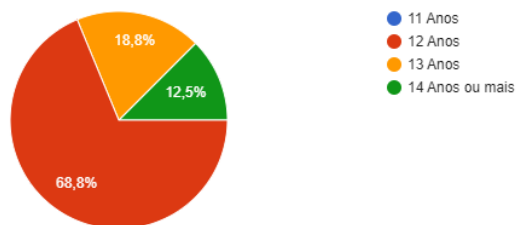
Copiar



#### A2 - Qual a tua Idade?

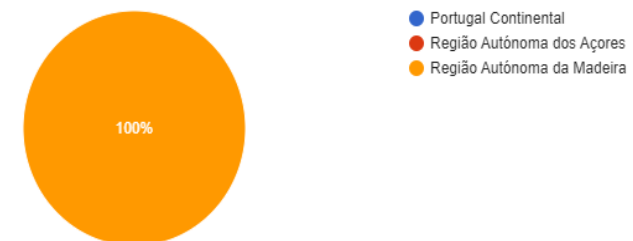
16 respostas

Copiar



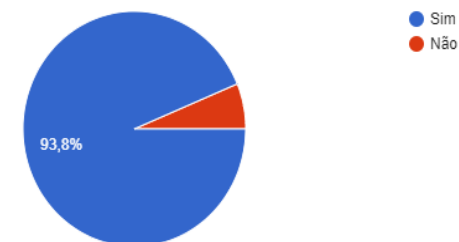
#### A3 - Onde se situa a tua escola?

16 respostas



#### A4 - Estás pela 1ª vez no 7º ano?

16 respostas

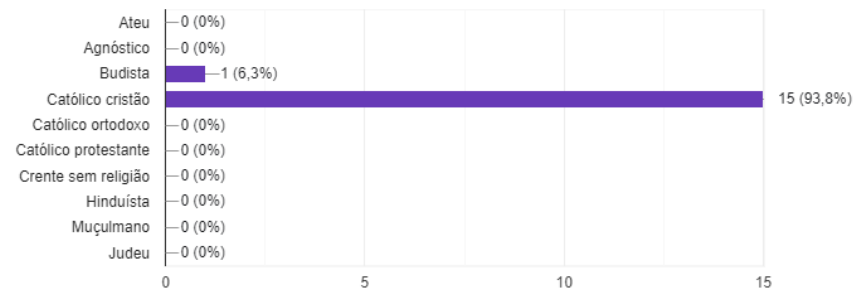


### Dimensão B - Posição face ao fenómeno religioso

B1. Qual a tua tua posição face ao fenómeno religioso?

[Copiar](#)

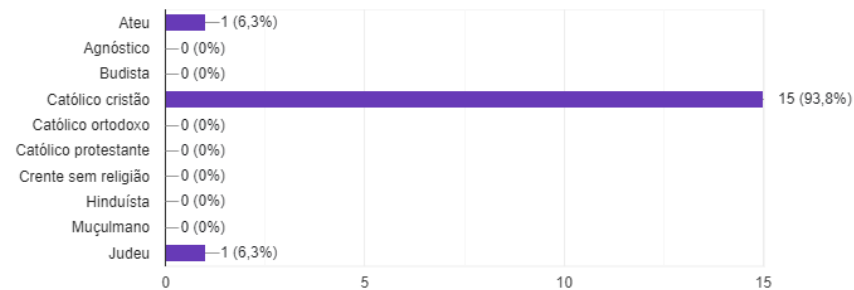
16 respostas



B2. Qual a posição, face ao fenómeno religioso, das pessoas com quem vives?

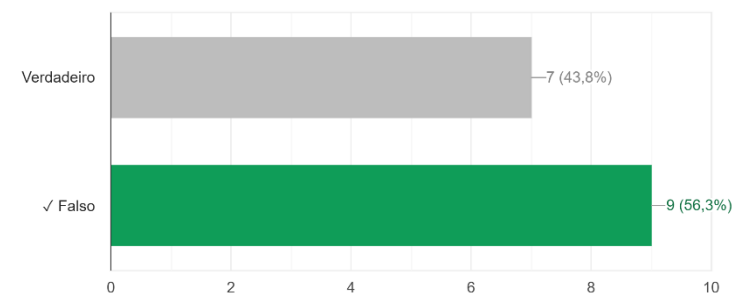
[Copiar](#)

16 respostas



C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

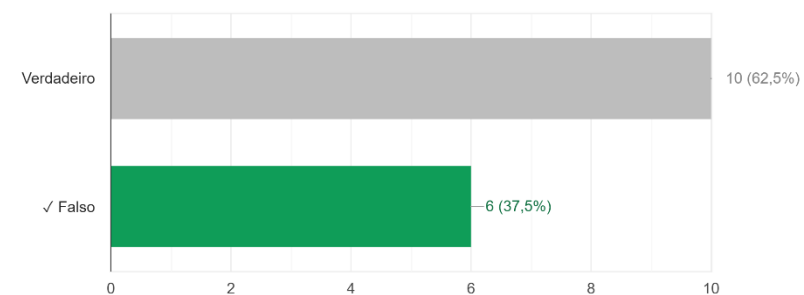
9 / 16 respostas corretas



Linha 1: Só algumas Religiões são promotoras de paz.

C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

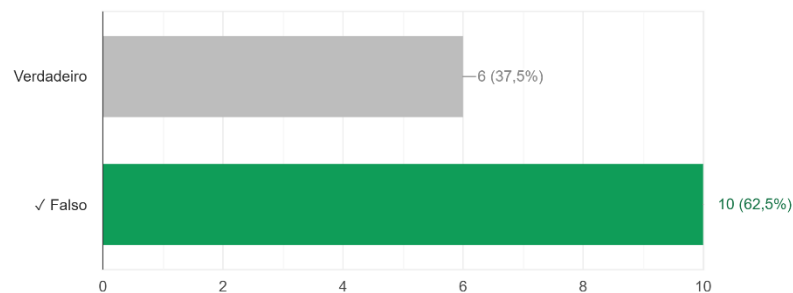
6 / 16 respostas corretas



Linha 2: O Islamismo é uma Religião que não promove a paz universal, pois são extremistas.

C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

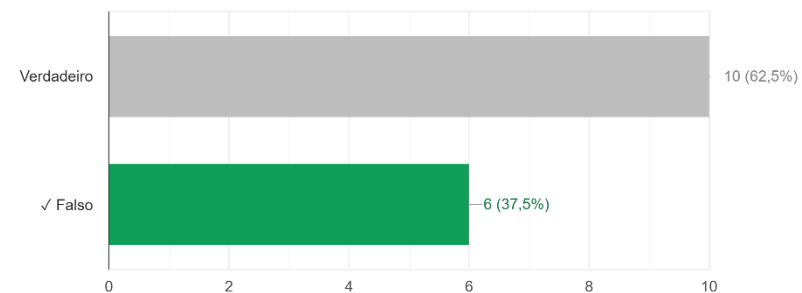
10 / 16 respostas corretas



Linha 3: O Cristianismo nunca esteve associado a guerras.

C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

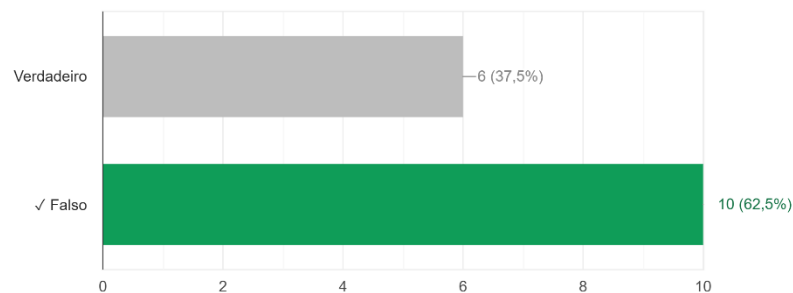
6 / 16 respostas corretas



Linha 5: O Hinduísmo é uma Religião que promove a paz apenas entre os hinduístas.

C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

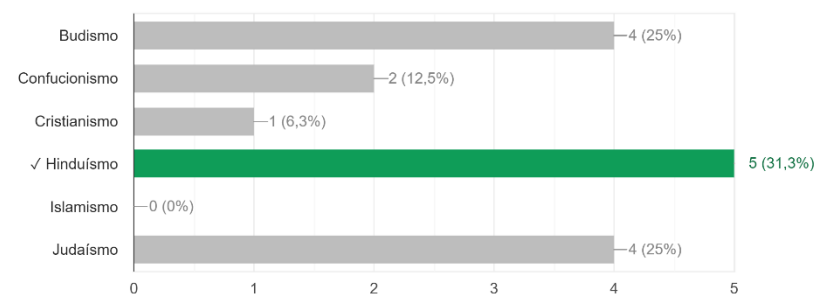
10 / 16 respostas corretas



Linha 4: O Budismo é a Religião que mais promove a paz.

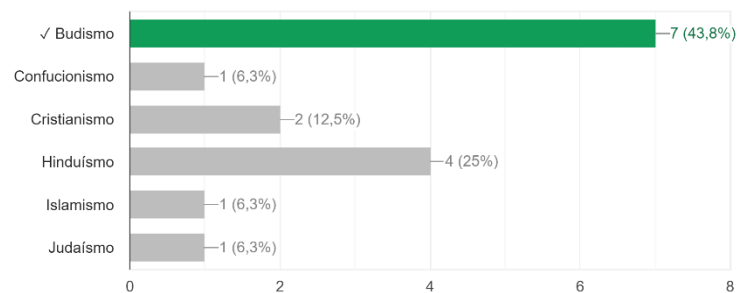
C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.

5 / 16 respostas corretas



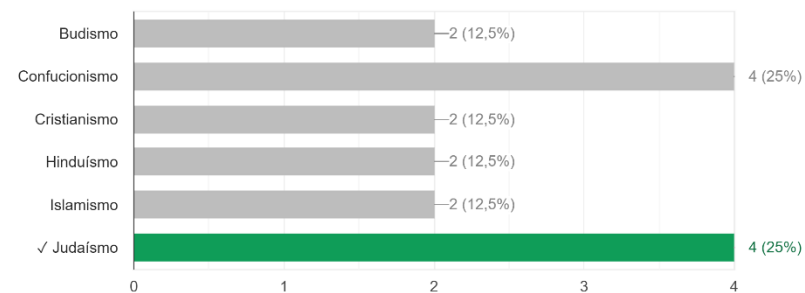
Linha 1: Não façam nada aos outros que, se fosse feito a vós, vos causasse mágoa. Krishna Vyasa

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.  
 7 / 16 respostas corretas



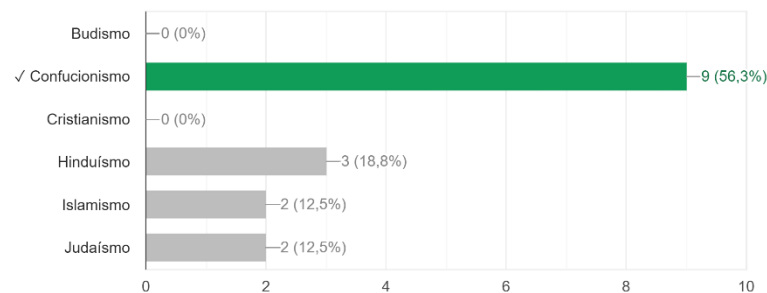
Linha 2: Não magoem os outros com aquilo que vos magoa a vós. Sidhartha Gautama

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.  
 4 / 16 respostas corretas



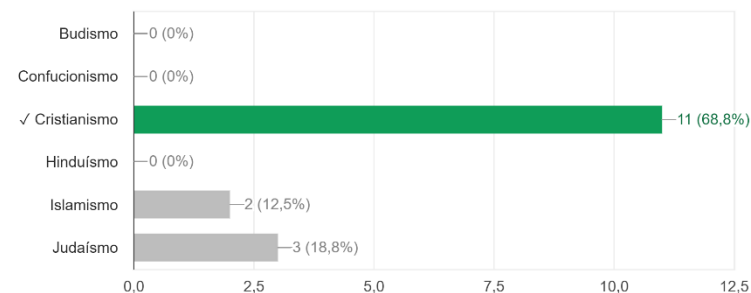
Linha 4: Não faças aos outros aquilo que não queres que os outros te façam a ti. Rabi Hillel

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.  
 9 / 16 respostas corretas



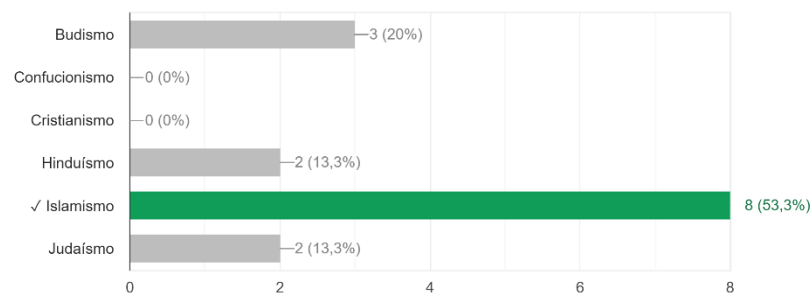
Linha 3: Aquilo que não desejas para ti, não o faças aos outros. Confúcio

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.  
 11 / 16 respostas corretas



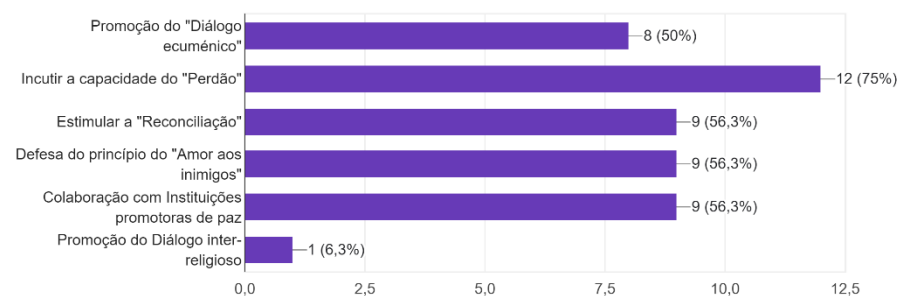
Linha 5: O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-ho vós também. Jesus

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.  
8 / 15 respostas corretas



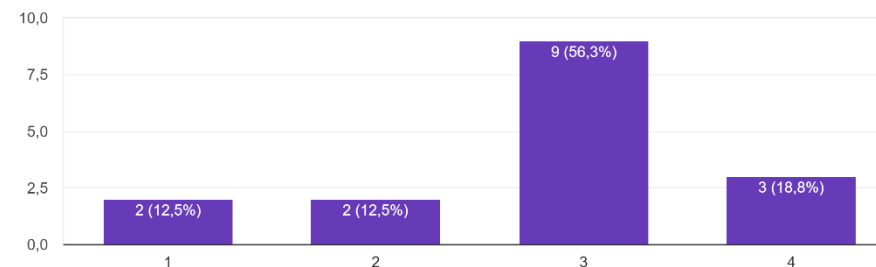
Linha 6: Nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si mesmo. Maomé

C3. As Religiões podem, de diversas formas, promover a paz. Selecciona as 3 opções que consideras que são as mais "praticadas" pelas Religiões, na promoção da paz universal.  
16 respostas

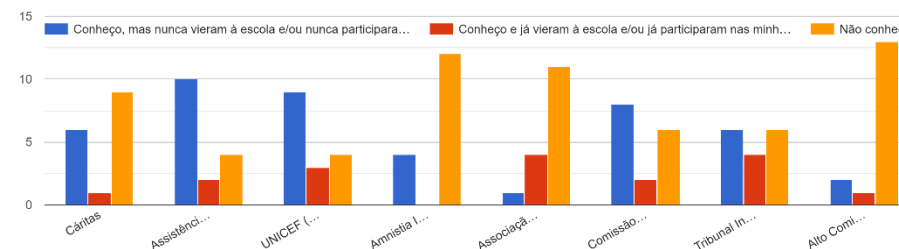


C4. Qual o teu grau de concordância relativamente à seguinte afirmação: "Todas as Religiões, sem exceção, têm por princípio a promoção da paz".

16 respostas

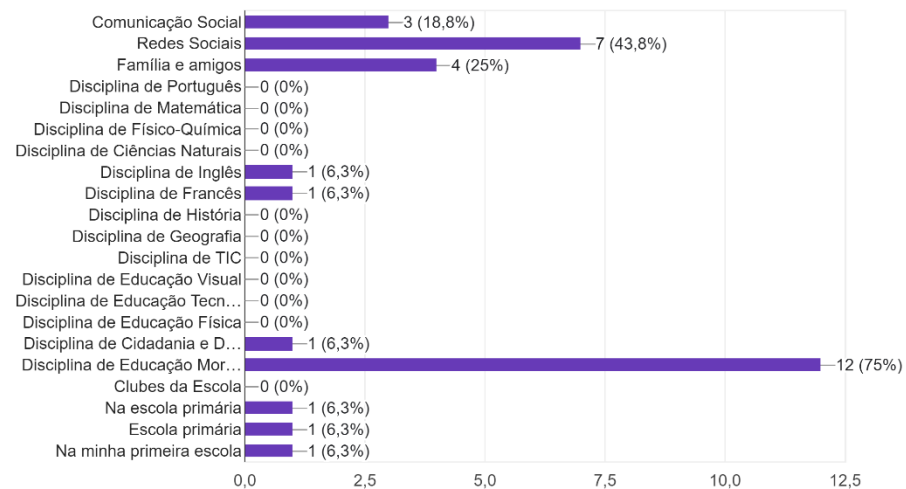


D1. Relativamente às seguintes Organizações, selecciona a coluna mais indicada.



D2. Em relação às Organizações que referiste conhecer, indica através de que meios as conheceste?

16 respostas

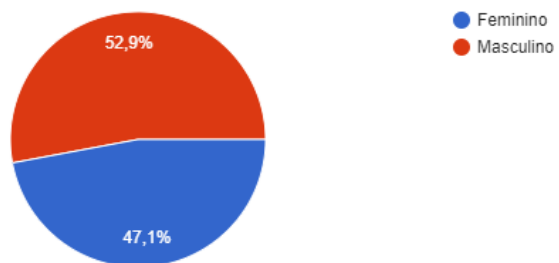


### ANEXO 3 – Respostas ao inquérito *google forms* – Pós leçãoção

## Dimensão A - Sociodemográfica

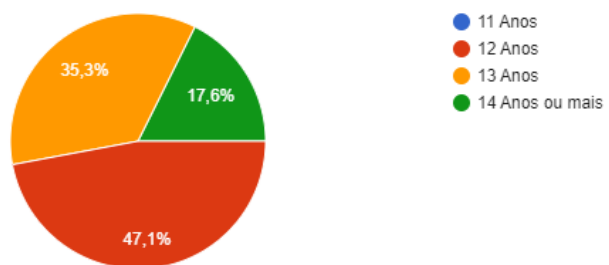
### A1 - Género

17 respostas



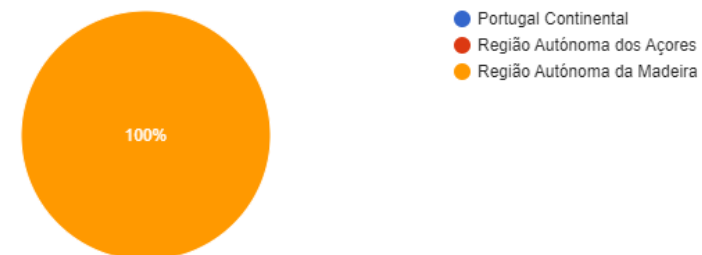
### A2 - Qual a tua Idade?

17 respostas



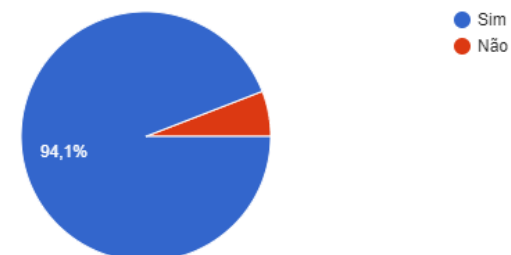
### A3 - Onde se situa a tua escola?

17 respostas



### A4 - Estás pela 1ª vez no 7º ano?

17 respostas

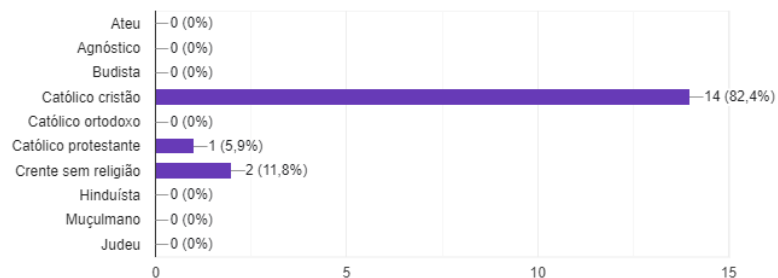


### Dimensão B - Posição face ao fenómeno religioso

B1. Qual a tua tua posição face ao fenómeno religioso?

[Copiar](#)

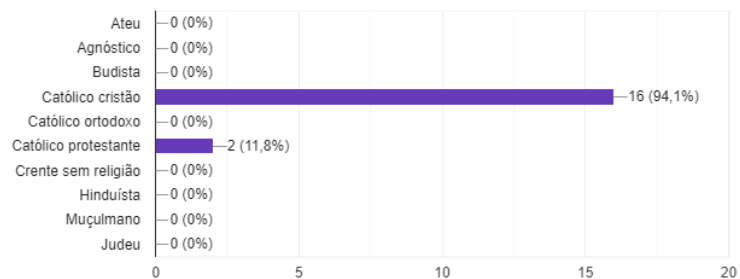
17 respostas



B2. Qual a posição, face ao fenómeno religioso, das pessoas com quem vives?

[Copiar](#)

17 respostas

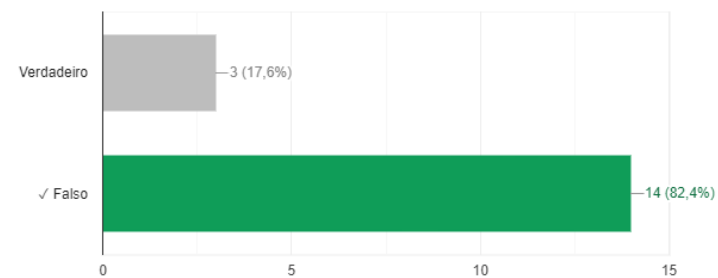


### Dimensão C - Missão das Religiões na promoção da paz

C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

[Copiar](#)

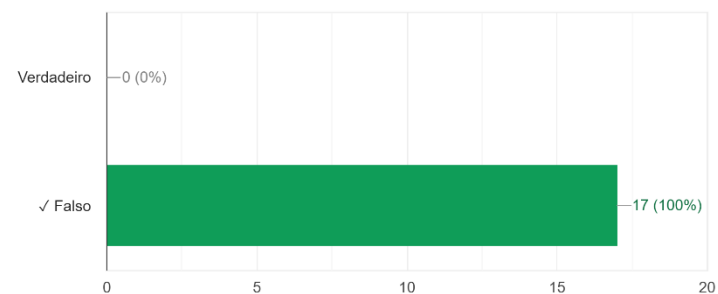
14 / 17 respostas corretas



< **Linha 1:** Só algumas Religiões são promotoras de paz. >

C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

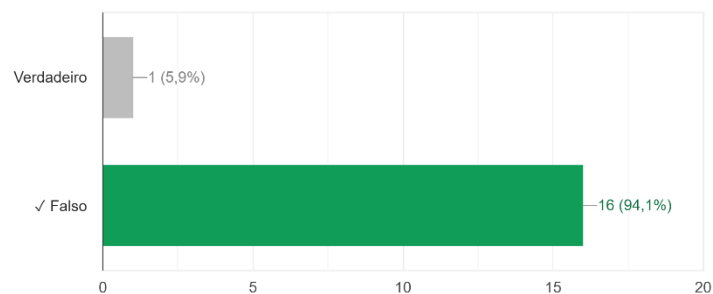
17 / 17 respostas corretas



**Linha 2:** O Islamismo é uma Religião que não promove a paz universal, pois são extremistas.

C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

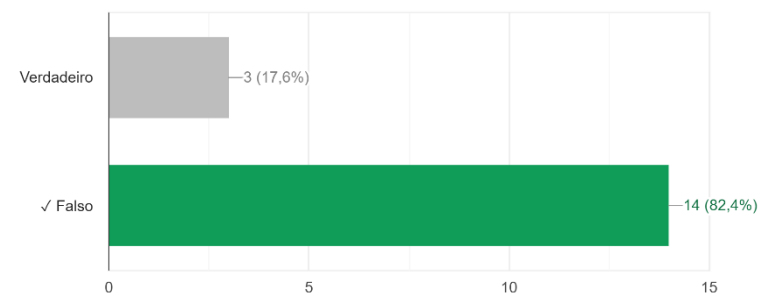
16 / 17 respostas corretas



Linha 3: O Cristianismo nunca esteve associado a guerras.

C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

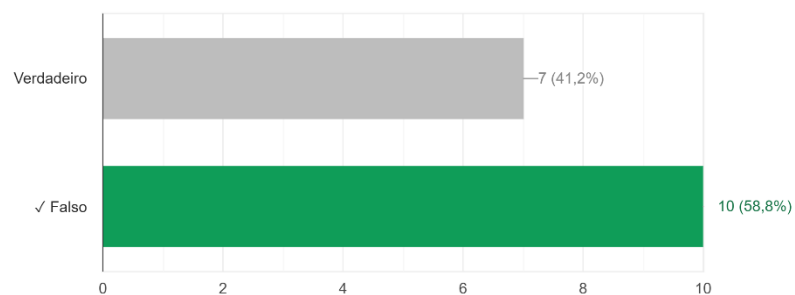
14 / 17 respostas corretas



Linha 5: O Hinduísmo é uma Religião que promove a paz apenas entre os hinduístas.

C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

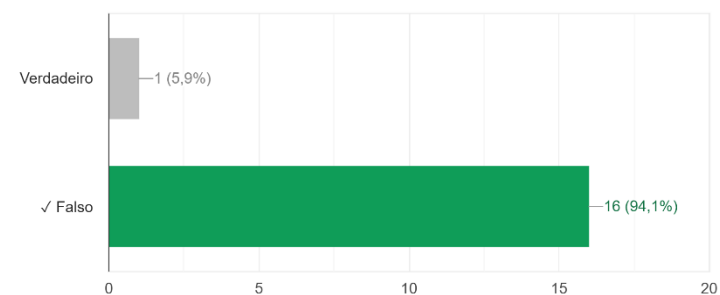
10 / 17 respostas corretas



Linha 4: O Budismo é a Religião que mais promove a paz.

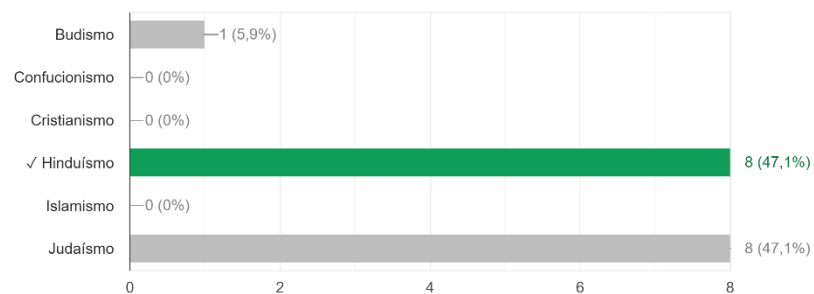
C1. Classifica como Verdadeiras ou Falsas as seguintes afirmações:

16 / 17 respostas corretas



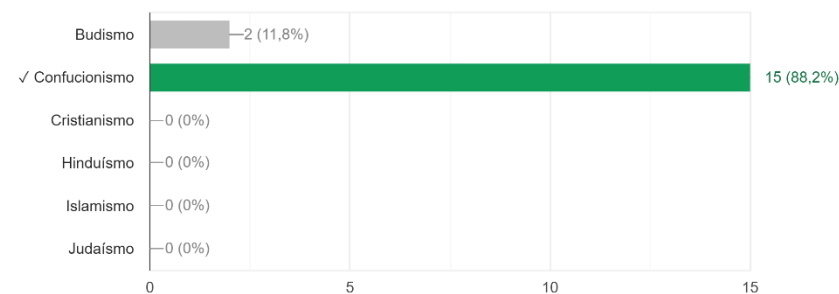
Linha 6: Desde os tempos do nazismo - e em concreto do holocausto - os judeus, não voltaram a ser promotores de paz.

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.  
 8 / 17 respostas corretas



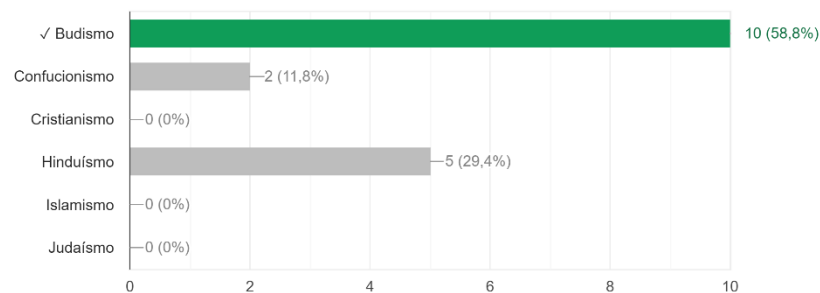
Linha 1: Não façam nada aos outros que, se fosse feito a vós, vos causasse mágoa. Krishna Vyasa

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.  
 15 / 17 respostas corretas



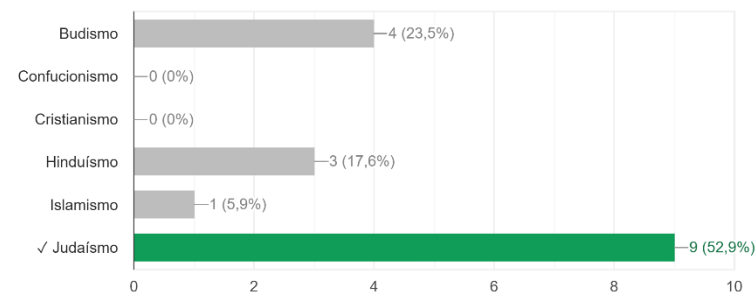
Linha 3: Aquilo que não desejas para ti, não o faças aos outros. Confúcio

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.  
 10 / 17 respostas corretas



Linha 2: Não magoem os outros com aquilo que vos magoa a vós. Sidhartha Gautama

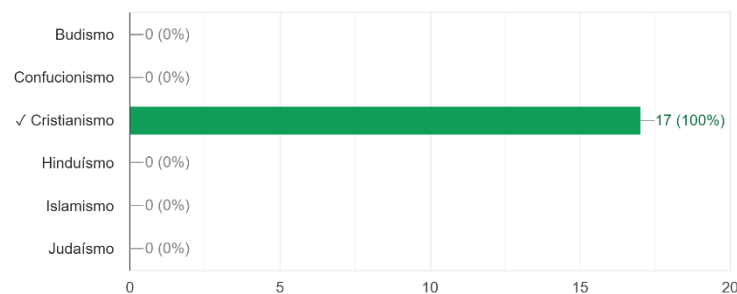
C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.  
 9 / 17 respostas corretas



Linha 4: Não faças aos outros aquilo que não queres que os outros te façam a ti. Rabi Hillel

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.

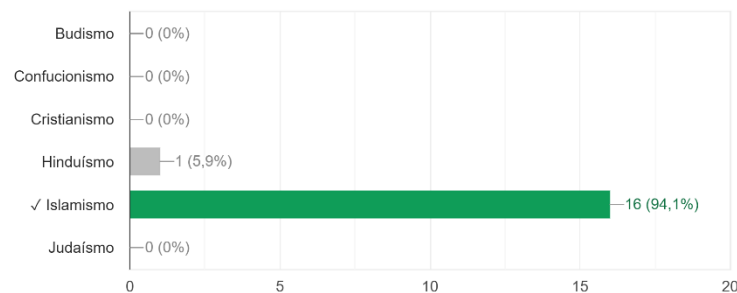
17 / 17 respostas corretas



Linha 5: O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também. Jesus

C2. Associa as seguintes afirmações (e respetivos autores) às Religiões correspondentes.

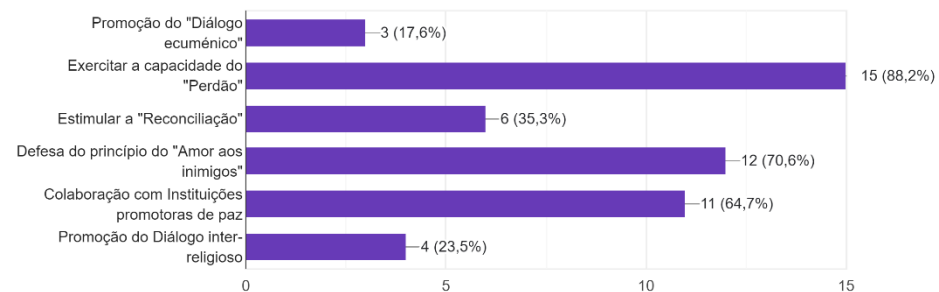
16 / 17 respostas corretas



Linha 6: Nenhum de vós é um crente até que deseje a seu irmão aquilo que deseja para si mesmo. Maomé

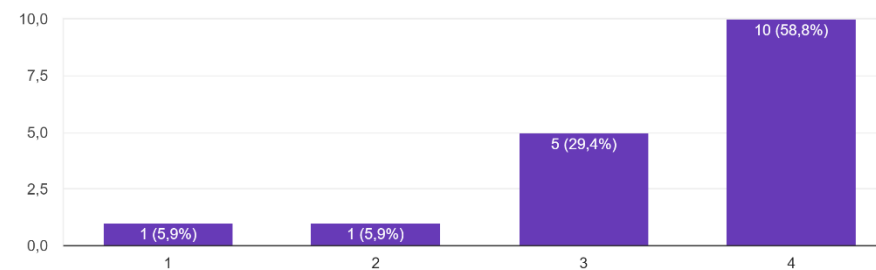
C3. As Religiões podem, de diversas formas, promover a paz. Selecciona as 3 opções que consideras que são as mais "praticadas" pelas Religiões, na promoção da paz universal.

17 respostas



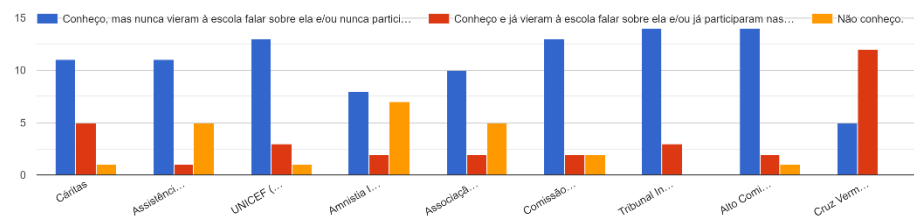
C4. Qual o teu grau de concordância relativamente à seguinte afirmação: "Todas as Religiões, sem exceção, têm por princípio a promoção da paz".

17 respostas



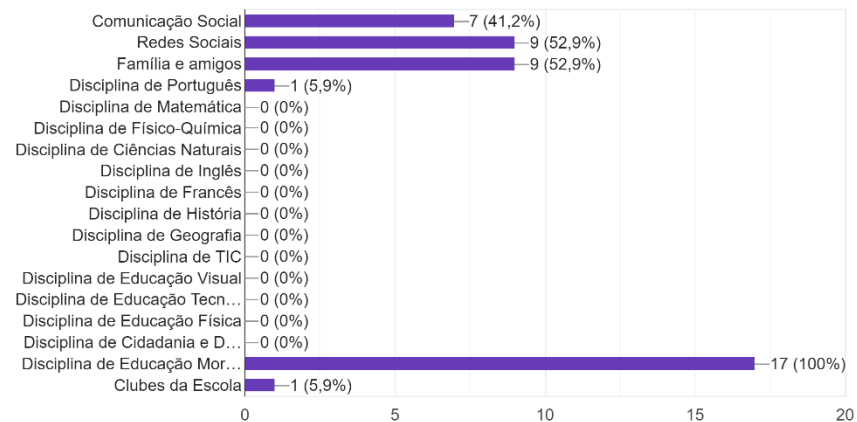
*O Serviço da Paz e do Bem Comum.*  
*Um contributo para a literacia religiosa e diálogo inter-religioso a partir da ULA do 7º ano «A Paz Universal».*

D1. Relativamente às seguintes Organizações, seleciona a coluna mais indicada.



D2. Em relação às Organizações que referiste conhecer, indica através de que meios as conheceste?

17 respostas



#### ANEXO 4 – Respostas ao inquérito *google forms* – Organizações promotoras de paz

## Instituições/Organizações promotoras de paz: a promoção do bem comum e da dignidade humana

11 respostas

[Publicar análise](#)

Qual a Instituição/Organização a que pertence?

11 respostas

Ajuda a alimentar cães

Comunidade Vida e Paz

Banco Alimentar contra a Fome

Confederação Operária Terceirense

Corpo Nacional de Escutas (Agrupamento 1349 - Loures)

Associação Luiz Pereira Motta

Cáritas Diocesana

CVP

Cáritas Diocesana do Funchal

Serviço de estrangeiros e fronteiras

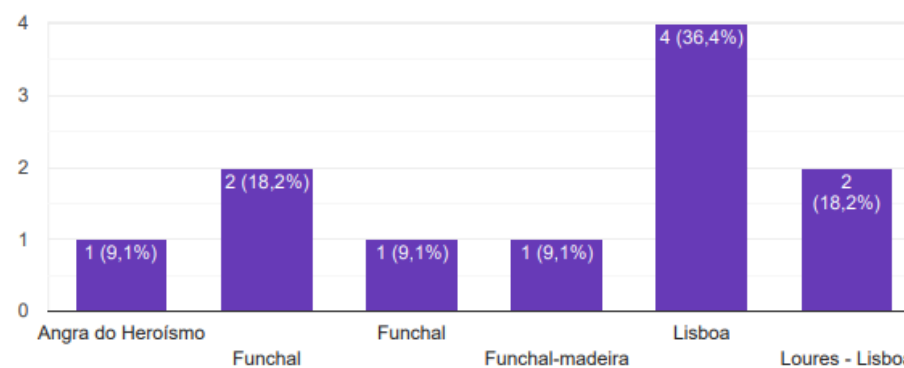
Comissão Nacional Justiça e Paz

instituições/Organizações promotoras de paz: a promoção do bem comum e da dignidade humana

Qual a sua localização (cidade ou distrito)?

[Copiar](#)

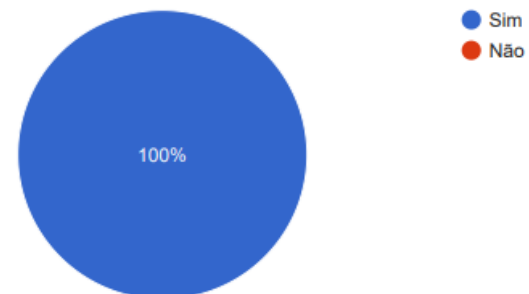
11 respostas

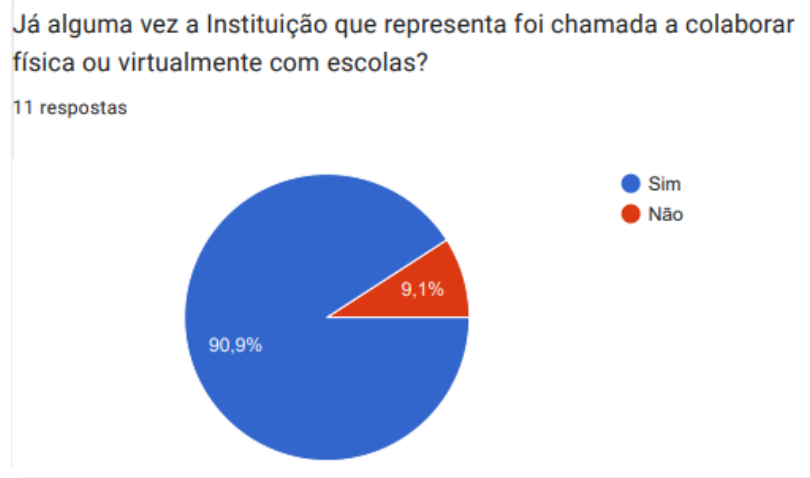


Considera importante que a Instituição que representa seja convidada pelas escolas para divulgar a sua missão?

[Copiar](#)

11 respostas





[https://docs.google.com/forms/d/1bkgOm1W4\\_FCDOP-ZqNIETMaDK17w7DXwJlcgVuNyz5k/viewanalytics](https://docs.google.com/forms/d/1bkgOm1W4_FCDOP-ZqNIETMaDK17w7DXwJlcgVuNyz5k/viewanalytics)

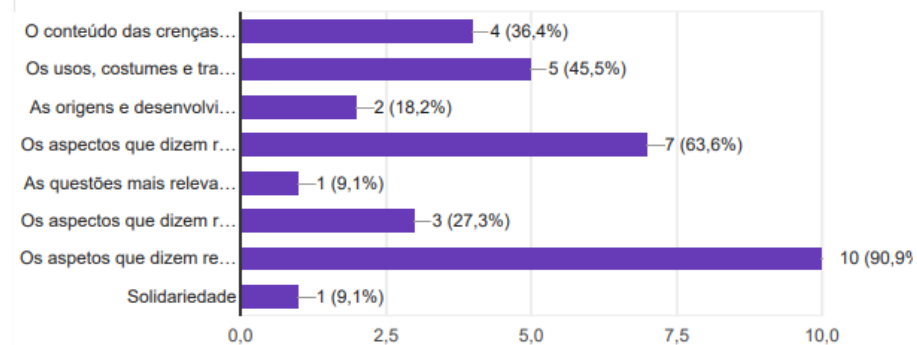


Crenças: papel do Ensino Religioso Escolar

A propósito do ensino religioso escolar - que não se limita à abordagem do cristianismo, mas das várias posições face ao fenómeno religioso, na sua opinião, quais destes aspectos devem ser tratados na escola?

 Copiar

11 respostas



Para si, quais os principais objetivos do estudo das religiões nas escolas?

 Copiar

11 respostas

